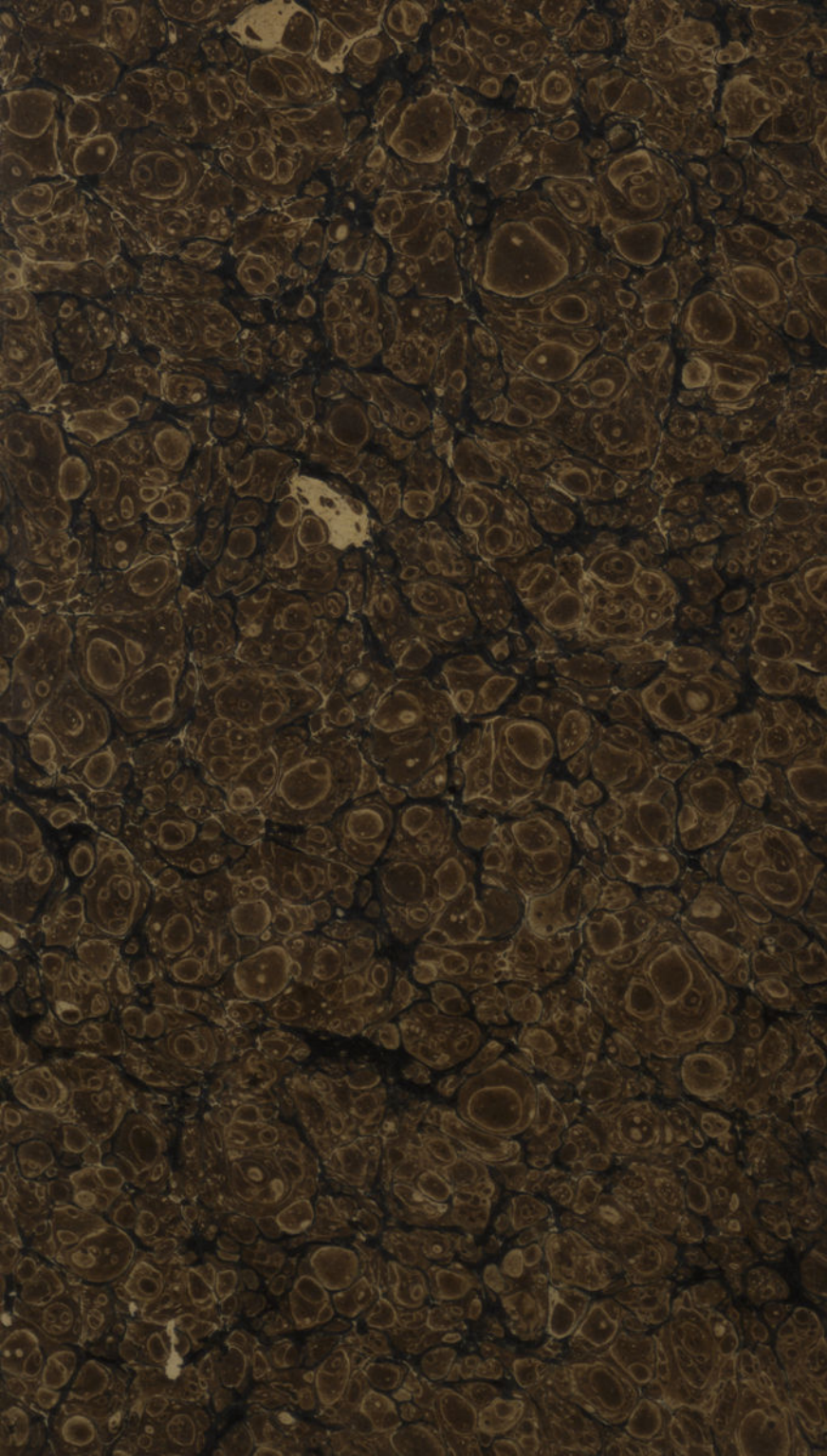


Sala A

Est. 13

Tab. 2

N.º 31



CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

EM 1891

NO

PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

2.^a EDIÇÃO

OFFERECIDO

PELA

Direcção do Palacio de Crystal Portuense



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892

Foi a 30 de setembro de 1891 que a direção do Palacio de Crystal Portuense approvou, por unanimidade, a proposta que tivemos a honra de lhe apresentar n'essa sessão, de fazer uma exposição industrial portugueza, para a qual pediria o protectorado de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I.

No dia 19 de outubro installou-se, sob a presidencia do presidente da camara municipal do Porto, uma comissão destinada a promover o concurso de expositores para o projectado certamen, e no dia immediato esta comissão approvou o regulamento e programma da exposição, encarregando quatro dos seus membros, estranhos á direção do Palacio de Crystal, para, conjunctamente com ella, constituirem a comissão executiva, que deveria, auxiliada pela promotora, realisar o pretendido commettimento.

Sómente a 20 de outubro foi que esta comissão assignou os convites para os industriaes, tendo logar a sua expedição nos dias seguintes.

A resolução tomada pela direção do Palacio de Crystal, de que esta festa tivesse um caracter pratico, distincto do que se tem dado, até hoje, a outras semelhantes, foi perfilhada pela comissão promotora pedindo-se á industria portugueza sómente os productos que ella tem preparados para o consumo, e não os que, muito mais perfectos, póde produzir, se, para esse fim, dispözer do tempo necessario.

A fim de melhor se conseguir este intento, annunciou-se a abertura da exposição para 18 de novembro. Por esta fórma foi impossivel aos industriaes prepararem-se com productos destinados exclusivamente para ella; o brevisimo espaço de tempo que mediou entre a recepção dos convites e a abertura do projectado concurso, apenas lhes

permittiu tirarem os objectos dos seus depositos, aconditional-os e fazerem a sua remessa á commissão executiva.

De feito, os primeiros convites foram recebidos nos fins de outubro, grande parte nos principios de novembro e a maioria dos productos achavam-se no palacio de crystal no dia 10 d'esse mesmo mez!

É innegavel que a brevidade com que foram executados todos os trabalhos preparatorios para a exposição, dão a mais segura garantia de que só entraram n'este certamen os productos que a nossa industria fornece diariamente ao commercio.

Ao mesmo tempo, a commissão executiva procedia, com o maior cuidado, em não permittir o ingresso no recinto da exposição a todos aquelles sobre que recaísse a minima suspeita de não serem nacionaes. Achavam-se na commissão quatro vogaes competentissimos para fazerem essas exclusões, por serem muito conhecedores dos nossos industriaes, das suas industrias e dos productos d'ellas; eram: o presidente e secretarios da associação industrial portuense e o inspector industrial.

Póde, pois, affirmar-se, que tudo o que se acha exposto no palacio de crystal e seus annexos, é a producção commum da iudustria portugueza.

E esta basta para surprehender a todos os que a não conhecem nos seus detalhes. Poucos serão os visitantes que d'ali não saíam convencidos de que as nossas industrias têm feito notaveis progressos n'estes ultimos annos, e que, na sua maioria, rivalisam com as similares estrangeiras.

A rapidez com que correram os trabalhos da installação, não permittiu que ella se fizesse por classes. Não se conhecia rigorosamente o espaço que cada expositor tinha de occupar, nem mesmo se sabia até á ultima hora, a concorrência que a maior parte das classes teriam. Esboçou-se um plano para servir de guia á collocação dos objectos, mas que, pelos motivos citados, teve de ser muitas vezes alterado.

Urgia, pois, que, desde a abertura da exposição, houvesse um catalogo que servisse de guia aos relatores e visitantes.

Havia, para o fazer, nove dias, e o material de que se dispunha para esse fim consistia apenas nas guias de alguns dos expositores, porque a maior parte as não mandaram, nas requisições de espaço de outros e em simples de-

clarações verbaes do maior numero, que conservavamos na memoria, ou de que haviamos tomado apontamentos.

É claro que de tão breve trecho e de bases tão falliveis, só se podia esperar um trabalho incorrectissimo. Contámos com as suas imperfeições e até com os seus erros formaes, como confessámos na primeira edição d'este catalogo; mas preferimos esses defeitos, a ter de esperar pela collocação dos productos, para á face d'elles os acatalogar, serviço necessariamente demorado, e que representava uma fracção importantissima do tempo que a exposição dura, que é apenas de dois mezes incompletos.

Preparámol-o, pois, e conseguimos, graças á coadjuvação que nos prestou a imprensa nacional, aonde foi impresso, que, apesar de haver sómente nove dias para o seu preparo e impressão, se achasse prompto, e encadernados os exemplares destinados a Suas Magestades antes da abertura da exposição.

Promettemos fazer-lhe um supplemento, mas, em seu logar, publicámos antes uma nova edição, por ser mais manuseavel.

Trabalhámos por n'ella corrigir a passada, já pela inspecção ocular dos objectos expostos, já pedindo officialmente aos expositores que nos indicassem os additamentos e correções que se deveriam fazer nos artigos que se lhes referiam. Julgámos esta edição muito mais completa que a anterior, mas é provavel que ainda nos escapassem algumas inexactidões, inevitaveis em trabalhos d'esta natureza.

Porto, 1 de janeiro de 1892.

O secretario,

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

REGULAMENTO E PROGRAMMA

DA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

EM 1891

PROGRAMMA N.º 29

Artigo 1.º Por iniciativa da sociedade do Palacio de Crystal Portuense, terá logar no edificio e parque da dita sociedade, sob a alta protecção de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Carlos I, uma exposição industrial, destinada a demonstrar, o mais largamente que o permitta o pouco tempo de que se dispõe, o estado de adiantamento das nossas industrias.

§ unico. Para organizar e dirigir os trabalhos d'esta exposição, constituiu se uma commissão composta dos signatarios d'este regulamento.

Art. 2.º N'esta exposição só serão recebidos productos fabricados em Portugal, e que possam ser incluidos nas classes constantes do programma que acompanha este regulamento.

Art. 3.º As requisições de espaço para a exposição, serão feitas por meio de modelos impressos que se remetterão a todas as pessoas que os solicitarem, dirigindo os seus pedidos á commissão executiva da exposição industrial portugueza. O requisitante prestará todas as informações n'elles indicadas.

§ unico. Só serão accites as requisições de espaço que forem recebidas na secretaria do palacio de crystal até 2 do proximo mez de novembro.

Art. 4.º As approvações ou rejeições das requisições de espaço, serão feitas á medida que estas forem chegando, e communicar-se-hão logo aos requisitantes.

Art. 5.º A recepção dos productos que concorrerem á

exposição, principia desde que os expositores receberem o aviso da approvação da requisição de espaço, e termina no dia 10 de novembro.

§ unico. A direcção da exposição não exporá os productos que julgar nas circumstancias de n'ella não poderem figurar.

Art. 6.º As remessas de productos serão acompanhadas de guias, em que se especifiquem bem claramente todos os objectos expostos. Tambem n'ellas declarará o expositor se vem ou manda assistir ao desencaixotamento e collocação dos objectos; no caso em que não tragam esta declaração, entende-se que esses serviços deverão ser executados pela commissão executiva.

§ unico. Ainda que a dita declaração conste da guia, entende-se que o expositor prescinde d'ella, se até ao dia 10 de novembro se não houver apresentado, ou pessoa que o represente, no palacio de crystal portuense, á commissão executiva da exposição.

Art. 7.º Os espaços destinados a cada expositor serão distribuidos pela commissão executiva da exposição.

Art. 8.º São permittidas installações no parque e jardins do palacio de crystal aos expositores ou grupo de expositores que as pretenderem, sendo previamente approvados os seus planos pela commissão executiva da exposição. Estas installações serão feitas á custa do expositor, ou grupo de expositores que as requisitarem.

Art. 9.º Serão fornecidos bilhetes de admissão gratuita por todo o tempo da exposição aos expositores, e ás pessoas que se julgar necessarias para os coadjuvar nos serviços de manutenção dos objectos expostos.

Art. 10.º Serão facultadas entradas gratuitas aos operarios das fabricas ou officinas dos industriaes expositores, mediante requisição d'estes, nos dias que para este fim combinarem com a commissão executiva da exposição.

Art. 11.º Haverá, durante a exposição, dias determinados, em que se fornecerão entradas gratuitas aos operarios que as pretendam.

Art. 12.º A commissão executiva póde auctorisar a substituição dos objectos sujeitos a deteriorarem-se por outros identicos.

Art. 13.º Não haverá n'esta exposição jurys qualificados, nem recompensas, mas cada expositor receberá um diploma comprovativo de haver concorrido á exposição, e, portanto, da sua cooperação e auxilio n'esta affirmacão da vitalidade da sua industria.

Art. 14.^o As classes constantes do programma serão agrupadas, e haverá um relator para cada grupo, nomeado pela commissão executiva da exposição. Estes relatorios parciaes servirão de base a um relatorio geral, em que serão apresentadas quaesquer reclamações ou indicações dos expositores, ácerca das suas industrias, por fórma que sirva para auxiliar o governo nas medidas que haja a tomar em relação ás nossas industrias, e muito especialmente para a elaboração das novas pautas.

§ unico. Cada expositor receberá um exemplar d'este relatorio, que será largamente distribuido.

Art. 15.^o É condição, para que um producto seja admitido na exposição, que venha acompanhado do respectivo preço.

Art. 16.^o Os productos expostos só poderão ser retirados finda a exposição.

Art. 17.^o Os objectos expostos, finda a exposição, serão retirados dentro do praso improrogavel de quinze dias.

Art. 18.^o Tomar-se-hão, por todos os modos possiveis e de combinação com as auctoridades policiaes, as providencias mais efficazes para impedir o incendio e proteger a propriedade dentro da exposição; comtudo a direcção da exposição não fica responsavel por perdas causadas pelo fogo, roubo, incidente, sinistro ou estrago de qualquer natureza, que succeda ter logar.

Art. 19.^o A direcção da exposição promoverá a venda dos objectos expostos pelos preços fixados pelos expositores, quando por estes for auctorizada. Nos objectos vendidos será posta immediatamente a indicação de «vendido», sendo a venda registada n'um livro especial que existirá na secretaria do palacio para esse fim.

§ 1.^o Nos termos do artigo, nenhuma venda se considera effectuada, sem que a sua importancia haja entrado em cofre.

§ 2.^o O expositor tem direito a receber immediatamente da commissão a importancia da venda sem deducção alguma.

§ 3.^o Os objectos vendidos em conformidade com este artigo, ficam sob a responsabilidade do comprador, que os não poderá retirar antes de finda a exposição, e se sujeitará aos prejuizos indicados no artigo precedente.

Art. 20.^o A commissão executiva da exposição é formada pela direcção do Palacio de Crystal Portuense, composta dos srs. conde de Samodães (presidente), José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes (vice-presidente e se-

cretario), José Baptista Vieira da Cruz (director gerente), José Maria de Almeida Outeiro (vice-secretario), e Antonio Domingues Canedo, com os vogaes da commissão promotora Jacinto da Silva Pereira Magalhães, Joaquim Augusto de Macêdo Freitas, Augusto Gama e Antonio Francisco Nogueira.

Porto, 20 de outubro de 1891.

A commissão promotora

Presidente,

O presidente da camara municipal do Porto, *Antonio de Oliveira Monteiro*.

Vogaes,

Adolpho da Cunha Pimentel.

Antonio Francisco Nogueira.

Arthur Alberto de Campos Henriques.

Augusto Malheiro Dias Guimarães.

Conde de Samodães.

Jacinto da Silva Pereira Magalhães.

Joaquim Augusto de Macedo Freitas.

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Secretarios,

Augusto Gama.

José Baptista Vieira da Cruz.

PROGRAMMA

SYSTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

CLASSE 1.^a

Productos de minas, pedreiras e mineraes diversos, devidamente preparados para serem entregues á industria.

CLASSE 2.^a

Productos da industria florestal.

CLASSE 3.^a

Substancias de origem vegetal ou animal empregadas nas industrias, nos seus differentes graus de preparação.

CLASSE 4.^a

Alimentos preparados para longa conservação.

CLASSE 5.^a

Productos chimicos e pharmaceuticos — perfumaria — saboaria — adubos — aguas mineraes — especimens de processos de lavagem, de tinturaria, etc.

CLASSE 6.^a

Machinas — machinismo em geral — ferramentas — utensilios de manufacturas e officinas industriaes — instrumentos agricolas e horticolos — vehiculos — peças diversas que entram na composição das machinas e vehiculos.

CLASSE 7.^a

Material diverso relativo á engenharia em todos os seus ramos, á architectura civil e naval, marinha, aparelhos

nauticos, de salvação e de incendios — projectos, desenhos e modelos correlativos.

CLASSE 8.^a

Relojoaria — instrumentos de mathematica — apparatus de physica — material de photographia e de laboratorio chimico — instrumentos e apparatus cirurgicos, pharmacopolicos e de hygiene.

CLASSE 9.^a

Instrumentos de musica.

CLASSE 10.^a

Algodão em fio e tecidos.

CLASSE 11.^a

Linho, canhamo e outros filamentos analogos em fio e tecidos.

CLASSE 12.^a

Lã, pellos e analogos em fios e tecidos.

CLASSE 13.^a

Seda em fio e tecidos, comprehendendo os mixtos.

CLASSE 14.^a

Tapetes, tapeçaria, rendas, bordados, passamanaria, flores artificiaes, obras de cabello, pennas, etc.

CLASSE 15.^a

Couros e pelles preparadas, obras de correeiro e selheiro.

CLASSE 16.^a

Artigos de vestuario e moda, comprehendendo chapéus, luvas, etc.

CLASSE 17.^a

Papel, objectos de escriptorio, cartonagem, prelos, encadernações, material e especimens typographicos e lithographicos.

CLASSE 18.^a

Livros sobre educação e para ensino, material para este fim — jogos e brinquedos.

CLASSE 19.^a

Mobilia e armação, papeis pintados para forrar casas, objectos de charão, obras de esteireiro, cesteiro, etc.

CLASSE 20.^a

Obras em metaes não preciosos — serralheria, quinqueria, cutelaria, obras de espingardeiro, latoeiro, funileiro, picheleiro, arameiro, etc.

CLASSE 21.^a

Obras em metaes preciosos e sua imitação — ourivesaria, joalheria.

CLASSE 22.^a

Vidraria.

CLASSE 23.^a

Artefactos ceramicos.

CLASSE 24.^a

Bellas artes — provas photographicas.

Porto, 20 de outubro de 1891.

A commissão promotora

Presidente

O presidente da camara municipal do Porto, *Antonio de Oliveira Monteiro*.

Vogaes

Adolpho da Cunha Pimentel.

Antonio Francisco Nogueira.

Arthur Alberto de Campos Henriques.

Augusto Malheiro Dias Guimarães.

Conde de Samodães.

Jacinto da Silva Pereira Magalhães.

Joaquim Augusto de Macedo Freitas.

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Secretarios

Augusto Gama.

José Baptista Vieira da Cruz.

DIRECÇÃO DO PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

Presidente

Conde de Samodães.

Vice-presidente e secretario

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Director gerente

José Baptista Vieira da Cruz.

Vice-secretario

José Maria de Almeida Outeiro.

Vogal

Antonio Domingues Canedo.

COMMISSÃO PROMOTORA DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA
EM 1891

Presidente

O presidente da camara municipal do Porto, Antonio de Oliveira Monteiro.

Vogaes

Adolpho da Cunha Pimentel.
Antonio Francisco Nogueira.
Arthur Alberto de Campos Henriques.
Augusto Malheiro Dias Guimarães.
Conde de Samodães.
Jacinto da Silva Pereira de Magalhães.
Joaquim Augusto de Macedo Freitas.
José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Secretarios

Augusto Gama.
José Baptista Vieira da Cruz.

COMISSÃO EXECUTIVA DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA
EM 1891

Presidente

Conde de Samodães.

Vice-presidente e secretario

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Vogaes

Directores do Palacio de Crystal Portuense:

Antonio Domingues Canedo.

José Baptista Vieira da Cruz, director gerente.

Josá Maria de Almeida Outeiro.

Directores da Associação Industrial Portuense:

Dr. Jacinto da Silva Pereira Magalhães, presidente.

Augusto Gama, primeiro secretario.

Antonio Francisco Nogueira, segundo secretario.

Inspector industrial:

Joaquim Augusto de Macedo Freitas.

COMMISSARIO RÉGIO JUNTO Á EXPOSIÇÃO

Conselheiro Ernesto Madeira Pinto.

Class 1. ...
Class 2. ...
Class 3. ...
Class 4. ...
Class 5. ...
Class 6. ...
Class 7. ...
Class 8. ...
Class 9. ...
Class 10. ...

RELATORES

- Classe 1.^a** Productos de minas, pedreiras e mineraes diversos, devidamente preparados para serem entregues á industria. — João Augusto Barata.
- Classe 2.^a** Productos da industria florestal. — Pedro Roberto da Cunha e Silva.
- Classe 3.^a** Substancias de origem vegetal ou animal empregadas nas industrias, nos seus differentes graus de preparação. — José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.
- Classe 4.^a** Alimentos preparados para longa conservação. — Alfredo Carlos Infante Passanha.
- Classe 5.^a** Productos chimicos e pharmaceuticos — perfumaria — saboaria — adubos — aguas mineraes — especimens de processos de lavagem, de tinturaria, etc.; e da **Classe 8.^a** a parte dos instrumentos e apparatus cirurgicos, pharmacopolicos e de hygiene. — Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva.
- Classe 6.^a** Machinas — machinismo em geral — ferramentas — utensilios de manufacturas e officinas industriaes — instrumentos agricolas e horticolos — vehiculos — peças diversas que entram na composição das machinas e vehiculos. — Joaquim Augusto de Macedo Freitas.
- Classe 7.^a** Material diverso relativo á engenharia em todos os seus ramos, á architectura civil e naval, marinha, apparatus nauticos, de salvação e de incendios — projectos, desenhos e modelos correlativos; e da **Classe 8.^a** a parte que se refere á relojoaria — instrumentos de mathematica — apparatus de physica — material de photographia e de laboratorio chimico. — Francisco de Paula Azeredo.

Classe 9.^a Instrumentos de musica. — José Candido.

Classe 10.^a Algodão em fio e tecidos. — Classe 11.^a Linho, canhamo e outros filamentos analogos em fio e tecidos. — Classe 12.^a Lã, pellos e analogos em fios e tecidos. — Classe 13.^a Seda em fio e tecidos comprehendendo os mixtos ; e a parte da Classe 14.^a Tapetes, tapeçaria e passamanaria. — Augusto Malheiro Dias Guimarães.

Classe 14.^a A parte que se occupa de rendas, bordados, flores artificiaes, obras de cabelo, pennas, etc. ; e a parte da Classe 16.^a Artigos de vestuario e moda, comprehendendo chapéus, luvas, etc., com destino ás senhoras. — D. Clorinda Maxima de Macedo Araujo.

Classe 15.^a Couros e pelles preparadas, obras de correeiro e selleiro. — Visconde de Villarinho de S. Romão.

Classe 16.^a A parte que se occupa de artigos de vestuario e moda, com destino aos homens. — Francisco de Castro Monteiro.

Classe 17.^a Papel, objectos de escriptorio, cartonagem, prelos, encadernações, material e especimens typographicos e lithographicos. — Conde de Samodães.

Classe 18.^a Livros sobre educação e para ensino, material para este fim — jogos e brinquedos. — Dr. Gonçalo Xavier de Almeida Garrett.

Classe 19.^a Mobilia e armação, papeis pintados para forrar casas, objectos de charão, obras de esteireiro, cesteiro, etc. — Dr. Adriano Maria Cerqueira Machado.

Classe 20.^a Obras em metaes não preciosos — serralheria, quinqueria, cutelaria, obras de espingardeiro, latoeiro, funileiro, picheleiro, arameiro, etc. — Joaquim Augusto de Macedo Freitas.

Classe 21.^a Obras em metaes preciosos e sua imitação — ourivesaria, joalheria. — Albino Coutinho Junior.

Classe 22.^a Vidraria. — Classe 23.^a Artefactos ceramicos. — Joaquim de Vasconcellos.

Classe 24.^a Bellas-artes — provas photographicas. — Thadeu Maria de Almeida Furtado.

CLASSE 1.^a

Productos de minas, pedreiras e mineraes diversos, devidamente preparados para serem entregues á industria

N.º 1. — André Pontvianne (morador na quinta da Alegria, no sitio do Arcinho, Villa Nova de Gaia).

Oxydo de zinco, extrahido de minerios provenientes de Macedo de Cavalleiros.

Carbonato de zinco, idem.

Mineral de estanho lavado, procedente de Coelhoso, no concelho de Bragança.

Flor de enxofre, extrahida do sulfureto de antimonio, das minas de Vallongo.

Sulfato de baryta, extrahido das gangas nas blendas argentíferas de Castro Verde.

Sulfato de cobre, extrahido de minerios procedentes do concelho de Albergaria a Velha.

Mercurio (nativo), apanhado na serra do Gerez.

Minerio de ferro magnetico, do concelho de Moncorvo.

Minerio de antimonio (oxydo natural), obtido no Outeiro, concelho de Bragança.

Antimonio, proveniente do minerio anterior, completamente puro, fundido sem ferro, primeira e unica fusão, no forno metallurgico reductor *Pontvianne*.

Minerio de blenda argentifera, procedente do concelho de Castro Verde.

Minerio de zinco, do concelho de Vimioso.

Minerio de chumbo, das minas do Braçal.

Sulfureto de antimonio, do Outeiro, em Bragança.

Regulo de sulfureto de antimonio, fundido pelo processo privilegiado do expositor.

Ferro, fundido duas vezes. Provém dos minerios de Moncorvo.

Cobre, extrahido de minerios procedentes do concelho de Albergaria a Velha.

- Estanho, extrahido de minerios provenientes dos jazigos de Coelhoso, em Bragança.
- Oiro, extrahido das quartzites cellulares dos aterros das minas de Gondomar.
- Prata, extrahida da blenda argentifera de Castro Verde.
- Oiro, extrahido dos minerios das minas de antimonio da Tapada, concelho de Gondomar.
- Zinco, extrahido dos minerios procedentes de Vimioso.
- Chumbo, obtido nos minerios do Braçal.
- Ligas metallicas: similar (com applicação na *bijouterie*), bronze (para canhões), metal branco (para talheres), metal branco (para torneiras), e maillecher puro.
- Fundentes n.^{os} 1 e 2, preparados pelo expositor e de que possui o privilegio.

Os minerios, de que se serviu para a extracção dos metaes, como se vê, provém das provincias do Minho, Traz os Montes, Douro e Alemtejo, e foram colleccionados e fundidos pelo expositor, para demonstrar a riqueza natural que existe no paiz, que elle suppõe que, devidamente explorado, poderá ser, sob o ponto de vista metallurgico, o primeiro da Europa.

Este expositor acompanha os productos expostos com uma memoria sua e do sr. José Maria de Mello e Mattos, sobre a necessidade da creação da industria metallurgica do antimonio em Portugal, impressa em Aveiro em 1890.

N.^o 2. — Anjos & Sergio (Lisboa, rua do Alvito, n.^o 58, Alcantara).

- Cal em pó queimada a matto (alva).
- Cal queimada a carvão.
- Cal queimada a matto (parda).
- Cal em pedra, queimada a matto.

Preço da primeira no local da producção 35600 réis, da segunda 15300 réis, da terceira 15700 réis, por metro cubico, e da quarta 180 réis por cada 15 kilogrammas.

Operarios que emprega n'este fabrico: 20 homens.

Preço maximo dos salarios 500 réis e minimo 240 réis.

O valor annual das materias primas que emprega (pedra calcarea, matto e carvão) regula por 7:700\$000 réis, e o valor annual da producção é de 10:000\$000 réis, que se consome em Portugal, Africa e Brazil.

Obteve medalha de prata na exposiçào do Rio de Janeiro em 1879, de cobre na de Bordeus em 1882 e na de Lisboa em 1884.

N.º 3.—Antonio de Bessa Pinto (Porto, rua do Bomjardim, n.º 515).
Mineraes.

N.º 4.—Bento Rodrigues de Oliveira (Gondomar, minas de S. Pedro da Cova).
Carvão de pedra, das minas de S. Pedro da Cova.
Antimonio, das minas do Lameirão e da Vizinhaça, no concelho de Vallongo.

N.º 5.—Companhia Carbonifera e Industrial do Pejão (Séde no Porto, rua de Cedofeita, n.º 439).
Anthracite, da bacia carbonifera do Douro.
Agglomerados (briquettes) de anthracite da bacia carbonifera do Douro, para caldeiras de qualquer sistema, cozinhas e estufas.

A producção annual regula actualmente por 24:000 toneladas, no valor approximado de 200:000\$000 réis.

Vende-se segundo as condições do mercado, mas sempre por preços inferiores aos do carvão estrangeiro.

«Os agglomerados combustiveis, diz a expositora, estão sendo empregados pela industria, pelos caminhos de ferro do estado e de companhias particulares, e mesmo na navegaçào a vapor, com resultados de vaporisaçào e de economia superiores aos obtidos com os melhores carvões inglezes. A fabricaçào tem tomado notavel incremento, e, não satisfazendo as necessidades do consumo, a companhia trata de duplicar desde já a sua producção, que é de 80 toneladas por dia.»

Na actualidade, occupa no seu serviço 137 homens, 56 mulheres e 34 creanças, sendo os jornaes d'aquelles entre 260 e 460 réis, os das mulheres de 140 a 220 réis, e os das creanças de 100 a 200 réis.

Emprega uma machina de vapor de 40 cavallos e uma locomotiva de igual força.

As materias primas provém: 70 por cento das minas do Pejão, e os restantes 30 por cento de Inglaterra.

Os mercados principaes d'esses productos são o Porto, Lisboa e as provincias.

O preço dos briquettes para cozinha, á porta do consumidor no Porto, Foz, Mattosinhos e Villa Nova de Gaia é, actualmente, de 5\$000 réis por tonelada, ou de 2\$750 réis por meia tonelada.

Ácerca do seu emprego faz a expositora as seguintes observações:

«Os briquettes industriaes applicam-se como qualquer carvão inglez.

«Os briquettes são applicaveis a quaesquer systemas de fogões, mesmo aos que queimam lenha, com 40 a 50 por cento de economia.

«Accendem-se pelo mesmo processo de qualquer outro carvão de pedra ou de coke, e com metade da lenha ou carqueja que ordinariamente se emprega.

«Deve conservar-se o accendedor, ou corrida a porta do fogão, até não se desenvolver mais fumo.

«Os restos dos briquettes de um dia devem conservar-se para a renovação do fogo no dia seguinte, a fim de evitar o emprego do accendedor.

«Querendo avivar o fogo convém agitar as briquettes para lhes fazer cair a pelicula de cinza que os cobre, limpando em seguida a grelha pela parte inferior, para facilitar a entrada do ar.

«Se houver qualquer difficuldade no emprego d'este novo combustivel nacional, a empreza gostosamente enviará um seu empregado, a casa do consumidor, para dar praticamente instrucções mais precisas.»

Os resultados das experiencias que se fizeram com este combustivel nos caminhos de ferro do Minho e Douro, constam do seguinte documento:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Em resposta á carta que v. ex.^a me dirigiu na presente data, cumpro com satisfação o dever de declarar que os resultados da experiencia da ultima remessa de briquettes, que foram experimentados nas machinas locomotivas d'estes caminhos de ferro, em novembro do anno findo, foram plenamente satisfactorios. As briquettes fazem rapidamente vapor, conservam a tensão nas caldeiras, não produzem fálhas que sejam projectadas pela chaminé, e o seu

consumo por kilometro de trem é bastante inferior ao do carvão em uso¹, são além d'isso facilmente manejáveis, o que facilita em extremo o trabalho dos fogueiros. Por todos estes fundamentos não tenho a menor duvida em declarar a v. ex.^a que julgo os briquettes susceptíveis de largo emprego nas machinas em uso nos caminhos de ferro em exploração, restando-me unicamente aconselhar o augmento de dimensões, conservando fórma semelhante á actual, e bem assim o maximo escrupulo na escolha da materia agglutinante no intuito de attenuar os inconvenientes do fumo espesso que produzem.

«Deus guarde a v. ex.^a Porto, 25 de fevereiro de 1891. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. director da companhia carbonifera e industrial do Pejão. — O engenheiro-director, *Augusto Cesar Justino Teixeira.*»

¹ A economia a que se refere acha-se expressa no mappa seguinte:

Experiencias realizadas nos caminhos de ferro do Minho e Douro

Typo das machinas	Percorso em kilometros	Combustivel	Preço	Consumo por kilometro de trem Kilogrammas	Differença por kilometro a favor dos briquettes Kilogrammas	Economia no consumo por kilometro Kilogrammas
1.^a Experiencia						
Mixa Beyer Peacock n.º 10	520	Briquettes n.º 1	5:000	5,334	0,731	12,77 %
	26:437	Risca Black Vein (1)	5:555	6,115		
2.^a Experiencia						
Machina de mercadorias Beyer Peacock n.º 30 . . .	400	Briquettes n.º 1	5:000	7,525	0,850	10,55 %
	32:236	Risca Black Vein	5:555	8,375		
3.^a Experiencia						
Mixa Beyer Peacock n.º 10	878	Briquettes n.º 1	5:000	5,148	0,978	15,96 %
	26:642	Risca Black Vein	5:555	6,126		

Observações. — Ha ainda uma differença de 360 réis por tonelada a favor dos briquettes, importancia dos direitos de alfandega que o carvão inglez não pagou e os briquettes pagaram.

(a) Um dos melhores carvões da bacía de Cardiff.

No jornal *A Provincia* n.º 287 de 1891, lê-se um interessante artigo ácerca d'esta companhia e dos productos que expõe; por elle se vê que ella é concessionaria de cinco minas de carvão nos concelhos de Vallongo e Castello de Paiva, occupando uma area de 537,5 hectares, sendo a composição elementar centesimal d'este combustivel, a seguinte:

Humidade a 11 graus centigrados.....	3,27
Carbone.....	83,56
Hydrogenio.....	1,14
Oxigenio e azote.....	3,48
Cinza.....	8,55

Foi premiada com diploma de 1.^a classe na exposição da industria portugueza de 1887, e com medalha de prata na de 1888.

N.º 6. — **Companhia das Minas da Tapada** (Sociedade anonyma, responsabilidade limitada. Capital 430:000\$000 réis. Séde em Lisboa).

Expõe das minas de antimonio e oiro da Tapada do Padre e Valle de Pinheirinhos no concelho de Gondomar:

Sulfureto de antimonio em blocos. Amostras de tres marcas de exportação e elementos que as constituem. Amostras de quartzo aurifero.

Emprega esta companhia:

Na direcção e administração technica:

1 director technico, 1 conductor, 3 capatazes, 3 escripturarios e 1 serralheiro machinista.

Nos trabalhos subterraneos:

107 mineiros (jornaes de 320 a 400 réis), 55 safreiros maiores de quinze annos (jornaes de 240 a 300 réis), 9 safreiros menores de 15 annos (jornaes de 160 a 240 réis).

Nos trabalhos á superficie:

27 homens (jornaes de 280 a 500 réis), 62 mulheres (jornaes de 100 a 160 réis), 30 menores de quinze annos (jornaes de 50 a 300 réis).

As escavações subterraneas executadas em metros correntes, são:

Em galerias de avanço.....	485,72
Em galerias travessas.....	51,60
Em galerias de esgoto.....	236,90
Em poços.....	207,45

Acham-se desmontados 2.102,256 metros quadrados de filão.

A produção é de:

	Kilog.
Sulfureto de antimónio, marca 1. ^a A.....	99,124
Sulfureto de antimónio, marca 2. ^a	332,712
Sulfureto de antimónio, marca 1. ^a B....	166,761
Oiro.....	0,913

D'essa produção foi consumida no paiz: 30,183 kilogrammas de sulfureto de antimónio e 913 milligrammas de oiro; o resto foi exportado para Inglaterra.

Dados estatísticos desde a fundação da companhia

Annos	Produção		Preço porque se vendeu o minerio em Londres, referido ao theor 50 %		Importancia das vendas (a)	Lucros da lavra	Dividendos pagos
	Sulfureto de antimónio Toneladas	Oiro Hectogram.	Maximo £	Minimo £			
1883....	197:080	—	14—10	10—10	9:289\$270		
1884....	116:052	3,710	12—00	12—00	6:246\$000	(b)	(b)
1885....	935:080	6,843	11—15	9—00	49:196\$052	24:105\$272	—
1886....	1.570:915	2,667	10—10	8—00	87:428\$887	54:550\$565	10 %
1887....	718:366	5,615	13—00	8—00	57:349\$127	19:939\$781	5 %
1888....	485:020	1,440	15—00	12—00	41:851\$945	9:395\$400	—
1889....	831:779	3,195	29—00	15—00	119:722\$355	67:854\$194	17,5 %
1890....	598:597	9,130	26—00	24—10	93:629\$621	45:063\$728	7,5 %

(a) Em alguns annos, figuram vendas de minerio produzido no anno anterior.

(b) Período da instalação.

Emprega no esgoto duas machinas da força de 30 cavallos cada uma; na extracção tres, da força de 10,16 e 20 cavallos respectivamente, e na preparação mechanica uma da força de 16 cavallos.

O valor medio do minerio por tonelada metrica, é:

Oiro.....	578:000\$000
Antimonio.....	123\$270

A despeza total da lavra regula por 44:701\$562 réis.

Os mineiros e mais operarios que se occupam nos trabalhos subterraneos trabalham oito horas diarias, os machinistas e fogueiros doze, e todo o mais pessoal, de sol a sol, com descansos para almoço e jantar.

Existe nas minas uma caixa de soccorros sustentada pelo pessoal e subsidiada pela companhia. Do balanço em 31 de dezembro de 1890, vê-se que esta caixa despendeu durante o anno 547\$783 réis, ficando com um saldo em caixa de 937\$933 réis. A despeza fez-se: com salarios pagos a operarios temporariamente impossibilitados de trabalhar, em mensalidades a viuvias e orphãos, e em soccorros medicos.

N.º 7.—Companhia das Minas de Montalto
(Séde no Porto, rua de Fernandes Thomás, n.º 211).

Productos das minas de antimonio e quartzo aurifero.
Oiro nativo.

Planta mostrando os trabalhos executados e a area das concessões.

Estão estas minas situadas no concelho de Gondomar, do districto administrativo do Porto.

N.º 8.—Companhia Mineira de Valverde (Em Alcanede, concelho de Santarem, com a séde n'esta cidade).

Carvão de pedra.
Ferro.

A mina está em pesquisa, com uma perfuração de 170 metros.

Emprega doze homens, que vencem diariamente de 240 réis a 600 réis.

Obteve menção honrosa na exposição de Lisboa, em 1888.

N.º 9.—Companhia Mineira e Metallurgica do Braçal (Séde no Porto, rua de Bellomonte, n.º 99).

Amostras de galenas de chumbo.

Productos da fundição D. Fernando do Braçal.

Está esta mina situada no concelho de Sever do Vouga, do districto administrativo de Aveiro.

N.º 10. — Companhia das minas de carvão de Azeitão (sede em Lisboa, rua da Magdalena, n.ºs 125 e 127).

Carvão.

N.º 11. — Empresa Exploradora das Minas e Industria do Cabo Mondego (Figueira da Foz).

Carvão.

Cal hydraulica.

Cimento.

Ácerca do carvão d'esta empresa, transcreveremos os seguintes documentos apresentados por ella :

Extracto do relatorio sobre a mina de carvão de pedra do Cabo Mondego, feito por Mr. Pieres Desguin, engenheiro de minas, doutor em sciencias phisicas e mathematicas, e professor honorario da escola industrial de Bruxellas.

« Não obstante a mina de carvão do Cabo Mondego ter estado em exploração ha mais de um seculo, e sobre ella se haverem publicado diversos trabalhos, alguns d'elles muito notaveis, ha ainda quem duvide não só das qualidades d'esta hulha, mas até da natureza do combustivel.

« Convidado a examinar este interessante jazigo carbonifero, não tardei em reconhecer que o producto que se extrahе é uma hulha de boa qualidade, da categoria das hulhas gordas, de chamma longa, e não um linhite, como frequentes vezes se tem dito e mesmo escripto. Alem d'isso estou convencido de que este deposito, conhecido sob o nome de bacia carbonifera do Cabo Mondego ou de Buarcos, é mais importante do que geralmente se crê, e que submettido a uma exploração, em harmonia com os progressos modernos, tem ante si um futuro prospero.

« A opinião persistente de que o combustivel de Buarcos seria um linhite, isto é, uma materia mais restricta do que a hulha nas suas applicações industriaes, tem promovido um certo descredito sobre a mina.

« Vemos, com effeito, que apesar de experiencias concludentes, tanto em diversas industrias como em laboratorio, continuou a haver repugnancia em denominar hulha a um mineral, cujo jazigo existe em terrenos secundarios.

« Quanto a mim penso que as considerações geológicas são totalmente estranhas á questão, e que o nome que convem dar a uma substancia mineral deve ser determinado unicamente pelo resultado do exame das suas propriedades.

« Não obstante as que o combustivel do Cabo Mondego tem de commum com o linbite compacto, não deve hesitar-se na sua classificação.

« Se porém querem a todo o transe allegar considerações de jazigo, observarei que não só todos os mineralogistas estão de accordo em asseverar que a hulha não é exclusiva de terrenos primarios, mas que igualmente se encontra desde o terreno devoniano até ás camadas terciarias...

« No schisto de Stonesfield, que pertence ao oolite inferior, as camadas apresentam o aspecto de uma verdadeira bacia hulheira; alguns tenues filões de combustivel foram mesmo explorados por mais de um seculo.

« Em Brora, condado de Sutherland, uma formação carbonosa, provavelmente contemporanea da precedente, ou pertencente a algumas das divisões inferiores do periodo *poikilitic*, foi tambem explorada por igual periodo. É a camada de materia vegetal mais espessa que jamais se encontrou n'uma rocha secundaria de Inglaterra. Apresenta-se ali um veio de carvão de boa qualidade, de 1 metro de espessura, restando ainda acima do ponto explorado alguns metros de hulha pyritosa.

« Na Virginia, a 20 kilometros para oeste de Richmond, capital d'este estado, encontra-se n'uma depressão de granito uma bacia hulheira regular, que mr. Rogers tem considerado da idade da parte inferior do grupo jurassico. A superficie d'esta bacia é de 40 kilometros do norte ao sul, e de 6 a 18 kilometros de este a oeste. O terreno hulheiro da Virginia compõe-se de grés grosseiro, grés ordinario e schisto argilloso, inteiramente semelhantes aos dos terrenos de data mais antiga ou primaria da America e da Europa. Emquanto á riqueza e possança dos leitos da hulha, elle iguala, se é que não excede, a estes ultimos. O leito principal tem n'alguns pontos 9 a 12 metros de espessura; é formado de hulha pura bituminosa. N'um poço de 245 metros de profundidade das minas de Blackheath, condado de Chesterfield, eu mesmo vi uma cavidade

de mais de 12 metros de alto, d'onde fôra extrahido este combustivel.

«A hulha iguala em qualidade os melhores productos de New-Castle; a analyse dá as mesmas proporções de carbone e hydrogenio. (Lyell, *Manual de Geologia* — varloc).

«Poderia mutiplicar estes exemplos que demonstram o nenhum escrupulo que deve haver em denominar hulha a materia carbonosa, que nos terrenos secundarios se encontra em camadas; porém todas as provas que eu accumulasse seriam inuteis em presença d'este facto, que domina todos os outros, a saber: que o combustivel de que aqui trato possui todas as propriedades caracteristicas da hulha, e tem já sido empregado com mais ou menos successo em todos os usos industriaes a que se applica este combustivel.

«Darei mais como pontos assentes:

«1.^o Que a profundidade do jazigo é mais consideravel do que a determinada até agora; pois que o proseguimento das camadas é regular, e que de modo algum foi pela sua extincção que cessaram os trabalhos.

«2.^o Que do lado do oceano, para onde se dirigiu a exploração primitiva, a extensão das camadas é indubitavelmente tão grande como do lado do continente.

«3.^o Que uma das camadas, pelo menos, se não todas, se torna exploravel na rasão da profundidade, pelo que é evidente não haver exageração em duplicar todas as dimensões averiguadas, isto é, em avaliar o numero de toneladas a extrahir em mais de 6.000:000.

Resultados dos ensaios da Companhia Lisbonense de Illuminação a Gaz

«A fim de levar a effeito os ensaios e de se poder apreciar o carvão com relação ao seu valor para a fabrica de gaz de illuminação, construiu-se um pequeno apparelho com todos os accessorios que se empregam no fabrico em grande, sendo tudo calculado para operar sobre 500 grammas em cada distillação. Ainda que as experiencias a que se procedeu não possam inspirar a confiança das que são feitas em laboratorios chemicos, comtudo para os effeitos praticos parecem ser sufficientes, mesmo porque foram feitas com o maior

cuidado, e os resultados que se apresentam são a media de dez operações, attenta a grande importancia que póde haver para esta companhia o ter o combustível de que necessita no paiz, e mesmo por ser mais uma riqueza nacional que a todos interessa desenvolver o mais possível.

«O carvão de Buarcos, 1.^a qualidade, produziu por 1:000 kilogrammas :

Gaz de iluminação purificado, metros cubi- cos	226	
Gaz impuro que tem de ser removido.....	14	240
Coke constando de carbone, kilogrammas..	446	
Cinzas.....	101	547
Alcatrão.....		117

«Para se poder estabelecer um termo de comparação entre o carvão das minas de Buarcos e o inglez que se emprega n'esta fabrica para o fabrico do gaz, fizeram-se no pequeno aparelho, nas mesmas condições, a mesma quantidade de operações que apresentaram por cada 1:000 kilogrammas os seguintes resultados :

Gaz de iluminação purificado, me- tros cubicos.....	271,800	
Gaz impuro que tem de ser remo- vido.....	8,800	280,600
Coke constando de carbone, kilo- grammas.....	619,944	
Cinzas	88,556	708,500
Alcatrão		43,500

«O poder luminoso ou força photometrica do gaz do carvão de Buarcos é de treze vélas de spermaceti, e o do carvão inglez de onze vélas.

«Lisboa, e fabrica da Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz, 28 de março de 1868. = *João Eduardo Ahrends.*»

«Está conforme.

«Lisboa, sala da direcção da Companhia Lisbonense de Iluminação a Gaz, em 27 de julho de 1868. = Os directores, *Dr. Francisco Maria da Silva Torres* = *José Joaquim Teixeira.*»

Para o emprego d'este carvão faz a expositora seguintes observações:

«O carvão d'esta mina, sendo muito gazoso, dá uma quantidade consideravel de calor, mas, para o utilizar completamente, é necessario que os fogueiros tenham cuidado em conservar a grelha com uma camada de combustivel não muito grossa e dar pouca tiragem á chaminé.

«Carregada a grelha com uma grossa espessura de carvão, produz-se um começo de distillação na camada superior e o gaz escapa se sem ser utilizado, saindo pela chaminé conjunctamente com o fumo.

«Em resumo: é preciso atizar amiudadas vezes, mettendo pequenas porções de carvão, dando-lhe a menos tiragem possivel. É o contrario do que geralmente fazem os fogueiros.

«Seguindo estas indicações summarias, observa-se immediatamente uma grande economia na quantidade de combustivel consumido, com o maximo aproveitamento de calorico.»

Foi esta empresa premiada com medalha de oiro e duas de prata na exposição de Lisboa, em 1888, com medalha de oiro e outra de prata na de Paris, em 1889, e com medalha de 1.^a classe na de Coimbra.

O seu representante no Porto é o sr. Henrique Malheiro Dias, com escriptorio na rua de Passos Manuel, 33, e armazem na travessa da Fabrica, 51 a 55.

N.º 12. — Empresa Louzifera ao norte de Portugal (sede no Porto, rua de Santo Antonio, n.º 103). As pedreiras são em Vallongo).

Estufas para sala.

Columns.

Vasos.

Mesas.

Bancos.

Tanques.

Étagères.

Molduras diversas.

Louzas para escolas.

Louzas para coberturas de casas.

Os preços e dimensões em centímetros e pollegadas inglezas das louzas para telhados (soletos) nas

pedreiras de Alto Fernandes e Sobrido são as seguintes:

Dimensões		Preço por 100 louças	Peso de cada 100 louças Kilogrammas	Quantidade de louças para cobrir 1 metro quadrado	100 louças cobrem metros quadrados
Em pollegadas inglezas	Em metros				
26 por 16	0 ^m ,66 por 0 ^m ,41	15960	400	8,4	11,90
24 por 12	0 ^m ,61 por 0 ^m ,30	15260	290	12,7	8,00
22 por 11	0 ^m ,56 por 0 ^m ,28	15060	240	15	6,70
20 por 10	0 ^m ,51 por 0 ^m ,25	900	180	18,5	5,40
18 por 10	0 ^m ,46 por 0 ^m ,55	740	160	21	4,80
16 por 10	0 ^m ,41 por 0 ^m ,25	640	145	24,2	4,10
16 por 8	0 ^m ,41 por 0 ^m ,20	500	110	30,3	3,30
14 por 8	0 ^m ,35 por 0 ^m ,20	400	90	37	2,70
14 por 6 ³ / ₄	0 ^m ,35 por 0 ^m ,17	360	80	44	2,30
13 por 7	0 ^m ,33 por 0 ^m ,18	360	80	44	2,30
12 por 8	0 ^m ,30 por 0 ^m ,20	360	80	44	2,30
12 por 6 ¹ / ₄	0 ^m ,30 por 0 ^m ,16	300	65	55	1,80

Para os modelos que não vão incluídos na presente tabella, os preços variam conforme os feitios e as dimensões.

Nas mesmas pedreiras os preços das louças de varios tamanhos até 2 metros de comprido, com largura proporcionada, serradas e aplainadas mechanicamente, são os seguintes:

Grossura em centimetros	Preço por cada 1:000 kilogrammas
2	16\$100
2 ¹ / ₂	13\$570
3	11\$900
4	9\$370
4 ¹ / ₂	8\$730
5	8\$210

Notaremos que 14 metros quadrados de pedra de 2 ¹/₂ centimetros de grossura, pesam, pouco mais ou menos, 1:000 kilogrammas.

Acima das dimensões mencionadas, também se tomam ordens por ajuste especial.

As fachas lisas até 44 centímetros de altura custam 20 por cento mais que o preço das pedras de louza, conforme a grossura.

Para as dimensões acima de 44 centímetros o custo é apenas de 15 por cento mais.

As fachas com molduras simples até 50 centímetros de altura, custam a 15000 réis por metro linear, e sendo de tamanhos diferentes, com feitios, preços convencionaes.

Fazem-se tanques de quaesquer dimensões para azeite, vinho, agua, cerveja, salgadeiras, tulhas para cereaes, cubas, dornas, etc., com ferragens proprias e promptas para assentar, custando o seguinte:

Capacidade em litros	Preço por litro — Réis
De 50 a 150	18
De 151 a 200	17
De 201 a 250	16
De 251 a 500	15
De 501 a 1:000	12
De 1:001 a 10:000	10

Os tamanhos acima de 10:000 litros são feitos por ajuste especial.

As bancas para cozinha, sendo até 1 metro quadrado, custam a 25000 réis, e sendo de tamanhos superiores, custam preços convencionaes.

As louzas para bilhares de quaesquer dimensões, custam a 25700 réis por metro quadrado.

Os cumes e angulares de louza para telhados, custam a 150 réis por metro linear.

Os preços das mesas e bancos para jardins, guarções de fogões, lages para pavimentos, urinoes, estantes, louzas para jazigos, ladrilhos, prateleiras, tafoletas e pedras para escolas, variam conforme os modelos.

Para eiras, estufins, algerozes, esteios, etc., ha sempre nas pedreiras uma porção de pedras de louza sem serem aplainadas ou serradas, proprias para estas applicações, variando de preços conforme as grossuras.

Todos estes preços são nos armazens da empresa em Vallongo, sendo a conducção e o assentamento por conta do comprador.

As vendas são feitas a dinheiro, e o pagamento effectuar-se-ha nas louzeiras ou no escriptorio da empresa no Porto.

Para o estrangeiro são concedidos tres mezes, a contar da data da entrega a bordo no Porto, e o pagamento será regulado por saques ou letras, com adicionamento do cambio da praça, salvo disposição em contrario.

O afretamento dos navios, seguro das mercadorias, etc., correm por conta dos compradores.

Os carretos da mina á estação de Vallongo e os transportes em caminho de ferro até á estação destinataria, nas linhas do Douro e Minho, nas que com ellas se correspondem, assim como o embarque a bordo, podem ser feitos pela empresa, de conta e risco do comprador.

De modo nenhum a empresa será ou poderá ser responsavel por qualquer avaria, quebra, falta ou demora proveniente de transportes e carregamentos. A responsabilidade da empresa cessa, logo que a mercadoria se ache fóra dos seus depositos.

A empresa vigiará pelo bom acondicionamento, disposição e boa ordem das remessas.

A empresa toma toda e qualquer obra de cobertura, e encarrega-se, no paiz, de a mandar assentar, mediante combinação previa.

Os preços dos carretos, dos depositos da empresa em Vallongo para o Porto, são de 800 a 15000 réis, por cada porção de 700 a 1:000 kilogrammas, e de 200 a 300 réis os mesmos pesos até á estação de Vallongo.

Foi premiada com medalha de oiro na exposição de Londres de 1890.

São agentes d'esta empresa, ao sul de Portugal, os srs. Street & C.^a (Lisboa, rua Victorino Damasio, 16 e 18).

N.º 13. — Empresa Mechanica de Cantaria e Marmores Portuguezes (Cascaes).

Balaústres torneados com apparatus mechanicos a diamantes. Custo, 55200 réis.

Ditos polidos. Custo, 65200 réis.

Folha de marmore Porto Covo serrada a diamantes e polida a polidor mechanico.
 Idem serrada a diamante.
 Idem de marmore apinhoado.
 Idem de calcareo de Alcabideche.

Os preços por metro quadrado são os seguintes :

Calcareo de Alcabideche :

De 1 a 3 centímetros de espessura.	1\$800
De 4 centímetros de espessura	2\$000
De 5.....	2\$250
De 6.....	2\$500
De 7.....	2\$800
De 8.....	3\$000
De 9.....	3\$250
De 10.....	3\$500

Marmore apinhoado :

De 1 a 3 centímetros de espessura..	2\$000
De 4 centímetros de espessura	2\$300
De 5	2\$700
De 6	3\$000
De 7	3\$350
De 8	3\$700
De 9	4\$000
De 10	4\$400

Marmore Porto Covo:

De 1 a 3 centímetros de espessura..	2\$000
De 4 centímetros de espessura.....	2\$400
De 5	2\$850
De 6	3\$300
De 7	3\$700
De 8	4\$200
De 9	4\$700
De 10	5\$200

Se as pedras forem polidas custam mais 1\$000 réis por metro quadrado.

Esta empresa começou os seus trabalhos em julho passado e occupa actualmente 200 homens, com o jornal maximo de 1\$200 réis e o minimo de 400 réis.

Emprega uma machina semi-fixa da força de 40 cavallos.

N.º 14.—Ernesto da Silva, socio sobrevivente da firma Anjos & Silva (Lisboa, rua da Cruz, Alcantara).

Cal em pedra.

Cal alva.

Cal parda.

Toda é queimada a lenha.

Obteve medalha de prata na exposição do Rio de Janeiro em 1879, medalha de cobre na de Lisboa em 1884 e na da Societé Phylomathique.

N.º 15.—João Henriques Teixeira Guedes (Porto de Moz, Minde).

Cimento rapido, amarello claro. Custo no local da producção, 9\$000 réis por tonelada em barricas e 7\$000 réis em saccos. Este cimento vende-se para obras hydraulicas, onde é aproveitado com vantagem, lotado com o cimento estrangeiro, dando resultado superior ao emprego d'este só.

Cimento escuro (lento). É uma amostra que resulta dos ensaios, mas não se produz ainda, por se estarem a montar as machinas e a construir os fornos.

Pedra silica refractaria, para construcção de fornos.

Preço por metro cubico, 6\$000 réis.

Argilla refractaria. Custo do metro cubico, 4\$800 réis por tonelada.

Calcareo branco n.º 1, rijo, para cantarias. Preço do metro cubico, 9\$600 réis.

Calcareo branco molle n.º 2, para cantarias. Preço do metro cubico, 9\$000 réis.

Calcareo branco escuro, rijo, a 6\$500 réis o metro cubico.

Marga escura para fabricação de cimento natural.

Tem occupados n'este fabrico 8 homens, 10 mulheres e 8 creanças, sendo os jornaes dos homens de 240 a 500 réis, os das mulheres de 100 a 120 réis e os das creanças de 80 a 100 réis.

Emprega quatro mós de granito e peneiro com elevador.

A materia prima de que usa no fabrico do cimento é a marga da amostra ultima, que se extrahе nos jazigos proximos á fabrica.

O valor annual da producção regula por 5:000\$000 réis.

Os mercados do consumo são Lisboa e as provincias.

N.º 16. — Joaquim Augusto da Silva (Condeixa a Velha, concelho de Condeixa a Nova).

Pedras para moer trigo de 0^m,44 e 0^m,25 de espessura, as primeiras a 10,5000 réis e as segundas a 8,5500 réis, postas nas estações de Coimbra ou Soure.

É no Porto commissario do expositor o sr. Thomás Garrido Grande, rua da Reboleira, n.º 61.

Occupu na sua industria 20 homens e 12 mulheres, ganhando aquelles de 220 a 260 réis e estas de 100 a 120 réis.

Exporta annualmente cerca de 500 mós, para todas as provincias do reino e para Hespanha, especialmente para a Galliza.

Obteve menção honrosa na exposição districtal de Coimbra em 1884.

N.º 17. — José Augusto Cardoso de Castro (Lisboa, calçada Nova da Estrella, n.º 13).

Amostras de phosphatos de cal das minas de Castello de Vide, descobertas pelo expositor.

Acham-se ainda por explorar.

Obteve medalha de cobre na exposição de Lisboa em 1889.

N.º 18. — José Pereira de Sousa (Porto, rua do Almada, n.º 584).

Antimonio chamado inglez para a afinação do oiro, a 160 réis o kilogramma.

Regulo de antimonio, preparado para ligar os metaes destinados a typos de imprensa e outros fins, a 320 réis o kilogramma.

Não tem fabrica estabelecida.

N.º 19. — Manuel Gonçalves dos Santos (Covilhã).

Uma amostra de Wolfram.

N.º 20. — Manuel Lopes dos Santos (Porto de Moz).

Expõe das minas do sitio das Hortas, no concelho de Porto de Moz:

Anthracite.
Hulha.
Azeviche.
Ferro.
Phosphorite.
Calcareao argilloso.
Pyrite de ferro.

N.º 21. — Museu Colonial (Lisboa).

Provincia de Cabo Verde

Mineral de enxofre da ilha do Fogo.
Mineral de enxofre pulverisado da dita ilha.
Sulfato de chumbo da ilha de Maio.
Ocre amarello claro da ilha de S. Thiago.
Ocre cinzento claro da ilha do Fogo.
Ocre cinzento escuro da dita ilha.
Ocre castanho escuro da ilha de S. Nicolau.
Ocre vermelho claro da ilha de Santo Antão.
Ocre vermelhão carminado da dita ilha.
Ocre verde da dita ilha.
Cal em pó da ilha da Boa Vista.
Cal em pó da ilha do Fogo.
Cal mineral da ilha da Boa Vista.
Kaolino da dita ilha.
Areia titanifera preta.

Provincia da Guiné

Mineral de ferro de Cacheu.
Ocre amarello escuro de Cacheu.
Areia branca de Bissau.

Provincia de Angola

Oiro em palhetas do Lombige.
Mineral de enxofre de Benguella.
Mineral de ferro de Mossamedes.
Carvão mineral da mesma procedencia.
Sulfato de chumbo crystallisado de Zenza do Golungo.
Sulfato de chumbo crystallisado de Novo Redondo.

Sulfato de cobre do Dombe Grande.
 Ocre amarello de Napoles da mesma procedencia.
 Ocre vermelho da dita procedencia.
 Ocre beije de Benguella.
 Ocre cinzento claro de Benguella.
 Ocre terra amarello da mesma procedencia.
 Cal em pó de Mossamedes.
 Cal extincta do Dombe Grande.
 Cal em pedra de Ambaca.
 Cal de cacao.
 Argilla em pó do Congo.

Provincia de Moçambique

Oiro nativo.
 Mineral de crystal de Cabo Delgado.
 Ocre vermelho de Tete.
 Ocre amarello de Tete.
 Ocre perola da Zambezia.
 Ocre branco de Cabo Delgado.

Provincia da India

Ocre amarello de Goa.
 Ocre vermelho claro de Goa.
 Ocre azul de Goa.
 Ocre cinzento claro de Goa.
 Ocre branco das Novas Conquistas.
 Cal de ostras de Bardez.

Provincia de Macau e Timor

Oleo mineral.

O catalogo dos productos do museu colonial foi-nos fornecido pelo digno conservador do dito museu o sr. José de Menezes da Silva Canedo, acompanhando-o das seguintes judiciosas considerações, que textualmente publicámos:

«Os productos do museu colonial de Lisboa, representados no significativo e relativamente importante certamen que acaba de realizar-se no palacio de crystal do Porto, se não demonstram completamente as exuberantes riquezas que possuem as possessões portuguezas de alem mar, dão, no emtanto, uma medida approximada da sua importância e do seu valor.

«As amostras que ahí figuram foram escolhidas unicamente debaixo do ponto de vista industrial, de entre as importantes collecções que o museu possui, e conforme o programma da benemerita commissão executiva da exposição.

«O curto espaço de tempo que mediou entre o começo da organização dos productos que deviam figurar na exposição, e a sua remessa para o Porto, não permittiu talvez que elles se representassem tão completamente como seria conveniente.

«Portugal, este pequeno paiz, possui no seu continente e nas suas vastas e ricas colonias, tudo quanto precisa para a sua existencia e para a sua riqueza.

«As materias primas de regiões tropicaes, que a industria nacional precisa importar, póde e deve ir buscal-as directamente aos seus dominios ultramarinos, sem que necessite de intermediarios estranhos, acontecendo, como é certo, que esses estranhos vão colher a materia prima, que vendem a Portugal, ás suas proprias colonias, depauperando o do seu oiro, quando esse oiro poderia ir fomentar a riqueza d'aquelles uberrimos solos, que lhe pertencem, e que estranhos exploram e aproveitam.

«As possessões portuguezas produzem tudo.

«Seria infinita a lista dos seus ricos e variados productos.

«Para as industrias metallurgicas possuem o oiro, o ferro, o chumbo, o cobre, o carvão, etc.

«Para a marceneria, torneiro, construcções navaes e hydraulicas, madeiras de primeira qualidade.

«Produzem as preciosas gommias copaes, as resinas, a borracha, etc., que a industria nacional importa, mórmente de Inglaterra, quando tudo existe nas suas possessões, como o mostram os exemplares exhibidos na secção colonial da exposição.

«Possuem o anil, o urucú, a urzella.

«Uma enorme variedade de oleos, cal, kaolino, ocres, etc.

«Para as industrias textis produzem o algodão, a lã animal e vegetal, filamentos diversissimos e importantes, mas desconhecidos na metropole, e que poderiam ser experimentados e ensaiados pela industria do paiz.

«Finalmente, na agricultura, sua principal fonte de riqueza, produzem as colonias portuguezas tudo quanto

é necessario para a vida, para as proprias industrias e para o commercio.

«Fazer a propaganda da existencia de todos estes valores, e aproveitá-los practicamente, derivar para aquelles territorios a corrente commercial, e importar directamente de ali tudo quanto a industria da metropole necessite para o seu engrandecimento, é um serviço que o commercio prestará á sua patria, concorrendo para que os capitaes ali affluam a fim de que o progresso da exploração d'aquelles solos se affirme cada vez mais, demonstrando a sua vitalidade e a sua riqueza.

«Um distincto e intelligente industrial da cidade do Porto foi surprehendido porque as colonias portuguezas produzissem materias primas, que consome na sua industria, como algumas que observou na secção colonial e que importa de Inglaterra, manifestando por esse facto o desejo de obter informações que o habilitem a importar directamente das colonias a materia prima de que necessita.

«Este simples facto demonstra a importancia dos certamens como aquelle que se acha realisado no Palacio de Crystal.

«Isto, é vulgarisar o que existe no paiz e nas colonias, e que geralmente o publico, e até o proprio commercio e industria, muitas vezes ignoram.

«Impedir que se consuma e pague como estranho o que é portuguez.

«Seria para desejar apresentar aqui um resumo estatistico das exportações dos variados productos das colonias portuguezas, indicando o seu preço, quantidade da producção, regiões productoras, etc., mas n'este momento escasseiam-nos os elementos necessarios para o fazer.

«O catalogo, que se segue, não vae concatenado tão perfeitamente como seria conveniente, porque fallece o tempo necessario para uma organização mais perfeita e porque o publico deseja a sua publicação o mais breve possivel, julgando-se conveniente e necessario satisfazer-lhe o seu empenho, embora a sua publicação seja um pouco incompleta; ainda assim, illucidará bastante, todos aquelles que se interessam n'este momento historico pela prosperidade do paiz e das suas provincias ultramarinas.

«Porto, 4 de dezembro de 1891.»

N.º 22. — Parceria de fundição de antimónio
(Porto, Rego Lameiro).

Lingotes de regulo de antimónio, a 225\$000 réis a tonelada.

Produz annualmente 200 toneladas, empregando para esse fim quatro fornos.

Occupa 25 homens e 2 mulheres; aquelles ganham de 320 a 600 réis diarios, e estas 200 e 300 réis.

Os principaes mercados para onde exporta a sua produção são Londres e America do Norte.

N.º 23. — Parceria de marmores e alabastros do Vimioso (séde no Porto, rua de Belmonte, n.º 49).

18 pedras de marmores e de alabastros de differentes dimensões.

3 mesas de mogno com as respectivas pedras de alabastro.

1 caixilho para retratos em alabastro.

1 bilheteira de alabastro.

1 tinteiro de alabastro.

Os jazigos d'estes formosissimos marmores e alabastros, acham-se na formação calcarea da quinta de Santo Adrião e terrenos vizinhos, proximos a Vimioso, elevando-se a mais de 140 hectares a superficie em que ella ahi apparece á vista.

A quinta de Santo Adrião, que tem cerca de 120 hectares, pertence á expositora.

Os marmores das pedreiras de Santo Adrião até hoje conhecidos são: o marmore azul, com basta venação de azul mais carregado; o marmore anilado com venação azul pouco intensa, e o marmore branco apenas levemente venado de azul desmaiado.

«Todos estes marmores, diz o sr. engenheiro de minas Manuel Francisco da Costa Serrão, são crystalinos, de grão fino, embora não tanto como os de Carrara, e de estructura homogenea; os das duas ultimas variedades apresentam translucidez muito accentuada e todos dão com extrema facilidade um polido de um brilho excepcional.

«O sr. Nery Delgado compara os marmores de Santo Adrião aos marmores de segunda classe de Carrara, os quaes, com os de Massa e Saravezza, são, como é sabido, os que abastecem o commercio de marmores de Italia em todos os mercados, visto como o

marmore branco lacteo, ou marmore estatuario, é já bastante raro em Carrara e não existe nem em Massa nem em Saravezza.

«Se compararmos, porém, os exemplares dos marmores de segunda classe de Italia, que são largamente empregados, sob a fórma de placas polidas, no fabrico de mobílias, com os exemplares dos marmores das pedreiras de Santo Adrião, de que existe preparada uma grande quantidade de placas nos depositos d'aquellas pedreiras, o resultado do confronto dá uma decidida vantagem a estes, porque, em vez das manchas escuras que têm os de Italia, têm a venação azul de muito mais bello effeito; têm a estructura perfeitamente homogenea, ao passo que nos de Italia é frequente o apparecimento de concreções formadas de crystaes mais grossos e mal unidos que lhes destroem em pontos a homogeneidade; têm por fim uma ligeira translucidez e são susceptiveis de um brilho de polido de que os de segunda classe de Italia nem se approximam.

«É certo não terem ainda apparecido nas pedreiras de Santo Adrião exemplares que possam classificar-se de marmore estatuario, o que aliás não deve surprehender, attendendo á pequena profundidade a que a exploração tem sido levada; comtudo, sem nos atrevermos a assegurar que aquella variedade venha a encontrar-se um dia, não devemos omittir um facto perfeitamente observado e é que, á medida que a exploração tem avançado em profundidade, a coloração azul, quer das venações, quer do conjuncto da massa, diminue rapidamente de intensidade, o que parece indicar que a maior profundidade desapparecerá completamente, deixando os marmores perfeitamente brancos, perfeitamente homogneos, dotados de translucidez e susceptiveis de polido brilhante, isto é, com todos os caracteres exigidos nos marmores destinados á estatuaría.

«Se a indução que acabâmos de fazer for um dia confirmada pela realidade, as pedreiras de marmore de Santo Adrião terão adquirido então um valor verdadeiramente excepcional.

«Não terminaremos o que temos a dizer, relativamente á primeira camada, sem nos referirmos a uma outra variedade de marmores que n'ella se encontra; é o marmore preto, finamente raiado de branco em

largas malhas, e com pulverisação metálica uniforme e apenas perceptível, a qual parece ser devida á presença de pequeninos cristaes de pyrite de ferro.

«.....

«Pela epocha geologica correspondente ao terreno onde são encontrados, e pelos caracteres revelados pela amostra, devem approximar-se os marmores pretos de que vimos fallando, dos de Italia, conhecidos no commercio sob a designação de *negro antigo* e que são uma das variedades de marmores pretos mais estimadas.

«Mas ainda que, ao seguir-se com a sua exploração se reconheça que não podem comparar-se a estes, ainda assim o apparecimento d'elles nas pedreiras é de uma grande importancia, por permittirem a preparação de ladrilhagem completa, o que importa para a exploração dos marmores brancos a grande vantagem do aproveitamento em larga escala dos pequenos fragmentos que, de outra fórma, só poderiam aproveitar-se com a exploração, por certo menos compensadora, do fabrico de cal.»

É nas grutas, e na encosta septentrional do monte da Abelheira, que se encontra a formação alabastrina. A seu respeito diz o sr. engenheiro Costa Serrão:

«O alabastro que se encontra nas grutas das pedreiras de Santo Adrião é, segundo a designação do sr. Nery Delgado, um calcareo concrecionado stalagmitico.

«Não é o verdadeiro alabastro no sentido geologico da palavra, que, como é sabido, é uma variedade massiça do gesso, de textura uniforme, puro e compacto (*alabastrite*).

«Tem sido attribuida ao mesmo producto a designação de alabastro oriental, ou onix.

«A sua formação é devida a um deposito de calcareo, deixado pelas aguas ao passarem pelas fendas ou algares do mesmo calcareo, ou pelas grutas. Este modo de formação explica o aspecto particular que apresenta o alabastro em blocos, nos quaes, já pela textura, já pelas variações de côr, se reconhece bem a disposição em camadas, que accusam perfeitamente a fórma da superficie da rocha ou do terreno que lhes serviu de leito.

«.....

«As placas preparadas com estes alabastros são de

uma rara belleza; são muito translucidas e dotadas de um polido extremamente brilhante, a sua côr predominante é o acastanhado que lhes dá um pouco o aspecto da agatha, e sendo muito variados os tons da sua tinta, estes, pelo facto do corte das camadas, esbatem-se sob um sem numero de fórmãs, umas vezes em zonas, outras em ondas, mas a maior parte das vezes em fórmãs tão bizarras que escapam a toda a comparação com que d'ellas se pretenda dar idéa.

«Estamos certos de que este producto, um dos mais bellos no seu genero, deverá ter uma larga procura, sobretudo para o mobiliario de luxo, quando chegue a ser mais conhecido e espalhado nos mercados.»

N.º 24.—Pratviel & Rocha (Porto, rua de Sá da Bandeira, n.ºs 16 a 20).

Gesso nos seus differentes graus de preparação.

N.º 25.—Repartição de minas (Lisboa).

Districto administrativo do Porto

Concelho de Amarante:

Cassiterite (minerio de estanho) da mina da Fonte das Figueiras.

Wolfram (minerio de estanho), da mina das Aguas Ferreas do Ramalhoso.

Concelho de Bayão:

Galena (minerio de chumbo), da mina do Cotão da Vinha.

Concelho de Gondomar:

Anthracite, das minas de S. Pedro da Cova.

Anthracite, da mina de Valle do Deão.

Anthracite, da mina do Barral.

Stibina (minerio de antimonio), da mina do Valle Grande.

Stibina, da mina da Tapada da Escusa.

Stibina, da mina do Portal.

Stibina, da mina da Bouça Velha.

Stibina, da mina do Moinho da Igreja.

Concelho de Paredes:

Galena (minerio de chumbo), da mina de Valle Grande.

Stibina (minerio de antimonio), da mina de Valle de Cannas.

Concelho de Penafiel:

Stibina (minerio de antimonio), da mina de Parada.

Concelho da Povoia de Varzim:

Hydroxido de ferro, das minas da Serra de Rates.

Concelho de Santo Thyurso:

Cassiterite (minerio de estanho), da mina de Santo Thyurso.

Concelho de Vallongo:

Stibina (minerio de antimonio), da mina do Fojo das Pombas.

Stibina, da mina de Valle de Achas.

Stibina, da mina do Lameirão.

Stibina, da mina do Valle do Inferno.

Stibina, da mina da Vizinhaça.

Districto administrativo de Bragança

Concelho de Bragança:

Cassiterite (minerio de estanho), da mina das Teixugueiras.

Cassiterite, da mina de Chaira da Cruz.

Cassiterite, da mina da Quelhinha.

Cassiterite, da mina de Parada.

Galena (minerio de chumbo), da mina de Paradinha.

Chalko-pyrite (minerio de cobre), da mina de Villa Meã.

Stibina (minerio de antimonio), da mina de Valle da Mulher.

Concelho de Macedo de Cavalleiros:

Galena (minerio de chumbo), da mina de Chacim.

Concelho de Miranda do Douro:

Cassiterite (minerio de estanho), da mina do Cabeço do Codeço.

Cassiterite, da mina do Cabeço do Raposo.

Concelho de Mogadouro:

Stibina (minerio de antimonio), da mina da Serpinha.

Concelho de Moncorvo:

Ferro oligisto, das minas de Moncorvo.

Concelho de Vimioso:

Stibina (minerio de antimonio), da mina do Ribeiro de Maças.

Districto administrativo de Aveiro

Concelho de Albergaria a Velha:

Chalko-pyrite, anabergite e nickelina (minerio de cobre e nickel), da mina da Telhadella.

Galena e blenda (minerio de chumbo e zinco), da mina da Telhadella.

Chalko-pyrite (minerio de cobre), da mina do Palhal.

Chalko-pyrite, anabergite e erythrina (minerio de cobre e nickel), da mina do Palhal.

Concelho de Arouca:

Galena (minerio de chumbo), da mina da Carraceira.

Concelho de Castello de Paiva:

Anthracite, da mina do Pejão.

Anthracite, da mina da Arda.

Stibina (minerio de antimonio), da mina do Ribeiro de Orelhal.

Stibina, da mina da Cabrança.

Concelho de Sever do Vouga:

Galena (minerio de chumbo), da mina do Braçal.

Districto administrativo de Coimbra

Concelho de Arganil:

Galena (mineral tratado), da mina de Ceirôco.

Concelho de Coimbra:

Stibina e antimonio nativo, da mina do Covão.

Oxydo terroso de antimonio da mesma mina.

Sulfureto de antimonio escolhido á mão da mesma mina.

Sulfureto de antimonio, producto dos crivos n.^{os} 1, 2, 4 e 5, da mesma mina.

Sulfureto de chumbo, producto dos crivos n.^{os} 1 a 5, de Stossherd e do Rundherd, da mesma mina.

Galena (minerio de chumbo), da mina de Barbadalhos.

Concelho da Figueira da Foz:

Hulha moderna, da mina do Cabo Mondego.

Districto administrativo de Vizeu

Concelho de S. João da Pesqueira:

Galena (minerio de chumbo), da mina de Varzea de Trevões.

Concelho de Taboço:

Galena (minerio de chumbo), da mina de Adorigo.

Concelho de Vizeu:

Wolfram (tungstato de ferro), da mina da Boa Aldeia.

Districto administrativo da Guarda

Concelho de Sabugal:

Affloramento cuprifero da mina da Quarta Feira.
Cobre nativo, da dita mina.

Districto administrativo de Castello Branco

Concelho de Idanha a Nova:

Galena (minerio de chumbo), da mina de S. Miguel de Ache.

Concelho de Penamacor:

Galena (minerio de chumbo), das minas do Meio, Pinheiro e Morão.

Pyrolusite (minerio de manganéz), da mina de Vieiro do Almagre.

Ferro manganesifero, da dita mina.

Districto administrativo de Leiria

Concelho da Batalha:

Linbite, das minas de Alcanadas e Chão Preto.

Concelho das Caldas da Rainha:

Linbite, da mina da quinta da Palhagueira.

Concelho de Leiria:

Linbite, da mina de Marrazes.

Concelho de Pombal:

Wad (minerio de manganéz), da mina do Alto do Casal.

Concelho de Porto de Moz:

Azeviche, da mina do Cabeço dos Tojos.

Linbite, da mina do Sitio das Hortas.

Ferro oligisto, da mina das Fontainhas do Cerro Ventoso.

Districto administrativo de Lisboa

Concelho de Grandola:

Pyrite cuprifera (minerio de cobre), das minas da Caveira.

Concelho de S. Thiago do Cacem:

Hematite manganésifera (minerio de ferro e manganez), da mina do Pinheiro da Boa Vista.

Hematite manganésifera, das minas do Bem Pa-rece e Ferrenho.

Hematite manganésifera; da mina da Serra da Mina.

Hematite manganésifera, da mina da Toca do Mocho.

Hematite manganésifera, da mina de Porto Covo.

Hematite manganésifera, da mina da Mandurelha.

Pyrolusite (minerio de manganez), da mina da Tanganheira.

Pyrolusite, da mina da Serra de Cima.

Pyrolusite, da mina do Pinheiro da Boa Vista.

Pyrolusite, da mina da Pedra Longa.

Districto administrativo de Portalegre

Concelho de Elvas:

Galena (minerio de chumbo), da mina da Tapada do Olival.

Concelho de Monforte.

Galena (minerio de chumbo), da mina da Herdade do Pombalinho.

Districto administrativo de Evora

Concelho do Alandroal:

Hematite (minerio de ferro), da mina da Cova do Monge.

Chalkosina e chalko-pyrite, da mina da Herdade do Bogalho.

Chalko-pyrite, da mina da Herdade do Outeiro.

Concelho de Evora:

Chalko-pyrite (minerio de cobre), da mina da Salvação do Indio.

Concelho de Extremoz:

Pyrolusite (minerio de manganez), da mina da Herdade dos Pretos.

Concelho de Montemor o Novo:

Galena (minerio de chumbo), das minas da Chaminé e do Ligeiro.

Hematite, da mina da Nogueirinha.

Stibina (minerio de antimónio), da mina da Herdade da Defeza.

Districto administrativo de Beja

Concelho de Aljustrel:

Pyrolusite, da mina da Herdade do Valle do Calvo.
Pyrolusite e wad (minerios de manganez), da dita mina.

Pyrite de ferro cumprifera, das minas de Aljustrel.

Cáscaro (productó do tratamento do minerio de cobre pela via humida), das minas de Aljustrel.

Concelho de Alvito:

Ferro magnetico, das minas de Alvito.

Concelho de Beja:

Cobre nativo e pyrites de cobre, da mina Julianna.
Chalko-pyrite e azurite (minerio de cobre), da Herdade da Ventosa.

Concelho de Castro Verde:

Pyrolusite e polianite (minerios de manganez), da mina da herdade de Ferragudo.

Concelho de Ferreira do Alentejo:

Ziguelina (minerio de cobre), da mina de Valle da Rosa.

Concelho de Mertola:

Galena (minerio de chumbo), da mina da Herdade dos Namorados.

Baryta (ganga do filão), da dita mina.

Grauwacke (rocha encaixante do filão plumbifero), da mesma mina.

Dolomite, galena, etc. (salbanda do filão), da dita mina.

Minerio de chumbo classificado, da dita mina.

Pyrites de ferro cuprifero e cáscara, da mina de S. Domingos.

Concelho de Moura:

Ferro magnetico (minerio de ferro), da mina da Orada.

Concelho de Odemira:

Pyrolusite, da mina da Courella de Manços.

Hematite-manganesifera (minerio de ferro e manganez), das minas da Carrasqueirinha, Cabeças Gordas, Serra Velha e Courella de Manços.

Pyrolusite (minerio de manganez), da mina da Escabellada.

CLASSE 2.ª

Productos da industria florestal

N.º 26.—Antonio Gomes da Silva Barroza (Villa Nova de Gaia).

Batoques de pau e borneiros.

O seu preço no local da produção é de 240 réis cada cento.

O valor annual da produção regula por 7:000\$000 réis.

N.º 27.—Clemente Meneres & Filhos (Porto, calçada de Monchique, n.º 17).

Cortiça de differentes qualidades em pranchas e em rolhas.

Tapetes de cortiça.

Cadeiras de cortiça.

Étagères de cortiça.

Palmilhas de cortiça para calçado.

Um quadro em cortiça recortada, offerecido pelo expositor a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia.

Serrim de cortiça, n.º 1, a 50 réis o kilogramma.

» » » n.º 2, a 45 » 0 »

» » » n.º 3, a 40 » 0 »

» » » n.º 4, a 35 » 0 »

» » » n.º 5, a 30 » 0 »

Este producto é destinado ao encaixotamento de fructas, garrafas, ovos, etc.

Na fabrica de rolhas occupa 72 homens, 24 mulheres e 9 creanças, sendo os jornaes dos primeiros de 240 a 800 réis, os das segundas de 180 a 300 réis e os das terceiras de 100 a 240 réis.

Emprega uma locomovel da força de 10 cavallo.

A cortiça provém, em parte, das propriedades dos expositores, situadas em Mirandella, e em parte, compram-n'a no Porto; o valor da primeira regula por 15:000\$000 réis e o da segunda por 30:000\$000 réis.

A produção annual é de cerca de 54.000:000 de rolhas, que, ao preço medio de 1\$400 réis por milheiro, dão um resultado de 75:600\$000 reis.

Os principaes mercados de consumo d'este producto são as republicas do Brazil, Argentina e Oriental do Uruguay, e a Allemanha, Inglaterra, Demerara, Africa portugueza e ingleza, etc.

O expositor calcula no seguinte o valor da produção annual dos outros productos que expõe:

Fardos de cortiça em prancha.....	4:000\$000
Serrim de cortiça.....	500\$000
Palmilhas de cortiça.....	150\$000
Tapetes de cortiça.....	300\$000

Estes custam a 1\$500 réis cada um.

Foi premiado na exposição de Philadelphia (1876), Vienna de Austria, Lisboa (1884 e 1888) e na de Paris (1889).

N.º 28. — Companhia do Caima, Fabrica de polpa de madeira na quinta do Caima (Séde em Londres).

Amostras de polpa de madeira para fabricação de papel, cortada com a faca, prompta para exportação.

Cavaco cortado á machina.

Cavaco cosido.

Cavaco ralado.

Madeira descascada á mão.

Madeira descascada á machina.

Madeira com os nós seccos, limpa á machina.

Madeira rachada á machina.

Madeira com o cerne limpo á mão.

Fardos de polpa em papel.

Acido sulfurico, fabricado na fabrica.

Acido sulfurico, usado.

Pyrites da mina de S. Domingos, usadas na fabrica.

Planta dos terrenos pertencentes á quinta do Caima.

A fabrica funciona desde novembro passado, e é seu representante no Porto o sr. William Cruickshank, rua do Infante D. Henrique n.º 117.

N.º 29. — Joaquim Ferreira (Miranda do Corvo, Monteiro).
Palitos.

N.º 30. — José da Fonseca Miguel (Concelho de Penacova, freguezia de Lorvão, logar do Chello).
Palitos marquezinhos finos, a 80 réis o pacote.
Palitos lixados finos, a 80 réis o pacote.
Palitos de flor, a 10 réis o pacote.

O valor da sua produção annual regula por 915250 réis.

O seu consumo faz-se no reino, em Hespanha, França e Brazil, sendo n'este ultimo paiz que se consome a maior porção, e, diz o expositor, muito mais se consumiria se não fossem tão elevados os direitos aduaneiros.

A materia prima que emprega é o pau de salgueiro branco.

O expositor observa que esta industria poderia ter grande desenvolvimento se os nossos governos a auxiliassem, promovendo a exportação para a Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha e Russia. Calcula a produção annual de palitos no concelho de Penacova, em 20:000\$000 réis.

Foi premiado na exposição de Lisboa de 1888 com menção honrosa.

N.º 31. — Museu Colonial (Lisboa).

Expõe madeiras das seguintes especies e procedencias:

Cabo Verde

Espinheiro (*Acacia albida*).
Goiaba (*Psidium guayava*).
Zimbro.
Mizeria.
Puna vermelha (*Sterculia foetida*).
Pépe (*Monodora myristica*).

Guiné

Sangue.
Cadeira (fam. das *Apocynaceas*).
Alsona.
Pau rosa (*Physocalymma florida*).
Canna fistula (*Cassia fistula*).

Coronco.
 Pépe (*Monodora myristica*).
 Moncone.
 Velludo.
 Puna vermelha (*Sterculia foetida*).

Todas estas madeiras são de Bissau.

S. Thomé

Tabaque.
 Mogno (*Swietenia mahogoni*).
 Sucupira (*Pentaclethra macrophylla*)
 Untuem.
 Tamarinheira (*Tamarindus indica*).
 Azeitona (*Sideroxylon densiflorum*).
 Mangue do rio (*Rhizophora mangle*).
 Ciocoto.
 Cedro (*Tamarix articulata*).
 Ebano (*Diospyros ebanus*).
 Jambó (*Inga xilocarpa*).
 Cola d'óbó (*Sterculia acuminata*).
 Jaquira (*Artocarpus integrifolia*).
 Mangue (*Corynanthe paniculata*).
 Ebano escuro (*Diospyros ebanus*).
 Corda ubuá.
 Pau vermelho.
 Mucambã (*Morus exelsa*).
 Nespereira (*Sterculia sp.*).

Angola

Mussoco, procedente do Duque de Bragança.
 Tacula (*Pterocarpus tinctorius*), do Alto Dande.
 Musalengue (*Premna sp.*), de Cazengo.
 Alatenda (*Albizzia sp.* Welw.), de Cazengo.
 Paco-balo (*Zanthoxylon sp.*), de Cazengo.
 Muginge, de Cazengo.
 Muhinge (*Ximenia americana*), de Cazengo.
 Mangue (*Corinathe paniculata*), de Cazengo.
 Mungo (*Nauclea bracteosa*), de Cazengo.
 Pepe claro (*Monodora myristica*), de Cazengo.
 Humui, de Quilenges.
 Pau sangue, do Golungo Alto.
 Calusangue (*Alvardia arborea*), do Golungo Alto.
 Pau oleo (*Adina sp.*), do Golungo Alto.
 Mungundo (*Actinostigma sp.*), do Dombe Grande.

- Tacula (*Pterocarpus tinctorius*), do Dombe Grande.
 Tacula branca (*Pterocarpus tinctorus* var.), de Libongo.
 Silveira (*Diospyros mespiliformis*), de Libongo.
 Guçusu (*Combretum dipterum*), do Golungo Alto.
 Mulôlo (*Coellaria bauhinioides*), do Golungo Alto.
 Trichotáchys (*Trichotachys* sp.), do Golungo Alto.
 Mangue (*Corynanthe paniculata*), do Golungo Alto.
 Mirahonde (*Echinadisens* sp.), de Huila.

Mozambique

- Imbila.
 Pagueira (*Terminalia chebula*).
 Muçando (*Spondias microcarpa*).
 Goiaba (*Psidium guayava*).
 Quipululo.
 Mussangará.
 Ebano (*Diospyros ebanus*).
 Ebano claro (*Diospyros ebanus*).
 Caquedol.

Todas estas madeiras são da Zambesia.

India

- Sivane, de Damão.
 Teca (*Tectona grandis*), de Damão.
 Combió (*Careya arborea*), de Damão.
 Ker ou Keire (*Acacia cathecu*), de Damão.
 Damuy.
 Quiney (*Pterocarpus marsupium*), de Damão.
 Pimpol (*Ficus religiosa*), de Damão.
 Calicanty, de Damão.
 Aldavane (*Manettia cordifolia*), de Damão.
 Paca (*Zanthoxylum* sp.), de Goa.
 Bor (*Zizyphus jujuba*), de Goa.
 Columbó (*Mimusops indica*), de Goa.
 Daman (*Grewia tiliæfolia*), de Goa.
 Adão rünco, de Goa.
 Pau piaçaba (*Attalea funifera*), de Goa.
 Sibe, de Goa.
 Quinzol (*Peulaptera paniculata*), de Goa.
 Maveta ou Londará (*Terminalia glabra*), de Goa.
 Asson (*Cridelia spinosa*), de Goa.
 Champé (*Michelia champaca*), de Goa.
 Aptá (*Bauhinia parviflora*), de Goa.
 Callicanty (*Acacia sundra*), de Damão.

CLASSE 3.^a

Substancias de origem vegetal ou animal empregadas nas industrias,
nos seus differentes graus de preparação

N.º 32. — A. Cupertino Castello Branco (Dr.)
(Villa Cova de Sub-Avô, Arganil).

Lã branca, merino-southdown, a 280 réis o kilogramma.
Casulo, de seda.

A lã é obtida em carneiros que são o producto do cruzamento da raça hespanhola *merino*, importada pelo expositor em 1870, com a raça ingleza *southdown*, que importou tambem, em 1885, por intermedio dos srs. Reynolds's, de Estremoz.

O expositor acha que os productos que actualmente possui d'estes cruzamentos, são susceptiveis de melhorar, cruzando-os ainda novamente com as raças de que procedem; para este fim, está trabalhando.

Emquanto aos casulos, diz-nos: «Os casulos da seda expostos não passaram ainda de experiencias, que não têm podido progredir, porque os productos obtidos até hoje não acharam comprador, talvez por não estarem na região dos mercados d'este producto, e por isso não são procurados n'esta localidade.»

N.º 33. — Antonio da Luz Chambel (Niza, freguezia de Arez).

Linho gallego.

Estopa de linho gallego.

N.º 34. — Antonio de Oliveira (Feteira, Alvaia-zere).

Linho gallego, a 300 réis o kilogramma.

Linho mourisco, a 300 réis o kilogramma.

N.º 35. — Antonio Lopes Coelho (Aviz).

Lã preta.

Lã branca.

N.º 36. — Antonio Trindade de Mattos Rosa
(Gavião, freguezia da Amieira).

Linho mourisco.

Estopa de linho mourisco.

N.º 37. — Augusto Leal de Gouveia Pinto (Miranda do Corvo).

Linho mourisco por tritular.

Linho mourisco tritulado.

Linho mourisco tasquinhado.

Linho mourisco assedado, a 300 réis o kilogramma.

N.º 38. — Barão de Gafête (Crato).

Lã por lavar.

N.º 39. — Barreto, Filho & Genro (Porto, ruas da Restauração e Freixo).

Farinha n.º 1, de trigos nacionaes.

Farinha n.º 2, de trigos nacionaes.

Farinha n.º 3, de trigos nacionaes.

Farinha cabecinha.

Farinha flor.

Semea superfina.

Semea fina.

Farello.

Premiado em diferentes exposições.

N.º 40. — Costa & Irmãos (fabrica Lisbonense de Moagens, Lisboa, rua Vinte e Quatro de Julho, n.º 374).

Amostras de farinhas:

Farinha flor, a 88 réis.

Farinha n.º 1, a 86 réis.

Farinha n.º 2, a 84 réis.

Farinha n.º 3, a 82 réis.

Farinha n.º 3-X, a 80 réis.

Semea superfina, a 32 réis.

Semea fina, a 28 réis.

Semea grossa, a 25 réis.

Moagem com pedras francezes. Seis moinhos de pedra e dois de ferro, movidos por uma machina da força de 50 cavallos.

O valor da sua producção annual regula por 350:000\$000 réis.

Occupa 22 homens, que ganham de 460 a 1\$000 réis diarios.

Os trigos de que usa são nacionaes e estrangeiros, sobretudo americanos, no valor de 300:000\$000 réis approximadamente.

Foi premiado com medalha de cobre na exposição agricola de Lisboa em 1884 e medalha de prata na exposição universal de Paris.

O expositor queixa-se que a sua industria está decadente, pela concorrência que o estado lhe faz, mandando vir farinhas por sua conta.

N.º 41.—Companhia Utilidade Domestica (Séde no Porto, rua de Santo Antonio, n.º 103).

Sebo animal fundido.

N.º 42.—Escola Elementar de Agricultura Pratica (Santarem).

Linho.

N.º 43.—Escola Pratica Central de Agricultura (Coimbra).

Semente de linho real melhorado, russo.

Semente de linho de Riga, de proveniencia nacional.

Semente de canhamo do Piemonte.

Semente de linho de Riga.

Semente de linho gallego.

Semente de canhamo commum.

Semente de canhamo de Anjou.

Linho real melhorado, russo.

Linho de Riga.

Linho gallego.

N.º 44.—Escola Pratica de Agricultura de Faro (Faro).

Linho de Riga.

Linho real.

Linho real melhorado.

Canhamo.

N.º 45.—Escola Pratica de Agricultura em Vizeu (Vizeu).

Lã Sowthdown.

Linho de Riga (produção portugueza).
 Linho gallego.
 Linho real melhorado, russo.
 Canhamo de Anjou.

N.º 46. — Fortunato Vieira das Neves (Dr.)
 (Tábua).

Linho mourisco por triturar, a 1,500 réis por cada
 15 kilogrammas.

Linho mourisco assedado, a 400 réis o kilogramma.

N.º 47. — Francisco Caetano Ribeiro (Villa Nova,
 Alvaiazere).

Lã branca tosqeada e lavada, a 260 réis o kilogramma.

Lã preta tosqeada e lavada, a 260 réis o kilogramma.

N.º 48. — Francisco de Almeida Moraes (Niza,
 freguezia de Nossa Senhora da Graça).

Linho mourisco.

Estopa.

Estopinha.

Lã lavada.

Lã por lavar.

N.º 49. — Francisco Saraiva da Costa Ribeiro
 (Cêa).

Banha de porco para usos culinarios e de pharmacia,
 a 800 réis o kilogramma. Calcula a sua produção
 annual em 200,500 réis.

N.º 50. — Guilherme Adriano da Silveira (agronomo
 chefe da 1.ª região, Braga).

Canhamo de Anjou, planta.

Um quadro com amostras de linhos.

Um quadro com amostras de filaça de canhamo.

Tanto o canhamo como os linhos resultam de uma
 cultura experimental, ordenada pela direcção geral de
 agricultura.

O canhamo não tem consumo na localidade.

N.º 51. — Henrique Marques Perdigão (Coimbra,
 rua do Correio, n.ºs 6 a 12).

Vélas de cera, a 650 réis o kilogramma.

Rolo de pavio, a 700 réis o kilogramma.

Cera em grumo, a 600 réis o kilogramma.
Cera amarella em pão, a 550 réis o kilogramma.

Emprega 2 homens, que ganham a 400 réis.
Menção honrosa na exposição de Coimbra em 1869.

N.º 52. — João Ferreira Anthero (Nellas).
Linho bravo ou de outono.

N.º 53. — João Lopes da Costa Rego (Dr.) (Chão de Couce, Figueiró dos Vinhos).
Lã branca, a 260 réis o kilogramma.
Lã preta, a 260 réis o kilogramma.
Linho mourisco, a 300 réis o kilogramma.

N.º 54. — Joaquim Antonio Lagóa (Farroeira, Alvaiazere).
Linho gallego, a 300 réis o kilogramma.

N.º 55. — Joaquim Filippe Pitta e João Manuel Fernandes (Redondo).
Cera de Panoias.

N.º 56. — Joaquim Marques dos Santos (Nellas).
Linho manso ou de primavera.

N.º 57. — Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco (Pinhel e Nellas).
Lã churra (Pinhel).
Linho de Riga (Nellas).

N.º 58. — José Augusto Bello (Gouveia).
Lã saragoça.
Lã serrubeca.
Lã branca.

N.º 59. — José Baptista (Villa Nova, Alvaiazere).
Lã por lavar tirada do velo, a 260 réis o kilogramma.
Linho gallego, a 300 réis o kilogramma.

N.º 60. — José Barata de Vasconcellos e Silva (Villa Nova, Alvaiazere).
Lã branca por lavar, a 260 réis o kilogramma.

N.º 61. — José Coelho Durães (Porto, rua Formosa, n.º 383 e 385).

Colla liquida.

«Esta colla, diz o expositor, não se deteriora, não exhala mau cheiro; está sempre prompta a ser applicada, por isso que se emprega geralmente a frio, o que representa grande economia de trabalho, tempo e combustivel; consome muito pouco oleo; não precisa ser coada, seja qual for a applicação a que se destine; applica-se nos brancos e não lhes altera a côr; não estala, a nova demão amacia a antecedente e adherem por fórmula tal, que a séca se produz tanto por igual nas duas como se fôra só uma. É convenientissimo mistural-a no estuque; não estala nunca a madeira a que se applica, por muito delgada que esta seja; dá melhor resultado que qualquer outra na factura do betume com gesso ou cré; conserva-se nos trabalhos expostos ao sol, com a applicação do oleo, como em qualquer trabalho interior, e pôde ser applicada sobre qualquer demão de tinta a oleo.

«Esta colla passada a pedra pomes fica muito lisa; é porém conveniente que o gesso seja peneirado.

«A espuma que produz ao ser applicada, em nada a prejudica, pois é resultado da propria composição.»

N.º 62. — José da Silva Monteiro & C.^a (Porto, rua do Infante D. Henrique, n.º 82, 2.º).

Farinhas de trigo.

Produzidas na fabrica *Concordia*, de moagem de trigo a vapor; pelo systema austro-hungaro.

N.º 63. — José Diniz Cabello Vermelho (Niza, freguezia da Senhora da Graça).

Lã por lavar.

N.º 64. — José Gonçalves Ribas (Sabugal).

Linho.

N.º 65. — José Pedro Cardoso (Gavião, freguezia da Amieira).

Linho gallego.

N.º 66. — Luiz Vasques (Amarante, largo de Santa Clara, n.º 6).

Albumina, a 15200 réis o kilogramma.

A materia prima é a clara de ovo, em que emprega 1:800\$000 réis annualmente.

O valor da producção total regula por 2:400\$000 réis.

Os principaes mercados de consumo são: Manches-ter, Londres, Mulhouse, Lyão, Milão, Florença, Barcelona e Lisboa.

N.º 67.—Manuel Bagarro (Niza, freguezia de Alpalhão).

Lã por lavar.

N.º 68.—Manuel Barriga (Niza, freguezia de Alpalhão).

Lã por lavar.

N.º 69.—Manuel Correia (Niza, freguezia do Espirito Santo).

Linho.

Estopa.

N.º 70.—Manuel da Rosa Pereira Barquillo (Gavião, freguezia da Amieira).

Linho mourisco em estriga.

Linho mourisco fiado sem córa.

N.º 71.—Manuel da Silva (Barcellos, rua direita de Barcellinhos).

Vélas de sebo brancas e de cores.

Emprega 6 jornaleiros diariamente.

O preço das vélas quando são para revender é de 2\$600 réis por cada 15 kilogrammas.

N.º 72.—Manuel Ignacio de Sousa Freire Pimentel, agronomo chefe da 2.ª região agronomica (Mirandella).

Casulos produzidos na sirgaria do estado:

Raça mirandeza.

Raça dupiões.

Raça franceza.

Resultado de diversas culturas experimentaes na estação chimico-agricola:

Linho de Riga.

Linho gallego.

Linho real melhorado.
 Linho de Riga melhorado.
 Canhamo.

N.º 73. — Manuel Peres Santos (Porto, rua do Costa Cabral, n.º 99).

Vélas de sebo.

Sebo purificado para exportação.

Sebo para machinas e saboaria.

O preço das vélas e do sebo purificado para exportação é de 3\$000 réis por cada 15 kilogrammas. O do sebo para machinas de 2\$500 réis, e o do sebo para sabão de 2\$300 réis na mesma unidade.

O valor da sua producção annual regula por 5:000\$000 réis, custando-lhe a materia prima, que é o sebo em rama do gado abatido no matadouro, réis 4:200\$000 approximadamente.

Emprega 2 homens com os jornaes de 300 réis e 380 réis.

Os principaes mercados de consumo são o Porto e o Brazil.

N.º 74. — D. Maria do Rosario Pereira Barquilha (Gavião, freguezia da Amieira).

Linho gallego.

Linho gallego fiado sem córa.

Estopa de linho gallego.

N.º 75. — Museu Colonial (Lisboa).

Cabo Verde

Filamentos de quifuge (*Entada scandens*).

Filamentos de cairo.

Filamentos de imbondeiro.

Filamentos de carrapateiro ou ricino (*ricinus communis* L).

Algodão branco com semente, da ilha de S. Thiago.

Algodão branco debulhado, da ilha do Fogo.

Algodão amarello com semente, da ilha do Fogo.

Algodão amarello debulhado, da ilha do Fogo.

Lã commum, da ilha de S. Vicente.

Lã commum negra, da Boa Vista.

Lã commum branca, da Boa Vista.

Lã de imbondeiro, da Boa Vista.

- Lã de bombardeira (*calotropis procera*).
 Gomma de acacia, da ilha de S. Thiago.
 Ursella de arvore, da ilha de Santo Antão.
 Ursella de rocha, da ilha de Santo Antão.
 Ursella estrella, da ilha de Santo Antão.
 Anil em bolas, da ilha de S. Thiago.
 Anil pilado, da ilha do Fogo.
 Anil em vagens, da ilha do Fogo.
 Urucú (*Bixa orellana*), da ilha de S. Thiago.
 Cera animal de primeira qualidade, da ilha de S. Thiago.
 Oleo de côco, da ilha de Maio.
 Oleo de iza- quente (*Streculia africana*), da ilha de Santo Antão.
 Oleo de purgueira (*Curcas purgans*), da ilha da Boa Vista.
 Oleo de purgueira (*Curcas purgans*), da ilha de S. Thiago.
 Oleo de tartaruga, da ilha da Boa Vista.
 Oleo de baleia, da dita ilha.
 Oleo de peixe gata, da ilha de S. Thiago.

Guiné

- Filamentos de calabaceira (*Adansonia digitata*).
 Filamentos de Noxina.
 Gomma elastica, de Cacheu.
 Gomma copal vermelha de primeira qualidade, de Cacheu.
 Oleo de côco (*Cocos nucifera*), de Bissau.
 Oleo de cola (*Sterculia sp.*), de Bissau.
 Oleo de palmeira (*Elæis guineensis*), de Bissau.
 Oleo de carrapato (*Ricinus communis*), de Bissau.
 Anil pilado, de Cacheu.
 Anil em massa, de Bissau.

S. Thomé

- Filamentos de tabaque.
 Filamentos de urtiga trepadeira.
 Algodão branco debulhado.
 Lã de palmeira.
 Lã de occa.
 Oleo de côco.
 Oleo de safre (*Canarium edule*).
 Oleo de palmeira.

Angola

- Casulos de seda, de Benguella.
 Filamentos de mundondo (*Chloriocodon sp.*), do Golungo Alto.
 Filamentos de ife, de Cazengo.
 Filamentos de ananazeiro, do duque de Bragança.
 Filamentos de coqueiro (*Cocos nucifera*), de Novo Redondo.
 Filamentos de bananeira, do Golungo Alto.
 Filamentos de quibosa, (*Hibiscus sp.*), do Dombe Grande.
 Filamentos de quifuci, do Golungo Alto.
 Filamentos de quiribori amarello, do duque de Bragança.
 Filamentos de cairo, de Novo Redondo.
 Filamentos de imbondeiro, de Icolo e Bengo.
 Algodão branco com semente, de Icolo e Bengo.
 Algodão branco com semente, do Dombe Grande.
 Algodão branco com semente, do Alto Dande.
 Algodão branco com semente, de Benguella.
 Algodão branco com semente, de Loanda.
 Algodão branco debulhado, de Mossamedes.
 Algodão branco debulhado, de Cassengo.
 Algodão branco debulhado, de Novo Redondo.
 Algodão branco em capsulas, de Mossamedes.
 Algodão amarello com sementes, da barra do Bengo.
 Lã de palmeira, de Novo Redondo.
 Mecha de mafuma (*Bomba buonopozense*), do Congo;
 Borracha, de Cassange.
 Borracha de primeira qualidade, de Cassange.
 Borracha de segunda qualidade, de Ambriz.
 Borracha, de Cacongo.
 Borracha, do Alto Dande.
 Gomma copal de primeira qualidade, do Alto Dande.
 Gomma copal de segunda qualidade, do Alto Dande.
 Gomma copal amarella, do Alto Dande.
 Gomma copal branca, de Cassange.
 Gomma copal branca de primeira qualidade, de Benguella.
 Gomma copal vermelha de primeira qualidade, de Benguella.
 Gomma arabica, do Dombe Grande.
 Gomma arabica, de Mossamedes.
 Urzella de arvore, de Benguella.

Urzella de rocha, de Benguella.
 Urzella estrella, de Mossamedes.
 Anil em folhas, de Mossamedes.
 Anil em pó, de Mossamedes.
 Urucú, de Mossamedes.
 Urucú, de Benguella.
 Cera animal de primeira qualidade, de Cambambe.
 Cera animal de primeira qualidade, de Novo Redondo.
 Oleo de côco, de Ambaca.
 Oleo de palmeira, de Novo Redondo.
 Oleo de umpeque ou umbinge (*Ximenia americana*),
 de Mossamedes.
 Oleo de palmeira, do Alto Dande.
 Oleo de amendoim ou ginguba (*Arachis hypogæa*).
 Oleo de gergelim (*Sesamum indicum*).
 Tabaco liumbu (*Canabis sativa*), de Mossamedes.

Moçambique

Filamentos de cairo.
 Filamentos de coqueiro.
 Filamentos de canigi.
 Borracha, de Lourenço Marques.
 Borracha, de Quelimane.
 Gomma copal, de Quelimane.
 Gomma copal vermelha, de Cabo Delgado.
 Planta de anil.
 Cera animal.
 Oleo de amendoim, da Zambezia.
 Oleo de côco, da Zambezia.
 Oleo de carrapato (*Ricinus communis*), de Tete.
 Oleo de gergelim.
 Cera vegetal, de Lourenço Marques.

India

Filamentos de linho (*Linum usitatissimum*), de Bardez.
 Filamentos de canhamo, de Pondá.
 Filamentos de quiló (não curtido), de Pondá.
 Filamentos de casca de combió.
 Filamentos de rabendó.
 Filamentos de piddó, de Pondá.
 Filamentos de piteira, de Damão.

Filamentos de palmeira brava, de Salsete.
 Filamentos de coqueiro, de Salsete.
 Filamentos de goffé (*Musanga Smithii*), de Bardez.
 Filamentos de quiabo bravo, de Bardez.
 Filamentos de quiló, de Bardez.
 Filamentos de coqueiro, de Bardez.
 Filamentos de puna, de Goa.
 Filamentos de pundá, de Goa.
 Filamentos de gamuti, de Goa.
 Algodão branco debulhado, de Bardez.
 Algodão amarello, de Goa.
 Cera animal de segunda qualidade, de Goa.
 Oleo de côco, de Pondá.
 Oleo de puna vermelha (*Sterculia foetida*).

Macau

Amostras de seda.

Timor

Urzellas de arvore e estrella.
 Cera animal de segunda qualidade.
 Duas pontas de marfim (elephante) tendo uma 2^m,20
 de comprimento, com o valor de 250\$000 réis.

N.º 76. — Peres Berhard & C.^a (Porto).

Oleo de linhaça (branco, especial para verniz).
 Oleo de purgueira.
 Oleo de ricino.
 Oleo de colza.
 Oleo de sesamo.
 Oleo de linhaça (fervido).
 Oleo de linhaça (cru).
 Oleo de peixe (bruto).
 Oleo de peixe (depurado).
 Massa de linhaça.
 Massa de sesamo.
 Massa de amendoim.
 Massa de purgueira.
 Massa de colza.
 Massa de ricino.

Estas massas, feitas com residuos da fabricação dos
 oleos, são excellentes para a alimentação dos gados.

N.º 77.—Quinta Districtal do Porto (Alentem, concelho de Louzada — Joaquim Augusto Lima, Porto, rua Sá de Noronha).

Lã lavada.

Lã por lavar.

Cera.

N.º 78.—Rufino Caldeira (Niza, freguezia da Senhora da Graça).

Linho gallego.

N.º 79.—S. A. Guerra (Freixo de Espada á Cinta).

Sementes do bicho de seda.

Frasco contendo o bicho da seda depois de nascido.

Frasco contendo o bicho da seda depois da primeira muda.

Frasco contendo o bicho da seda depois da segunda muda.

Frasco contendo o bicho da seda depois da terceira muda.

Frasco contendo o bicho da seda depois da quarta muda.

Chrysalidas.

N.º 80.—Visconde de Alter (Alter do Chão).

Lã branca, a 2\$600 réis cada 15 kilogrammas.

CLASSE 4.^a

Alimentos preparados para longa conservação

N.º 81. — Adelino Pinto (Coimbra, bairro de Celas).

Doces de fructas, a saber :

Qualidades e quantidades	Preços
500 grammas de pera.....	\$300
500 grammas de pecego.....	\$250
500 grammas de abrunho.....	\$250
500 grammas de laranja.....	\$165
500 grammas de chila.....	\$170
500 grammas de cabaço.....	\$190
500 grammas de damasco.....	\$340
7 bocetas, cada uma para 500 grammas de doce.....	\$700
500 grammas de murcellas, imitação das de Arouca.....	\$300
Caixa para as ditas.....	\$050
170 grammas de ameixa com caroço...	\$090
Um boião.....	\$070

Occupa n'esta industria 1 homem, 2 mulheres e 1 creança.

Nos mezes de junho a outubro, epocha da fabricação do doce de fructa, emprega mais 6 mulheres.

O preço dos jornaes para os homens, regula de 400 réis a 500 réis, para as mulheres, de 120 a 140 réis e para as creanças, de 80 réis.

Os mercados de consumo são: Lisboa, Porto, Figueira da Foz, Covilhã, Coimbra, etc.

Teve menção honrosa na exposição de Lisboa de 1888.

Os preços fixados são muito superiores aos do anno passado, por ser a fructa n'este muito mais cara.

N.º 82. — Alexandre G. Ribas.
Manteiga.

N.º 83. — Andrades Villares (Porto, rua Formosa, n.º 351).
Biscoitos.
Bolachas.
Massas alimenticias.

N.º 84. — Anna Augusta Ribeiro de Portugal (D.) (Nellas).
Manteiga.

N.º 85. — Antonio Augusto Soares de Sousa Cirne. (Porto, rua das Taipas n.º 42).
Azeite de 1890.

É produzido na quinta do expositor, denominada do Terço, situada na freguezia de Paços de Gaiolo, concelho do Marco de Canavezes.

O expositor faz a seguinte observação: «a ferrugem, que muito persegue as oliveiras n'aquella margem do rio Douro, faz com que o rendimento seja muito irregular; annos porém tem havido em que colho 700 a 750 litros d'este azeite.

«O que exponho é feito a frio, sem que na sua manipulação entre calor de agua ou fogo. É fabricado n'uma azenha antiquissima, por não haver na localidade machinismo moderno.»

O preço da garrafa d'este azeite é de 500 réis.

N.º 86. — Antonio Dias Themido (Coimbra, rua do Ferreira Borges, n.º 133).

Productos que expõe:	Preços no local da produção
1. Creme de rosa	\$400
2. Creme de tangerina	\$400
3. Creme de canella	\$360
4. Creme de Riga	\$500
5. Creme de laranja	\$360
6. Absintho de Bordeaux.....	\$400
7. Licôr de ginja.....	\$360
8. Licôr de ananaz.....	\$320
9. Licôr de lyrio florentino.....	\$280
10. Licôr de café.....	\$300

	Preços no local da produção
11. Licôr de aniz escarchado.....	\$400
12. Cognac.....	\$500
13. Aguardente de vinho.....	\$240
14. Aguardente de vinho (anizada)...	\$300
15. Geropiga.....	\$200
16. Azeite.....	\$200

Estes preços são no local da produção.

Foi este estabelecimento fundado em 1872.

Emprega no seu fabrico 4 homens, sendo os jornaes entre 200 réis e 240 réis.

O valor da sua produção annual regula por 3:000\$000 réis. Os mercados d'estes productos são as principaes póvoações do continente do reino, as ilhas adjacentes e as de S. Thomé e Príncipe.

Foi premiado com medalhas de cobre nas exposições de Coimbra (1869), Paris (1878), Lisboa (1884 e 1888); medalha de prata na exposição de Philadelphia (1876); medalhas de oiro nas exposições de Vienna de Austria (1873), Coimbra (1884) e com varios diplomas de menção honrosa.

N.º 87.— Antonio Manuel de Sequeira (Porto, rua das Fontainhas, n.º 167).

Azeite da quinta de Santa Magdalena (Rio Torto) em Ervedosa do Douro, concelho de S. João da Pesqueira.

Preço no Porto, 8\$000 réis cada 25 litros. Produção annual, 10 pipas. Menção honrosa na exposição de Paris em 1889.

N.º 88.— Augusto Leal de Gouveia Pinto (Miranda do Corvo).

Manteiga de vacca a 860 réis o kilogramma.
Queijo.

N.º 89.— Bento Joaquim Ladeira (Coimbra, Bairro de Cellas).

Caixa de 5 kilogrammas de doce de quatro fructos differentes, a 3\$500 réis.

Caixa de 2 kilogrammas de doce de alperche, a 1\$700 réis.

- Caixa de 2 kilogrammas de doce de damasco, a 1\$620 réis.
 Caixa de 2 kilogrammas de doce de pecego, a 1\$520 réis.
 Caixa de 2 kilogrammas de doce de pera, a 1\$520 réis.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 90. — Bernardo de Castro Portugal (Porto, rua dos Martyres da Liberdade n.º 310).

- Azeite de 1889.
 Azeite de 1890.
 Vinagre de 1887.
 Vinagre de 1890.
 Azeitonas de conserva.

O valor annual da sua producção regula por 500\$000 réis.

N.º 91. — Cardoso & Costa (Porto, travessa de S. Sebastião, n.ºs 31 a 35).

Massas alimenticias das seguintes qualidades:

- Argolinha.
 Cuscus.
 Estrellinha.
 Lazanha.
 Lazanha em fio.
 Letras.
 Aletria amarella.
 Aletria fina.
 Aletria grossa.
 Macarrão.
 Macarrão cortado.
 Macarrão de côr.
 Macarrão do entrudo.
 Macarrão do natal.
 Pevide.
 Talharim.

O valor da producção annual d'esta fabrica regula por 25:000\$000 réis.

Occupa diariamente 10 jornaleiros com o vencimento de 500 réis.

Emprega uma machina motora a gaz da força de 6 cavallos.

Os mercados em que se consomem os seus productos são Portugal e Africa.

N.º 92. — Christiano Van-Zeller (Porto, rua do Campo Alegre, 28).

Manteiga fabricada na sua quinta dos Fiaes, situada na freguezia de Avintes, concelho de Villa Nova de Gaia.

As raças productoras do leite são as de Jersey e Alderney. O machinismo de que usa consiste na desnatadeira centrifuga *Victoria* e na barata *Expeditiva*.
Emprega motor hydraulico.

N.º 93. — Clemente Meneres & C.^a (Porto, calçada de Monchique n.º 17).

Azeite, a 300 réis o litro.

Mel, a 360 réis o frasco.

Cognac *Tamarez*, a 10\$000 réis a caixa de duzia.

O azeite e o mel são produzidos nas suas propriedades de Jerusalem e do Romeu em Mirandella. O *cognac* é da quinta da Campina em Faro.

Ácerca d'este ultimo producto, diz o agronomo director da escola pratica de agricultura de Faro sr. Alexandre de Sousa Figueiredo, que é o dono da sobredita quinta, o seguinte:

«A verdadeira e afamada aguardente franceza, conhecida em todo o mundo pelo nome de cognac, é simplesmente o producto da distillação de um vinho branco especial da região de Cognac. A quantidade que se produz d'esta aguardente é insignificante em relação do enorme commercio e consumo universal dos productos vendidos com aquelle nome.

«Depois da invasão phylloxerica em França o verdadeiro cognac é rarissimo; o pouco que se fabrica vae para a Russia e Inglaterra por preços fabulosos. Em regra o cognac que se encontra no mercado é um producto cuja materia prima é o alcool de cereaes ou de beterraba, aromatisado com diversas drogas mais ou menos prejudiciaes á saude. Os effeitos organolepticos dos alcooes industriaes são bem conhecidos. Comquanto a sua formula chimica seja identica á do alcool de vinho, é certo que para poderem ser apresentados no commercio é necessario serem distillados a uma elevadissima graduação, tratados e corrigidos com varios reagentes chimicos para se lhes

dissimilarem as impurezas, especialmente o alcool amilico e o furfurol de que vem impregnados.

«Basta comparar o effeito da embriaguez pela boa aguardente de vinho com a produzida por esses alcooes. No primeiro caso a embriaguez passa em algumas horas sem deixar vestigios, no segundo caso, depois de uma violenta excitação de todo o systema nervoso, vem a lethargia comatosa seguida de fortes e dolorosas perturbações cerebraes que persistem por longo tempo.

«Os doentes, a quem a medicina aconselha o uso do cognac com leite para combater as affecções bronchiaes e pulmonares, vêem-se quasi na impossibilidade de obterem uma bebida acceitavel, isenta de alcooes venenosos.

«Tendo nós em Portugal a melhor materia prima para o fabrico de aguardente, pelo menos igual á mais fina da região de Cognac, é realmente irrisorio que a ingenuidade portugueza prefira e pague por elevadissimo preço essas bebidas de origem suspeita que a arte do reclame tem introduzido no consumo publico, cujo valor real os mais abalisados œnologos francezes nos têm feito conhecer.

«No tratado classico de distillação de mr. Basset, pag. 545, lê-se o seguinte:

«Il est très difficile pour ne pas dire impossible de «trouver à Paris dans les magasins qu'alimentent la «consommation courante, un litre d'eau de vie des Charentes (Cognac) pure d'origine. Ce qui est honteux et «ignobile ce n'est pas de faire des eaux de vie de consommation avec des alcools de vin, de fécule ou de «betterave, c'est de vendre ce produit pour de l'eau «de vie de vin, pour du cognac. Nous avons goûté et «analysé une eau de vie vendue comme Fine Champagne payé 10 francs le litre, que n'était que l'eau de «vie de betterave masquée par une sauce impossible, «valait franc 1,50 verre compris.»

«Dando-se estes factos em França o que succederá em Portugal?

«Um grande fabricante de cognac, cuja marca é muito conhecida e apreciada em Portugal, possui proximo de Paris uma grande fabrica de distillação de beterraba, cujo alcool é a materia prima dos productos que nos vende.

«Ha no Algarve uma variedade de uva conhecida

pelo nome de Tamarez, que produz um vinho branco de uma suavidade e aroma delicioso, é evidente que, conseguindo-se distillal-o em condições taes que a suavidade e fragancia passem á aguardente, teremos um producto de primeira ordem.

«Pela distillação no vacuo dirigida segundo as regras da sciencia, julgâmos ter conseguido o fim proposto.

«Aos entendedores, pedimos se dignem confrontar o producto que apresentâmos ao publico com os seus similares estrangeiros.»

Foi premiado nas exposições de Philadelphia (1876), Lisboa (1884 e 1888) e Paris (1889).

N.º 94.— **Commissão Geral da Cultura do Tabaco no Douro** (Porto, rua Formosa, n.º 335).

Tabaco Havano, em manocas.

Tabaco General Grant, em manocas.

Cigarros.

Charutos.

Todo este tabaco é produzido no Douro.

N.º 95.— **Companhia Fabricadora de Azeite Nacional, successora de A. Gil** (fabrica de Santa Catharina, Extremoz; director tecnico A. Gil).

Azeite. Preço por litro 300 réis.

O valor annual da producção é de 15:000\$000 réis a 20:000\$000 réis.

Alem d'este azeite para prato, tem outros azeites mais baixos, regulando o seu custo de 200 réis a 240 réis cada litro.

Occupa n'este fabrico 12 homens, cujos jornaes oscillam de 340 réis a 600 réis, e emprega uma machina a vapor da força de 12 cavallos, 3 moinhos e 16 prensas.

Serve-se da azeitona da localidade e das terras vizinhas.

Os principaes mercados são: Lisboa, a fabrica de conservas de Setubal, o Algarve, o Porto, as ilhas adjacentes, a Africa e o Rio de Janeiro.

Obteve diploma de 1.ª classe na exposição portuense de 1887, medalha de oiro na exposição de Lisboa

em 1888, na de Paris em 1889 e na de Barcelona em 1888, sendo esta ultima medalha de oiro a unica conferida aos azeites portuguezes que ali concorreram.

N.º 96.—Companhia União Fabril Portuense
(Porto, fabrica na rua da Piedade n.º 156 e deposito nas ruas do Laranjal e de D. Pedro).

Cerveja exportação.
Cerveja allemã.
Cerveja Pilsener.
Cerveja Serpa Pinto.
Cerveja preta.
Gazosas.
Aniz escarchado.
Aguardente de vinho.
Cognac.
Kummel crystallizado.
Limonadas.
Refrigerantes de ananaz.
Refrigerantes de framboeza.
Refrigerantes de morango.
Refrigerantes de groselha.
Refrigerantes de limão.
Rhum.
Licor de canella.
Licor de cravo.
Licor creme estomacal.
Xarope de ananaz.
Aguardente de bagaço.
Genebra.
Siphões.

O valor da producção annual d'esta fabrica regula por 60:000\$000 réis.

O numero de operarios que occupa diariamente é variavel de 30 a 100, sendo os seus jornaes de 320 a 2\$000 réis.

Emprega dois motores a vapor perfazendo a força de 20 cavallos.

As materias primas provém de França e da Allemanha, no valor approximado de 8:000\$000 réis.

Os productos são consumidos em Portugal e suas colonias.

Foi premiada com medalha de oiro na exposição de Lisboa em 1888.

N.º 97 — Companhia União Industrial Lisbo-
nense (Lisboa, rua Vinte e Quatro de Julho).

- Cerveja de exportação.
- Cerveja portugueza.
- Cerveja allemã.
- Cerveja americana.
- Xarope natural.
- Xarope de ananaz.
- Xarope de banana.
- Xarope de orchata.
- Xarope de groselha.
- Xarope de morango.
- Xarope de salsaparilha.
- Xarope de capilé.
- Xarope de canella popular.
- Xarope de tangerina popular.
- Xarope de ginja popular.
- Xarope de tangerina.
- Xarope de laranja.
- Xarope de limão.
- Canna branca.
- Granito.
- Granito superior.
- Aniz.
- Aniz escarchado.
- Licor de amendoa.
- Licor de hortelã pimenta.
- Kummel crystal.
- Creme de chartreuse.
- Creme superior.
- Creme rosa.
- Genebra Fockink.
- Genebra Medalhas.
- Limonadas gazosas.
- Canella em pó.
- Pimenta em pó.
- Chocolates.
- Amendoas.
- Grangeia.
- Café moido, n.º 1.
- Café moido, n.º 2.
- Café moido, n.º 3.
- Café moido e quebrado, especial.

Occupa esta fabrica 40 homens e 22 mulheres, ga-

nhando aquelles de 400 réis a 15800 réis diarios e estas de 200 réis a 800 réis.

Emprega um motor da força de 40 cavallos.

O valor da producção annual regula actualmente por 120:000\$000 réis, mas póde elevar-se ao dobro, logo que o consumo o permitta.

Os principaes mercados para os seus productos são Portugal e as ilhas adjacentes.

Tem obtido sete medalhas em diferentes exposições.

N.º 98. — Conde de Alpendurada (Lamego).

Azeite.

Os preços d'este azeite no deposito do Porto, rua Formosa, n.ºs 99 a 103, são os seguintes :

	Azeite de Alpendurada	Azeite do Douro
Almude de 25 litros	10\$000	9\$000
Canada de 2 litros	\$900	\$760
Quartilho de 0,5 litro	\$240	\$200
Garrafa	\$450	\$400

O azeite de Alpendurada provém da quinta de Alpendurada, situada no concelho do Marco de Canavezes ; o do Douro é das propriedades que o expositor possui na região vinhateira do Alto Douro.

Foi premiado na exposição de Paris de 1889.

N.º 99. — Conde de Caria (Gouveia).

Manteiga.

N.º 100. — Conde de Thomar (Lisboa).

Azeite.

Premiado nas exposições de Londres (1851), do Porto (1865) e de Paris (1878).

N.º 101. — Costa & Carvalho (Setubal).

Conservas de sardinha em latas de $\frac{1}{4}$ e de $\frac{1}{2}$.

As primeiras vendem-se no local da producção a 800 réis e as segundas a 15200 réis, mas por caixas de 100 latas e em quantidade, tem maior ou menor preço, consoante a abundancia de peixe nos mercados e o preço do estanho e da folha. No entanto, póde calcular-se o preço de cada caixa de $\frac{100}{4}$ entre 3\$900

e 4,500 réis e cada caixa de $100/2$ de 6,500 a 7,500 réis postas a bordo em Setubal.

A produção annual é muito incerta em rasão da falta de peixe, mas em anno regular póde produzir de 10:000 a 12:000 caixas de 100 latas.

Emprega a fabrica 22 homens e 63 mulheres, sendo de 1,500 réis o preço maximo do jornal dos primeiros, e de 600 réis o das segundas; os preços minimos são respectivamente de 600 e de 300 réis. O seu trabalho é de empreitada e pago ás horas.

O valor da produção annual regula de 40:000\$000 a 50:000\$000 réis.

Os principaes mercados de consumo são os estrangeiros e especialmente os francezes e inglezes.

Obteve medalha de cobre na exposição de Lisboa em 1888.

N.º 102.—Escola Elementar de Agricultura Pratica (Santarem).

Manteiga.

Queijos.

N.º 103.—Escola Pratica Central de Agricultura (Coimbra).

Manteiga de leite da raça Jersey.

Manteiga de leite da raça Alderney.

Manteiga de leite da raça cruzada Alderney-Jersey.

Manteiga feita com a mistura de leite da raça Jersey com o da raça Alderney.

N.º 104.—Escola Pratica de Agricultura em Vizeu (Vizeu).

Manteiga.

Queijo flamengo.

N.º 105.—Espirito Santo Areosa & C.^a (Coimbra, rua do Caminho de Ferro).

Trinta e uma variedades de massas alimenticias.

Occupu esta fabrica, denominada *Confiança*, 21 homens, 16 mulheres e 7 creanças, sendo os jornaes dos primeiros entre 240 réis e 1,500 réis, os das segundas de 110 réis a 130 réis e os das terceiras de 90 réis a 140 réis.

Emprega uma machina de vapor da força de 45 cavallos.

Os principaes mercados dos seus productos são Portugal e Brazil.

O expositor é dono d'esta fabrica ha menos de um anno e o seu antecessor obteve medalhas de oiro e de prata nas exposições de Philadelphia, París, Barcelona e Lisboa.

N.º 106. — Fabrica Nacional de Chocolate a Vapor de José Antonio Monteiro (Porto, praça da Ribeira n.º 17).

Chocolates.

Preços: de 300 a 700 réis por cada 500 grammas.

Esta casa foi fundada em 1868.

Foi premiada nas exposições de París (1888) e do Porto (1887).

N.º 107. — Francisco Antonio Cabrera (Evora).

Aguardente Cabrera, a 280 réis o litro.

Aguardente Nova Evora, a 400 réis o litro.

Aguardente de Evora, a 140 réis o litro.

Escarchado, a 400 réis a garrafa.

Genebra, a 360 réis a botija.

Cognac de vinho, a 400 réis a garrafa.

Xarope de vinho, a 600 réis a garrafa.

A produção annual regula por 400 litros do primeiro d'estes productos, 200 do segundo, 1:000 do terceiro, 100 garrafas do quarto, 100 botijas do quinto, 100 garrafas do sexto e 50 do setimo.

Obteve medalha de prata na exposição de Lisboa em 1888.

N.º 108. — Francisco Barros Coelho e Campos (Vizeu, Forminhão).

Manteiga.

N.º 109. — Francisco Caetano Ribeiro (Dr.) (Villa Nova, Alvaiazere).

Queijo de 1891, conservado em azeite, a 400 réis o kilogramma.

N.º 110. — Francisco da Paz Mendes (Villa Nova de Portimão).

Figos superiores lavados.

Foi premiado com medalha de oiro na exposição de Lisboa de 1888, menção honrosa na de Lisboa de 1885 e diploma de honra na de Paris de 1889.

N.º 111. — Francisco José (Guarda, Jarmello).
Manteiga.

N.º 112. — Francisco Julio Cascaes (Porto, rua de Santo Antonio, n.ºs 231 a 235).
Fructas crystallizadas e outros artigos de confeitaria.

N.º 113. — Francisco Pinto Teixeira (Castro Daire).
Manteiga.

N.º 114. — Francisco Saraiva da Costa Ribeiro (Ceia).
Genebra.

O seu preço é de 500 réis o frasco no local da produção, regulando esta annualmente por 300\$000 réis.

N.º 115. — Francisco Simões Baião (Cabaços, Alvaiazere).
Queijo de 1891, conservado em azeite, a 400 réis o kilogramma.

N.º 116. — João Antonio Franco Frazão (Dr.) (Fundão, freguezia de Capinha).
Queijo de leite de vacca.

N.º 117. — João Ferreira (Porto, rua do Barão de S. Cosme, n.º 78).

Café moido especial, a 960 réis o kilogramma.

Café flor moido especial, a 900 réis o kilogramma.

Café flor superior, a 800 réis o kilogramma.

Chocolate superior, a 1\$000 réis o kilogramma.

Café flor de 1.^a, a 405 réis o kilogramma.

Café flor de 2.^a, a 320 réis o kilogramma.

Chocolate de 2.^a, a 346 réis o kilogramma.

Chocolate de 3.^a, a 277 réis o kilogramma.

Chocolate superior a 400 réis o pacote de 250 grammas.

Café chicoria de 1.^a, moido, a 150 réis o kilogramma.

- Café chicoria de 2.^a, gránulado, a 140 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 1, a 200 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 2, a 300 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 3, a 400 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 4, a 500 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 5, a 600 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 6, a 700 réis o kilogramma.
- Café moído de todas as procedencias, n.º 7, a 800 réis o kilogramma.
- Café nacional, a 100 réis o kilogramma.

Esta fabrica existe ha seis annos e a sua producção annual regula de 12:000\$000 a 15:000\$000 réis.

N.º 118.—João Lopes da Costa Rego (Dr.) (Chão de Couce, Figueiró dos Vinhos).
Queijos a 400 réis.

N.º 119.—Joaquim Augusto Ferraz de Menezes (confeitaria Lisbonense, Porto, rua Formosa, n.º 394).
Marmelada, a 520 réis o kilogramma.
Marmelada, a 440 réis o kilogramma.
Côco crystallizado, a 700 e 800 réis o kilogramma.
Maracujá crystallizado, a 700 réis o kilogramma.
Pera crystallizada, a 600 réis o kilogramma.
Doce de pera, a 520 réis o kilogramma.
Doce de bolina, a 600 réis o kilogramma.
Doce de ameixa, a 400 réis o kilogramma.
Batata da ilha, a 520 réis o kilogramma.
Cidrão, a 700 réis o kilogramma.
Pastilhas de ameixa, a 1\$000 réis o kilogramma.
Torrão de dama, a 1\$200 réis o kilogramma.
Ginja de calda, a 520 réis o kilogramma.
Caixas de doce de fructas, a 1\$000, 1\$200, 1\$500 réis e mais preços.
Fôrmas de assucar candi, a 440 réis o kilogramma.
Fôrmas de assucar rosa, a 500 réis o kilogramma.
Alem d'estes expõe muitos outros productos de confeitaria.

N.º 120. — Joaquim Philippe Pitta e João Manuel Fernandes (concelho de Redondo).

Cereaes, hydromel e aguardente de mel.

N.º 121. — Joaquim Ribeiro e Silva (Albergaria a Velha, rua de Santo Antonio).

Expõe bolachas das seguintes marcas:

Fidelidade, a 480 réis o kilogramma.

Porto, a 340 réis o kilogramma.

Boulevard, a 600 reis o kilogramma.

Café, a 460 réis o kilogramma.

Duquesinho, a 460 réis o kilogramma.

Microbio, a 440 réis o kilogramma.

Morango, a 480 réis o kilogramma.

Monarchia, a 480 réis o kilogramma.

1.º de dezembro, a 480 réis o kilogramma.

Recreios, a 500 réis o kilogramma.

Douro, a 300 réis o kilogramma.

Az de trunfo, a 460 réis o kilogramma.

A fabrica Fidelidade conta apenas a existencia de um anno.

Foi montada no Porto, rua do Bomfim, n.º 642, para estender os seus productos n'esta cidade, e em seguida mudou para Albergaria Velha, por conveniencia do seu proprietario, tornando d'esta fórma a fabricação mais barata.

Occupu 3 homens e 4 mulheres, aquelles com os jornaes de 200 a 300 réis, e estas de 120 a 160 réis.

Emprega uma machina cortadeira systema Alex. & Geo. H. Shght, um brek allemão, um batedor de ovos, de fabricação nacional, e uma machina para crespo, da mesma fabricação.

Valor da producção annual, 7:500,5000 réis.

Principaes mercados de consumo: todo o norte do paiz.

É a primeira exposiçào a que concorre.

N.º 122. — José Augusto Bello (Gouveia).

Queijo da serra da Estrella.

N.º 123. — José Barata Vasconcellos e Silva (Dr.) (Villa Nova, Alvaiazere).

Queijo de 1891, conservado em azeite, a 400 réis o kilogramma.

N.º 124.— José Candido da Silva (Porto, travessa da Fabrica, n.º 40).

Fructas especiaes do Douro, preparadas em doce secco, pelo systema dos conventos do Porto, em bocetas de madeira forradas e em caixas simples ou com luxo.

O preço varia conforme as qualidades, podendo calcular-se actualmente a boceta de 3 arrateis de damasco, de 2\$200 a 2\$800 réis; a de ameixa, de 1\$400 a 1\$700 réis; a de figos, de 1\$000 a 1\$300 réis, e a de pecego, de 1\$500 a 1\$700 réis.

Faz bocetas em todas as marcas, variando os preços com a quantidade de doce e a qualidade dos encaixes.

É inventor do novo systema de enfeitar as bocetas de fructa, por meio de um *bouquet*, que se tira facilmente, não ficando o doce ferido nem em nada deteriorado.

A especialidade do expositor no fabrico d'este doce, é seguir rigorosamente os antigos processos que se usavam nos conventos do Porto.

Garante a sua conservação.

Foi premiado com a unica medalha de oiro destinada ao doce de fructa na exposição pomologica do Porto em 1890.

N.º 125.— José Coelho Dias & C.^a (Porto, rua de S. Pedro de Miragaia, n.º 28).

Conservas alimenticias de ameixa rainha Claudia, chilla, maçã, pera, alperche, uva moscatel, pecego, figo moscatel, damasco, figo, morango, cereja, marmelada, azeitona, massa de tomate, peixe, carneiro com ervilhas, pato com ervilhas, chouriço com favas, Perú assado, costellets de carneiro, mão de vitella com ervilhas, carneiro estufado, porco de Lamego, gallinha com ervilhas, frango assado, etc.

As encommendas fazem-se na fabrica, mas tambem se recebem na rua das Flores (Porto) n.ºs 2 a 6.

N.º 126.— José dos Santos Gamellas & Filho (Aveiro, praça do Commercio, n.ºs 33 a 35).

Conservas de peixe.

Ovos molles.

Doces de fructas.

Doces de ovos.

N.º 127. — José Pereira Prista (Thomar, rua Direita da Vargem Grande).

Azeite, em latas, para exportação.

N.º 128. — José Tiberio de Reboredo Sampaio e Mello (Conselheiro).

Aguardente de 1885.

Aguardente de 1890.

A sua produção actual tem regulado de oito a dez pipas.

Emprega na distillação uma machina do systema Collares, com refrigerante de agua.

O vinho que usa n'este fabrico é todo seu.

N.º 129. — Leandro José da Silva (Coimbra, rua dos Sapateiros).

Cognac.

Granito.

Escarchado.

Creme de café.

Creme de rosa.

Creme de baunilha.

Creme de cacau e baunilha.

Creme de tangerina.

Creme de laranja.

Creme Avenida.

Creme Fonte dos Amores.

Creme Portugal.

Creme Coimbra.

Creme Flor do Mondego.

Creme de ginja.

Creme de morango.

Creme de ananaz.

Preço no local da produção, 400 réis a garrafa.

Valor da produção annual, 3:000\$000 réis.

Menção honrosa na exposição em Lisboa de 1888.

N.º 130. — Luiz Fortunato de Assumpção Nunes (Elvas, rua da Cadeia, n.ºs 37 e 38-A).

Azeite a 2\$250 réis o decalitre.

Vinagre a 600 réis o decalitre.

Azeitona da colheita de 1890, a 1\$000 réis o decalitre.

Azeitona da colheita de 1891, a 950 réis o decalitro.

Mel da colheita de 1890, a 4\$000 réis os 15 kilogrammas.

Foi premiado com menções honrosas nas exposições de Lisboa (1888) e Paris (1889) e com medalha de cobre na de Philadelphia.

N.º 131.—Madeira & Sobrinho (Porto, avenida de Saraiva de Carvalho, n.º 86).

Cognac nacional.

Licores.

Genebras nacionaes.

Aguardentes.

N.º 132.—Manuel Pereira Gomes (Lisboa, rua de S. Pedro de Alcantara, n.ºs 29 a 31).

Conserva sortida, a 160 réis o frasco, em Lisboa.

Conserva de pepinos, a 200 réis.

Conserva de cebolas, a 150 réis.

Conserva de perrechil, a 160 réis.

Conserva de couve de Bruxellas, a 200 réis.

Conserva sortida, com mostarda, a 200 réis.

Lampreia em escabeche, a 1\$000 réis a lata e a 240 réis o quarto de lata.

Dita guizada, a 1\$200 réis, e a 280 réis o quarto de lata.

Massas de carnes e peixes, a 130 réis.

Feijoadá á brazileira, a 360 réis.

Mostarda preparada, a 90 réis o frasco.

Molhos para carnes e peixes, a 120 réis.

Azeitonas de Sevilha, a 280 réis.

Lulas, a 160 réis a lata.

Dobrada, a 240 réis a lata.

Farinhas de legumes, a 75 réis o pacote.

Café de azinha, a 90 réis o pacote.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa (1888), medalhas de cobre nas de Lisboa (1884 e 1888), Porto (1887), tres medalhas de bronze na de Paris (1889), e menções honrosas nas de Lisboa (1884 e 1888).

N.º 133.—Marcellino dos Reis Guimarães e Vasconcellos, (Padre) (S. Pedro do Sul).

Manteiga.

N.º 134. — Maria do Livramento Gomes de Mattos (D.) (Porto, rua de Cima de Villa).

Doce de fructas.

Caixas de ameixa redonda, enfeitadas, de 1\$800 a 12\$000 réis.

Caixas de ameixa comprida, enfeitadas, a 3\$000 e 5\$000 réis.

Caixas de figo, enfeitadas, a 2\$000 réis.

Caixas de pecego, enfeitadas, a 2\$000 réis.

Caixas de damasco, enfeitadas, a 2\$500 réis.

Caixas de ameixa, por enfeitar, a 1\$400 réis.

Caixas de ameixa, sem caroço, enfeitadas, a 1\$600 réis.

Occupa no fabrico d'este doce 2 homens e 7 mulheres, ganhando aquelles diariamente 240 e 460 réis, e estas de 100 a 200 réis.

O valor da sua producção annual regula por 6:000\$000 réis.

O consumo é feito no paiz.

Foi premiada na exposição de Philadelphia (1876), Paris (1878), Rio de Janeiro (1879), e na horticola do Porto.

N.º 135. — Miguel Dantas Gonçalves Pereira (Paredes de Coura).

Manteiga, com sal, a 1\$100 réis o kilogramma.

Manteiga, a meio sal, a 1\$100 réis o kilogramma.

Manteiga, sem sal, a 1\$200 réis o kilogramma.

Queijo de leite de vacca *Port-Salut*, a 550 réis o kilogramma.

Deposito no Porto, na rua de Cedofeita, n.º 322, e em Lisboa, na rua das Gallinheiras, n.º 19.

Tambem tem depositos em Braga, Guimarães, Vianna do Castello, Barcellos, Arcos de Val de Vez, Monção, Ponte da Barca, Valença e outras povoações do reino.

N.º 136. — Museu colonial (Lisboa).

Tabaco (em rolo), da ilha de Santo Antão.

Tabaco (em folha), da Guiné.

Tabaco (em manoca), do Dande.

Tabaco (em folha), de Ambriz.

Tabaco (em rolo), de Novo Redondo.

Tabaco (em estriga), de Ambaca.
 Tabaco (em bola), de Mossamedes.
 Charutos, de Loanda.
 Cigarros *bec pan*, de Macau.
 Cigarros *sió röm*, de Macau.

N.º 137.—Moreira & C.^a (Porto, rua do Lindo Valle, n.º 7).

Genebra nacional, a 400 réis a botija; em caixas, a 8\$000 réis.

Occupa na sua fabrica 3 jornaleiros, cujos salarios variam de 360 a 600 réis.

Emprega dois alambiques grandes.

O valor da sua producção annual é de 10:000\$000 réis, pouco mais ou menos.

O consumo faz se no Porto e nas provincias.

Foi premiado com medalha de cobre na exposiçáo de Lisboa (1884), diploma de 1.^a classe, na do Porto (1887) e uma medalha na de Lisboa (1888).

N.º 138.—Natividade & C.^a (Alcobaça).

Conservas de fructas em latas:

Alperche, 200 réis.

Ameixa, 140 réis.

Cereja, 150 réis.

Damasco, 180 réis.

Ginja, 140 réis.

Maçã, 140 réis.

Morango, 200 réis.

Marmello, 150 réis.

Pecego, 200 réis.

Rainha Claudia, 180 réis.

Pera, 140 réis.

Uva, 160 réis.

Para revender (a prompto pagamento) em caixas sortidas:

Em caixas de 50 latas, 7\$500 réis.

Em caixas de 25 latas, 4\$000 réis.

Em caixas de 12 latas, 2\$250 réis.

Occupa de 7 a 16 operarios, que ganham de 180 a 240 réis diarios.

As fructas são todas de Alcobaça.

Os mercados de consumo são os do paiz e da Africa.

É a primeira exposiçáo a que concorre.

N.º 139.—Nobre & C.^a (Lisboa, rua dos Fanqueiros, n.º 128).

Creme do Porto, a 320 réis a garrafa.

Creme de Lisboa, idem.

Creme de Portugal, idem.

Escarchado, a 400 réis a garrafa.

Granito, a 320 réis a garrafa.

Dynamite, idem.

O expositor tem o privilegio de invenção das tres marcas de creme.

N.º 140.—Oliveira Braga & C.^a (Porto), rua de Santa Catharina, n.ºs 232 e 234.

Chocolate de primeira qualidade, a 800 réis o kilogramma.

Chocolate de segunda qualidade, a 500 réis o kilogramma.

Chocolate de terceira qualidade, a 400 réis o kilogramma.

Pastilhas de chocolate de tres qualidades, a 800 réis o kilogramma.

Occupa 3 operarios no seu fabrico.

N.º 141.—Quinta Districtal do Porto (Alentem, concelho de Louzada — Joaquim Augusto Lima, Porto, rua Sá de Noronha).

Aguardente.

Azeite.

Mel.

Manteiga.

Vinagre.

N.º 142.—Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal (Porto, rua de Entreparedes, n.º 48).

Vinhos espumosos pelo systema de Champagne, das seguintes marcas:

Alto Douro crystal, 1.^a reserva, a 900 réis a garrafa.

Alto Douro crystal, secco, a 900 réis a garrafa.

Alto Douro crystal, extra-secco, a 900 réis a garrafa.

Alto Douro crystal, bruto ou bravo, a 900 réis a garrafa.

Portugal Flor, 1.^a reserva, a 700 réis a garrafa.

Portugal Flor, secco, a 700 réis a garrafa.
 Portugal Flor, extra-secco, a 700 réis a garrafa.
 Portugal Flor, bravo, a 700 réis a garrafa.
 Vinho tinto de Amarante, champanhisado a meia
 espuma.
 Vinho tinto de Basto, champanhisado a meia es-
 puma.

Os vinhos a que se não indicam os preços, ainda não foram lançados no mercado.

As meias garrafas custam metade do preço das garrafas e mais 50 réis.

Os preços d'estes vinhos incluem o da garrafa.

As encomendas para fóra do Porto, só se executam em caixas proprias, de 4, 6 e 12 garrafas, custando as primeiras 130 réis, as segundas 160 réis e as terceiras 270 réis.

As caixas de 6 meias garrafas custam a 130 réis, as de 12, 170 réis e as de 24, 280 réis.

A expositora recommenda que estes vinhos devem conservar-se sempre deitados, ou por fórma que a rolha esteja sempre molhada.

Alem dos vinhos, expoz a real companhia vinicola, muitos dos accessorios que emprega nos engarrafamentos, taes como: capsulas, açames, placas de estanho douradas e prateadas, rolhas de Silves da fabrica dos srs. Villarinho & Sobrinho, etc.

Tambem expoz parte do material de que usa no fabrico d'estes vinhos, a saber:

Estantes de agitar (pupitres), cheias de garrafas, com vinho, por desengasgar;

Saca-rolhas horisontaes sobre pé firme, para des-
 arrolhar quando as rolhas quebram durante o desen-
 gasgamento;

Primeiros torniquetes de 12 garrafas cada um, destinados a segurar as garrafas desengasgadas, por meio de molas que lhes impellem os gargallos contra tampões conicos de caoutchouc, retendo o gaz completamente;

Apparelhos de dosagem, que têm por fim dosar, com licor de vinho, aos vinhos de algumas das marcas e attestar as garrafas desengasgadas;

Segundos torniquetes de 12 garrafas cada um, destinados a evitar a saída do gaz, entre que a garrafa se attesta e que se arrolha;

Machinas de arrolhar, pelo systema dos bate-estacas, sendo o peso elevado á altura de 1 metro e caíndo depois sobre a rolha que introduz no gargallo com uma só pancada;

Apparelhos de açamar, destinados a prender as rolhas com um açame de fio de ferro, em lugar do arame commum e do cordel;

Apparelhos para apertar as rolhas com cordel;

Apparelhos para segurar as rolhas do primeiro arrolhamento, quando o vinho sáe das cubas;

Machinas de *electrisar*, destinadas a fazer despegar os precipitados da fermentação quando ficam adherentes ao vidro das garrafas, sem correrem para os gargallos.

Foram estes apparelhos expostos, para o publico assistir aos trabalhos para que são destinados, durante os primeiros dias da abertura da exposição.

Como grande industria, é a real companhia vinicola a iniciadora dos vinhos espumosos do Alto Douro e dos vinhos de lotação portuguezes espumosos.

Os vinhos do Alto Douro, ou antes do Douro Alto, bem escolhidos para serem apropriados a esta industria, apresentam-se com uma grande similhaça em flavôr aos do Marne, sendo esta qualidade a que principalmente instigou o sr. visconde de Villar de Allen, gerente tecnico da companhia, a aproveitá-los para espumosos, tornando-os taes, com a applicação rigorosa dos mais perfectos systemas adoptados na Champagne.

Os vinhos que a companhia expõe, foram por ella adquiridos, já fabricados pelos processos geralmente seguidos no Alto Douro, mas na presente novidade a fabricaçào foi modificada, seguindo tambem os processos adoptados na região vinicola franceza que cobre com o seu nome a maioria dos vinhos espumosos que se fabricam no globo.

N.º 143. — D. Rita de Jesus da Silva Freire
(Porto, rua da Firmeza, n.º 157).

Doce de damasco.

Doce de ameixa redonda.

Doce de figo.

Doce de pera.

Doce de pecego.

Doce de fructas a granel.

N.º 144. — Rufino Correia da Silva Lima (Porto, rua Chã, n.ºs 73 a 75).

Manteiga nacional em fôrmas a 700 réis o kilogramma.

A sua producção annual regula por 1:000 kilogrammas.

N.º 145. — Santos, Cyrne & Macedo (Villa Nova de Gaia e Porto).

Conservas alimenticias.

N.º 146. — Severino Teixeira (Porto, rua de S. Lazaro, n.º 377).

Licor de laranja.

Marrasquinc.

Escarchado.

Escarchado de 1887.

Bitter.

Absintho.

Gin.

Granito.

Licor hygienico.

Curaçau.

Kummel, a 500 réis a garrafa.

Cognac, a 700 réis a garrafa.

Rhum, a 700 réis a garrafa.

Xarope de groselha.

Xarope de gomma.

Xarope de salsaparrilha, a 600 réis a garrafa.

N.º 147. — Silvestre Correia Belem (Lisboa, rua D. Estephania, n.º 51).

Farinhas alimenticias de ervilha, grão de bico, feijão, fava e arroz.

O seu preço por kilogramma é de 300 réis, e por cada 15 kilogrammas de 45050 réis.

O expositor faz as seguintes observações ácerca da sua industria:

«Entre as muitas industrias nacionaes que se podem desenvolver, desde que o concurso estrangeiro esteja attenuado por pequena protecção concedida á industria nacional, figura a da farinação e mais preparo das sementes leguminosas que têm applicação alimenticia.

«Desde algum tempo que tenho ensaiado, ainda que em ponto restricto, essa industria e afigura-se-me que seria ella remuneradora e conviria applicar-se-lhe mais largo desenvolvimento, se se estabelecesse um maior imposto proteccionista sobre as farinhas leguminosas que nos fazem concorrência e que vem principalmente de França. Se ellas forem oneradas em 120 réis por kilogramma e não só em 60 réis, como actualmente succede, a industria e a agricultura poderiam, com vantagem, supplantar a concorrência de fóra e fixar no paiz um novo elemento de prosperidade.

«As farinhas leguminosas de meu fabrico rivalisam absolutamente, em qualidade, com as estrangeiras e, a não ser a predilecção que geralmente e sem explicação plausivel, entre nós se tem dado pelos generos vindos do estrangeiro e a falta do direito proteccionista a que venho de referir-me, a industria do seu preparo já estaria hoje rasoavelmente desenvolvida.

«Contra essa difficuldade é que não é possível de modo algum resistir, e n'estas condições a lucta torna-se impossivel até que nasça o credito das farinhas nacionaes, que suplante as melhores marcas estrangeiras.

«É uma industria nascente e que só por meio de protecção poderá definitivamente implantar-se.

«Para esse fim, representei junto da commissão encarregada da elaboração de um projecto de pautas e do conselho superior das alfandegas e, se for attendida essa representação, obter-se-ha o desenvolvimento de uma industria que póde facilmente adquirir um grau de prosperidade, que se vae reflectir a sua quota parte no engrandecimento industrial que o paiz deve attingir para evitar os perigos, infelizmente mais manifestos agora do que em tempo algum, da sua falta de emancipação commercial.»

Foi premiado com medalha de prata (1.^a classe) na exposição do Porto em 1861, com medalha do progresso na de Vienna de Austria (1873), pela associação fabril em 1873 e 1876, na exposição de Philadelphia em 1876, com medalha de prata (1.^o premio) e de cobre (2.^o premio), na do Porto em 1877, com duas medalhas de prata na do Porto em 1879, com medalha de oiro na do Rio de Janeiro (1879), com uma medalha de oiro, outra de prata e outra de cobre na de Lisboa em 1888.

N.º 148.—Vaz & Rocha (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 21).

4 cestos grandes enfeitados com fructa em doce.

24 cestinhas enfeitadas com fructa em doce.

8 caixas enfeitadas com fructa em doce (typo de exportação).

1 caixa com amostras de doce secco.

36 caixas de diversos tamanhos com ameixa secca.

12 caixas com ameixa secca (typo de exportação).

1 caixa com amostra de ameixa secca.

A producção annual das caixas de doce, destinadas á exportação, regula por 3:500\$000 réis, fazendo-se esta para Inglaterra e Brazil.

Foi premiado nas exposições do Porto de 1865 e em duas de 1890, e nas de Philadelphia (1876) e Paris (1878).

N.º 149.—Visconde de Alter (Alter do Chão).
Queijos de leite de cabra, a 3\$600 réis o cento.

N.º 150.—Visconde de Proença (Penamacor, Idanha a Velha).
Queijo de leite de ovelha.

N.º 151.—Visconde de Val Flor (S. Thomé).
Café.
Cacau.

N.º 152.—Visconde de Villarinho de S. Romão (Porto, rua do Carregal).
Azeite.

O preço regula por 100\$000 réis por cada 500 litros.

Emprega na fabricação o moinho Mollet e a prensa Mabile.

O valor da producção annual é muito variavel, regulando, termo medio, por 700\$000 réis.

Os principaes mercados de consumo são o Porto e Lisboa.

Foi premiado com medalhas de prata e oiro nas exposições de Paris, Berlim, Lisboa, Porto e Philadelphia.

O expositor observa o seguinte :

«O producto que exponho obtem muitas vezes preço mais elevado no local da producção, que nos mercados citados, pela grande falsificação n'elles exercida.

«Julgo de grande alcance, para o desenvolvimento d'esta valiosa cultura, o cumprimento das leis vigentes, reprimindo as falsificações.

«É com effeito a falsificação larga e impunemente exercida com os oleos de arachide, colza, algodão, etc., um dos maiores flagellos d'esta cultura, falsificação que a sociedade severamente deveria punir, pelos prejuizos que origina para o consumidor e productor.»

CLASSE 5.ª

Productos chimicos e pharmaceutieos. Perfumaria. Saboaria. Adubos
 Aguas mineraes
 Especimens de processos de lavagem, de tinturaria, etc

N.º 153. — A. J. de Brito e Cunha (Lisboa, rua da Condeça, n.º 60).

	Preço por kilog.
Sabão Offenbach, rosa.....	\$120
Sabão Offenbach, azul claro.....	\$120
Sabão Offenbach, escuro.....	\$120
Sabão Offenbach, verde.....	\$120
Sabão inglez, azul.....	\$070
Sabão inglez, rosa.....	\$070
Sabão Camões, 1.ª.....	\$120
Sabão Camões, superior.....	\$140
Sabão imperial.....	\$120
Sabão azul, 2.ª.....	\$100
Sabão rosa, 2.ª.....	\$100
Sabão alcatrão.....	\$060
Sabão gordo, 1.ª.....	\$110
Sabão gordo, 2.ª.....	\$100
Sabão amarello, 1.ª.....	\$080
Sabão amarello, 2.ª.....	\$070
Sabão amendoa.....	\$070
Sabão mescla.....	\$120
Sabão Alcantara, mescla.....	\$130
Sabão Alcantara, liso.....	\$120
Oleína.....	\$125
Sabão economico, em fôrmas, de 40 e 60 réis cada uma.	
Saes de mercurio ao minimo:	
Calomelanos precipitados (para uso in- terno).....	1\$800
Mercurio doce, puro.....	1\$800

	Preço por kilog.
Mercurio doce (para uso externo).....	1\$600
Mercurio doce (para exportação).....	1\$550
Suboxydo de mercurio.....	1\$700
Calomelanos a vapor.....	2\$400
Brometo mercurioso.....	1\$600
Iodeto mercurioso.....	7\$500
Carbonato mercurioso.....	1\$650
Chromato mercurioso.....	1\$600
Sulfato acido mercurioso.....	1\$500
Sulfato basico mercurioso.....	1\$550
Chloreto ammonio mercurioso.....	1\$400
Saes de mercurio ao maximo:	
Protoxydo de mercurio (pós de Joannes)..	2\$200
Iodeto mercurico.....	9\$500
Nitrato acido mercurico.....	1\$600
Nitrato basico mercurico.....	1\$650
Protoxydo de mercurio (amarello).....	1\$800
Protoxydo de mercurio (sublimado corro- sivo).....	2\$100
Brometo mercurico.....	1\$800
Ethiopes mineraes.....	1\$200
Sulfureto mercurico (vermelhão n.º 1)...	2\$000
Sulfureto mercurico (vermelhão n.º 2)...	1\$900
Carbonato acido mercurico.....	1\$400
Carbonato basico mercurico.....	1\$450
Sulfato acido mercurico.....	1\$350
Sulfato basico mercurico.....	1\$400
Chloreto ammonio.....	1\$450

Os preços dos saes de mercurio são muito variaveis com o preço do azougue e a natureza dos pedidos.

O valor da produção annual dos sabões d'este expositor, regula por 70:000\$000 a 80:000\$000 réis, e o dos saes de mercurio por 9:000\$000 réis.

Occupa na sua fabrica 24 homens, com jornaes variaveis de 400 a 1\$300 réis.

Emprega machinas de cortar, prensar e guindaste, movidas á mão.

As materias primas provém de Inglaterra, França, Allemanha, Ceylão, America do norte, America do sul, e, algum sebo e resina nacionaes. O seu valor regula annualmente por 70:000\$000 a 75:000\$000 réis.

Os principaes mercados do consumo d'estes pro-

ductos são: Portugal e ilhas adjacentes, e o do sabão amarello muito ordinario, é a Africa.

Foi premiado com medalha de oiro nas exposições do Porto, Lisboa e Paris.

N.º 154. — Adriano Candido Moreira (Porto, rua de D. Pedro, n.º 90; deposito, rua de Sá da Bandeira, n.º 101).

Aguas mineraes de Melgaço.

Usam-n'as em bebida, simples, com vinho ou leite, e em banhos.

O expositor apresenta a analyse d'estas aguas feita pelo sr. C. Von Bonhorst, chimico do laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa. É a seguinte :

Em 1:000 grammas de agua mineral :

	Grammas
Acido carbonico livre.....	1,903509
Silica.....	0,075102
Alumina.....	0,004341
Sulfato de cal.....	0,010690
Chloreto de potassio.....	0,015921
Chloreto de sodio.....	0,007331
Bicarbonato de protoxido de ferro.....	0,050676
Bicarbonato de lithina.....	0,007560
Bicarbonato de soda.....	0,416020
Bicarbonato de magnesia.....	0,255052
Bicarbonato de cal.....	0,995093

O arsenico encontra-se em pequena quantidade.

Estas aguas têm sido applicadas nos padecimentos do estomago, intestinos, figado, rins e bexiga ; nas diabetis, chloroses, gastralgias, etc., e o seu uso interno varia segundo o padecimento para que são applicadas, desde a dose de 60 grammas até 300.

Tomam-se nas refeições.

A opinião ácerca d'estas aguas do sr. D. Antonio Cezares, cathedratico de medicina e reitor da universidade de Compostella, é, segundo a certidão allegada pelo expositor, a seguinte :

«En vista de la composicion quimica de las aguas de Melgazo, segun analisis verificada en el laboratorio quimico de Lisboa, su uso debe producir muy buenos efectos en las dispepsias y otros padecimientos del

estomago; en las afecciones del higado y de vegiga de orina, y principalmente en las diatesis uricas, y en clorosis. Pueden emplear-se con bueno resultado en baños, á la temperatura conveniente en la curacion de varias enfermedades de la piel.»

O local das nascentes é n'um ponto muito pittoresco, distante da estrada real apenas 50 metros e a 3 kilometros de Melgaço.

N.º 155.—Alexandrino & C.^a (Porto, becco do Aleixo, em Lordello do Ouro).

Sabão das seguintes qualidades.

Rosa e azul, 1.^a, Estrella, a 6\$600 réis por cada 60 kilogrammas.

Rosa e azul, 2.^a, Novo, a 5\$700 réis por cada 60 kilogrammas.

Branco, Estrella, a 6\$600 réis por cada 60 kilogrammas.

Gordo, 1.^a, a 7\$500 réis por cada 60 kilogrammas.

Gordo, 3.^a, a 6\$100 réis por cada 60 kilogrammas.

Gordo, 4.^a, a 6\$000 réis por cada 60 kilogrammas.

Gordo, 5.^a, a 5\$700 réis por cada 60 kilogrammas.

Faz o desconto de 4 por cento em quantidades não inferiores a 600 kilogrammas.

A sua producção annual regula por 1:300 a 1:400 toneladas, com o valor approximado de 120:000\$000 réis.

Occupa 35 homens, oscillando os jornaes entre 360 e 600 réis.

Emprega uma caldeira a vapor da força de cinco cavallos.

As materias primas são nacionaes, allemãs, inglezas e francezas.

O consumo faz-se todo no paiz.

É a primeira exposiçáo a que concorre.

N.º 156.—Antonio Augusto Cesar da Cunha Portugal (Porto, rua de Santo Antonio, n.º 39, 1.º)

Elixir para a conservaçoão dos dentes, em frascos.

Pós dentifricos.

N.º 157.— Antonio da Silva Sequeira, cirurgião dentista (Vizeu, rua do Asylo).

Elixir anti-scorbutico e hygienico.

N.º 158.— Antonio de Azevedo Alves Ribeiro (Santo Aleixo da Figueira da Foz).

Hydrochlorato de soda (sal commum).

Hydrochlorato de soda (sal de espuma).

O sal commum corre no mercado da localidade por 1\$400 réis os 900 litros.

O sal de espuma, posto não tenha cotação ainda, vende-se por 2\$250 réis e mais, cada 50 litros.

Esta especialidade nem todas as salinas a produzem.

O expositor presta as seguintes informações ácerca d'ellas:

«As salinas de Santo Aleixo no concelho da Figueira, productoras do hydrochlorato de soda (sal commum e sal de espuma) empregam 4 homens (marnon-teiros) e 18 mulheres (tiradeiras).

«Os marnotes ganham na colheita, entre 38\$000 a 50\$000 réis e as tiradeiras 100 réis por cada redura, ou sejam 18\$000 a 36\$000 réis, tudo conforme a producção; assim como esta varia entre 450:000 a 720:000 litros, tambem o consumo e o preço.

«O desenvolvimento da exportação devia produzir alta no mercado do genero que actualmente corre no armazem por 16\$900 a 19\$500 réis os 11:700 litros ou 10:000 kilogrammas.

«Houve tempo em que os proprietarios das salinas do sitio se levavam na doce esperanza de que a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes ia estabelecer o despacho de sal na estação respectiva (Santo Aleixo), o que na verdade era de interesse, não só para os habitantes d'esta povoação como para a mesma companhia; porém, tão importante melhora-mento não passou de projecto.

«Os milhões de hectolitros de sal das colheitas pas-sadas e presentes, com pequenas excepções, existem nos armazens, sem procura, por falta de meios de lo-comoção economica.

«E tudo fica como d'antes, se a referida companhia não attender ao seu e geral interesse.»

N.º 159.— Antonio Mendes Cabral (Santarem).

Agua chloretada de Alcanhões.

N.º 160.— Antonio Pereira de Sousa (Porto, rua de Cedofeita, n.º 492).

Amostras de tinturaria de seda, lã e algodão, em fio e tecidos.

Premiado nas exposições industrial portuense de 1861 e internacional de 1865.

N.º 161.— Antonio Simões Lopes (Porto, rua do Almada, n.ºs 119 a 123).

Mexoalho em pó preparado para adubo.

O expositor tem privilegio por quinze annos do seu processo de preparar o mexoalho.

Dá ácerca d'esta industria a seguinte noticia :

«A extraordinaria riqueza que o mar offerece ao agricultor no marisco conhecido pelos nomes de mexoalho, pilado, caranguejo, tem sido até hoje aproveitada em pequena escala, de um modo imperfeitissimo, e com graves inconvenientes para a hygiene publica.

«O processo privilegiado, cujo producto é exposto pelo seu auctor, veio resolver o grande problema do aproveitamento d'aquella riqueza agricola, tornando-a accessivel a todos os pontos do paiz, beneficiando a hygiene das populações do litoral que até aqui o empregavam nas mais deploraveis condições de insalubridade e de modo que d'elle não tiravam senão uma parte minima da sua utilidade.

«O guano de mexoalho, exposto pelo auctor do processo, por motivo da sua extrema divisão, permite uma distribuição regular e homogenea na superficie das sementeiras.

«É facilmente assimilavel.

«A sua fermentação em presença dos agentes atmosfericos é lenta, gradual, acompanhando o desenvolvimento progressivo dos vegetaes e consequentemente a vida das plantas até á maturação dos seus fructos, ao contrario do que succede com o mexoalho empregado a crú, cuja decomposição é violenta, rapida, esterilizando a parte humosa do terreno por motivo da sua fermentação violentissima, mas passageira.

«É rico em azote e em phosphato em combinação organica, o que é de superior importancia ; contém soda, silica, cal, magnesia, o que faz que este guano seja classificado de adubo completo.

«É igual ao guano do Perú de melhor qualidade.

«A sua materia organica é na proporção de 60 por cento. Contém 7 por cento de azote e 14 por cento de phosphato.

«O preço por que vae abrir-se a venda d'este producto é de 35000 réis cada 100 kilogrammas, ou seja 305000 réis por cada tonelada de 1:000 kilogrammas. É mais barato 25 por cento do que o preço usual do guano do Perú de melhor qualidade, sem todavia ser inferior a este producto em cousa alguma.

«A fabrica do Cabedello, pois que assim se denomina, começa precisamente agora a trabalhar.»

N.º 162. — Arriaga & Lane (Lisboa, rua dos Bacalhoeiros, n.º 135).

Oleo de figados de bacalhau preparado em frascos e capsulas, das pescarias em navios nacionaes.

Custo, frasco de $\frac{1}{2}$ litro, 450 réis.

Custo, frasco de $\frac{1}{4}$ de litro, 300 réis.

Caixa de 24 capsulas de 3 grammas, 300 réis.

Mercados de consumo: Portugal, Madeira, Açores e possessões portuguezas em Africa, India, Brazil, Hespanha, India ingleza, etc.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa de 1888 e medalha de bronze na de Paris de 1889.

N.º 163. — Augusto Cesar de Moraes Campilho (Vidago, concelho de Chaves).

Aguas mineraes.

São applicaveis estas aguas no tratamento da gotta, areias, engorgitamentos de figado, dyspepsia, diabetis, catarrho das vias urinarias, rheumatismo, metrite chronica, molestias de pelle, anemía, etc.

Foi premiado com medalha de prata na exposição industrial de Lisboa (1888), e menção honrosa na de Paris (1889).

N.º 164. — Augusto dos Santos Moraes (Villa Flor).

Vinho eupeptico nutritivo de Moraes.

O expositor dá as seguintes informações, ácerca d'este medicamento, de que é inventor:

«Ha muitos annos que o vinho eupeptico nutritivo de Moraes se prepara na nossa pharmacia, e sempre que tem sido applicado a doentes atacados de anemias, falta de forças, dyspepsias, gastralgias, digestões difficeis e outras affecções do apparelho digestivo, tem produzido um effeito immediato, e por isso conquistado as honras de um preparado de primeira ordem, principalmente quando as digestões são difficeis, laboriosas ou incompletas.

«Os distinctos medicos, que sempre o têm empregado com vantagem, dão-lhe as honras de um bom vinho medicinal.

«Este vinho não deve só ser usado quando o doente está anemico ou falta de forças, é tambem util áquelles que desejam conservar a vida e que, não attendendo á sua saude, vão dia a dia debilitando-se, sem dar por isso, chegando com o tempo a adquirir doenças graves que, combatidas a horas e com cuidado, nunca chegariam a esse ponto. Este vinho póde tomar-se mesmo no estado de saude, porque alem das qualidades tonicas e reconstituintes que tem, facilita a digestão consideravelmente. Sendo as doenças do estomago causadas sempre pelos defeitos da digestão, o nosso vinho está nas condições de as corrigir, porque, alem dos principios activos e nutritivos da carne, tem em dissolução os principios activos que facilitam a digestão.

«Conhecendo dia a dia os seus effeitos, não hesitamos em o pôr á circulação para beneficio dos que soffrem. Finalmente, os medicos que o ensaiaram têm sido unanimes em declarar que prestâmos um grande serviço á humanidade, propagando o nosso vinho medicinal.

«Por isso chamâmos para elle a attenção de todos os que soffrem de fraqueza geral e de molestias do estomago e com especialidade a dos senhores medicos.

«Deve usar-se ás colhéres de sopa, de 20 grammas, quatro ou cinco por dia, podendo augmentar ou diminuir a dóse conforme as indicações do medico.

«Pelos attestados que possuímos de alguns medicos distinctos e de outras pessoas que têm feito uso do nosso preparado, prova-se que o vinho eupeptico nutritivo de Moraes é um excellente remedio para todos os casos já indicados.

«Recommendamol-o tambem ás senhoras que anda-

rem no seu estado interessante, como remedio seguro e infallivel contra os vomitos provenientes da gravidez.»

O deposito geral d'este medicamento no Porto, é em casa do sr. A. Alberto Gonçalves, na rua dos Lavadouros, n.º 22.

N.º 165.— Augusto Gama & C.^a (Porto, rua do Duque da Terceira, Campo do Cyrne).

Tintas e vernizes para impressão.

Tintas e vernizes para pintura em geral.

Negro de fumo.

Massa para rolos typographicos e outros artigos.

Com as tintas d'esta fabrica se imprimem os jornaes: *Diario do governo, Commercio do Porto, A monarchia, O seculo, A gazeta de Portugal, As novidades, O primeiro de janeiro, O jornal da manhã, A idéa nova e A voz publica.*

N.º 166.— Augusto Ferreira Mendes de Abreu (Villa Nova de Gaia).

Xarope peitoral, com applicação nas bronchites, grippe, laryngites, catarrhos e todas as doenças tossecolosas.

Xarope anti-syphilitico, contra a syphilis terciaria e nos casos em que ella apparece na pelle.

Injecção blennorrhagica.

Pomada contra as doenças de pelle, applicada contra as empigens, pruridos ou comichões, eczema, crustas de leite, etc.

N.º 167.— Aureliano José dos Santos Viegas (Coimbra, rua da Sophia, n.ºs 19 e 21).

Preparados pharmaceuticos, a saber:

Agua de loureiro-cereja, kilogramma a 400 réis.

Agua laxativa composta, garrafa a 300 réis.

Amido de batata, kilogramma a 600 réis.

Biscoutos anti-verminosos, cada um 20 réis.

Bolos anti-blennorrhagicos, caixa 500 réis.

Carvão vegetal, frasco 300 réis.

Café medicinal, caixa 500 réis.

Cigarrilhas anti-asthmaticas, caixa 300 réis.

Depurativo do sangue, frasco 500 réis.

Ergotino (equivalente á Ergotina de Boujeau), gramma 20 réis.

- Farinha peitoral ferruginosa, pacote 200 réis.
 Fumigador peitoral ou salva brava, pacote 50 réis.
 Injecção urethral, frasco 300 réis.
 Kermes mineral, gramma 10 réis.
 Licor de alcatrão, frasco 400 réis.
 Oleo de figado de bacalhau ferruginoso, frasco 500 réis.
 Oxydo de magnesio anhydro, frasco 200 réis.
 Opodeldoc com arnica, frasco 240 réis.
 Opodeldoc chimico, frasco 200 réis.
 Opodeldoc com chloroformio, frasco 360 réis.
 Opodeldoc laudanizado, frasco 400 réis.
 Phosphato de ferro soluvel, frasco 400 réis.
 Pomada de salicylato de chumbo composto, caixa 120 réis.
 Topico para callos, frasco 200 réis.
 Rebuçados peitoraes, pacote 100 réis.
 Xarope balsamico composto, frasco 500 réis.
 Xarope de seiva de pinheiro maritimo, frasco 500 réis.
 Xarope de quina e ferro, frasco 500 réis.

Estes preparados têm sido vendidos para todo o continente do reino e ilhas adjacentes, Africa, Brazil, algumas terras de Hespanha, etc.

N.º 168. — Belmiro B. de Mattos e Sá (Villa Flor.)

Aguas alcalino-gazosas de Bem Saude ou Fonte Santa, em Villa Flor.

A analyse d'estas aguas, feita pelo sr. Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do laboratorio da universidade de Coimbra, dá o seguinte resultado:

Bicarbonato de sodio.....	1,15401
Bicarbonato de lithio.....	0,00035
Carbonato de ammonio.....	0,00365
Bicarbonato de calcio.....	0,51350
Bicarbonato de magnesio.....	0,22624
Bicarbonato de ferro.....	0,00970
Bicarbonato de manganez.....	0,00296
Acido carbonico livre.....	1,38454
	<hr/>
	3,29495

	3,29495
Phosphato de alumina.....	0,00171
Sulfato de potassio.....	0,01061
Chloreto de potassio.....	0,04069
Chloreto de sodio.....	0,10343
Silica	0,05106
Materias organicas.....	0,00325
	3,50570

Vestigios de azotato de sodio, azote e oxygenio.

O seu custo é de 100 réis cada garrafa de meio litro. São applicadas nas doenças do estomago, intestinos, figados, rins, bexiga, na diabetis, chlorose, anemia, gotta, etc.

Vendem-se em muitas pharmacias e drogarias, mas quem desejar usal-as na sua origem, tem caminho de ferro até á estação do Cachão, na linha de Mirandella, e uma hora de mala-posta até Villa Flor.

Foram premiadas na exposição do Rio de Janeiro.

O deposito geral d'estas aguas no Porto é em casa do sr. A. Alberto Gonçalves & C.^a, na rua dos Lavadouros, n.º 22.

N.º 169.—**Barreto Filho & Genro** (Porto, ruas da Restauração, e Freixo.)

Alcool de cereaes.

Alcool de mandioca.

Alcool para uso das artes.

O seu consumo faz-se no paiz.

N.º 170.—**Bento Joaquim Pereira Veiga** (Braga, rua dos Capellistas).

Xarope de quina e ferro, frasco 600 réis.

Xarope de hypophosphito de cal, frasco 600 réis.

Xarope de hypophosphito de soda, frasco 600 réis.

Caldos fibrino-glutinosos, lata 500 réis.

Vinho de carne e quina, garráfa 900 réis.

Vinho de carne lactado de cal, garrafa 900 réis.

Hygiene do cabello, frasco 160 réis.

Brilhantina tonica, frasco 300 réis.

Rhum e quina, frasco 300 réis.

Pós dentifricos, frasco 300 réis.

Pós dentifricos, caixa 100 e 200 réis.

Cosmeticos (rosa, branco e preto), pau 200 réis.

N.º 171.—Birra & Irmão (Porto, largo dos Loyos, n.º 36.)

Vinho de pepsina.

Vinho de peptona.

Vinho hematogenico preparado com glicerina, pepsina, folhas de noqueira, etc., para combater o lymphatismo, a chlorose, as escrofulas, e outras molestias.

Vinho bi-iodado, segundo a formula do dr. Aureliano Cyrne.

Vinho de bi-iodeto-iodado de hydrargirio, segundo a formula do xarope de Gibert, modificada.

Pó alimentar de carne pura.

Xarope de seiva de pinheiro maritimo.

Pasta de seiva de pinheiro maritimo, para as bronchites, catarrhos, expectorações, tosses rebeldes, dores de peito, etc.

Pastilhas antysepticas.

Pastilhas calmantes.

Pastilhas estypticas.

Pastilhas emolientes.

Pastilhas contra vermes intestinaes.

Glicerina de eucalyptol e creosota, segundo a formula do medico Alves de Magalhães.

Pasta dentifrica.

Pós dentifricos.

Elixir anti-dentifrico.

Xarope de deuto-iodeto iodado, formula de Gibert.

Gottas anti-rheumaticas de Birra.

Topico odontalgico.

Corricída portuguez.

Pomada anti-dartrosa.

Etc., etc.

N.º 172.—Companhia das Aguas das Pedras Salgadas (Escriptorio no Porto, rua de D. Pedro, n.º 90).
Garrafas de aguas mineraes.

A expositora tem sido premiada em differentes exposições.

N.º 173.—Companhia das Aguas Thermaes da Amieira (Caldas da Amieira, concelho de Soure; séde em Lisboa).

Água chloretada da Amieira.

O seu custo é de 50 réis o litro, não engarrafada e na nascente.

A nascente produz, em vinte e quatro horas, litros 3.891:888.

A exportação d'estas aguas faz-se ha sete annos; a venda e numero de banhos tem successivamente augmentado.

Occupa 4 homens, 3 mulheres e 1 creança. Os salarios dos homens são de 360 a 600 réis, os das mulheres de 200 réis e o da creança de 140 réis.

Principaes mercados: Lisboa e Porto, as principaes cidades e villas do paiz, e Loanda.

São applicadas estas aguas nas seguintes molestias: escrophulose, arthritismo, syphilis, rheumatismo, herpetismo e suas manifestações cutaneas, mucosas e visceraes; empetigos, ozagre, erythemas, eczemas, pityriasis, nodoas hepaticas, psoriasis, dyspepesias; engorgitamentos ganglionares, bronchiaes, hepaticos, splenicos, intestinaes, mesentericos, uterinos e ovaricos; leucorrhœas, e em muitas fórmas de anemia e chlorose.

Menções honrosas nas exposições de Lisboa (1884) e Paris (1889), medalha de prata na de Lisboa (1888) e diploma de 1.^a classe na do Porto (1887).

N.º 174.—Companhia das Caldas do Gerez (sede no Porto, rua de Passos Manuel, n.º 14).

Aguas mineraes do Gerez.

Albuns e outras publicações relativas a estas aguas.

A companhia presta as seguintes informações:

«Aguas thermo-medicinaes hyposalinas, bicarbonatadas, sodicas, silicatadas e fluoretadas.

«As preciosas nascentes brotam em grande caudal e n'uma extensa escala de temperaturas, que vão de 45º a 25º centigrados.

«A fonte da Bica, especialmente destinada ao uso interno, marca 43º,4.

«A sua mineralisação, quasi identica para todas as nascentes, assume um total de 0^{gr},30 de principios salinos.

«Sobresáem entre elles o *bicarbonato de sodio*, acompanhado apenas de minimas quantidades de outras bases, que confere á agua uma alcalinidade manifesta;

a *silica*, em cifra relativamente elevada, e parcialmente sob a fórma de *silicato de sodio*; o *fluoreto de sodio* na avultada dóse de 2 *centigrammas*, mineralisação característica que torna o Gerez, em face das analyses conhecidas, as aguas mais fluoretadas da Europa.

«São as unicas aguas em Portugal, de uma efficacia therapeutica a hombrear com as de mais nomeada europêa.

«O Gerez é a Carlsbad portugueza. As suas aguas gosam de uma fama indisputavel, sancionada por uma longa experiencia e pelos mais brilhantes resultados nas molestias do apparelho gastro-intestinal e annexos.

«A sua grande especialisação é nas molestias de figado e estomago:—lithiase biliar, colicas hepaticas, ictericia, congestões do figado, cirrhosos hepaticas, dyspepsias, dilatação do estomago, gastralgia, vomitos, enteralgia, etc.

«O melhor indicado para as consequencias das molestias dos paizes quentes:—enfartes de figado e baço, intoxicação palustre, obsidade, diabete e arthritismo visceral.

«No Gerez é finissima e abundante a agua potavel, e o seu clima é o tonico de montanha.

«A balneotherapia é no Gerez um prestante auxiliar do tratamento interno e uma excellente medicação para as molestias rheumaticas, nervosas e uterinas. Ha agua thermal corrente, desde 25° a 47° e agua fria de 10° a 12°, de nascente elevada. São excellentes os banhos de rio na formosa cascata do Poço Verde.

«Tem um magnifico hotel e um estabelecimento de hydrotherapia».

N.º 175.—Companhia Fabril do Douro (Porto, Freixo).

Vélas de stearina.

Stearina em rama.

Sabão.

Glycerina.

Oleína.

O valor da producção dos dois primeiros artigos regula annualmente por 140:000\$000 réis, o sabão por

50:000\$000 réis, a glycerina por 10:000\$000 réis e a oleina por 120:000\$000 réis.

Occupa 40 homens e 30 mulheres; os jornaes d'aquelles oscillam de 340 a 1\$000 réis e os d'estas de 120 a 240 réis.

Emprega quatro caldeiras a vapor e um motor da força de 30 cavallos, uma prensa hydraulica e diversos apperellos a vapor.

As materias primas provém da Australia e Africa.

O mercado de consumo é o paiz.

N.º 176.—Companhia Geral de Phosphoros (Porto, Lordello; Lisboa, Oeiras).

Phosphoros de pau (ordinarios de enxofre).

Phosphoros de madeira (fusées, contra o vento).

Phosphoros de madeira (bengale, diversas côres).

Phosphoros de madeira (economiques de ménage).

Phosphoros de madeira (de luxo, diversos typos).

Phosphoros de cera (amorphos-cera).

Phosphoros de cera (fusées, contra o vento).

Phosphoros de cera (bengale, diversas cores).

Phosphoros de cera (economiques de ménage).

Phosphoros de cera (de phantasia e de luxo).

Phosphoros de cera (au phosphore blanc).

Phosphoros de cera (escalier, duram accesos cinco minutos).

Rondins et billotes de bois de tremble de Russie.

Emprega 37 homens, 93 mulheres e 85 creanças, sendo os salarios dos homens entre 240 e 500 réis, os das mulheres de 120 a 240 réis e os das creanças de 50 a 140 réis.

Emprega no Porto uma machina da força de 40 cavallos e em Oeiras outra de 50 cavallos.

A producção annual regula por 182:900 grosas de caixas de phosphoros succos, 110:000 das de cera, 55:000 das ordinarias e 10:000 das de phantasia.

Os principaes mercados do seu consumo são Portugal, colonias e Brazil.

Foi premiada com medalha de prata na exposição de Paris em 1889.

Os seus escriptorios e depositos no Porto, são na rua de Mousinho da Silveira, n.º 65, e em Lordello do Oiro; em Lisboa, são em Oeiras.

N.º 177. — Companhia Portugueza Hygiene.

Antiga casa Estacio & C.^a sociedade de responsabilidade limitada. Capital 150:000\$000 réis. (Lisboa, praça de D. Pedro, n.ºs 60 a 63; succursal na rua de S. Paulo, n.ºs 99 a 101; fabrica no Campo Pequeno, n.º 17.)

Granulos dosimetricos de grandissimo numero de substancias; mais de cento e vinte qualidades.

Granulos antimoniaes simples e ferruginosos, de arseniato de ferro e soda, de digitalina, etc.

Perolas ou capsulas gelatinosas de ether, terebenthina, alcatrão, oleo de figados de bacalhau, creosotadas e muitas outras.

Saes granulados, carbonato e citrato de ferro, de lithina, de magnesia, etc.

Pastilhas assucaradas: de alcaçuz, althéa, bi-carbonato de soda, chlorato de potassa, enxofre, hortelã pimenta, magnesia, santonina, Vichy com aromas diversos, etc.

Pastilhas comprimidas: de bi-carbonato de soda, chlorato de potassa, etc.

Extractos fluidos para a preparação instantanea de xaropes de avenca, balsamo de Tolu, chicoria, genciana, ipecacuanha, phellandrio, opio, quina e muitos outros.

Vinhos medicinaes das seguintes qualidades: creosotado, digestivo, de extracto de figados de bacalhau, iodado, de peptona, de quina e carne, quina e ferro, etc.

Vélas gelatinosas, com applicação á urethra (especie de injeções solidas) de chlorhydrato de cocaina, de iodoformio, sulfato de zinco simples, dito com opio, dito com opio e belladonna, tanino, tanino e belladonna, etc.

Xaropes: de acido phenico, brometo de potassa, lactucario, casca de laranja amarga com brometo de potassa, dito com iodeto de potassa, de chloral, de Gibert, de hypophosphitos, de quina e ferro, de rabão iodado, de seiva de pinheiro, etc.

Elixires de antipyrina, pepsina, terpina, etc.; emulsões balsamicas de oleo de figados de bacalhau simples e compostas; ferro dialysado e reduzido pelo hydrogenio; licor concentrado de alcatrão; opodeldoc simples, com arnica, com opio, com chloroformio, etc.; saes de fructos, Sedlitz granulado; soluto de chlorhydrophosphato de cal esterilizado; artigos de penso, al-

godões, gazes, ligaduras e fios; pós impalpaveis de alcaçuz, althéa, quina, rhuibarbo e alem d'estes, muitos mais productos.

Todos estes productos são executados com toda a perfeição e fabricados sob a inspecção pessoal do director tecnico da companhia, o reputado chimico pharmaceutico sr. Emilio Estacio, merecendo por isso a maior confiança dos facultativos e pharmaceuticos e do publico em geral.

Os preços são muito inferiores aos dos productos similares estrangeiros, sendo este um motivo de preferencia dos mais attendiveis.

Na exposição industrial realisada no Porto em 1887 obtiveram os productos d'esta fabrica o *diploma de merito*, dizendo o jury na respectiva acta o seguinte: «O jury, tendo conferido a Estacio & C.^a a mais alta classificação de que podia dispor, ainda assim não quer nem deve deixar de manifestar-lhes a impressão verdadeiramente agradavel que lhe causou o exame dos seus bem fabricados productos, que revelam conhecimentos e actividade pouco vulgares, e constituem uma honra para a classe a que aquelles senhores pertencem».

Na exposição industrial que teve logar em Lisboa em 1888, alem de serem recompensados com a *medalha de ouro*, conferiu-lhes o jury o *diploma de honra*, consignando na acta as seguintes palavras: «Podemos afirmar que no nosso paiz não existe nenhum estabelecimento com esta feição, que possamos igualar em condições de aperfeiçoamento».

A fabrica é a vapor, possuindo:

Uma caldeira multitubular geradora de vapor, inexplosivel, de De Naeyer, 20 cavallos de vapor;

Um motor vertical, 7 cavallos, accionando os competentes veios e transmissões;

Uma quantidade de machinas das mais modernas e dos mais aperfeiçoados systemas, taes como: machinas gazogeneas com lavadores de gaz, machinas de granulação mechanica, machina de lavar garrafas, outra agitadora, para a solução dos corpos solidos nos liquidos, outra para fabricação de perolas medicinaes, outra para o fabrico de pastilhas comprimidas, machina de filtrar e triturar, outra cortadora de plantas e raizes, outra de gravar inscripções nas pastilhas e

pilulas,apparellhos diversos, caldeiras e alambiques, forja de ar para calcinação, estufas, officinas de seralheria, etc., etc.

O pessoal operario é muito variavel, empregando entre 50 a 90 pessoas, segundo as occasiões e circumstancias.

Agentes no Porto, os srs. Rodrigues Irmãos, rua Nova de S. Domingos, 69, 1.º

N.º 178. — Companhia Real Promotora de Agricultura Portugueza (Sociedade anonyma de responsabilidade limitada. Capital 1.200:000\$000 réis. Séde em Lisboa, ala poente do mercado Vinte e Quatro de Julho; fabrica na Povoia de Santa Iria).

Adubo especial para a vinha, primeiro anno.

Adubo especial para a vinha, segundo anno.

Adubo especial para a vinha, terceiro anno.

Adubo especial para hortas.

Adubo especial para favas.

Adubo especial para melões.

Adubo especial para beterrabas forraginosas.

Adubo especial para beterrabas saccharinas.

Adubo especial para cereaes.

Adubo especial para milho.

Adubo especial para cebolas.

Adubo especial para pastos.

Adubo especial para batatas.

Adubo especial para laranjeiras.

Adubo especial para tabaco.

Adubo especial para figueiras.

Adubo especial para flores.

Adubo especial para oliveiras.

Adubo especial para prados.

Adubo de peixe.

Negro animal.

Gesso de Soure.

Phosphorite.

Sulfureto de cal.

Superphosphato de cal com 18 por cento de acido phosphorico.

Superphosphato de cal com 12,5 por cento de acido phosphorico.

Sulfato de ammonia.

Sulfato de ferro.

Sulfato de cobre.

Chloreto de potassa.
 Nitrato de soda.
 Agua celeste.
 Acido sulfurico a 53 graus.
 Acido sulfurico a 66 graus.
 Acido nitrico a 40 graus.
 Acido nitrico a 48 graus.
 Acido muriatico a 22 graus.
 Soda de 1.^a qualidade.
 Soda de 2.^a qualidade.
 Soda de 3.^a qualidade.
 Soda de 4.^a qualidade.
 Soda em crystaes.
 Sulfato de soda crystallisado.
 Sulfato de soda em pó.
 Cascara.

Tem sido premiada em muitas exposições.

Delegação no Porto — Pinto da Costa & Filho — rua da Picaria, n.^{os} 47 a 53.

N.º 179. — Empreza da Agua Mineral Alcalina de Cabeço de Vide (Lisboa, travessa de S. Nicolau, n.^{os} 43 a 45).

Aguas mineraes sulfuro-alcaldas de Cabeço de Vide.
 Custo, 140 réis cada frasco.

São applicaveis nas molestias herpeticas e darto-
 sas, rheumatismos articulares e darto-
 sos, nevralgias,
 paralyrias, etc.

Foi premiada com medalha de prata na exposição
 do Rio de Janeiro e medalha de honra na de Paris
 (1889).

É empresario d'estas aguas o sr. Raphael Augusto
 Dona (Alter do Chão) e o deposito no Porto é na rua
 de D. Pedro, n.º 28.

N.º 180. — Empreza das Aguas da Revoreda
 (Sede no Porto, rua de Santa Catharina, n.º 125).

Aguas medicinaes da fonte da Virtude.

Principiou esta empreza os seus trabalhos de ex-
 ploração em maio passado.

O monte da Revoreda fica a 9 kilometros dos Ar-
 cos de Valle de Vez, a 6 da Ponte da Barca e a 11 de
 Ponte do Lima, na margem direita do rio Lima, den-
 tro do concelho dos Arcos de Valle de Vez.

N.º 181. — Empreza das Aguas de Vidago (Vidago; escriptorio no Porto, praça de Carlos Alberto).

Garrafas de 1, $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ de litro, das aguas da fonte de Vidago.

Garrafas de 1, $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ de litro, das aguas da fonte de Villa Verde.

Garrafas de 1, $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ de litro, das aguas da fonte de Oura.

Garrafas de 1, $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ de litro, das aguas da fonte de Sabroso.

Preços: 180 réis a garrafa de litro, 140 réis a de $\frac{1}{2}$ litro e 80 réis a de $\frac{1}{4}$ de litro.

O valor da producção annual regula por 35:000,5000 réis.

A empreza possui outras fontes por explorar.

Occupa 4 homens e 6 mulheres, sendo os jornaes d'aquelles de 240 a 500 réis e os d'estas de 120 a 140 réis.

Os mercados do consumo são Portugal, as suas possessões e os paizes estrangeiros.

Tem obtido diplomas de merito nas exposições de Vienna de Austria e Philadelphia, medalha de prata na de Madrid, diploma de honra na de Bordeus, medalhas de oiro nas do Rio de Janeiro, Paris (1878 e 1889) e Lisboa (1888).

N.º 182. — Empreza dos Saes das Aguas Mineraes de Portugal (Lisboa, rua Ivens, n.º 20).

Aguas naturaes de Moura.

Saes das aguas de Moura.

Estas aguas contêm 5 decigrammas de saes em cada litro.

Nascem no cimo do morro, onde existe em ruinas o castello de Moura, e correm em fonte publica.

Contêm saes de calcium, sodium, magnesium, lithinium, aluminium, pouco ferro e silica.

Os saes expostos são applicaveis contra a azia, o vomito acido (dyspepsia), nas doencas do utero, rins, bexiga, urethra (areias, inflammações e catarrhos chronicos), nas incontinencias de urinas dolorosas, nos apertos de uretra com inflammação, nas bronchites, nos enjôos da gravidez, etc.

Preços: da garrafa das aguas, 240 réis; do frasco dos saes, 900 réis e dos meios frascos d'estes, 500 réis.

N.º 183. — Ernesto A. V. Maia. (Lisboa, rua do Oiro, n.º 243).

Agua alcalina de Moura.

Esta agua pertence ao municipio de Moura e é explorada pelo expositor desde 1885.

Exportou o anno passado cerca de 30:000 litros.

Vende-se em garrações de 5 litros, á rasão de 70 réis o litro.

Os principaes mercados são os do paiz, mas tambem se tem exportado para a Africa, Brazil, etc.

Menções honrosas nas exposições de Lisboa (1888) e Paris (1889).

N.º 184. — Ferdinand Claus e P. Schweder (Porto, rua do Sá da Bandeira, n.º 183, 1.º, fabrica na rua de Serpa Pinto).

Sabonetes de diversas qualidades.

Foi esta casa fundada em 1888.

Emprega 18 operarios e um motor da força de 8 cavallos.

N.º 185. — Fernando Ferreira Dias & C.^a (Porto, rua do Bomfim, n.º 58).

Tinta preta inalteravel, a 180 réis e 320 réis o frasco.

Tinta violeta preta communicativa, a 340 réis e 500 réis o frasco.

Tinta preta superior, para escrever, a 50 réis o vidro.

Tinta vermelha superior, para escrever, a 40 réis o vidro.

Tinta azul superior, para escrever, a 40 réis o vidro.

Tinta para carimbos, de 80 réis a 160 réis o vidro.

Tinta violeta superior, para escrever, a 40 réis o vidro.

Colla liquida para escriptorio, a 80 réis, 200 réis e 300 réis o frasco.

N.º 186. — Francisco Ferreira da Silva (Porto, rua do Rosario, n.º 215).

Elixir depurativo do sangue, tinctura de salsa-parri-lha, caroba, manacá e thuya com iodeto de potassio.

Elixir anti-rheumatico.

Agua dentifricia de Botot.

Elixir de papaina.

Elixir ferruginoso tonico de albuminato de ferro com extracto de quassia.

- Xarope peitoral balsamico.
- Xarope de *grindelia robusta* composto (cura a coqueluche, grippe e tosses nervosas).
- Xarope depurativo de cascas de laranjas amargas com iodeto de potassio de Laroze.
- Xarope sedativo de cascas de laranjas amargas com brometo de potassio de Laroze.
- Xarope de extracto de estigmas de milho.
- Xarope cardíaco de sulphato de sparteína e extracto de estigmas de milho.
- Xarope de seiva de pinheiro marítimo.
- Xarope de iodeto de ferro de Blancard.
- Xarope de lacto-phosphato de cal de Dusart.
- Xarope iodo tannico.
- Xarope de Gibert.
- Xarope de hydrato de chloral de Follet.
- Xarope de phellandrio composto de rosa.
- Vinho de extracto de figados de bacalhau com hypophosphitos de cal e de soda.
- Vinho bi-digestivo de pepsina e de diastase de Chassaing.
- Vinho de lacto-phosphato de cal de Dusart.
- Vinho tri-digestivo tonico e reconstituente de pepsina, diastase, pancreatina, extracto de quina e chlorhydro-phosphato de cal.
- Vinho de creosota de faia.
- Solução de chlorhydro-phosphato de cal de Coirre.
- Solução de chlorhydro-phosphato de cal creosotado de Pautauberge.
- Tonico vital capillar (revifica a cabelleira, dá-lhe vigor e brilho, previne e pára as secreções pelliculares que abafam os cabellos e provocam a sua queda).
- Oleo de quina (amacia e fortifica o cabelo).
- Phosphato de ferro-solúvel de Leraz.
- Gottas amargas de Beaumé.
- Tintura de *hamamelis virginica* (cura as hemorroidas, varizes e ulceras varicosas).
- Hazelina (superior á tintura de arnica e de idêntica applicação, não produzindo visicações).
- Balsamo contra as frieiras ulceradas.
- Pó de carne de vacca.
- Injecção Ferreira da Silva de matico e sulfo-ichtyolato de ammonia.
- Injecção calmante hygienica de Barnit (formula A. Vieira).

- Pilulas tonico-ferruginosas.
 Pilulas de iodeto de ferro de Blancard.
 Pós dentifricios portuguezes.
 Remedio contra as frieiras ulceradas.
 Remedio anti-srophuloso de Buchan.
 Suppositorios anti-hemorrhoidaes.
 Emulsão de oleo de figados de bacalhau com hypophosphitos de cal e de soda.
 Oleo de figados de bacalhau com iodeto de ferro.
 Oleo de figados de bacalhau com creosota de faia.
 Pilulas de extracto alcoolico de *hamamelis virginica* (curam as hemorrhoidas, varizes e ulceras varicosas).
 Pomada anti-herpetica.
 Pilulas vegetaes: depurativas, tonicas e laxativas.
 Pastilhas vegetaes vermifugas.
 Pomada anti-hemorrhoidal.
 Balsamo anti-rheumatico.
 Elixir toni-dentifricio.
 Topico coricida.
 Sedativo anti-odontalgico.
 Bolos anti-blenorrhagicos.
 Pensos anti-septicos de Lister.

Expõe tambem as principaes peças usadas no penso das feridas e amputações.

N.º 187.—Francisco Freire de Andrade Salazar de Eça (Lisboa, largo da Memoria, n.ºs 10 e 11, Belem).

Aguas chloretadas da Piedade, em Alcobaça.

O expositor é o explorador e concessionario d'estas aguas.

Custo, não engarradas, a 60 réis por cada litro.

A nascente produz diariamente 1.343:692,8 litros e já tem um pequeno estabelecimento que fornece de maio a outubro 3:500 banhos.

Emprega 1 homem e 1 mulher.

É a primeira exposição a que concorre.

O expositor presta os seguintes esclarecimentos:

«Estas aguas foram analysadas no laboratorio chimico da universidade de Coimbra, pelo digno director dos trabalhos praticos d'aquelle laboratorio, o sr. Joaquim dos Santos e Silva.

«A exploração das aguas da Piedade foi feita pela camara municipal de Alcobaça, n'um pequeno estabelecimento construido em 1883; como a concorrência augmentasse consideravelmente e as aguas demonstrassem grande efficacia na sua acção therapeutica, a mesma camara, não podendo com os recursos proprios desenvolver a exploração, abriu concurso publico, e fez-se a adjudicação ao actual concessionario.

«No praso de quatro annos deve ser construido, dentro da villa de Alcobaça, um estabelecimento de primeira ordem, com banhos de immersão, de *douches*, de vapor, massagem, pulverisações e inhalações. Junto a este estabelecimento haverá um casino-club e um parque ou jardim.

«Já está designado o local, que é lindissimo, e á margem dos rios Alcôa e Baça, reunidos.

«A camara municipal de Alcobaça, incansavel como poucas, em promover os melhoramentos do seu concelho, pensa em dotar a villa com uma avenida bastante espaçosa que terminará á entrada do referido estabelecimento.

«Terminados os estudos tratar-se-ha da organização da companhia que deve ter a séde em Alcobaça.

«As aguas chloretadas de Alcobaça são applicaveis no tratamento das seguintes doenças:

«Escrophulose, arthritismo, padecimentos do estomago, figado e baço, inflammações do utero, ovario, intestinos e outros quaesquer orgãos, syphilis, rheumatismo, gotta, leucorrhœas, herpetismo nas suas variadas manifestações, anemias e chloroses.

«Analyse das aguas chloretadas da Piedade em Alcobaça :

	Grammas
Chloreto de sodio.....	1,36290
Chloreto de lithio.....	0,00156
Chloreto de magnesio.....	0,12541
Chloreto de ammonio.....	Vestigios
Carbonato de calcio.....	0,28948
Sulfato de calcio.....	0,09154
Sulfato de potassio.....	0,01495
Sulfato de sodio.....	0,17489
Oxydos de ferro e alumina.....	0,00082
Silica.....	0,01490
	2,07645

	2,07645
Acido carbonico para formar bicarbonatos	0,12736
Acido carbonico livre.....	0,05828
Brometo de sodio.....	Vestigios
Azotato de sodio.....	»
Materias organicas.....	»
Total das substancias...	<u>2,26209</u>

«Temperatura na nascente, 28° 1/2 centigrados.

Preço da garrafa de litro.....	§200
Preço da garrafa de meio litro.....	§140
Preço de cada litro, na nascente.....	§060
Preço de cada litro, para o concelho de Alcobaça.....	§030

«Fornecese agua em garrações ou quaesquer outras vasilhas, sendo feito o pedido directamente á pharmacia Natividade, em Alcobaça, ou a F. L. de Avellar, rua do Principe, depositario principal em Lisboa.»

N.º 188.—Francisco José de Amorim (Foz do Douro, explanada do Castello, n.º 34).

Elixir dentrifico Amorim, a 500 réis o frasco.

Pós dentrificos Amorim, a 200 réis a caixa.

Elixoide de hypophosphitos Amorim, a 800 réis o frasco.

Emulsão de oleo de figados de bacalhau com hypophosphitos de cal e soda, a 400 réis o frasco.

Xarope depurativo de Gibert, preparado com xarope de café, a 600 réis o frasco.

Xarope de seiva de pinheiro maritimo, a 500 réis o frasco.

Xarope de quina ferruginoso, a 600 réis o frasco.

Vinho de quina ferruginoso, a 600 réis o frasco.

Capillarina Amorim, a 600 réis o frasco.

Seiva de pinheiro maritimo, a 360 réis o litro.

Topico indiano, contra as dôres de dentes.

N.º 189.—Francisco Julio Tavares de Magalhães (Porto, rua do Rosario, n.ºs 292 a 296).

Pastilhas de santonina, a 0,05 (brancas).

Pastilhas de santonina, a 0,05 (rosa).

Pastilhas de santonina, a 0,01 (brancas).

Pastilhas de santonina, a 0,01 (rosa).
 Pastilhas de alcaçuz opiadas.
 Pastilhas peitoraes calmantes.
 Pastilhas de alcaçuz.
 Pastilhas de alcatrão balsamicas.
 Pastilhas de althea.
 Pastilhas de aconito.
 Pastilhas de bi-carbonato de soda.
 Pastilhas de sub-azotato de bismutho.
 Pastilhas de chlorato de potassa.
 Pastilhas de chlorhydrato de cocaina.
 Pastilhas de balsamo de Tolu.
 Pastilhas de calomelanos.
 Pastilhas de carvão vegetal.
 Pastilhas de enxofre lavado.
 Pastilhas de hortelã pimenta.
 Pastilhas de kermes mineral.
 Pastilhas de magnesia.
 Pastilhas de Vichy, sem aroma.
 Pastilhas de Vichy (menthe).
 Sedlitz granulado e effervescente.
 Vinho toni-nutritivo de Magalhães.
 Pastilhas de cocaina boro-chloretadas.
 Pastilhas de cocaina chloretadas.
 Pastilhas de Dethan.
 Gottas amargas Baumé.
 Xarope de Follet.
 Injecção do dr. Amour.

Foi premiado com uma medalha de oiro e dois diplomas, um da exposição de Lisboa (1888) e outro da do Porto (1887).

N.º 190. — Francisco Maria Nogueira (Lisboa, rua do Infante D. Henrique, n.º 56).

Vinho tonico nutritivo contra a anemía, rachitismo, etc.

Foi premiado nas exposições de Lisboa (1888) e de Paris (1889).

N.º 191. — Francisco Saraiva da Costa Ribeiro (Ceia).

Xarope de quina e ferro.

Preço no local da producção, 550 réis o frasco.

Valor da producção annual, 450\$000 réis.
Diploma de honra na exposição de Lisboa em 1884.

N.º 192.—Franco, Filhos (Lisboa, rua Direita de Belem).

Vinho nutritivo de carne.

Vinho nutritivo de carne com lacto-phosphato de cal.

Xarope peitoral de James.

Farinha peitoral ferruginosa.

Todos estes productos são da invenção do expositor.

Na impossibilidade de reproduzir aqui os numerosissimos documentos com que este expositor acompanha os seus productos, limitar-nos-hemos a transcrever a seguinte sua curiosa exposição:

Vinho nutritivo de carne

«Ha muitos annos que o vinho nutritivo de carne só, ou com lacto-phosphato de cal, se prepara no nosso estabelecimento, e cada vez que tem sido applicado a qualquer doente anemico, convalescente, falto de forças, ou que soffra de dyspepsia, cardialgia, gastro-dynia, e outras affecções do apparelho digestivo, tem sempre conquistado os tóros de um bom preparado, principalmente nos casos em que as digestões são tardias, laboriosas, imperfeitas ou impossiveis.

«A junta consultiva de saude publica na sua informação official para o governo, elevou-o á categoria de um bom vinho medicinal.

«E não é só aos doentes que se deve applicar este vinho, quando anemicos, ou em estado de fraqueza geral, se torna necessario levantar-lhes as forças; é tambem aos que têm a peito a conservação da sua vida, e por falta de attenção á sua saude, vão de dia para dia debilitando-se sem dar por isso, chegando mais tarde a adquirir uma doença grave, que combatida a tempo, nunca lá chegaria.

«Por isso com bastante rasão muitos medicos aconselham tomar este vinho mesmo no estado de saude, ao *lunch* e ao *toast*, porque a par das qualidades tonicas e reconstituintes que possui, facilita e activa consideravelmente a digestão pois um calix d'este vinho representa um bom bife.

«As doenças do estomago em geral são quasi sem-

pre causadas pelo defeito da digestão; e este vinho alem de ter em dissolução os principios activos e nutritivos da carne, que o estomago abraça perfeitamente, sem causar perturbações intestinaes, tem mais a propriedade de activar e facilitar a digestão dos outros alimentos.

«Um distincto medico e lente da escola medico-cirurgica de Lisboa, o sr. conselheiro dr. José Eduardo de Magalhães Coutinho, foi o primeiro que ensaiou este vinho medicinal, nos seus doentes.

«Conhecendo dia a dia os progressos de seus effeitos durante o longo periodo de dois annos, inspirou-me a confiança de o mandar ensaiar nos hospitaes, casas de saude e clinica particular.

«Toda a medicina de Portugal e alguns medicos do Brazil que o têm ensaiado nos seus doentes, têm sido unanimes em declarar importantissimo o serviço prestado á medicina com este preparado. Animado de tão bons auspicios, requeri ao governo o privilegio exclusivo, e auctorisação de venda, em conformidade da lei de saude. O governo, depois das reiteradas observações de tão doutos clinicos, e depois de ouvir a junta consultiva de saude publica, que considerou bom o alludido preparado, concedeu o privilegio exclusivo por decreto de 29 de agosto de 1883, e auctorisou a venda por portaria de 13 de outubro do mesmo anno.

«Submettido este preparado ás auctoridades medicas da côrte do Rio de Janeiro, hoje republica dos Estados Unidos do Brazil, foi ali tambem approvedo pela inspectoría geral de hygiene, em sessão de 7 de maio de 1887.

«Tendo esta pharmacia concorrido á exposição industrial de Lisboa em 1888, aonde exhibimos o vinho nutritivo de carne, só, e com lacto phosphato de cal, o xarope peitoral James, e a farinha peitoral ferruginosa, tivemos a distincta honra de sermos agraciados com a medalha de oiro.

«Animados com esta recompensa industrial, mandámos no anno seguinte uma vitrine com os mesmos productos á exposição universal de Paris, e ali, n'um certamen de vinte e sete nações, tivemos a subida honra de sermos tambem agraciados com a medalha de oiro.

«Alguns pharmaceuticos de Paris recorreram d'essa deliberação para o grande jury, e este, depois de re-

petidas observações, analyses e ensaios medicos, não só confirmou á nossa casa a medalha de ouro, mas ainda elevou mais o merito dos nossos preparados, agraciando tambem com a medalha de prata o administrador e mais pessoal do nosso estabelecimento.

«A preparação d'este vinho tem sempre exigido de nós os mais minuciosos cuidados, não só na escolha da boa qualidade da carne, e de um vinho generoso e puro, como no modo de a transformar ao estado de liquido, tornando-a directamente absorvivel pelos estomagos ainda os mais debeis.

«Apesar do credito que ha mais de cincoenta annos merece o nosso estabelecimento, sempre que preparamos este artigo, facilitamos a entrada no nosso laboratorio a todas as pessoas que o quizerem visitar, e garantidos como estamos com o privilegio exclusivo, não temos duvida em o preparar diante de todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua visita, para que fiquem bem certos, que as qualidades, quer da carne, quer do vinho, são as mais superiores que se podem encontrar.

«O sr. delegado de saude, auctoridade administrativa d'este bairro, e o sub-delegado de saude, o sr. dr. José Maria Alves Branco Junior, por differentes vezes visitaram o nosso estabelecimento no acto da manipulação d'este vinho, e adiante certificam o que têm presenciado.

«As rezes que empregamos n'este medicamento são escolhidas das manadas da Beira, as mais gordas, saudaveis e musculosas, que ali se encontram, e abatidas no matadouro municipal á vista do competente veterinario. A parte aproveitavel do animal, empregada no nosso vinho, é unicamente a parte avermelhada dos musculos, que é a mais nutritiva de todos os tecidos animaes, e antes de a submetter-mos á machina, temos todo o cuidado de a despojar dos ossos e gorduras.

«Este medicamento feito n'estas condições sáe caro; todavia, na esperanza que um grande consumo salvará as despezas, resolvemos expol-o á venda em todas as terras de Portugal por 15000 réis cada frasco, e ainda para facilitar o consumo, resolvemos envial-o pelo correio para qualquer terra de Portugal, a quem mandar ao nosso escriptorio a quantia de 15000 réis em vale do correio ou estampilhas de 25 réis, e para o es-

trangeiro a quem enviar 1\$200 réis. Dá-se commissão para revender.

«Para evitar a contrafacção, e o publico não ser illudido, deve-se sempre verificar se os frascos contêm a marca do estabelecimento no proprio vidro e n'uma capsula metallica collada sobre a rolha. A marca da fabrica está depositada e registada no tribunal do commercio, e no ministerio das obras publicas, commercio e industria, em conformidade da carta de lei de 4 de junho de 1884; e se apesar de todas estas garantias a contrafacção tiver logar, será punida conforme as leis do paiz aonde se der esse crime.

«Belem, 15 de novembro de 1891. = *Ignacio José Franco, Pedro Augusto Franco Junior* = O administrador da pharmacia Franco, Filhos, *Antonio Manuel Augusto Mendes*.

Inspeccão do delegado e sub-delegado de saude do concelho de Belem

Lê-se no *Correio medico de Lisboa* o seguinte:

Vinho nutritivo de carne

«Como sub-delegado de saude de Belem fui convidado pelo sr. conselheiro Pedro Augusto Franco, para assistir á preparação do seu novo invento — o vinho nutritivo de carne.

«O sr. Franco teve a deferencia de mostrar-me e ao sr. administrador de Belem, que tambem por convite se achava presente, o accordão da junta consultiva de saude publica approvando o alludido vinho, assim como a licença legal para o poder expor á venda; teve igualmente a condescendencia de mostrar-me a formula do preparado, a qual achei muito bem combinada e propria para preencher o fim para que foi feita.

«O vinho nutritivo de carne é um verdadeiro liquido alimenticio, de gosto agradavel, de digestão facilima, ainda para os estomagos menos tolerantes, e podendo conservar-se inalteravel por longo tempo. Parece-me que este preparado está destinado a substituir com muita vantagem e dentro de pouco tempo todos os preparados analogos, que nos chegam do estrangeiro, como vinhos de carne, de peptona, etc. = *Alves Branco Junior*.

Xarope peitoral de James

«Unico legalmente auctorisado pelo conselho de saude publica de Portugal; ensaiado e approvedo nos hospitaes civis e militares, e pela inspectoría geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro, hoje republica dos Estados Unidos do Brazil.

«Este preparado tão antigo da nossa casa, acha-se hoje exposto á venda em todas as pharmacias do mundo.

«O enorme e sempre crescente consumo que se faz d'este medicamento, e a grande exportação para os paizes estrangeiros, é a prova mais concludente da sua superioridade sobre todos os especificos, que se podem aconselhar para debellar qualquer tosse, origem muitas vezes de graves padecimentos de peito. A sua acção é certa e decisiva; satisfaz ao doente e ao medico.

«Podiamos aqui reproduzir uma immensidade de attestados e cartas de medicos, e de particulares, elogiando este preparado, documentos honrosos que temos recebido no longo periodo de vinte annos; mas limitâmo-nos simplesmente a publicar os documentos officiaes com respeito a esta especialidade, que em toda a parte se vende pela diminuta quantia de tres francos, ou 500 réis, moeda portugueza.

Farinha peitoral ferruginosa da pharmacia
Franco, Filhos

«Esta farinha, a «unica auctorisada e privilegiada», é um excellente tonico reconstituente, e um precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão.

«Aproveita do modo mais extraordinario *nos padecimentos de peito, falta de appetite, nas convalescenças de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos e, em geral, nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.*

«O uso quasi commum que se faz em Portugal d'este especifico, e a sua legal auctorisação, tornam desnecessaria a publicação de milhares de documentos e de elogios que provam a sua efficacia, e que facultativos e doentes espontaneamente têm mandado ao seu auctor:

«Nos seus beneficos e sensiveis effeitos está a sua mais eloquente attestação.

«O enorme consumo e exportação que se faz hoje d'esta farinha, tem-nos obrigado a não elevar o preço primitivo de 200 réis cada pacote em todo o Portugal, não obstante as materias primas terem subido de valor.

«O publico deve-se precaver contra os imitadores, e deve verificar sempre se os pacotes contêm o retrato do seu auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca de fabrica, que está registada no tribunal do commercio, e no ministerio das obras publicas, em conformidade com a lei de 4 de junho de 1883.

«Acha-se á venda em todas as pharmacias e drogarias de Portugal e do estrangeiro.»

São representantes no Porto, da casa dos srs. Franco, Filhos, os srs. Ferreira & Irmão, rua da Bainharia, n.º 77.

N.º 193. — **Gomes & Cunha** (Villa Nova de Gaia).

Verniz flatting superior, para carruagens, cofres, etc.

Póde ser polido vinte e quatro horas depois de applicado.

Verniz flatting superfino, para trabalhos de exterior; secca em quarenta e oito horas.

Verniz preto Japão, proprio para obras de ferro; secca rapidamente.

Verniz flatting, para pintura de interiores; secca em doze horas.

Verniz copal, para pintura sobre branco em trabalhos interiores; secca em seis horas.

Seccante nacional.

N.º 194. — **Grandella & C.^a** (Lisboa).

Sabonetes.

N.º 195. — **J. F. Campos & Cortez** (Villa Nova de Gaia, rua do Padrão, n.ºs 162 a 164).

Sabões das suas fabricas do Alto da Bandeira e Quinta Amarella.

Premiado com medalha de 1.^a classe na exposição do Porto (1887).

N.º 196. — Jeronymo Pinto de Almeida Brandão (Porto, rua de Cedofeita, n.º 944).

Elixir nutritivo de carne, a 700 réis o frasco.

Vinho tonico digestivo, a 700 réis o frasco.

Vinho de hemoglobina soluvel, reparador dos globulos do sangue, applicavel contra a anemia, a chlorose, o enfraquecimento geral, etc., a 15000 réis o frasco.

Vinho de lacto-phosphato de cal ferruginoso de Brandão, a 600 réis o frasco.

Licor cordial, para mesa, como auxiliar da digestão.

Depurativo de Brandão, essencia iodada e concentrada de salsaparrilha, caroba e manacá; applicavel contra o rheumatismo, a 600 réis o frasco.

Elixir dentifrico, a 200 réis o frasco.

Emulsão de oleo de figados de bacalhau, com hypophosphitos de cal e soda, a 400 réis o frasco.

O *Livro das familias* e o *Boletim de pharmacia*, obras do expositor.

N.º 197. — João Augusto Gonçalves (Porto, rua de Santo Ildefonso, n.º 418-A).

Elixir anti-rheumatico de João A. Gonçalves.

Applicavel contra a enxaqueca, nevralgia, sciatica, gotta, etc.

N.º 198. — João de Almeida e Sousa Junior (Vianna do Castello, praça do Pombal, n.ºs 33 e 34).

Xarope peitoral de Béclair, modificado. Preço 500 réis.

Injecção Ricord, modificada. Preço 400 réis.

Pastilhas vegetaes vermifugas. Preço 120 réis.

Medicamento infallivel contra callos. Preço 200 réis.

Pós dentifricos. Preço 120 réis.

N.º 199. — Joaquim Antonio Vaz Leirinha (Lisboa, rua de S. Marçal, n.ºs 100 e 102).

Vinho de peptona, a 800 réis a garrafa.

Vinho de lacto-phosphato de cal, a 600 réis a garrafa.

Vinho digestivo, a 800 réis a garrafa.

Foi premiado com medalha de 2.ª classe e medallas de 1.ª classe, nas exposições industriaes portuquezas de 1887 e 1888 e na de París em 1889.

N.º 200. — Joaquim Filippe Pitta e João Manuel Fernandes (concelho de Redondo).

Preparados pharmaceuticos.

Vinho depurativo.

Farinha ferruginosa.

N.º 201. — Joaquim José de Miranda Sarmiento (Lisboa, calçada da Estrella, n.º 97).

	Preços
1 Vinho de quina e carne.....	§800
2 Vinho de quinino	§800
3 Xarope balsamico americano composto ...	§600
4 Xarope de seiva de pinheiro.....	§500
5 Xarope de lacto-phosphato de cal	§500
6 Xarope de iodeto de ferro.....	§500
7 Xarope lenitivo de Flora	§500
8 Xarope contra a tísica tuberculose, de Namorado.....	§500
9 Xarope de quina e ferro.....	§500
10 Injecção divina de Sarmiento	§500
11 Elixir de pepsina.....	§800
12 Xarope de iodo tannico.....	§800
13 Elixir anti-chloretico do dr. Lourenço ...	§500
14 essencia concentrada de salsa-parrilha...	§800
15 Phosphato de ferro de Leraz.....	§500
16 Gottas aperitivas.....	§300
17 Elixir dentifrico contra as dores de dentes	§200
18 Pós dentifricos.....	§060
19 Pomada anti-rheumatica.....	§500
20 Pomada anti-herpetica	§120
21 Pastilhas de Naphtol.....	§200

Dos productos n.ºs 1 a 6, 10, 11, 16 a 21 é inventor, dos restantes é productor.

N.º 202. — José Correia Borges (Porto, rua Ferreira Borges n.º 23, 1.º).

Verniz de alcool, branco.

Verniz de alcool, louro.

Verniz de alcool, preto.

São proprios para substituirem o verniz de polimento, e applicaveis sobre couros, papel e metaes.

N.º 203 — José Luciano Alves Quintella (dr.) (Porto, rua Formosa, n.º 206).

Licor depurativo vegetal iodado de salsaparrilha, thuya

e caroba, do medico Quintella, a 1\$500 réis o frasco.

Pilulas purgativas vegetaes de Alves, a 500 réis a caixa.

Escamonea e gomma gutha, do mesmo auctor.

O licor depurativo vegetal é um medicamento muito importante no tratamento das doenças syphiliticas, escrophulosas, rheumaticas e de pelle, o que lhe tem merecido attestados importantes de distinctos medicos e doentes que d'elle têm feito uso.

As pilulas são muito menos importantes, apenas um simples auxiliar.

O valor da producção annual regula por 4:000\$000 réis, sendo os mercados de consumo em Portugal, Hespanha e Brazil.

Menções honrosas nas exposições do Porto (1887) e Paris (1889).

Acerca do licor depurativo diz o expositor o seguinte:

«Mostrando-nos a experiencia que os medicamentos anti-syphiliticos de composição simplesmente mineral, ordinariamente applicados na clinica, nem sempre satisfazem, ao fim therapeutico desejado, e tendo nós visto, principalmente em manifestações syphiliticas secundarias e terciarias, que os medicamentos hoje introduzidos na clinica com diferentes nomes de depurativos do sangue e de composição vegetal, dão resultados curativos incomparavelmente mais promptos e efficazes do que os medicamentos de composição simplesmente mineral, como mercurio, iodo e seus compostos, verdade hoje assás demonstrada na clinica de milhares de medicos; resolvemos estudar com attenção esta parte da therapeutica, convencidos de que, se alguma cousa conseguissemos de melhor na formula d'esta ordem de medicamentos, teriamos prestado um beneficio á humanidade, cuja existencia vae sendo progressivamente minada por tão terrivel enfermidade. Uma das circumstancias que nos depurativos mais nos prendeu a attenção foi a falta de um effeito purgativo que em todos notámos; sendo certo que medicamentos d'esta ordem não podem dispensar-o, porque um tal effeito, não só modifica a superficie intestinal, pon-do-a em melhores condições de absorpção das substancias medicamentosas, mas determina mais facil eli-

minação no organismo dos productos morbidos, ou impurezas do sangue que se pretendem expulsar. Foi, tendo em vista estas e outras considerações, e animado pelo conselho de amigos e leaes collegas, que, dando principio a uma longa serie de experiencias nos hospitaes, e em doenças particulares, chegámos a obter o medicamento que hoje é tão conhecido pelo nome de «depurativo vegetal do medico Quintella».

«A certeza dos seus effeitos é confirmada pelos rasgados elogios que a imprensa tantas vezes lhe tem dispensado, bem como pelas importantes curas effectuadas no hospital real de Santo Antonio, e na nossa clinica particular, cuja confirmação se encontra nos extractos das tabellas do mencionado hospital, e nos muitos attestados dos individuos que, tendo experimentado outros medicamentos de igual natureza e grande fama, só n'este encontraram allivio aos seus padecimentos.

«Descreveremos em leve esboço a importancia da sua applicação nas doenças para que está indicado. É este medicamento um excellente depurador do sangue, superior, como a experiencia clinica tem demonstrado, a muitos outros que hoje têm grande applicação no tratamento das doenças syphiliticas, escrofulosas, rheumaticas e de pelle. A sua composição garante superioridade sobre todos, porque n'ella só entram substancias medicinaes anti-syphiliticas, purgativas e tonicas, auxiliadas pelo iodeto de potassio, reúne, portanto, alem do effeito diaphoretico, o de ser ligeiramente purgativo, desembaraçando assim o sangue de suas impurezas; mas isto de um modo suave, sem determinar a menor irritação intestinal, prescindindo por tal fórma da coadjuvação das pilulas catharticas, que sempre acompanham esta ordem de medicamentos, salvo em casos em que o doente seja rebelde ao effeito purgativo, que então é preciso de-terminal-o por outros meios aqui prevenidos.

«Banindo da nossa formula o mercurio e seus compostos, tivemos em vista evitar as dyscrasias sanguineas de origem mineral, que tantas vezes resultam da introduccção de agentes d'esta ordem na economia; creando, alem d'isso, em virtude da sua applicação, doenças novas, que, sendo semelhantes nos seus symptomas áquellas que se pretendem debellar, podem fazer suppor ao doente e ao medico a continuação

d'ellas, resultando de tudo isto graves inconvenientes para a saude.

«Não pretendemos negar com isto a suprema acção do mercurio, especialmente nas manifestações syphiliticas primarias, e tambem em algumas secundarias, quando ministrado em pequenas dóses, pelo methodo de *extincção* ou de *Montpellier*, durante cinco ou seis mezes, o que torna o tratamento demorado, sendo raro que os medicos obtenham da paciencia dos doentes o cumprimento exacto das suas prescripções. O doente desejoso da cura, vendo desapparecer as suas manifestações syphiliticas, julga-se curado, e abandona o tratamento; entretanto, estabelecida a infecção geral, vem a ser victima, em regra, de syphilis secundaria, que poucas vezes exige a applicação de preparados mercuriaes; e é n'estes casos que, cedendo o campo com grande vantagem na therapeutica aos depurativos vegetaes, registam os medicos nas suas clinicas particulares os mais admiraveis casos de cura, de que não poucas vezes temos sido testemunha.

«É por isso que, reconhecendo distinctos medicos grandes vantagens n'esta preparação, sobre as demais d'esta ordem, não cessam de applical-a em sua clinica particular.

«O seu effeito levemente purgativo, como acima fica dito, favorece a eliminação das impurezas do sangue, e coadjuvado pela acção therapeutica de algumas substancias tonicis, auxilia as digestões, desperta o appetite, e torna o doente cada vez mais agil, mais alegre, pois a causa morbida que o deprime vae desapparecendo.

«São certos e promptos os seus effeitos nas doenças syphiliticas, rheumaticas e escrofulosas, taes como: tumores, ulceras, dores rheumaticas, osteocopas e neuralgicas, blennorrhagias agudas e chronicas, cancrios syphiliticos, inflammações visceraes, de olhos, ouvidos, garganta, intestinos, etc., em todas as molestias de pelle, simples ou diathesicas, assim como na alopecia ou quéda do cabello, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.»

N.º 204. — Lemos & Filhos (Porto, praça de Carlos Alberto, n.º 31).

Elixir Botot modificado, a 500 réis cada frasco e a 300 réis o meio frasco.

- Pós dentifricos indianos, a 200 réis a caixa.
- Vinho de quina e casca de laranja strychno-arsenical, a 600 réis o frasco.
- Xarope de casca de laranja bi-iodado, a 600 réis cada frasco.
- Injecção hygienica e preservativa do dr. Thoru, a 300 réis cada frasco.
- Pomada contra a caspa e para a conservação do cabello, a 320 réis o boião.
- Quina e glycerina, tonico para o cabello, a 300 réis o frasco.
- Pó de carne, a 500 réis o frasco.
- Rob depurativo do dr. Guerra, a 1\$500 réis a garrafa.
- Pomada bracharense, a 200 réis cada caixa e a 100 réis cada meia caixa.
- Balsamo de Riga, a 160 réis cada frasco.
- Linimento de Richard modificado, contra frieiras não ulceradas, a 200 réis o frasco.

Do expositor recebemos as seguintes curiosas informações acerca da sua pharmacia :

«Esta pharmacia, cuja grande reputação está desde muito firmada, é uma das mais antigas do Porto. Per-tencendo desde 1780 a 1801 aos frades carmelitas terceiros do Carmo, foi nos primeiros nove annos dirigida por frei José de Santa Rita; de 1789 a 1793 por frei Manuel de Nossa Senhora do Carmo; de 1793 a 1795 por frei Manuel da Purificação e de 1795 a 1801 por frei José de Santa Rosa.

«Em 1801 (data da fundação do hospital) passou a ser propriedade da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, e foi desde então administrada pelos seguintes pharmaceuticos:

«De 1801 a 1806 por Custodio José Novaes.

«De 1806 a 1811 por frei Manuel do Amor Divino.

«De 1811 a 1812 por frei José do Menino Jesus.

«De 1812 a 1823 por Eusebio Pimentel Tavares.

«De 1823 a 1834 por Antonio José Martins.

«De 1834 a 1852 por Antonio José Teixeira de Lemos.

«De 1852 a 1862 por Joaquim Baptista de Lemos.

«Em 1862 a pharmacia passou a ser propriedade d'este ultimo pharmaceutico (Joaquim Baptista de Lemos), o qual em 1888 associou nos interesses da mesma, a seus filhos Antonio Baptista Alves de Lemos e Joa-

quim Baptista Alves de Lemos, ambos pharmaceuticos pela escola medico-cirurgica do Porto, approvados plenamente em julho de 1887.

«Actualmente esta pharmacia pertence a estes dois ultimos pharmaceuticos, unicos proprietarios d'ella desde 1890, data do fallecimento de seu pae.»

N.º 205. — Luiz Antonio Fernandes (Braga, rua dos Chãos) Pharmacia Central.

Xarope de extracto de figado de bacalhau (vinoso).

Oleo de figado de bacalhau ferruginoso.

Vinho de extracto de oleo de figado de bacalhau.

Sabonetes de alcatrão.

Xarope de seiva de pinheiro maritimo.

Tafetás impregnados de diversas substancias medicamentosas.

Injecção balsamica anti-bleunorrhagica.

Pasta dentifrica côr de rosa.

Pós dentifricos côr de rosa.

Cigarros anti-asthmaticos.

Elixir contra a alopecia.

Topico contra os callos.

Elixir anti-pyretico iodorifico.

Electoario anti-bleunorrhagico.

Opodeldoc.

Xarope de extracto de oleo de figado de bacalhau.

Tintura para o cabello.

N.º 206. — Manuel Fernandes Pessoa (Lisboa, rua da Graça, n.º 170).

Xarope de seiva de pinheiro, simples, a 500 réis o frasco.

Xarope de seiva de pinheiro, composto, a 600 réis o frasco.

O valor da sua producção annual regula pela quantia de 1:000\$000 réis.

Foi premiada com menções honrosas nas exposições de Lisboa, (1888) e Paris (1889).

N.º 207. — Manuel Lopes Julio (Porto, rua de S. Lazaro n.º 425 e rua do Heroismo n.º 189, Caldas da Rainha).

Crystaes de tartaro, extrahidos do sarro, borras e bagaços de vinho.

Sarro, borras e bagaço de vinho.

Diversos objectos fabricados com crystaes de tartaro (classe 19.^a).

O expositor presta as seguintes informações:

«Todos estes objectos foram crystallizados pelo expositor sem auxilio de ninguém, depois de ter alcançado o processo de extrahir os crystaes que apresenta, empregando para isso os seus esforços, até que pôde chegar a uma conclusão. Ainda até hoje não appareceu um portuguez que mostrasse á evidencia o grande valor d'este genero que, pela sua fabricação, merece muito mais attenção do que aquella que se lhe tem prestado, quando é certo que os crystaes são applicados nas grandes fabricas de seda, lã e algodão, assim como em diversos medicamentos, não havendo outra materia que os possa substituir.

«Ha bastante tempo que me occupo da compra de sarros, borras e bagaços, em competencia com estrangeiros, de fórma que o seu preço tem triplicado desde certa epocha, produzindo até hoje mais de réis 3.000:000,5000.

«Uma grande parte dos portuguezes, desconhecem este ramo de industria, e poucos eram os que d'ella se occupavam, de maneira que os estrangeiros, até certo tempo, a exploraram, sem que d'isso resultassem proventos para Portugal, porque o preço que davam era desgraçadissimo; hoje, porém, vale bem a pena aproveitar tudo que for d'este genero, por ter prompta venda e os seus preços serem muito regulares.

«Ha mais artigos de que pouco ou nenhum caso se faz, como, por exemplo, a cravagem do centeio, que já alguma pude obter e que deu em Paris 3 francos cada kilogramma, sendo a sua applicação na medicina.

«O lupulo é tambem um artigo que existe no paiz, mas que se não aproveita, quando podia ser applicado para a fabricação de cerveja e na medicina. Finalmente, ha falta de livros portuguezes e escolas agricolas, onde se estudem diversos processos aproveitaveis.

«Mais artigos teriamos que dessem bons resultados, mas, infelizmente, nada possuímos, e lá fóra somos

taxados de imbecis, porque aguardâmos que de lá nos mostrem como as cousas devem ser feitas, e ainda nem assim damos um passo no nosso desenvolvimento industrial agricola.»

N.º 208.— Mathieu Lugan (Villa Nova de Gaya).

Cremor tartaro em cristaes.

Cremor tartaro em pó.

Tartaro em cristaes.

Cristaes de tartaro em pó.

Sarro especial.

Sarro commum.

Borras de vinhos brancos e tintos, seccas, em bocados e miudezas.

Cremor tartaro pardo.

Acido tartarico.

Preto animal (especial d'esta fabrica).

Cristaes da distillação de bagaço.

Os preços são variaveis, fluctuando com os dos mercados inglezes e americanos, onde estes generos são vendidos.

A exportação annual tem variado de 150:000,5000 a 220:000,5000 réis.

Esta fabrica, que é a unica no seu genero em Portugal, acha-se estabelecida ha vinte e cinco annos.

Os seus productos são todos exportados para Inglaterra e America, onde encontram venda certa, sendo muito apreciados, e recebendo cotações ao par dos productos similares de outros paizes.

Occupa quinze homens, cujos jornaes oscillam entre 450 e 900 réis.

Emprega uma machina da força de 10 cavallos. O sarro e as borras de vinho são as materias primas d'esta industria; todas provém do paiz e são mais de quinhentas individuos os que se empregam na sua procura.

Foi premiado com medalha de prata na exposição do Rio de Janeiro e foi nomeado cavalleiro do *Merito agricola* como collaborador na exposição de Paris em 1889.

N.º 209.— Museu Colonial (Lisboa).

Sabão vegetal, aguas mineraes; etc.

N.º 210.— Narciso Pinto Ferreira (Porto, rua de Traz, n.º 204).

1.ª classe :

- 1.º caparrosa crua.
- 2.º caparrosa crua.
- 3.º caparrosa calcinada.
- 4.º caparrosa rouge.

A principiar pelo primeiro frasco, termina no quarto promptamente apto para polir o oiro e toda a qualidade de metaes. Cada 450 grammas, a 1\$600 réis.

2.ª classe :

- 1.º, 2.º, 3.º e 4.º terra podre.

Para o mesmo effeito da 1.ª classe, kilogramma réis 3\$600.

3.ª classe :

- 1.º, 1.º-A. Acido borico para soldar, a 400 réis o kilogramma.

4.ª classe :

Pedra pomes (polimento).

Escovas para o devido alimpamento, a 200 réis cada uma.

N.º 211.— Oliveira & Moreira (Tinturaria nacional, Porto, rua de Bellos Ares).

Amostras de tinturaria de seda e algodão.

Entre estas amostras figuram as dos algodões tingidos de encarnado firme.

N.º 212.— Pedro Cambournac (Lisboa, largo da Annunciada, n.ºs 14 a 16, filial, rua de S. Bento, n.º 420)

Tinta portugueza.

Tinta superior.

Tinta superior, copia.

Tinta allemã.

Tinta allemã, copia.

Tinta Japan.

Tinta commercial.

Tinta commercial, copia.

Tinteiro n.º 21.

Tinteiro n.º 27, de zinco.

Tinta escarlata.

Tinta verde.

Tinta azul.

Tinta violeta.

Tinta carmin.

Tintas de diferentes cores.

Amostras de tinturaria em seda e lã.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa, em 1888.

N.º 213. — Rodrigo José da Silva (Porto, rua dos Martyres da Liberdade, n.º 50).

Pomada para calçado.

O expositor informa, que fabrica esta pomada segundo um processo especial que amacia os cabedaes, por mais grossos que sejam, tornando-os completamente impermeaveis.

Para se fazer uso d'ella applica-se ao cabedal tanta quanta elle possa receber.

Alem da mencionada applicação nota que tambem se póde empregar para limpar e conservar o brilho aos metaes.

Acrescenta, que algumas pessoas a têm applicado com vantagem, contra o rheumatismo, frieiras, etc.

N.º 214. — Victor Maria Martins (saboaria do Bohlão, Porto; Bomjardim, n.º 582).

Sabão de diferentes qualidades.

Foi esta saboaria fundada em 1870.

O expositor obteve diploma de 1.ª classe na exposição do Palacio de Crystal, em 1887.

N.º 215. — Viuva de João da Cunha Assucar (Lisboa, rua da Junqueira, n.º 108, a Belem).

Graxa.

A fabrica de graxa nacional de Horta e Silva é hoje propriedade da expositora.

São depositarios no Porto os srs. Pereira & Nunes, rua Chã, 107-A, 1.º

CLASSE 6.^a

Machinas. Machinismos em geral, ferramentas, utensilios de manufacturas e officinas industriaes. Instrumentos agricolas e horticolos. Vehiculos. Peças diversas que entram na composição das machinas e vehiculos.

N.º 216.— A. de La Roque, successores. (Porto, rua de S. Bento da Victoria, n.º 10).

Tararas, a 40\$000 réis.

Grades circulares, para lavoura, a 18\$000 réis.

Corta-palhas, a 13\$500 réis.

Carros para saccos, a 4\$500 e 6\$500 réis.

Charruas, a 12\$000 réis.

Macacos para carros, a 4\$000 réis.

N.º 217.— Antonio Joaquim de Freitas (Porto, rua do Breyner, n.º 27).

Reguas para alfaiate.

Os seus mercados de consumo são Portugal e Brazil.

Fabrica estas reguas desde 1867.

Encontram-se á venda na papelaria Amador, largo dos Loyos, n.ºs 38 a 40.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 218.— Antonio Pinto de Magalhães (Porto, rua de S. Victor, n.ºs 229 a 235).

Fouces, a 1\$320 réis.

Ancinhos, a 1\$450 réis.

Pás de jardim, a 1\$380 réis.

Chãos, a 1\$330 réis.

Enxadas, a 1\$540 réis.

Machados, a 1\$510 réis.

Enxadinhas, a 240 réis.

Martellos de carpinteiro, a 360 réis.

Picões, a 800 réis.

Alviões, a 700 réis.
 Foucinhas, a 200 réis.
 Enxós, a 700 réis.
 Gadanhos, a 400 réis.
 Fuzís, a 400 réis.
 Choupas, a 240 réis.
 Sachos de bico, a 200 réis.
 Colhéres de jardim, a 400 réis.
 Facas, a 1\$550 réis.

N.º 219.—Bento de Moura e Silva (Celorico de Basto).

Arados (com privilegio) a 12\$000, 14\$000 e 18\$000 réis.

A sua fabrica principiou a funcionar apenas em outubro passado.

Alem dos arados expostos, fabrica :

Os arados n.º 2, com teiró privilegiado, a 10\$000 réis.

Os arados n.º 2, com teiró pequeno, a 9\$000 réis.

Amontoadores, a 18\$000 réis.

Estirpadores, a 18\$000 réis.

Grades, systema inglez, a 27\$000 réis.

Debulhadores para trigo ou centeio, a 40\$000 réis.

Debulhadores de milho, a 12\$000 réis.

Prensas para azeite com todos os machinismos necessarios, a 400\$000 réis.

Desde o momento que entre todo o machinismo em acção, pôde occupar 15 jornaleiros, variando os salarios entre 300 e 1\$200 réis.

Emprega um motor hydraulico da força minima de 3 cavallos, que move um torno mechanico, uma machina de furar e outra de atarrachar.

Ácerca da sua charrua *B. M. S. n.º 4*, presta as seguintes informações :

«Esta charrua ou arado distingue-se de todas as outras por uma grande ligeireza de tracção, economia e perfeição de trabalho. Lavra com facilidade em todos os terrenos.

«A solidez da sua construcção permite que lavre facilmente terrenos incultos, cortando todas as raizes de tojo, giesta e quaesquer outras que não excedam 4 centimetros de grossura.

«Póde lavar até á profundidade de 0^m,44 e até á

largura do rego de 0^m,60. Deve, todavia, graduar-se para conveniencia do trabalho entre 0^m,10, 0^m,18 e 0^m,33 na profundidade, e 0^m,10, 0^m,22 e 0^m,44 na largura do rego.

«Lavra com facilidade qualquer terreno inclinado, encostando a leiva ou ceita para cima, comquanto que a elevação do terreno não exceda a 25 por cento.

«A força de tracção a empregar é de dois a quatro bois.

«Com este arado póde lavrar-se a grande profundidade, servindo para arrotear terrenos incultos.

«Póde immediatamente em seguida á lavoura, fazer-se a sementeira, pois este arado dispensa a primeira grade e o trabalho de *picar* a leiva ou ceita.»

Instrucções

«O lavrador deve procurar, sempre que seja possível, lavrar em linha recta; tambem o póde fazer com vantagem em curva, comtanto que esta não tenha mais de 20 por cento, do contrario quebra muito a leiva ou ceita.

«Para lavrar mais fundo deve levantar-se a roda que gira na frente do temão, approximando-a d'este; quanto mais a fizer subir mais fundo lavra.

«Calcula-se bem a profundidade da lavoura pela altura que vae do solo á roda da frente do temão.

«A aiveca do novo arado é muito modificada no seu tamanho e configuração, dando em resultado mais facilidade no trabalho e melhor quéda da leiva.

«Na parte posterior d'ella são collocadas duas *pica-deiras* ou *sachadeiras*, que são duas facas de ferro, seguras por meio de tres parafusos cada uma com seis argolas, uma em cada angulo da aiveca; servem para regular a profundidade a que o lavrador quer *picar* ou *sachar* a leiva.

«Este arado e todas as peças de ferro fundido que lhe pertencem têm a marca do inventor *B. M. S.* n.º 4.

«Garante-se a perfeição do trabalho e solidez da construcção.

«Tambem lavram com perfeição os arados n.ºs 0 e 2, e os seus teirós são privilegiados.

«O deposito no Porto é no escriptorio dos srs. Monteiro Rebello & Boschmans, á rua de Passos Manuel.»

N.º 220.— Companhia Alliança de Fundição de Massarellos (Porto, Massarellos).

Bombas Letestu, modelos n.ºs 1, 2 e 3.

Bombas Castraise, de duplo effeito.

Bomba aspirante, elevatoria, de simples effeito.

Dobadeira para fio de algodão.

Furador para arcos de pipas.

Machina de abrir escateis (funciona desde 1880 nas officinas da fabrica).

Noras para a extracção de agua em poços. Typos n.ºs 1, 2, 3 e 4.

Prensa para azeite.

Tear para algodão e flannels.

Tambores de chapa de ferro.

Valvulas e torneiras.

Estrado de um guindaste, peça com o peso de 4 toneladas.

Foi esta fabrica fundada em 1852 e tem sido premiada em muitas exposições.

Vejam-se tambem as classes 7.^a, 16.^a e 20.^a

N.º 221.— Companhia Carris de Ferro do Porto (rotunda da Boa Vista, Porto).

Carruagem fechada para passageiros, n.º 29, preço 700\$000 réis.

Carruagem fechada para passageiros, n.º 42, preço 600\$000 réis.

Emprega nas suas officinas uma machina e caldeira de 8 cavallos, mas a maior parte do trabalho é manual.

As madeiras de que usa são nacionaes e americanas, as rodas allemãs, as tintas inglezas, os vernizes nacionaes, e tambem é portuguez a maior parte do restante material.

Tem construido 44 vehiculos para passageiros e cargas, de diversos modelos, todos destinados a seu uso proprio.

Funciona desde 1874.

O verniz da carruagem n.º 29 provém da fabrica do sr. Augusto Gama, foi-lhe applicado sem auxilio de estufa e n'um dia chuvoso e frio, seccando apesar d'isso em vinte e quatro horas.

N.º 222.—Companhia do Caminho de Ferro da Povoá (drecção e administração no Porto, praça da Boa Vista).

Uma carruagem-freio, de 1.^a classe. — Preço no local da producção, 1:550\$000 réis.

Esta companhia presta ácerca das suas officinas os seguintes esclarecimentos:

Material mechanico

Um motor, systema *Tangye's*, de 8 cavallos de força, independente da caldeira, sendo esta vertical;

Dois fornos para fundição de bronze, um para cadinho n.º 80 e outro para cadinho n.º 120;

Tres forjas a vapor e duas portateis de folle;

Tres tornos mechanicos;

Um dito para torneiar á mão (da industria d'este estabelecimento);

Uma machina de aplainar;

Um limador mechanico;

Duas machinas de furar;

Uma machina de atarrachar parafusos;

Uma machina de enrolar chapa (da industria d'este estabelecimento);

Uma machina de furar e cortar chapa, furando e cortando a espessura de 0^m,020, e todas as demais ferramentas de mão para executar trabalhos mechanicos.

Pessoal

Um mestre geral (chefe das officinas), com o vencimento diario de 2\$500 réis.

Officinas de montagem, serralheria, fundição e forjas:

Um encarregado de montagem, com o vencimento diario de 1\$600 réis.

Um encarregado de ajustagem, com o vencimento de 1\$000 réis.

Tres serralheiros, com o vencimento de 750 réis.

Um serralheiro revisor, com o vencimento de 700 réis.

Dois torneiros, com o vencimento de 550 e 700 réis.

Um fundidor de bronze, com o vencimento de 700 réis.

Um funileiro, com o vencimento de 500 réis.

Dois forjadores, com o vencimento de 700 e 800 réis.

Dois ajudantes de forjadores, com o vencimento de 360 e 400 réis.

Dois aprendizes, com o vencimento de 100 e 200 réis.

Um servente, com o vencimento de 360 réis.

Um fogueiro da machina motora, com o vencimento de 400 réis.

Officina de carpinteria:

Um encarregado (marceneiro), com o vencimento de 800 réis.

Um carpinteiro, com o vencimento de 700 réis.

Um aprendiz, com o vencimento de 80 réis.

Officina de pintura:

Um encarregado, com o vencimento de 650 réis;

Um official, com o vencimento de 500 réis;

Um aprendiz, com o vencimento de 80 réis.

O tempo de serviço util, de verão e inverno, é de nove horas e quarenta e cinco minutos, havendo ao almoço trinta minutos e ao jantar uma hora de descanso.

A admissão de aprendizes faz-se com a idade minima de quatorze annos, findando a aprendizagem aos cinco annos, quando mostram a necessaria aptidão.

Ha uma caixa de soccorros instituida pela direcção technica, não havendo, porém, escola.

Estatistica economica

A propriedade das officinas pertence á companhia.

As materias primas importadas são: carvão de forja, dito de coke para fundição, aço, ferro, chumbo, cobre, estanho, zinco, drogas para pintura, madeiras, etc.

As fundições realisam-se mensalmente, sendo a sua carga de 80 a 120 kilogrammas de bronze.

Capital social 500:000\$000 réis.

Productos expostos no Palacio de Crystal portuense

Uma carruagem-freio de 1.^a classe para vinte e quatro passageiros, construida em 1891.

Detalhe do seu conjunto:

O bastidor é de ferro duplo T, ligado com revites e parafusos. Os eixos são de aço. A base da caixa da carruagem é de castanho e riga. As plataformas são de castanho, as varandas de ferro forjado, assim como as bombas de engate. O cavername da caixa é de freixo nacional. O forro interior, de mogno e choupo americano; os caixilhos das janellas, de mogno; as venezianas, de choupo americano; os vidros, nacionaes; as redes, de linho crú nacional; os supportes de bronze que sustentam as mesmas, são nacionaes; os bancos, de castanho, freixo e mogno; a palhinha, nacional; as almofadas, nacionaes. Forros exteriores, riço de algodão e os fundos de oleado, são material importado.

A caixa, exteriormente, é couraçada com chapa de ferro *Best-Best*. Os ventiladores são nacionaes. Pharoes, material importado. A capa do tejadilho é de linhagem alcatroada, e todas as demais ferragens do seu conjunto são de fabrico nacional, assim como são nacionaes o desenho e a direcção da construcção.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 223. — Eduardo Candido Serra (Covilhã, rua da Carreira Aucha, n.º 21).

Pentes para tecer lã, estambre, algodão, linho e seda.

O seu preço é de 100 a 200 réis por cada cento de púas.

O valor da sua producção annual é de 1:400\$000 réis.

O seu fabrico é todo manual.

N.º 224. — Eduardo de Almeida (Coimbra, rua da Magdalena).

Photographia de uma machina de expansão da força maxima de 7 cavallos effectivos, executada na sua officina.

O preço da machina, com expansão variavel (completa) é de 410\$000 réis e sem expansão de 378\$000 réis.

N.º 225. — Eduardo Pereira de Oliveira Castro (Porto, rua do Bomjardim, n.ºs 221 e 223).

Machinas de fazer meias, a 36\$000 e 54\$000 réis.

Cylindros de bronze para as mesmas, a 7,5000 e 9,5000 réis.

Accessorios de torno:

Cortador completo para trabalhos de ornato, a 27,5000 réis.

Guniometro, completo, para amollar os ferros, a 18,5000 réis.

Apparelhos para abrir parafusos, a 50,5000 e 80,5000 réis.

Buchas-plataforma, a 30,5000 e 40,5000 réis.

O expositor encarrega-se de executar na sua officina mechanica todo e qualquer trabalho de torno em todos os metaes.

Concerta machinas de fazer meia, de costura, de limpar facas, instrumentos de precisão, apparelhos electricos, relógios, caixas de musica, assim como executa e concerta apparelhos de photographia.

Galvanisa toda a qualidade de metaes a oiro, prata, nickel ou cobre.

Vende accessorios de machinas de costura, taes como agulhas, correias, etc.

N.º 226. — Eduardo Pereira Pinto (Porto, Campanhã, logar de Azevedo).

Pentes para fitas de seda:

De 40 a 50 púas, a 200 réis.

De 50 a 80 púas, a 300 réis.

De 80 a 100 púas, a 350 réis.

Pentes para tecidos elasticos: de 80 a 100 púas, a 500 réis.

Pentes para tecidos de seda: por cada 100 púas, 160 réis.

Pentes para tecidos de linho (riscado de colchões): por cada 100 púas, 120 réis.

Pentes para tecidos de algodão: por cada 100 púas, 100 réis.

Pentes para tecidos de palheta: de 40 a 60 púas, a 200 réis.

Pentes para tecidos de linho (bragal).

N.º 227. — Firmino Ferreira Barbosa (Porto, rua do Bomjardim, n.º 558).

Machina de dobrar saltões (fogo de artificio).

Volantes para relojoaria, a 3,5000 réis e 4,5000 réis.

N.º 228. — Francisco de Campos Pereira (Lisboa, rua dos Cordoeiros, n.º 50, 4.º, esquerdo).

Bomba indicadora de fugas.

Desenho da dita e sua descripção.

Este apparelho pertence ao sr. Julio Gomes Ferreira, Lisboa, travessa da Victoria, n.ºs 86 e 88, empreiteiro das companhias do gaz e das aguas.

O seu preço é de 45\$000 réis.

É destinado ao reconhecimento das rupturas nas canalisações do gaz ou agua.

«A vantagem de um apparelho d'esta ordem, diz o expositor, é incontestavel; não se póde dispensar a sua applicação quando se trata principalmente de canalisações que tenham de ser cobertas por estuques de merecimento, pois que, qualquer ruptura importará o levantamento d'estes, e portanto grandes despezas que se evitam com a applicação da bomba indicadora de fugas.

«Os meios actualmente em uso para o reconhecimento de rupturas nas canalisações de gaz, consistem em, depois de tapadas todas as saídas, introduzir o gaz no encanamento e verificar se o contador funciona.

«Vê-se facilmente que este meio de verificação não póde dar resultados satisfactorios, porquanto, sendo muito pequena a tensão do gaz (isto é, representada apenas por alguns centímetros de agua) este não tem força sufficiente para quebrar o breu ou stearina, que algumas vezes, em logar da solda, fica tapando as soldaduras, e mais tarde, quando, por effeito da dilatação, o breu ou a stearina da solda quebrar, apparece a ruptura, e portanto os inconvenientes e perigos de um derramamento de gaz.

«As vantagens da applicação da bomba indicadora de fugas nas canalisações de agua, tambem é manifesta, pois que a experiencia feita com a agua em pressão, tem o inconveniente de inutilisar o estuque das paredes ou tectos, em caso de ruptura.»

N.º 229. — Francisco Pereira Lessa (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 360).

Uma victoria *Mylord*.

Preço, 450\$000 réis.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 230.—Fundição da Arrabida (Viuva Guimarães & Sobrinho, Porto).

Peças de machinas para fição e tecidos de algodão.

N.º 231.—Germano Valeins (Porto, largo de Santo Antonio do Bomjardim, n.º 141).

Phaeton Olympia de quatro rodas; preço, 300\$000 réis.

Carreta Bombarda; preço, 170\$000 réis.

Dita, typo inglez.

Occupa na sua officina 10 homens e 3 menores, sendo os jornaes d'aquelles entre 360 e 1\$200 réis, e os d'estes de 120 a 220 réis.

N.º 232.—Izabel M. de Armada & Filhos (D.) (Porto, rua do Almada, n.ºs 302 e 304).

Tres jogos de escalas para alfaiates, compostos de sete peças cada um, custando respectivamente 4\$000, 5\$000 e 6\$000 réis.

Nota a expositora que esta industria está a principiar e ainda não é conhecida em Portugal.

N.º 233.—Jeronymo Pinto Paiva Freixo (Villa Nova de Gaia, freguezia de Crestuma).

Ferros fundidos para alfaiate.

Chãos.

Ventiladores para salas.

Guinchos, a 22\$500 réis.

Veja-se ácerca d'esta fabrica a classe 20.^a

N.º 234.—João Esteves Pereira (Figueira da Foz, rua das Rosas, n.º 39).

Fôrmas para calçado, a 300, 400 e 500 réis cada uma, com abatimento de 20 por cento para revender.

Valor annual da producção, 1:500\$000 réis.

Diz o expositor que esta industria se acha bastante affectada pelos mercados allemães e francezes, e que os industriaes d'estas nacionalidades possuem machinismos aperfeiçoados para o desbaste e acabamento das fôrmas para calçado, melhoramentos que elle não possui.

Emprega 3 homens e 2 creanças, sendo os jornaes d'aquelles de 500 a 800 réis e os d'estas de 100 a 200 réis.

Os seus principaes mercados são: Lisboa, Coimbra, Castello Branco, Guarda, Figueira da Foz e Leiria.

Menção honrosa na exposição de Coimbra (1884) e diploma de 3.^a classe na de Lisboa (1888).

N.º 235.— Joaquim Francisco da Silva (Porto, praça de Santa Thereza, n.º 44).

Uma turbina de sua invenção.

N.º 236.— John Minchin Junior (Porto, rua do Bomjardim, n.º 236).

Valvulas, torneiras, etc.

Veja-se para este expositor a classe 20.^a

N.º 237.— José Antonio Dias (Villa Nova de Gaia, rua do General Torres, n.ºs 275 a 279).

Um break, custo 650\$000 réis.

Um landau, custo 650\$000 réis.

Um spider, custo 360\$000 réis.

Um coupé, custo 1:200\$000 réis.

Uma charrette, custo 157\$000 réis.

N.º 238.— José Augusto Ferreira da Cunha, successor de Augusto Mendes da Cunha (Guimarães, rua Nova de Santo Antonio, n.ºs 27 e 29).

Tesouras para alfaiate, a 8\$000 cada uma.

Tesouras para decotar arvores, a 6\$500 réis cada uma.

Tesouras para aparar murta, a 3\$000 e 4\$500 réis.

Tesouras para bordar, a 900 réis.

Facas para mato, a 2\$500 e a 3\$000 réis.

Machados, em 5 marcas, de 360 a 800 réis.

Alviões, a 800 réis.

Picaretas, a 800 réis.

Plainas, a 320 réis.

Garlopas, a 1\$000 réis.

Juntouras, a 650 réis.

Enxós, a 600 réis.

Veja-se ácerca d'este expositor a classe 20.^a

N.º 239.— José Rodrigues da Silva Junior (Porto, rua do Almada, n.º 490).

Apparelhos de soldar, para ourives, a 1\$800 réis cada um.

N.º 240. — José Rodrigues Moreira Gomes (Villa Nova de Gaia, rua da Fervença, n.º 20).

Uma pipa, systema de exportação do Porto, capacidade 487¹/₅. Custo, 12\$000 réis.

Dois barris, de 87¹/₅₀, systema de exportação de Lisboa. Custo, 3\$000 réis cada um.

Peças de obra de tanoaria, em miniatura, a saber: tres pipas, um caneco, um balseiro, um funil e uma celha.

Estas formosas peças em miniatura foram pelo expositor offerecidas ao museu agricola e florestal de Lisboa.

Occupa na sua industria 10 homens e 3 menores, ganhando aquelles de 500 a 700 réis, e estes de 120 a 180 réis.

A sua producção annual regula por 4:000\$000 réis.

N.º 241. — Manuel da Silva Freitas (Porto, Massarellos).

Um torno mechanic.

N.º 242. — Manuel Joaquim Correia da Gama (Porto, rua de Traz da Sé, n.º 23).

Diversos cunhos de aço para ourivesaria.

Cortadeira de aço para cortar pequenas peças em oiro, que são ligadas e confeccionadas sem soldaduras para collares e correntes de relógio.

Serve-se de um *balancé* para cunhar e cortar diferentes miudezas pertencentes á industria da ourivesaria, como: aneis, brincos, alfinetes de manta, centros de medalhas, etc.

N.º 243. — Manuel Patricio do Couto Maia (Porto, rua da Carvalhosa, n.º 24).

Um junço de novo modelo, a 1\$000 réis.

Uma valvula grande, a 240 réis.

Uma valvula pequena, a 200 réis.

É tudo para bombas de pau.

N.º 244. — Museu Colonial. (Lisboa).

Uma collecção de instrumentos agricolas, como enxadas, alviões, podões, machadinhas, fources para sangrar as arvores, fources roçadouras, ancinhos de ferro, productos da ferraria e cutelaria indigena.

Provêm estas ferramentas das provincias de Guiné, Angola, Moçambique, India e Macau.

Um modelo de arado.

N.º 245. — Nova Companhia de Fundição do Oiro (Porto).

Um motor horisontal, da força de 4 a 5 cavallos; custo, 450\$000 réis.

Um motor vertical, da força util de 2 cavallos; custo, 150\$000 réis.

Uma prensa, toda de ferro, com roquête no parafuso, para a extracção de azeite.

Uma nora, toda de ferro, para alcatruzes ou copos.

Um estanca-rios.

Vejam-se as classes 17.^a e 20.^a

N.º 246. — Raphael Cardona Faz-Frio Junior (Moimenta da Serra).

Canellas de folheta para fiacção n.ºs 1 e 2.

As primeiras a 6\$500 réis, as segundas a 5\$000 réis o milheiro.

Veja-se a classe 20.^a

CLASSE 7.^a

Material diverso relativo á engenharia em todos os seus ramos, á architectura civil e naval; marinha,apparelhos nauticos, de salvação e de incendios; projectos, desenhos e modelos correlativos

N.º 247.—Antonio Moreira da Silva Couto (Porto, rua dos Caldeireiros, n.º 59).

Uma bomba para extincção de incendios.

Um carro de material para o mesmo fim.

Uma escada à *crochet*.

Um carro de mangueiras.

Diversos accessorios para material de incendios.

Esta officina tem trinta annos de existencia e o seu proprietario presta-se a ir gratuitamente exercitar as corporações de bombeiros, não só na tactica moderna, como tambem na manobra dos apparelhos e machinas.

N.º 248.—Carlos de Pezerat, engenheiro chefe de exploração da companhia geral das aguas para o estrangeiro, concessionario do abastecimento de agua da cidade do Porto. (Porto, rua do Principe, n.º 5.)

Planta topographica da conducta de adducção do rio Sousa até á cidade.

Nove photographias, representando o estabelecimento hydraulico construido no rio Sousa.

Album de photographias, representando os principaes edificios construidos pela companhia para a installação do abastecimento da cidade.

Vinte e seis peças e reguladores de agua, empregados na canalisação de distribuición da agua.

Brochura descriptiva das obras executadas pela companhia na cidade do Porto.

A produção annual regula por 1.400:00 metros cubicos de agua.

Occupa no seu serviço 56 homens, com jornacs de 320 a 2\$400 réis.

Emprega tres turbinas hydraulicas da força de 110

cavallos cada uma, duas machinas a vapor de 98 cavallos cada uma, e outra de 38 cavallos.

Foi premiado com medalha de oiro na exposiçãõ de Paris, em 1889.

N.º 249.— Companhia Alliança de Fundiçãõ de Massarellos (Porto, Massarellos).

Pavilhãõ de ferro, coberto de lona, onde se acha uma das installações d'esta companhia.

Cylindro compressor das estradas, em ferro.

N.º 250.— Companhia Aurificia (Porto, rua dos Bragas).

Foi esta companhia a constructora dos annexos em quẽ se faz parte da exposiçãõ, edificando-os em dez dias sob a direcçãõ do seu mestre de obras, sr. Francisco da Silva.

N.º 251.— Francisco Antonio Marques (Avintes, Porto).

Modelos e desenhos de embarcações.

N.º 252.— Guilherme Gomes Fernandes & C.^a (Porto, rua do Bomjardim, n.º 190, 1.º).

Carro de duas rodas com escadas e material para extincçãõ de incendios. Custo, 360,5000 réis.

Escadas de ganchos para escalada de predios, em serviço de extincçãõ de incendios. Custo 225,500 réis.

Escadas mechanicas do systema *Bourceret*, em tres lances, para corporações de bombeiros ou fabricas. Custo, 30,5000 réis.

Ditas, em dois lances. Custo 25,5000 réis.

Ditas em dois lances, com escoras lateraes, podendo armar em fórma de A, para uso de fabricas, estabelecimentos, ou particulares. Custo, 20,5000 réis.

Duas photographias, com modelos de carros construidos.

O expositor nãõ póde precisar a sua produçãõ annual, nãõ só por ser nova a officina, como por ser de um artigo que nãõ tem consumo regular.

Occupa 7 homens e 1 menor; este ganha 200 réis diarios, aquelles de 400 a 1,5050 réis.

È a primeira exposiçãõ a que concorre.

N.º 253. — L. de Mendonça e Costa (Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 109).

Gazeta dos caminhos de ferro de Portugal e Hespanha.

Publicação quinzenal, contendo uma parte official, auctorisada por despacho de 5 de março de 1888, do ministerio das obras publicas.

Tem uma tiragem de 1:500 exemplares. A collecção, comprehendendo os tres annos findos, e encadernada em percalina parda, custa 10\$000 réis.

É o unico jornal da especialidade de caminhos de ferro, em Portugal, sendo collaborado por todos os engenheiros portuguezes.

N.º 254. — Officinas do Corpo de Salvação Publica (Porto, casa da camara municipal).

Material de incendios, etc.

	Custo
Carro de mangueiras.....	180\$000
Escada de ganchos	22\$500
Escada polida.....	27\$000
Croque	8\$000
Tripede.....	2\$000
Agulheta.....	5\$000
Charlateiras, o par.....	\$700
Cintos.....	4\$000
Ramal de joelhos.....	4\$000
Juncção de aspirador	4\$000
Juncção de mangueiras.....	1\$800
Machados de córte.....	4\$500
Suspensorio de mangueiras.....	\$500
Ambulancia.....	20\$000
Sineta.....	1\$500

A sua producção annual é muito variavel, segundo as exigencias do serviço e em harmonia com a deterioração que elle acarreta, bem como, tambem, com a verba annualmente votada, para este fim, pela camara municipal.

Occupa 15 bombeiros com o vencimento diario de 500 réis, mas tambem com a obrigação do serviço de incendios.

Os seus productos são consumidos pela inspecção dos serviços de incendios do Porto.

É a primeira exposição a que concorre.

CLASSE 8.^a

Relojoaria. Instrumentos de mathematica. Apparelhos de physica. Material de photographia e de laboratorio chimico. Instrumentos e apparelhos cirurgicos, pharmacolicos e de hygiene

N.º 255.—Albino Pinheiro Xavier (Porto, Campo dos Martyres da Patria, n.ºs 141 e 142).

Apparelho orthopedico para paralysisa de perna, em creança de oito annos.

Funda dupla para creança de oito annos.

Occupa na sua officina 3 homens, 1 mulher e 1 creança; aquelles ganham a 600 réis diarios e a mulher a 400 réis.

Os mercados que consomem os seus productos são Portugal e o Brazil.

O expositor presta as seguintes informações ácerca da sua industria:

«Ha actualmente no Porto tres officinas de fundas e apparelhos orthopedicos. São ellas a do sr. Antonio Teixeira da Motta, a do sr. Camillo Martins de Araujo e a minha.

«O respeito e os deveres de boa camaradagem não me permitem referencias ás duas primeiras.

«Fallarei apenas de mim, contando singelamente como principiei, e como me encontro.

«Possuindo simplesmente uns ligeiros rudimentos de escripta e leitura, fiz a minha aprendizagem em casa do sr. Teixeira da Motta.

«Ha seis annos, pouco mais ou menos, as necessidades crescentes de familia levaram-me a deixar a casa d'aquelle senhor e a estabelecer uma modesta officina na rua dos Caldeireiros.

«Sem protecção de especie alguma, e munido unicamente com as ferramentas indispensaveis, fui trabalhando e vencendo, á custa de muitos sacrificios,

todas as difficuldades que se atravessam diante de principiantes nas minhas condições.

«Confesso que cheguei, por mais de uma vez, a desanimar.

«Mas, graças aos bons conselhos de alguns amigos dedicados, resignei-me e fui passando corajosamente por cima de todos os obstaculos.

«Abalançando-me á execução de alguns trabalhos de maior folego, e com a valiosissima protecção da illustrada imprensa jornalística e da distincta classe medica, a minha humilde officina começou a ser procurada por um numero rasoavel de clientes.

«Animado por estes auspiciosos resultados, redobrei de esforços para aperfeiçoar-me e bem poder servir as pessoas que reclamassem o meu limitado prestimo.

«Hoje tenho a minha officina mais regularmente montada, em outra casa, e emprego n'ella tres homens, uma mulher e um rapaz. E muito mais teria progredido, se não fosse a concorrência esmagadora das fundas importadas do estrangeiro pelos senhores droguistas e pharmaceuticos.

«Se a pauta aduaneira attendesse a esta circumstancia, a arte que professo attingiria, dentro em pouco, um elevado grau de perfeição em Portugal.

«Tive sempre o capricho de não querer vender no meu estabelecimento fundas ou apparelhos de procedencia estrangeira. Todos os trabalhos de que me incumbo são feitos por medida e adaptados escrupulosamente ás disformidades a que se destinam.

«A pratica tem-me demonstrado que essas fundas fabricadas lá fóra, a esmo, e sem medida, não dão os resultados desejados, e bastantes são já as pessoas que me têm procurado para eu remediar os males por ellas produzidos.

«Dispensar a maior protecção á industria que exerço seria até uma obra de caridade. A protecção traria o desenvolvimento, a perfeição e a barateza; e, esse desenvolvimento, essa perfeição e essa barateza iriam aproveitar a muitas dezenas de aleijados, que se arrastam, miseravelmente, como reptis, por essas ruas.

«As materias primas de que actualmentemente me utiliso são todas de procedencia estrangeira. Despendo annualmente cerca de 500\$000 réis na compra de metaes, pellicas, camurças, velludos e diversos cabedaes para correame.

«Tenho tentado, por mais de uma vez, substituir algumas d'estas materias por outras de producção nacional; mas não se contentam com isso os meus clientes, porque a esses nossos productos falta-lhes aquelle brilho, aquellas côres, aquelles bonitos, emfim, que tanto agradam á vista, e que tão pouco aproveitam ao fim a que se destinam.»

N.º 256.—Almeida & C.^a (Lisboa, travessa do Athayde, n.ºs 2 a 6).

Commutador e transmissor para telephone, a 4\$500 réis.

Bico de Bunsen nickelado, a 1\$600 réis.

Transmissor systema Morse, para telegraphia, a 3\$400 réis.

Campainha electrica, a 3\$500 réis.

Tenaz para laboratorio, córada, a 700 réis.

Tenaz para laboratorio, nickelada, a 800 réis.

Modelo de balança decimal, a 13\$500 réis.

Niveis de bolha de ar, a 2\$000 réis.

Bussolas, a 2\$500 réis.

Electro-imans, a 20\$000 réis.

Ponta de cobre dourada, com extremidade de platina, para pára-raios, a 4\$500 réis.

Ponta de cobre com extremidade de platina, para o mesmo fim, a 3\$500 réis.

Bussola de agulha vertical, a 2\$700 réis.

Pára-raios de mesa telegraphica, a 1\$200 réis.

Despertador de duas direcções, para telegraphia, a 23\$500 réis.

Receptor do systema Morse, para telegraphia, a 54\$000 réis.

Roda de embrulho, para telegraphia, a 5\$000 réis.

Modelos de electro-imans, para demonstração, a 7\$000 réis.

Bussolas de agulha horisontal, a 2\$000 réis.

O expositor encarrega-se de todo o genero de obra em metal, vende e colloca campainhas electricas, telephones, pára-raios e tubos acusticos; encarrega-se tambem de nickelar, dourar, pratear e platinar; fornece e concerta apparelhos de physica, de telegraphia electrica, e quaesquer instrumentos de precisão; verifica pára-raios, monta apparelhos para luz electrica por incandescencia ou arco voltaico, etc.

N.º 257.— Antonio Augusto Cesar da Cunha Portugal (Porto, rua de Santo Antonio, n.º 39, 1.º).
Dentaduras artificiaes.

N.º 258.— Antonio do Carmo Ferreira de Simas (Lisboa).

Hygroskopio chimico de sua invenção.

É a primeira exposição a que concorre.

Preço de cada um, 50 réis.

Por junto, 40 réis.

O hygroskopio consiste n'uma flor, cuja coloração muda com o grau de humidade do ar.

O expositor dá, ácerca d'este hygroskopio, a seguinte noticia :

«O preparado em que a flor está embebida, não é novidade no mundo scientifico; foi descoberto em 1787 por Herbelot, e já em 1790 as senhoras usavam varios objectos com este preparado, taes como: laços, flores, leques, etc.

«Damos-lhe o nome de *hygroskopio* e não de *flor barometrica* ou *hygrometro*, como os francezes dizem, por nos parecerem designações improprias, pois que nem mede o ar nem a humidade, mas sim mostra-nos com vivas côres o estado hygrometrico do tempo.

«Para não ficarem em duvida, á primeira vista, as propriedades da roseta, basta fazer o seguinte: se está azul, que mostra o bom tempo, molha-se com o dedo uma das pétalas; então vel-a-hemos passar para o lilaz e em seguida para a côr de rosa; se pelo contrario, está de rosa, aquece-se ao de leve, e ver-se-ha successivamente dar o lilaz e o azul.

«Encontra-se á venda em diferentes estabelecimentos, e é satisfeito qualquer pedido seja ou não para revender, no centro philatelico do sr. Faustino A. Martins, praça de Luiz de Camões, n.º 35, Lisboa, ou em casa do seu auctor, travessa da Horta, n.º 9.»

N.º 259.— Cesar A. Paiva (Lisboa, rua do Arsenal, n.º 100).

Obturadores.

Dentadura completa.

Peças parciaes.

Premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa em 1888.

N.º 260.—Eduardo Pereira de Oliveira Castro (Porto, rua do Bomjardim, n.ºs 221 e 223).

Accessorios para vapor:

Niveis de agua para caldeiras, a 3\$000 e 9\$000 réis.

Manometros, a 4\$000 e 13\$500 réis.

Accessorios de photographia:

Châssis duplos, a 3\$500 e 6\$000 réis.

Obturadores instantaneos de peso, a 3\$000 e 10\$000 réis.

Veja-se ácerca d'este expositor a classe 6.^a

N.º 261.—Thomás Francisco de Almeida & Ir-mão (Porto, rua das Flores, n.º 1).

Pendula reguladora, compensada, de parede; preço, 200\$000 réis.

Relogios de algibeira, em oiro; preço, 30\$000 réis.

CLASSE 9.^a

-Instrumentos de musica

N.º 262. — Custodio Cardoso Pereira (Porto, rua do Almada, n.ºs 200 a 210).

Cornetins em *dó* ou *si bemol*, com dois ou quatro tons :

Com tres pistões, ordinarios, a 4\$600 réis.

Com tres pistões, dos quaes dois ordinarios e um grosso, modelo C. G., a 7\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, modelo P., a 8\$000 réis.

Com tres pistões grossos, transpondo de *dó* a *sol*, a 8\$000 réis.

Com tres pistões grossos, transpondo de *dó* a *sol*, modelo P., a 10\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, denominado *de bolso*, a 13\$500 réis.

Com tres pistões, grossos, denominado *de artista*, a 13\$500.

Com tres pistões, grossos, de Besson, denominado *solista*, a 20\$000 réis.

Ditos de metal branco, a 30\$000 réis.

Ditos galvanizados, a 33\$000 réis.

Com tres pistões grossos, de Courtois, denominado *solista*, a 24\$000 réis.

Ditos gravados e prateados, a 33\$000 réis.

Ditos em metal branco, a 36\$0000 réis.

Ditos em metal branco e gravados, a 42\$000 réis.

Fliscornios, contraltos ou cornetas, com o pavilhão para a frente ou para o ar, em *dó* e *si bemol*, ou em *si bemol*:

Com tres pistões, grossos a 7\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, de Besson, a 13\$500 réis.

Altos ou saxtrompas, em *fa* e *mi bemol*:

Com tres pistões grossos, a 9\$600 réis.

Com tres pistões, modelo redondo, a 12\$000 réis.

Com tres pistões, superior, *Excelsior*, a 16\$000 réis.

Altão, a 18\$000 réis.

Trombones ou tenores, em *dó* e *si bemol*, pavilhão para a frente ou para o ar:

Com tres pistões ordinarios, a 8\$000 réis.

Com tres pistões grossos, curtos, a 9\$000 réis.

Com tres pistões grossos, modelo regular, a 10\$700 réis.

Com tres pistões, grossos, *Excelsior*, a 18\$600 réis.

Campana ao ar, a 18\$600 réis.

Barytonos, em *dó* ou *si bemol*:

Com quatro pistões, a 12\$600 réis.

Com quatro pistões, superior, a 18\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, de Besson, a 22\$500 réis.

Baixos ou bombardinos, em *dó* ou *si bemol*:

Com tres pistões grossos, a 13\$500 réis.

Com quatro pistões grossos, a 16\$500 réis.

Com tres pistões grossos, superior, *Excelsior*, bordado, a 21\$500 réis.

Com quatro pistões grossos, superior, *Excelsior*, a 24\$000 réis.

Com tres pistões grossos, de Besson, a 24\$600 réis.

Com quatro pistões grossos, de Besson, a 28\$000 réis.

Contra-baixos:

Com tres pistões grossos, em *fa* e *mi bemol*, a 18\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, em *mi bemol*, *Excelsior*, a 35\$000 réis.

Com tres pistões, grossos, em *mi bemol*, de Besson, a 28\$000 réis.

Helicon contrabaixo:

Com tres pistões, em *mi bemol*, a 28\$000 réis.

Com tres pistões, em *si bemol*, de Courtois, a 60\$000 réis.

Saxophones:

Soprano, em *si bemol*, a 32\$000 réis.

- Alto, em *mi bemol*, a 36\$000 réis.
 Dito, em metal branco, a 44\$000 réis.
 Tenor, em *si bemol*, a 39\$000 réis.
 Barytono, em *mi bemol*, a 42\$000 réis.
 Cornetas de marinha, *bugle*, modelo hespanhol, a 4\$000 réis.
 Caixas fortes, novo systema, com agrafes, a 7\$000 réis.
 Tarollas, com corda e parafuso, a 9\$000 réis.
 Caixas de rufo, ou timbalões de madeira, novo systema, a 7\$500 réis.
 Bombos de madeira, antigo systema, a 12\$500 réis.
 Ditos, de novo systema, a 16\$000 réis.
 Cornetas para signaes ou diligencias, a 1\$200 réis.
 Cornetas para caminhos de ferro, bocal de latão, a 1\$000 réis.

O expositor, alem dos que expõe, possui uma grande e variadissima collecção de instrumentos de musica e de accessorios para os mesmos, que constam do seu detalhado catalogo.

As condições de venda são as seguintes:

«1.^a É garantida a afinação, timbre e sonoridade.
 «2.^a É concedido o praso de quinze dias para serem examinados e experimentados.

«3.^a Serão substituidos por outros, quando não satisfazam.

«4.^a Quando não possam ser substituidos por outros, será restituído o importe recebido, ficando a nosso cargo as despezas de conducção. É, porém, essencial que quaesquer reclamações sejam feitas no praso acima mencionado, para gosarem das vantagens da 3.^a e d'esta condição.

«5.^a É concedido o praso de um anno para a reparação á nossa custa de qualquer defeito que resulte das materias primas empregadas ou da mão de obra, toda a vez que sejam devolvidos sem contusões ou outros estragos provenientes de maus tratos, ou de falta de cuidado.

«6.^a Para este effeito, serão acompanhados de um impresso por nós assignado, no qual serão transcritas estas condições.

«As pessoas que não tenham relações commerciaes com a nossa casa, deverão remetter com os pedidos

o importe dos instrumentos, ou dar referencias no Porto ou Lisboa.»

Possue em Lisboa uma casa filial, na rua Nova do Carmo, n.^{os} 39 e 41.

Tem sido premiado em todas as principaes exposições.

N.º 263. — José Caetano da Cruz Abrantes (Villa Nova de Tazem).

Guitarras, a 22\$500 réis.

Bandolins, a 13\$500 réis.

N.º 264. — Joseph Delerue (Porto, Campo da Regeneração, n.º 23).

Um piano de fabricação nacional, preço 200\$000 réis.

O expositor occupa na sua officina 10 homens e um menor, aquelles ganham de 550 a 1\$000 réis diarios.

O valor da sua producção annual é de 3:500\$000 réis approximadamente.

Os mercados de consumo para os seus pianos são Portugal e Brazil.

Foi premiado com diploma de merito na exposição do Porto em 1887, e com medalhas de prata na de Lisboa em 1888 e Paris em 1889.

N.º 265. — Manuel Pereira dos Santos (Alfena, Vallongo).

Guitarras, a 4\$500 réis, 7\$500 réis e 16\$000 réis.

Bandolins, a 2\$500 réis, 8\$000 réis e 12\$000 réis.

O expositor presta os seguintes esclarecimentos ácerca da sua industria :

Fabrica na sua officina : guitarras, bandolins, violas, violões, violiras, violinos, violetas, violoncellos, rabecões, cavaquinhos, etc.

As materias primas que emprega no seu fabrico são : pau preto da Africa portugueza, platano nacional, nogueira, cerdeira, e outras madeiras ; metal amarello e branco para leques, carrilhões, guarnições, cavalletes, etc. : madreperola e vernizes. Compra estes materiaes em bruto e os metaes funde-os e pule-os na sua officina.

Fabrica os instrumentos que lhe encommendam, e grande parte são fornecidos para o estabelecimento do sr. Custodio Cardoso Pereira.

A sua producção annual regula por 650\$000 réis.

«Os maus olhos, acrescenta, com que a maior parte dos portuguezes olham a industria nacional, preferindo os objectos estrangeiros, ás vezes por preço mais elevado, aos nacionaes, muitas vezes mais solidos e por mil rasões dignos de preferencia, e a incuria dos governos que têm succedido no poder, são a causa primordial da decadencia, do definhamento da industria portugueza e da emigração dos nossos melhores artistas, que quasi sempre encontram nos paizes estrangeiros aquillo que lhes negaram na sua querida patria.

«Oxalá que o actual certamen, sem duvida o mais importante que na invicta cidade se tem realisado, proporcione a occasião de todos, povo e Rei, olharem attentamente para a nossa industria e que nos não envergonhemos de dizer para o futuro no seio da nossa nação: *Somos industriaes portuguezes.*»

N.º 266. — Museu Colonial (Lisboa).

Uma collecção de instrumentos musicaes indigenas, como :

Tambores de guerra.

Citharas.

Marimbas.

Tam-tam.

Flautas.

Cornetas de metal e de pontas de marfim de Loanda, Congo e India.

CLASSE 10.^a

Algodão em fio e tecidos

N.º 267.—A. Queiroz & Urrêa (Porto, rua de Gomes Freire).

Colchas de algodão adamascado.

N.º 268.—Adrião Ferreira (Porto, rua da Senhora das Dores, n.º 14).

Nastro indiano dos n.ºs 0, 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Fita rosinha de algodão.

Fita riscada de algodão.

Galão de algodão azul e preto.

N.º 269.—Antonio da Costa Guimarães, Filho & C.^a (Fabrica de tecidos a vapor do Castanheiro; Guimarães).

Toalhetes de algodão de diferentes qualidades e tamanhos; de 1\$500 a 5\$800 réis a duzia.

Lençoes de 2^m × 1^m,60; a 1\$600 réis cada um.

Guardanapos de diferentes qualidades e tamanhos; de 500 a 1\$400 réis a duzia.

Toalhas de diferentes tamanhos e qualidades; de 240 a 1\$500 réis cada uma.

Colchas de diversas marcas; de 1\$100 a 2\$200 réis.

Ditas de linho e algodão; a 7\$000 e 20\$000 réis, estas ultimas são inteiriças.

Esta fabrica tambem produz tecidos sómente de linho. (Veja n.º 298.)

Occupa 10 homens, 45 mulheres e 6 creanças, sendo os jornaes dos homens de 300 réis a 600 réis, os das mulheres de 140 réis a 240 réis e os das creanças de 70 réis a 100 réis.

Emprega uma machina a vapor da força de 20 ca-

vallos, teares mechanicos simples com maquinas e com Jacquards.

Os mercados de consumo são o paiz e o Brazil.

Obteve medalha de oiro na exposição do Rio de Janeiro (1879), de prata nas seguintes: portuense (1887), Braga (1863), Lisboa (1888) e Paris (1889), de bronze nas de Vienna de Austria (1873) e Philadelphia (1876), menção honrosa na de Paris (1878) e diploma de 1.^a classe na de Paris (1889).

N.º 270.—Antonio José Gomes Samagaio (Porto, rua da Torrinha, n.º 120).

Tecidos de algodão.

N.º 271.—Antonio Marinho, Filho (Porto, rua da Torrinha, n.º 296).

Tecidos de algodão.

N.º 272.—Antonio Tavares & Filho (Porto, rua do Campo Alegre, n.º 334).

Riscados.

Occupa na sua fabrica 12 homens e 7 mulheres, ganhando aquelles de 240 a 350 réis por dia e estas de 160 a 200 réis.

Emprega 19 teares manuaes.

Importa as materias primas da America do Sul, no valor approximado de 3:200\$000 réis.

A sua producção annual, que toda se consome no paiz, regula por 5:000\$000 réis.

N.º 273.—Augusto Cesar da Cunha Moraes (Villa Nova de Gaia, freguezia de Crestuma, deposito no Porto, rua de Santa Catharina, n.º 772).

Fitas de nastro indiano, desde os n.ºs 00 a 12.

Fitas de diversas cores e desenhos para cintos de vestidos.

Fitas para puxadeiras.

Torcidas para candieiros de petroleo e azeite, desde os n.ºs 4 a 12 e 6 a 16.

Diversos typos de fitas de algodão, linho e mixtos.

O pessoal operario consta:

De 4 homens, 7 mulheres e 6 creanças, cujos salarios são respectivamente: 520, 160, e 90 réis (maximos) 320 e 120 réis (minimos).

A materia prima empregada no fabrico é adquirida nas fabricas de fição do Porto e na de Crestuma, sendo algum algodão fiado espressamente para o fim a que é destinado na fabricação das fitas e das torcidas para o mercado nacional.

Esta fabrica principiou as suas vendas em janeiro de 1891, trabalhando apenas com tres teares. Actualmente possui já sete teares, continuando a construcção de mais, para o que a fabrica tem uma officina annexa.

O proprietario tem o privilegio, no paiz e no estrangeiro, para a fabricação dos teares da sua invenção «teares systema Moraes», assim como para a producção de fitas nos teares do seu systema.

Por emquanto a producção é pequena, não só porque tem ainda poucos teares em funcionamento, mas tambem porque o pessoal operario não adquiriu todo o desenvolvimento necessario.

A planta do edificio da fabrica, sua construcção, assentamento de machinas e seu funcionamento, tudo foi dirigido pelo proprietario, o qual tambem ministra ao seu pessoal o ensino technico e dirige a aprendizagem.

O edificio da fabrica e a machina de vapor estão dispostos para uma producção diaria de 20:000 metros de fitas, o que corresponde ás necessidades do consumo nacional, producção esta que sómente se poderá realizar quando todos os teares funcionarem.

A fabrica possui actualmente o seguinte machinismo:

Na officina de tecelagem:

Uma machina de vapor, semi-fixa, de dois cylindros e força de 16 cavallos, de construcção ingleza;

Uma encarretadeira, franceza;

Uma machina de torcer, ingleza;

Uma urdideira mechanica, nacional;

Uma engommadeira, nacional;

Uma carreteira, franceza;

Tres teares, francezes;

Quatro teares, nacionaes;

Uma calandra;

Uma emmaçadeira;

E diversas caldeiras, tinas, etc., para branqueação.

Na officina de reparação e de construcção de teares:

Dois tornos mechanicos, um francez e outro inglez;

Um torno simples, nacional;
 Uma machina de furar, franceza;
 E diversos tornos de bancada, tarrachas, cavalletes, forjás e ferramentas.

O valor actual da fabrica (edificio e terrenos) é de	3:500\$000
Machinas e tornos	4:500\$000
Materias primas e productos fabricados	1:200\$000
Total.....	<u>9:200\$000</u>

Os mercados de consumo são os do paiz, e especialmente o Porto e Lisboa.

É a primeira exposição a que concorre.

O expositor, antigo alumno do instituto industrial do Porto, visitou as principaes fabricas de Mulhouse, Ruão, Lille, Amiens, Cumines, Roubaix, Armantières e Bruxellas, não só com o fim de completar os seus estudos sobre as industrias textis, a que se havia dedicado, mas tambem com o de estudar a organização das escolas industriaes de fição e tecelagem.

Os resultados d'esses estudos acham-se resumidos n'um bem elaborado relatorio de que extrahimos os seguintes programmas:

Preparatorios para a matricula dos alumnos ordinarios, nas escolas de fição e tecelagem

Aulas dos institutos industriaes:

- Desenho linear;
- Desenho de ornato;
- Francez;
- Arithmetica, algebra e geometria;
- Physica e suas applicações ás artes;
- Mechanica geral e applicada;
- Chimica geral.

Os alumnos ordinarios podem, como nos institutos industriaes, matricular-se para *mestres de fição ou tecelagem*, estudando um d'estes cursos em seguida ao *curso de mestre* dos institutos industriaes; ou matricular-se para *directores de fabricas de fição e tecelagem*, estudando fição e tecelagem em seguida aos quatro annos do *curso de director de fabricas* dos institutos industriaes.

Poderá haver duas classes de alumnos: ordinarios

e voluntarios, podendo estes matricular-se sem preparatorios, e simplesmente com um exame de admissão igual ao dos institutos industriaes, correspondentes-lhes, por consequencia, as seguintes classificações:

Exame de fiação ou tecelagem;

Curso de mestre de fiação ou tecelagem.

Curso de director de fabricas de fiação ou tecelagem.

Programma para o curso de fiação

Introdução

Do algodão em rama

- a) *Idéa geral sobre as materias textis.*
- b) Lã, seda, algodão, linho, canhamo, juta, ramie e amianto.
- c) Procedencia, mercados, produção e classificação do algodão.
- d) Cultura, escaroçamento, empacotamento.

Do fio

- a) *Propriedades dos fios textis.*
- b) Numeração dos fios, numeração franceza, numeração ingleza.
- c) Regras da torção dos fios, trama, urdidura, torcido.
- d) Emprego das diferentes qualidades de algodão, conforme o numero do fio que se pretende produzir.
- e) Verificação da igualdade, da torção e da resistencia dos fios.

Fiação

PRIMEIRA PARTE

Da preparação do algodão

1.º — Limpeza

- a) *Abridores:* Platt, Crighton.
- b) *Batedores:* duplo e simples, com e sem pesagem.
- c) *Cardas:* «*Expresse carde*», cardas de cylindros (herissons), carda de chapéus automaticos, carda de chapéus girantes, carda mixta.

Afiagem, ajustamento, limpeza das cardas.

Differentes qualidades de puado; sua montagem nas cardas.

d) *Penteadeiras.*

Reunideira encarretadeira.

Penteadeiras Heilmanne Hubner.

2.º — Laminagem

a) *Laminador*: dobragem, laminagem.

Verificação do peso das mechas;

Calculo das rodas a mudar;

Regulamento da distancia dos cylindros;

Preparação dos rolos de couro.

b) *Desengrossos*: laminagem, torção, enrolamento.

Appliação da theoria do movimento variado e do movimento differencial ao enrolamento do fio.

Cones parabolicos, e engrenagens satellites dos desengrossos.

Mudança de rodas conforme a qualidade do algodão e numeros a fazer.

Desengrosso a grosso; intermedio; fino e extra-fino.

SEGUNDA PARTE

Da fiação e acabamento dos fios

1.º — Fiação

a) *Fiações continuas*:

Fuso de aza; limite da sua applicação;

Continuos de annel (Ring-throstle);

Continuos para trama;

Differentes qualidades de fusos continuos.

b) *Fiações automaticas* (Mule Janny Self-acting).

Fiações do systema Platt; systema Curtis;

Fim de cada um dos quatro tempos do movimento das fiações; seu regulamento.

Calculo das rodas a mudar para a laminagem, torção e tenção do fio.

Formula geral da producção em funcções do numero do fio.

2.º — Do acabamento

a) *Dobagem*. Vaporisação; Pesagem e emmaçamento do fio; Encarretar.b) *Retorcer*, a secco e a humido.

c) Cresta e lustragem dos fios retorcidos;

d) Dobagem e emmaçamento dos fios retorcidos.

Das fabricas

- a) Velocidade das machinas e força que precisam.
- b) Producção theorica e pratica. Desfalque.
- c) Fabricas ao rez-do-chão e em andares. Distribuição das machinas nas fabricas; sua proporção.
- d) Aquecimento, humidade e ventilação das fabricas.
- e) *Administração*.
Escripturação: inventario; balanço; desfalque;
Preço de fabricação: preço das differentes operações;
seu pagamento por obra aos operarios.
- f) Resumo economico e estatistico da producção do fio de algodão.

Programma para o curso de tecelagem

1.º — Principios de tecelagem

- a) Pontos (*armures*) fundamentaes.
Tecido liso ou unido.
Tecido cruzado ou Batavia.
Tecido sarjado.
Setim: setim regular, irregular e quadrado.
- b) Derivados dos pontos (*armures*) fundamentaes.
Rythmo.
- c) Debuxar (*mise en carte*).

2.º — Preparação dos fios

- a) *Encarretadeiras*.
- b) *Urdideiras*.
Urdideira manual.
Urdideira mechanica: de recio; de quebra fios.
- c) *Engommadeiras*: de preparo; de colla.
Receitas de preparo da colla; apparelhos de a cozer.
- d) *Caneleira* do godet; caneleira sem fricção.

3.º — Teares

Para os pontos (armures) fundamentaes e seus derivadòs

- a) *Tear simples*: pedaes ou marchas, liços, pente, lançadeira, regulador, freio, tenteaes.
- b) *Repassagem* do tear (*remetage*).
Repassagem seguida; de ponta; de retorno; salteada.
Picagem do pente.

c) *Tear mechanico*. Descrição dos quatro movimentos principaes do tear mechanico.

d) *Tear de braço (fouét)* horisontal e vertical; regulador; quebra trama; freio; pente movel; porta-fio vibrador; marchas; excentricas; traçado das excentricas; tenteaes mechanicos.

e) *Movimento de muitos liços*.

Teares de *tapetes* de 12 liços.

Teares de machineta para liços; systemas principaes.

4.º — Teares de muitas laçadeiras

a) Tear manual de duas laçadeiras.

b) Teares mechanicos de Harisson; Whesmithe; Hannegger; e tear revolver.

Fios (*duites*) pares e impares.

5.º — Diversos pontos (armures)

a) *Tecidos abertos*: Gazes; repassagem sinuosa; liços fixos; liços de meia volta, passo a dois.

b) *Velludos*. Velludo em trama: velludo em urdidura. Repassagem de mais de uma teia.

Corte dos velludos de trama; corte dos velludos de urdidura.

Teares de velludo de dupla peça.

c) *Velludos de pello em laço (bouclé)*.

d) *Fitas, franjas. Tecidos elasticos. Passamaneria*. — *Idéas geraes*.

6.º — Tecidos de labores

a) *Machineta Jacquard*.

Guarnição da machineta.

b) *Repassagem no tear Jacquard*.

Repassagem seguida; composta; de ponta; de ponta e retorno.

c) *Leitura dos debuxos*. Preparação dos cartões.

Leitura accelerada.

d) *Batente brochador (Battant-brocheur)*.

Machineta electro-magnetica.

7.º — Tecidos diversos

a) *Tecidos de malha*. Tear recto. Tear circular.

b) *Rendas e cortinas*.

c) *Redes*.

8.º — Debuxar

Analyse dos tecidos: Methodo a seguir. Debuxal-os. Contagem e calculo da numeração dos fios de um tecido.

9.º — Acabamento

Calandragem. Cresta. Cardagem. Dobrar e empacotar.

10.º — Fabricas

a) Velocidade e força necessaria ás diversas machinas.

b) Produçãõ theorica e pratica. Desfalque.

c) Fabricas ao rez-do-chão e em andares, distribuiçãõ das machinas na fabrica e sua proporçãõ.

d) Aquecimento, humidade e ventilaçãõ das fabricas.

Administraçãõ:

e) Escripuraçãõ, inventario, balanço. Desfalque, preço da produçãõ. Preço das differentes operações e seu pagamento por obra aos operarios.

f) Resumo economico e estatistico da industria textil.

**Machinas e aparelhos necessarios
para a escola de fiaçãõ**

Um batedor simples.

Uma carda de cylindros (*herissons*).

Uma carda de chapéus girantes.

Apparelhos para as fiar.

Apparelhos para as guarnecer.

Uma reunideira.

Uma encarretadeira para mechas.

Uma penteadeira Heilmann.

Uma penteadeira Hubner.

Um laminador de 2 cabeças de 6 mechas.

Um desengrosso a grosso de 24 fusos.

Um desengrosso a fino de 48 fusos.

Um continuo de 60 fusos.

Uma fiaçãõ automatica (*Self acting Mule Jany*) de 120 fusos.

Um sarilho para o fio.

Uma machina de encarretar de 24 carrinhos.

Um torcedor de azas, de 60 fusos.

Um aparelho de crestar o torcido.
 Um sarilho para o torcido.
 Uma prensa de empacotar.
 Sessenta tubos de folha para as cardas e lamina-
 dores.

Tres grosas de carretas grossas.

Oito grosas de carretas finas.

Duas grosas de carrinhos para a encarretadeira.

Duas grosas de carrinhos para o torcedor.

Duas grosas de carrinhos para o continuo.

Um aparelho para ensaiar a torção do fio.

Um aparelho para ensaiar a tenção do fio.

Um aparelho para ensaiar a igualdade.

Uma balança para o batedor.

Uma balança para os maços, força 10 kilogrammas.

Uma balança para ensaios, força 100 grammas.

Um aparelho para medir as mechas dos lamina-
 dores.

Um aparelho para medir os fios, e ensaiar.

Diversas amostras de fusos de annel.

Amostras de puado para cardas.

Amostras de materias textis diversas.

Desenhos em quadros de diversas machinas espe-
 cialmente :

Abridor Platt.

Abridor Crighton.

Batedor duplo

«Expresse-carde».

Carda mixta.

Caída de chapéus automaticos.

Continuos para trama.

Machinas de escaroçar algodão.

Plantas de algodão e outras plantas textis.

Materias textis vistas ao microscopio.

Fabricas de fiação.

Machinas e aparelhos necessarios para a escola de tecelagem

Uma urdideira manual.

Uma urdideira mechanica com quebra fios.

Uma engõmmadeira.

Apparelho para cozer a colla.

Uma *Remetteuse*.

Dez pequenos teares manuaes para estudo.

Dez machinetas Jacquard, de 120 fios adaptaveis aos mesmos teares.

Quatro teares manuaes ordinarios.

Dois teares manuaes com machineta Jacquard, de 600 e 1:200 fios.

Um tear manual de 2 lançadeiras.

Um tear manual com batente brochados Jacquard, de 400 fios.

Um tear mechanico para liços com braços horisontaes.

Um tear mechanico para liços com braços verticaes.

Um tear mechanico de 3 liços para sarjas.

Um tear mechanico de 4 liços para batavia.

Um tear mechanico de 5 liços para setineta.

Um tear mechanico de 7 liços para setim.

Um tear mechanico de 12 liços e *tapetes* para os mover.

Tres teares mechanicos de 16 liços e machineta para os mover, podendo admittir 2 teias.

Um tear mechanico com machineta Jacquard.

Um tear mechanico Harrison, de 4 lançadeiras para fios pares.

Um tear mechanico Whitesmith, de 4 lançadeiras para fios pares.

Um tear mechanico Hanegger, de 4 lançadeiras para fios impares.

Um tear mechanico revolver de 6 lançadeiras para fios impares.

Um tear mechanico para fitas.

Uma caneleira de Godet.

Uma caneleira sem fricção.

Seis grosas de carrinhos para as urdideiras.

Quatro grosas de canelas para as caneleiras.

Apparelhos para cortar e furar os cartões Jacquard.

Um leitor de debuxos accelerado.

Uma calandra.

Um apparelho para ensaiar a resistencia dos tecidos.

Apparelhos para medir e dobrar.

Uma prensa.

Um tear recto para tecidos de malha.

Um tear circular para tecidos de malha.

Um tear para rendas ou cortinas.

Um tear para redes.

Papel quadriculado para debuxar os tecidos analysados.

Amostras de lançadeiras, pentes, liços, malhaes, tenteaes, etc.

Amostras de tecidos diversos.

Machineta Jacquard de 4 agulhas para demonstrações.

Quadros demonstrativos diversos, especialmente:

Urdideira de recúo.

Engommadeira de preparo.

Caneleira Ryo-Cateaux.

Caneleira Lencaster.

Apparelhos para molhar as tramas.

Tear Lyall.

Tear para velludo, dupla peça.

Machina de cardar os tecidos.

Superficie necessaria para a fiação . . . 300 metros
 Superficie necessaria para a tecelagem 300 »

Superficie total 600 metros

Motor de gaz para fazer mover parte das machinas de fiação ou tecelagem da força de 10 cavallos vapor.

N.º 274. — Bahia & Genro (Porto, rua do Poço das Patas, n.º 37).

Baetas de algodão, brancas e de cores.

Flanellas de algodão.

Riscados de algodão.

Cotins de algodão.

Chales de algodão.

Cobertores de algodão.

(Veja tambem n.º 299).

N.º 275. — Companhia da Real Fabrica de Fiação de Thomar (Séde da companhia, Lisboa, rua dos Fanqueiros, n.º 150; fabrica em Thomar).

Algodão hydrophilo.

Gaze hydrophila.

Fio de algodão simples, cru, branqueado, anilado e tinto, desde n.º 2 até n.º 60, em maçarocas, novellos e maços.

Fio de algodão torcido, cru, branqueado, anilado e tinto, desde n.º 2 até n.º 60, proprio para tecer e para obra de ponto de meia (manual, ou á machina).

Fio de algodão torcido, proprio para coser, branco, anilado, preto, azul ferrete, etc., em novellos e em carrinhos.

Fio de algodão torcido, proprio para liços e para redes de pesca.

Algodão em corda, cordão e cordel.

Fio de cobre coberto de guta, algodão e seda.

Tecidos de algodão, crus, branqueados, lisos, sarjados, adamascados e tintos.

Tecidos felpudos e cardados (toalhas turcas, lençoes e galões turcos, baetilhas e cobertores).

Algodão cardado e em pasta, branco, alvadio, anilado e côr de rosa fina. Pastas finas para ourives.

N.º 276. — Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe (Séde no Porto, rua de Passos Manuel, n.º 14).

Peças de panno cru em 56, 58, 61, 65, 66, 71 e 76 centímetros de largura.

Peças de panno cru enfestado de 1^m,50.

Peças de panno cru enfestado de 1^m,88.

Peças de panno cru sarjado de 0^m,61.

Peças de panno cru sarjado de 0,65.

Peças de panno cru com lavrado de espinha, proprio para toalhas, de 1^m,88.

Peças de panno branqueado, muito bem curado, de 58, 61, 66 e 71 centímetros de largura, sendo todo calandrado mais ou menos de fórmula que apresenta em cada numero tres typos differentes de acabamentoo.

Peças de panno branqueado, de 76 centímetros de largo, sob o nome de *Domestico*.

Peças de panno branqueado, com aspecto de linho, enfestado, de 1^m,50 de largura.

Peças de igual panno, de 1^m,88 de largura.

Peças de panno sarjado, denominado *Exposição*, de 76 centímetros de largura, muito igual no fio e calandrado com perfeição, tendo cada peça um acabamentoo differente com mais e menos lustro e corpo.

Peças de panno sarjado branqueado, de 61 centímetros de largura, com e sem calandra.

Peças de panno branqueado *piqué*, a fingir festão, com applicação para roupas de creança e guardanapos para mesa, bem calandrados em tres acabamentos differentes.

Peças de panno branqueado *morim*, com differente

calandragem em cada peça. Nota a expositora que é a primeira fabrica que faz esta fazenda.

Peças de panno branco *sarjinha*, de uma igualdade de fio perfectissima, calandradas differentemente umas das outras. Observa a expositora que é a primeira vez que se fabrica esta fazenda.

Alem dos seus tecidos, expõe esta companhia differentes qualidades de algodões em fio e torcidos, crus e branqueados, tramas e teias, cordão e corda de algodão, e algodão em novellos com destino especial á fabricação de phosphoros de cera.

O expositor chama a attenção para os seus algodões torcidos a dois fios n.ºs 40 e 50, pela igualdade e perfeição com que são fabricados.

Por ser muito recente a installação d'esta fabrica, é esta a primeira exposição a que concorre.

Emprega 105 homens, 227 mulheres e 58 creanças.

Tem uma turbina impulsionada por uma quéda de agua do rio Ferro, que se despenha de 27^m,80 de altura, da força de 350 cavallos.

Tem mais uma machina horisontal *Tandem*, de 300 cavallos de força.

Importa o algodão em rama do Brazil, dos Estados Unidos da America, do Egypto e da India.

O consumo dos seus productos, cuja importancia orça por 300:000\$000 réis, faz-se em Portugal, ilhas adjacentes e algum nas colonias portuguezas.

Vende tudo quanto fabrica e ha falta absoluta dos seus productos no mercado, tendo grandes encomendas adiantadamente.

O seu capital é de 300:000\$000 réis.

A fabrica é situada no sitio do Ferro, concelho de Fafe.

N.º 277.— Companhia de Fiação e Tecidos do Porto (Porto, rua de Montebello).

Algodão tecido e fiado.

N.º 278.— Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense (Sociedade anonyma, responsabilidade limitada; Lisboa, rua dos Fanqueiros, n.º 135, 1.º).

Productos de fiação e tecelagem de algodão, tinturaria de algodão em fio.

Tecidos:

- Algodão, em 34 marcas, variando o comprimento das peças de 24^m,5 a 55^m,0, as larguras desde 0^m,66 a 1^m,50 e os preços de 80 a 240 réis o metro.
- Baetilhas, em 10 marcas, peças de 35^m,7 a 37^m,8 desde 85 a 160 réis o metro.
- Cobertores, 8 marcas, de 850 a 2\$300 réis.
- Guardanapos a 50 réis.
- Manta n.º 1 a 700 réis.
- Riscados de Africa, lisos, brancos, sarjados e lisos crus de diferentes marcas, de 100 a 170 réis por metro.
- Riscados americanos, diferentes marcas a 165 e 170 réis por metro.
- Riscados de camisas a 135 réis o metro.
- Riscados $\frac{3}{4}$ azul e branco a 135 e a 140 réis o metro.
- Riscados $\frac{3}{4}$ linhos a 140 réis o metro.
- Riscados $\frac{2}{3}$ pretos sem gomma a 120 réis o metro.
- Riscados toldos azues e brancos a 200 réis o metro.
- Riscados toldos matiz, diferentes marcas, a 200 e a 210 réis o metro.
- Riscados xadrez a 110 e a 120 réis o metro.
- Sarjas cruas, peças de 27^m,5 por 26 pollegadas, 6 marcas, de 2\$300 a 4\$400 réis o metro.
- Sarjas cruas de 30 pollegadas a 130 e a 230 réis o metro.
- Toalhas de 4 marcas de 600 a 1\$100 réis.
- Toalhetes de diferentes qualidades de 115 a 140 réis.

Fio:

- Trama crua, em 7 numeros, de 2\$100 a 2\$350 réis por maço de 4,600 kilogrammas.
- Trama branca, em 6 numeros, de 2\$300 a 2\$500 réis por maço de 4,600 kilogrammas.
- Urdidura crua, em 7 numeros, de 2\$200 a 2\$400 réis por maço de 4,600 kilogrammas.
- Urdidura crua, em 9 marcas, de 2\$400 a 2\$600 réis cada maço de 4,600 kilogrammas.
- Trama e urdidura de diferentes cores a 3\$600 réis o maço, a 180 réis a meada de 0,230 ki-

- logramma, a 190 réis o carreto e a 12 réis a canella de 0,015 kilogramma.
- Novellos de trama n.º 4, branca, de 3, 4 e 5 fios a 500 réis o kilogramma.
- Linha (fio torcido) em 16 numeros, branca, com anil, de 1\$150 a 1\$350 réis os 2 kilogrammas.
- Linha azul, em 5 numeros, a 1\$450 réis os 2 kilogrammas.
- Linha azul e branca, em 4 numeros, a 1\$450 réis os 2 kilogrammas.
- Linha encarnada, em 4 numeros, a 1\$450 réis os 2 kilogrammas.
- Linha encarnada e branca, em 4 numeros a 1\$350 réis os 2 kilogrammas.
- Cordão branco, em 5 numeros, a 900 réis o maço de 1,300 kilogrammas.
- Cordão de cores sortidas a 1\$300 réis o maço de 1,300 kilogrammas.

A noticia desenvolvida da origem e andamento industrial d'esta importante empreza, acha-se descripta com toda a proficiencia e detalhes no segundo volume, pagina 97 e seguintes do «Catalogo official da Exposição Nacional das Industrias Fabrís, realisada na Avenida da Liberdade em 1888», tendo depois d'esta data substituido todas as machinas das officinas de cardação e fição, por engenhos dos mais aperfeiçoados e conhecidos da fabricação mais moderna.

Occupu esta fabrica 350 homens, 650 mulheres e 150 creanças. Os jornaes dos homens regulam entre 250 e 1\$100 réis, os das mulheres de 140 a 600 réis e os das creanças de 100 a 200 réis.

Emprega uma machina a vapor segundo o systema Corliss, fabricada por J. Farcot, alta e baixa pressão, força 440 cavallos; 2 ditas conjugadas, systema Woolf, fabricadas por Matter & C.^a, successores de Pouwell, em Ruão, alta e baixa pressão de 120 cavallos, uma dita, fabricante Fairbairn, de Manchester, da força de 60 cavallos, alta e baixa pressão, 12 teares manuaes, 681 mechanicos, 16:000 fuzos modernos, 294 apparelhos diversos e accessorios á variedade na producção.

O algodão em rama provém quasi todo do Brazil, por falta de bom tratamento e de escolha da qualidade no local da producção, do algodão das nossas

possessões ultramarinas, do qual algumas qualidades são de primeira ordem.

Valor da produção annual de réis 500:000\$000 a 600:000\$000.

Mercados de consumo: o continente do reino e as ilhas adjacentes. Também vende alguns productos para as possessões portuguezas do ultramar, mas muito poucos, por deficiencia de protecção, declara a expositora.

As fabricas d'esta companhia estão estabelecidas na rua de S. Joaquim (a Santo Amaro) n.º 8, em Lisboa, e no sitio denominado *Olho de Boi* em Almada, aonde funciona a sua tinturaria, que dispõe de muita agua, toda de superior qualidade.

Para acudir a qualquer sinistro de incendio nas suas fabricas, ou mesmo nos predios da companhia que lhes estão contiguos, occupados por 62 familias, cuja maioria são operarios das suas fabricas, dispõe esta companhia de uma corporação de bombeiros, composta de 53 operarios seus, entre combatentes e auxiliares. Tanto em Santo Amaro como em Olho de Boi, construiu, com applicação determinada á guarda e quartel do material e do pessoal, duas espaçosas estações, que se acham providas de tudo quanto é indispensavel ao bom desempenho da especialidade d'estes serviços.

O seu material, que é importante, foi todo construido nas officinas, e pelo pessoal operario das suas fabricas.

Só uma bomba de primeira ordem, do systema Jauck, e que se acha na estação de Olho de Boi, é que foi adquirida fóra, por intervenção do digno inspector dos incendios do Porto, o sr. Guilherme Gomes Fernandes.

Entre o seu material possui um carro pequeno de escadas, adequadas ás necessidades das proporções das propriedades e edificios da companhia, o qual, pela sua originalidade, póde também ser aproveitado, por uma simples e rapida transformação momentanea, em maca de conducção de doentes ou de feridos.

A sua construcção é original d'esta empreza e foi planeada e levada á execução pelo seu pessoal.

A companhia também tem uma escola de instrucção primaria para os seus operarios. O edificio, que foi construido expressamente no recinto das suas fa-

bricas, em Santo Amaro, tem capacidade ampla para a frequencia de 26 alumnos; mas, apesar de lhes serem fornecidos gratuitamente todos os elementos indispensaveis ao seu ensino e a dispensa do trabalho compativel com elle, raro é que a direcção consiga fazer matricular todos os 26 alumnos, ou que estes, na sua maioria, não abandonem a frequencia.

Tal é a pouca disposição que, em geral, os nossos operarios têm para se instruirem.

Proporcionando-lhes, alem d'estas, outras commo-didades, tambem a companhia construiu no mesmo recinto um optimo abrigo para os operarios se recolherem nas horas das refeições, ou para ali esperarem a abertura das officinas.

Esta construcção, cuja superficie quadrada mede 180 metros, reúne em si todas as condições hygienicas e de abrigo que se podem desejar.

Não tem creche, porque em sitio muito proximo da fabrica existe a de Victor Manuel, para a qual a companhia concorre mensalmente com um subsidio muito regular.

Tem caixa de soccorros para os seus operarios, para a qual estes apenas concorrem com subsidios incertos e voluntarios, sendo sempre muito importante a quantia que, para saldo do seu *deficit* annual, é supprida pela companhia.

O pessoal, em geral, das suas fabricas é muito subordinado; vive bem com o pessoal superior, ao qual é sempre accessivel, e, devido de certo a esta circumstancia e ao seu bem estar relativo, não é conhecida a greve nos seus estabelecimentos.

Tem obtido quinze distincções adquiridas em todas as exposições a que concorreu, que são : Lisboa (1849, 1863, 1888), Londres (1851, 1862), Paris (1855, 1867, 1878, 1889), Porto (1861, 1865), Vienna de Austria (1873), Philadelphia (1876) e Rio de Janeiro (1879).

- N.º 279.**— Companhia do Fabrico de Algodões de Xabregas (Lisboa, rua de S. Julião, n.º 41, 1.º).
 Oito marcas de algodões crus, em peças de 27^m,5, de 1\$850 a 3\$000 réis a peça.
 Cinco marcas de algodões enfiados, em peças de 30 metros, de 135 a 280 réis o metro.
 Cinco marcas de sarjões, em peças de 30 metros, de 95 a 120 réis o metro.

Duas marcas de sarjas cruas, em peças de 30 metros, de 2\$200 a 2\$450 réis a peça.

Tres marcas, de 27^m,5, de 2\$650 a 3\$100 réis a peça.

Duas marcas de baetilha a 115 e 130 réis o metro.

Duas marcas de baetinha alvadia, de 125 a 145 réis o metro.

Duas marcas de baetilha branqueada, a 120 e 195 réis o metro.

Lona crua, a 150 réis o metro.

A fabrica occupa 82 homens, 282 mulheres e 180 creanças; os salarios dos primeiros oscillam entre 360 e 1\$200 réis, os das segundas de 160 a 300 réis e os das terceiras de 100 a 260 réis.

Emprega 2 machinas a vapor, uma de 75 cavallos e outra de 50, ambas de fabricação ingleza, 2 abridores, 3 diabretes, 27 introitos, 6 troços grossos, 12 troços finos, 44 cardas, 30 bancas, 5 engenhos de fição, 270 teares, 3 engenhos de gomma, etc., etc.

O custo do algodão regula por 123:600\$000 réis e vem do Brazil.

A producção em 1887 foi de 297:723 kilogrammas, em 1888 de 334:336 kilogrammas, em 1889 de 406:665 kilogrammas e em 1890 de 441:574 kilogrammas.

Valor da producção n'este ultimo anno, 230:000\$000 réis.

Os seus productos são consumidos no paiz.

A companhia tem obtido distincções em todas as exposições a que tem concorrido, que são: as do Porto (1861 e 1865), Lisboa (1863, 1871 e 1888), Vienna de Austria (1871), Philadelphia (1876) e Paris (1889).

Encontram-se mais amplos esclarecimentos ácerca d'esta fabrica, no tomo 2.^o, pag. 90 do «Catalogo da exposição nacional das industrias fabris, realisada em Lisboa na Avenida da Liberdade, em 1888».

N.º 280.— Companhia Fabril de Salgueiros (Porto, rua da Constituição).

Fio de algodão simples, branqueado e tinto.

Fio de algodão torcido, cru, branqueado e tinto.

Algodão em corda e cordão.

Tecidos de algodão, crus, branqueados, lisos e sarjados.

Tecidos cardados.

Esta fabrica occupa 120 homens, 170 mulheres e 125 creanças.

Emprega uma machina a vapor com condensação, systema Farcot, a quatro valvulas, da força de 500 a 1:100 cavallos indicados; 4 geradores de vapor, systema semi-tubolar com ebullidores inferiores e tubos desmontaveis, systema Berendorf, tendo cada gerador 150 metros quadrados de superficie de aquecimento; 2 abridores, 2 batedores simples, 2 batedores duplos, 33 cardas, 6 laminadores, 6 bancos a grosso, 2 bancos intermediarios, 10 bancos a fino, 20 continuos, 3 continuos a aneis, 7 carruagens, 6 torcedores, 40 dobadeiras, 4 encarretadeiras, 2 prensas, 1 engenho para fazer cordão, 3 urdideiras, 1 gommadeira, 256 teares, 1 calandra a 3 rolos, etc.

A machina a vapor foi construida por J. Farcot e recentemente montada. Põe em movimento não só todo o machinismo existente, como tambem a transmissão que deve dar movimento á nova secção de tecelagem.

Dos 4 geradores de vapor, 3 estão em serviço effectivo e não só fornecem vapor para a machina, como tambem para a gommadeira, tinturaria, aquecimento geral da fabrica, estufa para seccar pannos branqueados e fio em meadas, calandra, pulsometro para extracção de agua, etc.

A casa das caldeiras tem espaço para mais 3 geradores.

O algodão em rama de que usa provém do Brazil e America ingleza.

Foi premiada com medalha de cobre nas exposições de Paris de 1878 e 1889, e com medalha de prata na exposição industrial portugueza de 1888.

N.º 281. — Companhia Fabril Lisbonense (fabrica em Lisboa, rua da Palma, n.º 236. Escriptorio, rua de S. Julião, n.º 101, 1.º)

Algodão em rama:

Amostras da Africa.

Amostras da America ingleza.

Amostras do Brazil.

Algodão aberto e batido.

Algodão cardado.

Algodão laminado.

Algodão preparado.

Algodão em fio, trama e urdidura crua, branca e de cores.

Algodões tintos em maços.

Algodões em tecidos tintos.

O valor da produção annual d'esta fabrica regula por 150:000\$000 réis.

Occupa 25 homens, 125 mulheres e 30 creanças, variando os jornaes dos homens entre 400 e 600 réis, os das mulheres de 160 a 500 réis e os das creanças de 100 a 200 réis.

Emprega uma machina a vapor de alta e baixa pressão, com condensação, da força de 340 cavallos, construida por V. Brasseur, de Lille, e machinas de fiação e tecelagem, de origem ingleza, dos ultimos modelos mais aperfeiçoados.

Os algodões de que usa provém da Africa, America ingleza e Brazil.

Os mercados de consumo são o paiz e as ilhas adjacentes.

Foi premiada com medalha de cobre na exposição de Lisboa (1888).

N.º 282. — Companhia Fiação de Crestuma
(Porto, escriptorio rua da Alfandega Velha, n.º 13, 1.º).

Algodão em preparação.

Algodão em bovinas e carrinhos.

Algodão em maçarocas.

Algodão fiado, em maços.

Algodão torcido, em maços.

Valor da produção annual 190:000\$000 réis.

Occupa esta fabrica 97 homens, 118 mulheres e 67 creanças.

Os homens ganham de 240 a 800 réis, as mulheres de 120 a 240 réis e as creanças de 50 a 100 réis.

Emprega: 4 caldeiras com a força de 200 cavallos, uma machina a vapor de William Fairbairn e Sons, com a força de 200 cavallos, 1 turbina systema de Fourneyron, com a força de 70 cavallos e outra systema Gérard de igual força; 5 batedores, 40 cardos, 6 laminadores, 7 bancos grossos, 12 bancos fi-

nos, 14 carruagens, 27 continuos, 4 sarilhos, 4 prensas, 3 encarretadeiras e 3 torcedores.

O algodão é importado do Brazil, sendo a sua importação annual para a companhia de 136:000\$000 réis approximadamente.

Os productos são consumidos no paiz.

Foi premiada com medalha de prata na exposição do Porto (1861), com menção honrosa na de Londres (1862), com medalha de prata na de Lisboa (1863), com medalha de bronze na do Porto (1865), com diploma de honra na de Philadelphia (1876) e com menção honrosa na de Paris (1878).

N.º 283. — Companhia Fiação Portuense (Porto, rua do Monte Bello, n.º 1).

Algodão em fio, cru e branqueado.

N.º 284. — Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões (Lisboa, fabrica na rua da Fabrica da Polvora, a Alcantara; escriptorio na rua dos Fanqueiros, n.º 122, 1.º).

Setinetas $\frac{9}{8}$, por metro a 130 réis.

Lenços, por duzia, de 200 a 960 réis.

Lenços percale, por duzia, 1\$320 réis.

Chita ganga lisa, superior $\frac{9}{8}$, por metro 130 réis.

Panninho encarnado $\frac{9}{8}$, por metro 160 réis.

Chita preta superior $\frac{9}{8}$, por metro 140 réis.

Sarja $\frac{9}{8}$, por metro 125 réis.

Lenços crepe, a 1\$980 réis a duzia.

Ramagens finas, a 120 réis por metro.

Chitas finas $\frac{9}{8}$, a 125 réis o metro.

Chitas superfinas, a 130 réis o metro.

Chitas percale, a 115 réis o metro.

Chitas primavera, a 130 réis o metro.

Differentes cylindros de cobre gravados para chitas e lenços.

Dois albuns de amostras.

Todas as gravuras que emprega são, em regra, feitas na officina da fabrica por artistas portugueses.

O valor da producção annual é approximadamente de 300:000\$000 réis.

Occupá 50 homens e 25 creanças.

Os salarios d'aquelles vão de 360 a 4\$500 réis e os d'estas de 120 a 300 réis.

Emprega em serviço effectivo 4 caldeiras de vapor, de 50 cavallos cada uma, para força motora e aquecimento de caldeiras de tinturaria e outrosapparelhos, 3 machinas de estamparia e todas as demais machinas e aparelhos usados n'esta industria.

Mercados de consumo: o reino, as ilhas adjacentes e as colonias; diz a expositora que este ultimo seria muito importante se o regimen pautal ali desse a necessaria protecção.

Foi premiada com medalhas de cobre nas exposições de Paris (1878) e Philadelphia (1876), e medalha de prata na exposição de Lisboa (1888).

Em conformidade com o artigo 14.^o do regulamento da exposição industrial portugueza a companhia expositora faz as seguintes considerações:

«A industria de estamparia e tinturaria de algodões é das que tem tido maior desenvolvimento no paiz, e póde dizer-se que abastece por completo os mercados do continente do reino e ilhas adjacentes; porquanto, do estrangeiro apenas se recebem alguns artigos de phantasia para casas de modas, ou de trabalho superior em lençaria. Os productos são muito bem recebidos pelo consumo, e os preços têm baixado consideravelmente pela concorrência que se dá entre as diferentes fabricas estabelecidas em Lisboa. A força productora d'estas fabricas é superior á força consumidora dos mercados de que dispõe, e especialmente n'estes ultimos tempos o consumo tem diminuido consideravelmente em consequencia das crises por que o paiz tem passado, tendo as fabricas sido obrigadas a reduzir o tempo do trabalho a quatro dias por semana.

«N'esta situação, a principal e urgente necessidade d'esta industria é o alargamento dos mercados de consumo, sendo os mercados das nossas colonias, onde o consumo ao presente é muito pequeno, os que mais naturalmente estão indicados para absorverem um consideravel volume de productos nacionaes, visto que muito consideravel tambem é o volume que absorvem de productos similares estrangeiros, como é notorio. Esses mercados estão-nos, porém, defezos, visto que o regimen pautal em vigor não protege sufficientemente a industria nacional, como muitas vezes se tem demonstrado.»

Posto isto, o expositor reclama:

«1.º Que na reforma da pauta do continente do reino e ilhas, o direito para os algodões tintos ou estampados em chitas, chales ou lenços (pauta, artigos 73.º e 75.º) seja fixado em 750 réis por kilogramma.

«2.º Que a reforma das pautas das nossas colonias seja feita por fórma, que os productos d'esta industria, gosem ali, da mesma protecção que tiverem no continente do reino e ilhas.

«3.º Que na reforma da pauta do continente do reino e ilhas, não sejam diminuidos os direitos actuaes sobre os tecidos de lã, crus ou branqueados, lisos ou sarjados, e que os direitos taxados na classe 2.ª da pauta A sejam applicados exclusivamente aos tecidos crus e em branco, e quando os mesmos tecidos forem tintos, em fio ou estampados em peça, haja um augmento de 700 réis por kilogramma.»

N.º 285. — Companhia Nacional de Estamparia e Tinturaria (Lisboa, escriptorio rua de S. Julião, n.º 30, 1.º)

Chitas estampadas e tintas.

Lençaria estampada e tinta.

N.º 286. — Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (séde em Lisboa, largo dos Torneiros, n.º 2, 1.º andar).

Fita de algodão a 60 réis o metro.

Veja-se ácerca d'esta companhia o n.º 300.

N.º 287. — Companhia Rio Ave (Porto, escriptorio rua Formosa, n.º 382. Fabrica em Villa do Conde).

Fio e tecidos de algodão.

N.º 288. — David José da Silva & Filho (Porto, Ramalde, rua do Pinheiro Manso, n.º 19).

Riscados Jacquard, em varias marcas, a 170 réis o metro.

Riscados lisos, em diferentes marcas, a 130 réis o metro.

N.º 289. — Fabrica de Fiação da Balsa (Porto).
Algodão em fios.

Foi premiada com diploma de honra na exposição internacional do Porto, em 1865.

N.º 290. — Fabrica de Fiação e Tecidos do Jacinto (Porto, rua da Torrinha).
Fio e tecidos de algodão.

N.º 291. — Joaquim Baptista da Silva Guerra (Porto, rua Nova do Carvalhido, n.º 57).
Tecidos de algodão.

N.º 292. — Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.^a (Guimarães, campo do Toural, n.ºs 70 a 73; filial no Porto, rua de Sá da Bandeira, n.º 213).

Tecidos de algodão.

Toalhas de algodão em diferentes modelos, desde 240 réis a 1\$260 réis.

Toalhetes de algodão em diferentes modelos, desde 1\$080 réis a duzia até 1\$920 réis.

Guardanapos de algodão em quatro modelos, desde 340 réis até 900 réis a duzia.

Lenços de algodão, a 400 réis a duzia.

Foi premiado com diploma de 1.^a classe na exposição de Guimarães (1884), com medalha de cobre na exposição de Lisboa (1888) e com medalha de bronze e menção honrosa na de Paris (1889).

Veja-se também o n.º 308.

N.º 293. — Manuel José Moreira Monteiro (Porto).
Riscados.

N.º 294. — Manuel Ortiz de Montellano (Porto, rua de S. Lazaro, n.º 157).

Cobertores lavrados de algodão, de 1^m,45 × 2 metros, a 1\$800 réis.

Ditos riscados de 1^m,75 × 2^m,0, a 1\$800 réis.

Ditos lavrados mixtos com lã, de 1^m,80 × 2^m,10, a 4\$600 réis.

Colchas brancas de algodão, de 2^m,10 × 2^m,30, a 1\$500 réis.

Ditas de côr de 2^m,10 × 1,75, a 1\$300 réis.

Ditas de 2^m,0 × 1^m,45, a 1\$050 réis.

Também fabrica estofos de juta. Veja n.º 311.

Occupa 14 homens e 8 mulheres, sendo os jornaes d'aquelles de 400 a 800 réis e os d'estas de 100 a 200 réis.

Emprega 12 teares mechanicos e 1 urdideira.

O custo das materias primas regula por 7:300\$000 réis e o valor da producção annual por 11:300\$000 réis.

É esta a primeira exposiçãõ a que o expositor concorre, porque o estabelecimento só agora se acha completo, pela demora havida na sua montagem e installaçãõ.

N.º 295.—Marinho & Irmão (Porto, rua da Piedade, n.º 49).
Riscados.

N.º 296.—Museu Colonial (Lisboa).

Cento e sete amostras de tecidos de algodão e lã, industria indigena, como:

Colchas de cores variegadas;

Toalhas;

Guardanapos;

Lenços;

Pannos brancos, riscados e estampados;

Cobertores;

Cotins, etc.

Provêm das provincias de Cabo Verde, Angola, India, Macau e Timor.

CLASSE 11.^a

Linho, canhamo e outros filamentos analogos em fio e tecidos

N.º 297.—Adrião Ferreira (Porto, rua da Senhora das Dores, n.º 31).

Fitas de linho, de diversas larguras.

N.º 298.—Antonio da Costa Guimarães Filho & C.^a (Fabrica de tecidos a vapor do Castanheiro, Guimarães).

Pannos de linho em peças de 15 metros a 31^m,80, de larguras variaveis desde 0^m,60 a 2^m,25 e de diferentes numeros, de 170 réis a 400 réis o metro.

Pannos branqueados, em peças de 7^m,30 a 32^m,40 e de 0^m,65 a 2^m,5 de largo, de 260 réis a 900 réis o metro.

Toalhetes de linho de diversas qualidades e tamanhos, de 2\$400 réis a 6\$000 réis a duzia.

Guardanapos de varias qualidades desde 800 réis a 4\$500 réis a duzia.

Toalhas de linho de diferentes qualidades e tamanhos, desde 1\$050 réis a 7\$200 réis cada uma.

Colchas de linho de diferentes tamanhos e qualidades, desde 4\$500 réis a 27\$000 réis cada uma. (Veja-se n.º 269.)

N.º 299.—Bahia & Genro (Porto, rua do Poço das Patas, n.º 37).

Cotins de linho. (Veja-se n.º 274).

N.º 300.—Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (Séde em Lisboa, largo dos Torneiros, n.º 2, 1.º andar).

Alcatifa estrado, a 450 réis o metro.

Brins de diferentes marcas, de 275 réis a 360 réis o metro.

- Cilha, de diversas qualidades, a 120 réis o metro.
 Cotins, varias marcas, de 200 a 340 réis o metro.
 Estopa branca, de diferentes qualidades, de 200 e 220 réis o metro.
 Grossarias diversas, de 2\$475 a 10\$500 réis a peça.
 Guardanapos de muitas qualidades e tamanhos diferentes, de 60 a 275 réis cada um.
 Jutas, a 770 réis o metro.
 Lonas brancas, a 360 réis o metro.
 Lonas cruas, a 300 réis o metro.
 Lonas de 10\$000 a 12\$000 réis a peça.
 Loninha branca, a 330 réis o metro.
 Pannos de muitas qualidades e larguras, desde 220 a 1\$430 réis o metro.
 Passadeiras diversas, de 260 a 300 réis o metro.
 Passadeira esteira, a 450 réis o metro.
 Reposteiros, de 400 a 600 réis o metro.
 Riscados, de 190 a 385 réis o metro.
 Saccos diversos, a 140 réis cada um.
 Toalhas de mesa, de 730 a 1\$430 réis cada uma.
 Toalhas para rosto, de 180 a 440 réis cada uma.
 Tapetes largos, a 900 réis o metro.

N.º 301.—Couto Vianna & Irmãos (Vianna do Castello).

Grosserias de juta de diferentes qualidades.

O expositor presta os seguintes esclarecimentos relativos á sua fabrica:

«Tendo esta fabrica concluido a montagem do seu machinismo no principio do mez de outubro do corrente anno, não podemos fornecer desde já todos os esclarecimentos que nos são pedidos, porque estamos em principio de ensaios de fabrico.

«Comtudo vamos fazer uma resenha minuciosa ácerca da nossa industria pelos conhecimentos que temos d'ella:

«*Operarios.*—O numero de operarios que poderá empregar desde o momento que entre todo o machinismo em laboração, são 60 pessoas, sendo o maior numero mulheres, porque a pratica tem demonstrado que o trabalho da mulher é mais paciente e portanto mais perfeito.

«Os salarios para homens podem variar entre 300 e 500 réis.

«Os salarios para mulheres podem variar entre 160 e 300 réis.

«Todo o trabalho é dado por empreitada, com que o operario tem tudo a ganhar, porquanto a ambição dos que têm menos conhecimentos, em se quererem collocar á altura dos que já sabem, para poderem fazer a mesma feria, lhes desperta a vontade e o gosto pelo trabalho.

«*Motor.*— Uma machina semi-fixa da força de 25 cavallos, montada em uma casa apropriada e completamente isolada da officina de trabalho.

«*Officina de trabalho.*— Um salão com 70 metros de comprimento por 12 metros de largo, todo de pedra e ferro, contendo o seguinte machinismo:

«Uma machina para encher canellas, com 60 fuzos.

«Uma machina para encher carrinhos, com 40 fuzos.

«Uma urdideira que engomma, sécca o fio, e urde ao mesmo tempo as teias.

«Vinte teares, sendo 15 teares lisos e 5 com machinetas para a fabricação de xadrez.

«Uma tesoura mechanica que corta o pello ao tecido.

«Uma molhadeira mechanica que molha a fazenda antes de entrar em acabamento.

«Uma calandra hydraulica que dá o ultimo acabamento á fazenda.

«*Origem das materias primas:*— Escocia.

«*Valor da producção annual:*— 50:000\$000 réis.

«*Mercados de consumo:*— Lisboa e Porto.»

N.º 302.—Domingos Alves de Azevedo & C.^a

(Cordoaria portuense, Porto, rua do Almada, n.ºs 60 a 64.)

Obras de cordoaria.

Occupa no seu fabrico 30 homens, 16 mulheres e 32 creanças, com os jornaes de 280 a 500 réis aos primeiros, 180 a 240 réis ás segundas e 120 a 200 réis ás terceiras.

Emprega uma roda de fiar e torcer e apparelho de cochar (antigo systema).

As materias primas são provenientes da Russia, Allemanha, India e Italia, no valor de 22:000\$000 a 26:000\$000 réis.

O valor da produção annual regula de 32:000\$000 a 36:000\$000 réis.

Os principaes mercados de consumo dos seus productos são o paiz, as ilhas adjacentes, a Africa e o Brazil.

Obteve diploma de 1.^a classe na exposição do Porto em 1887 e medalhas de prata nas de Lisboa em 1888 e Paris em 1889.

N.º 303.—Domingos Antonio de Abreu (Fabrica a vapor em Pedrouços; escriptorio e deposito em Lisboa, rua Nova do Carvalho, n.º 58).

Cabos de linho alcatroados.

Cabos de linho em branco.

Outros artigos de cordoaria.

N.º 304.—Fortunato Vieira das Neves (Dr.) (Tábua).

Tecidos de linho a 500 e a 550 réis o metro.

N.º 305.—João Baptista Vassallo (Fabrica de tecidos de linho, União, Torres Novas).

Pannos de linho, em 10 numeros, tendo de 60 a 80 centimetros de largo, aos preços de 160 a 280 réis o metro.

Ditos, enfestados, em 5 numeros, com 1^m,4 a 2 metros de largo, aos preços de 460 a 700 réis.

Panno de estopa, de 66 centimetros, a 180 réis o metro.

Cotins sarja, em 7 marcas, com larguras variaveis entre 60 e 68 centimetros, de 180 a 300 réis o metro.

Brins, de 70 centimetros de largo, em 5 numeros, de 200 a 300 réis o metro.

Brinzões, de 70 centimetros de largo, a 280 e 360 réis o metro.

Grossarias, em 22 marcas, de 3\$200 a 8\$000 réis cada peça de 40 metros.

Grossarias xadrez, sortidas, a 4\$300 réis a peça de 40 metros.

Toalhas de mesa (tecidas á Jacquard), de 1^m,70, a 800 réis cada uma.

Ditas (tecido xadrez), de 1^m,70 a 1^m,80, a 600 e 640 réis cada uma.

Toalhas de rosto (tecidas á Jacquard), a 360 réis cada uma.

Ditas (tecido xadrez) lisas e em xadrez, 4 qualidades, de 220 a 300 réis cada uma.

Guardanapos (tecidos á Jacquard), a 160 réis cada um.

Ditos (tecidos xadrez), a 120 réis cada um.

A fabrica occupa 30 homens, 40 mulheres e 20 creanças, sendo os jornaes dos primeiros de 240 a 1\$000 réis, os das segundas de 100 a 400 réis e os das terceiras de 40 a 120 réis.

Emprega uma machina a vapor da força de 40 cavallos, systema Carlisse, uma roda hydraulica da força de 25 cavallos, teares mechanicos e manuaes, tesoura, calandra, canelleira e doba mechanicas, e pregador tambem mechanicos.

Os fios de linho e de juta são importados da Belgica, Allemanha e Inglaterra.

A producção annual regula por 30:000\$000 réis.

O paiz é o seu mercado de consumo.

N.º 306. — João de Sousa Pinto (Porto, Campo dos Martyres da Patria, n.ºs 68 e 69).

Cabos de canhamo, manilha, cairo e cizal.

Cordas de canhamo, linho indio, manilha e cairo.

Linha barquinha de canhamo.

Linho indio, enleia, cordel e tirante.

Tralhas para pesca.

Espicheis e linhas.

Fios de canhamo para coser e enfardar.

Fios de fogo e outras especies.

Foi fundado este estabelecimento em 1873.

N.º 307. — Joaquim Baptista da Silva Guerra (Porto, rua Nova do Carvalhido, n.º 57).

Tecidos.

N.º 308. — Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.^a (Guimarães).

Tecidos de linho.

N.º 309. — José Antonio Penafiel (Porto, Masarellos, rua do Casal de Pedro, n.ºs 1 e 2).

Mealhar (corda de linho superior para empancaduras de machinas):

De $\frac{1}{4}$ de pollegada a 200 réis o metro.

De $\frac{3}{8}$ de pollegada a 300 réis o metro.

De $\frac{1}{2}$ de pollegada a 400 réis o metro.

De $\frac{5}{8}$ de pollegada a 600 réis o metro.

De $\frac{3}{4}$ de pollegada a 700 réis o metro.

De $\frac{7}{8}$ de pollegada a 900 réis o metro.

De 1 pollegada a 1\$100 réis o metro.

De 1 $\frac{1}{4}$ pollegadas a 1\$300 réis o metro.

Juntas para caldeiras, de $\frac{1}{2}$ e 1 pollegada a 120 e 300 réis.

Ditas de 2 e 3 pollegadas, a 700 e 800 réis.

N.º 310. — Manuel José Moreira Monteiro (Porto, rua da Alegria, n.ºs 242 a 252).

Cotins.

Cordas para machinismos.

N.º 311. — Manuel Ortiz de Montellano (Porto, rua de S. Lazaro, n.º 157).

Peças de estofa de tres côres, com $26^m,50 \times 1^m,45$, a 700 réis o metro.

Ditas de duas côres variadas, em cinco qualidades, sendo uma de $1^m,45$ de largo e as outras de $1^m,30$ e o preço de 450 a 600 réis o metro.

Veja-se para este expositor e exposição o n.º 294.

Na sua guia, diz: — «A circumstancia de que algumas fabricas do paiz productoras da materia prima, juta, não expõem no mercado senão certo numero de fio d'essa qualidade, que não serve senão para a fabricação das grosserias, prejudica a de qualquer outro genero de estofa em que tenha de entrar a dita materia prima, porque obriga ao industrial a ter de a importar em porções avultadas.

«Ha tambem escassez de pessoal competentemente habilitado para esta classe de tecidos».

N.º 312. — Manuel Rodrigues de Oliveira e Sá (Porto, Passeio da Cordoaria, n.ºs 6 a 11).

Cabos de linho preto de diversas grossuras.

Cabos de linho branco de diversas grossuras.

Cabos de linho manilha de diversas grossuras.

Cordas de linho preto de diversas grossuras.

Cordas de linho branco de diversas grossuras.

Cordas de linho da terra de diversas grossuras.

Cordas de linho manilha de diversas grossuras.

Cordas para persianas.

Cordas para espias de bombeiros.
 Cordas entrançadas.
 Elleias brancas.
 Elleias pretas.
 Linhas finas.
 Cordeis diversos.
 Fios diversos.
 Cilhas.
 Fio em rede.
 Escadas de corda.

Occupa na sua fabrica 29 homens, 10 mulheres e 14 menores, sendo os jornaes d'aquelles de 220 a 800 réis, os das mulheres, de 220 a 300 réis e os dos menores, de 100 a 200 réis.

Emprega 8 rodas e 1 machina manual.

N.º 313.— Museu Colonial (Lisboa).

Cordas de carrapateiro (Angola e Benguella).
 Cordas de rota (Macau).
 Cordas de côco (Cabo Verde, S. Thiago).
 Cordas de ife (Angola e Mossamedes).
 Cordas de gamuti (India, Goa).
 Cordas de cairo (India, Goa).
 Cordas de linho (India, Pangim).
 Capachos de gamuti (India, Pangim).

N.º 314.— Santos & C.^a (Porto, rua de Fernandes Thomás, n.º 290).

Pannos e outros productos de linho.

N.º 315.— Viuva Rodrigues & Filhos (Porto, Campo Pequeno, n.º 17. Deposito na rua de D. Pedro, n.º 126).

Cabos de canhamo alcatroados e em branco.
 Cabos de manilha, sizal, cairo, etc.
 Viradores, amarretas e todos os mais artigos de cordoaria.
 Alcatifas de pita e cairo.
 Passadeiras para corredores e escadas.
 Capachos de cairo e pita.

Foi esta casa fundada em 1781.

CLASSE 12.^a

Lãs, pellos e analogos em fios e tecidos

N.º 316.—Adrião Ferreira (Porto, rua da Senhora das Dores, n.º 34).

Fita rosinha de lã.

Fita de lã riscada.

Fita de diversas côres.

N.º 317.—Alçada & Mousaco (Covilhã).

Lanificios.

Flanella preta de verão, a 1\$800 réis o metro.

Sarjão mescla, a 2\$200 réis o metro.

Cazimiras de primeira qualidade, em seis numeros, a 2\$800 réis o metro.

Mostons de côr, em quatro marcas, a 2\$800 réis o metro.

Diagonal preto, a 2\$800 réis o metro.

Estambre de verão (cazimira), em sete marcas, a réis 2\$900 o metro.

Estambre diagonal preto, a 2\$900 réis o metro.

Estambre diagonal inverno, de côr, a 3\$200 réis o metro.

Occupa na sua fabrica 147 homens, 58 mulheres e 43 menores, ganhando aquelles de 280 a 3\$000 réis, as mulheres de 120 a 220 réis e as creanças de 100 a 220 réis.

Emprega: 1 machina a vapor da força de 120 cavallos nominaes, uma roda hydraulica de 30 cavallos, 3 sortidos, 1:425 fusos, 60 teares manuaes, 21 teares mechanicos, 3 lavadeiras, 2 batanos, 3 perchas, 1 hydro-extractor, 3 tesouras, 1 velludeira, 1 escova, 1 prensa mechanica, 1 prensa manual, 2 retorcedeiras, 1 urdideira mechanica com estufa, 5 urdideiras manuaes, 1 dobadura mechanica, 1 encarroladeira e ou-

tras machinas. Na tinturaria emprega 1 dorna para anil, 3 caldeiras e 1 barca.

As materias primas provêm de França, Hespanha, Belgica, Inglaterra, Allemanha e do paiz, no valor total de 70:000\$000 a 75:000\$000 réis annuaes.

O valor annual da producção regula de 100:000\$000 a 120:000\$000 réis.

O mercado de consumo é em todo o paiz.

Foi premiado com medalha de prata na exposiçào de Lisboa (1888) e de bronze na de Paris (1889).

N.º 318.—Azevedo Meirelles & Irmãos (Porto, rua de D. Pedro V, n.º 5).
Cazimiras.
Cobertores.
Chales.

N.º 319.—Campos Mello & Irmão (Covilhã).
Cazimiras de inverno, n.ºs 1 a 13, a 2\$800 réis o metro.
Cazimiras de verão, n.ºs 14 a 20, a 2\$000 réis o metro.
Edredon de inverno, n.ºs 21 a 23, a 2\$800 réis o metro.
Paletot, n.ºs 24 a 28, a 2\$000 réis o metro.
Cheviotes, n.ºs 29 a 40, a 2\$000 réis o metro.
Flanella, n.º 41, a 2\$000 réis o metro.
Crepes, n.ºs 42 e 43, a 1\$100 réis o metro.
Castorinas, n.ºs 44 a 52, a 700 réis o metro.
Montagnac, n.º 53, a 2\$000 réis o metro.

O valor da producção annual regula por 200:000\$000 réis.

Occupa 360 homens, 160 mulheres e 60 creanças, sendo os jornaes dos homens de 200 a 1\$000 réis, os das mulheres de 120 a 240 réis e os das creanças de 80 a 160 réis.

Emprega 3 machinas a vapor com a força de 235 cavallos, 3 rodas hydraulicas com a de 90 cavallos, 98 teares mechanicos e manuaes, 5 sortidos, 8 fiações e muitas outras machinas.

As materias primas provêm de França, Inglaterra, Allemanha e Portugal.

Os principaes mercados são: Lisboa, Porto e Coimbra, mas alem d'estas todas as mais povoações do paiz.

Tem obtido distincções em todas as exposições a que concorreu.

N.º 320. — Companhia de Lanificios da Chima (Alemquer).

Cazimiras.

Flanellas.

Cobertores.

Lãs para bordar.

Chales.

N.º 321. — Companhia de Lanificios de Arroyos (Lisboa, rua do Arco do Bandeira, n.º 54, 1.º).

Chales diversos.

Chales mantas diversos.

Cobertores.

Cheviotes.

Flanellas brancas.

Flanellas de côr.

Castorinas.

Estofa para reposteiros.

Saias.

Occupa na fabrica 96 homens, 106 mulheres e 20 menores; os homens ganham de 360 a 15200 réis; as mulheres de 180 a 320 réis e os menores de 100 a 180 réis.

Emprega uma machina a vapor, alta pressão, da força de 60 cavallos e caldeira da força de 70 cavallos, teares mechanicos e manuaes, cardas, fiações, pições, perches *echardoneuse*, prensa cylindrica e tinturaria.

As lãs importa-as do paiz, de Hespanha e de Montevideu.

O valor annual da producção regula por 100:000\$000 réis.

Os seus mercados de consumo são Lisboa e Porto.

Obteve distincções nas exposições de 1864, 1867, 1878, 1888 e 1889.

N.º 322. — Companhia de Lanificios de Lordello (Lordello, Porto).

Cazimiras.

Cobertores.

Chales.

N.º 223.—Companhia de Lanificios de Padornello (Padornello, concelho de Amarante).

Cazimiras.

Chales.

Cobertores.

Fazendas para vestidos.

N.º 324.—Companhia de Lanificios de Portalegre (Portalegre; deposito no Porto, rua de Sá da Bandeira, n.º 16).

Lanificios.

N.º 325.—Companhia Portugueza de Fiação e Tecidos de Lã de Alemquer (Alemquer).

Cazimiras.

Fazendas para vestidos.

Chales.

Lãs para bordar.

N.º 326.—Conde do Refugio, Successor de José Mendes Veiga (Covilhã).

Cazimiras.

Lãs em fio e em rama brancas e de côres.

N.º 327.—Francisco Luiz de Almeida (Porto, Lordello do Oiro).

Cobertores de lã.

Flanellas brancas.

Lãs em fio para bordar.

N.º 328.—João Alves Bebiano & C.^a (Castanheira de Pera; escriptorio em Lisboa, largo de S. Julião, n.º 12 — representante no Porto, J. B. de Macedo Junior & C.^a, rua do Almada, 254).

Tecidos de pannos pretos.

Chales.

Cazimiras.

Diagonaes.

Flanellas.

Castorinas.

N.º 329.—João H. T. Guedes (Porto de Moz, Minde).

Tecidos de cintas de lã, mantas de cordão para lavadores, alforges e cobertores.

N.º 330. — Joaquim Baptista da Silva Guerra
(Porto, rua Nova do Carvalhido, n.º 57).
Tecidos.

N.º 331. — Joaquim Filippe Pitta e José Manuel Fernandes (Redondo).

Mesclas n.ºs 1 a 4 e 17 a 20, de 1\$350 a 1\$800 réis o metro.

Saragoças n.ºs 5 a 10 e 21 a 32, de 950 a 1\$800 réis o metro.

Estamenhas n.ºs 11 a 16, de 380 a 750 réis o metro.

Castorina de lã n.º 35, a 700 réis o metro.

Cheviote, a 960 réis o metro.

A fabrica occupa 100 homens, 50 mulheres e 20 creanças, sendo o jornal dos homens de 240 a 300 réis, os das mulheres de 160 a 240 réis e os das creanças de 80 a 120 réis.

Os apparelhos são todos manuaes.

A materia prima é a lã dos gados do concelho de Redondo.

O valor da producção annual regula por 30:000\$000 réis e o custo das lãs de 3:000\$000 a 4:000\$000 réis.

O consumo faz-se no districto administrativo em que a fabrica se acha situada.

Os expositores apresentaram o seguinte curioso relatorio:

«Data de tempos immemoriaes a existencia do fabrico de lanificios n'esta notavel povoação, que outr'ora e por largos annos viveu quasi unica e exclusivamente d'esta industria.

«Assim começámos o nosso humilde relatorio quando, com os productos d'esta fabrica, concorremos á exposição nacional das industrias fabrís, realisada em Lisboa no anno de 1888, o que nos valeu da parte do digno jury algumas palavras de immerecido louvor e consideração, como se vê a paginas 234 a 236 do segundo volume do catalogo d'essa exposição.

«A industria de lanificios no Redondo foi outr'ora grande e estava acreditada nos mercados do paiz á que concorria.

«Não era uma industria particular, entregue a uma ou mais sociedades que se organisassem para tal fim; era uma industria geral, cultivada por todos os habi-

tantes d'esta laboriosa povoação, com o seu regimento, que lhes servia de lei reguladora, com existencia no archivo do municipio, aonde ainda se conserva.

«Raro era o casal que não possuía um tear manual, uma tesoura, uma prensa, etc., que, de geração em geração, passavam, em patrimonio, para filhos e netos.

«Dos immensos productos d'esta fabrica vestia-se o exercito e forneciam-se as lendarias feiras do Campo Grande em Lisboa.

«Da grandeza d'estas glorias passadas existem hoje tenues sombras — *hic olim campus...*

«Sombras são, pois, dos antigos productos, os que ora enviâmos, os quaes, ainda assim, claramente mostram que, aperfeiçoados com os modernos processos, bem podiam dispensar a importação dos productos similares estrangeiros.

«São fabricados em teares de madeira, manuaes, da primitiva invenção, com os antigos e rudimentares processos.

«Debaixo d'estas circumstancias devem ser olhados e apreciados.

«Não levam, pois, a veleidade ingloria de poderem competir com outros artefactos modelados pelos modernos processos, indicados pela sciencia e auctorisados pela pratica.

«Têm o valor real e positivo, cujo interesse historico ninguem lhes poderá contestar, de serem fieis retratados de antigas obras, caracter e cunho nacional.

«O Redondo ainda em 1850, segundo se vê a pag. 410, do segundo volume do *Diccionario geographico e historico, etc., do reino de Portugal*, de Paulo Perestrello da Camara, fabricava bastantes tecidos de algodão e lã, para o que possuía para cima de cincoenta teares.

«Infelizmente esta industria está aqui quasi extincta.

«Hoje, apenas meia duzia de operarios, com incontestavel habilidade e sem incentivo algum, se entregam á fabricação de pannos ordinarios, cujas mostras vão.

«A decadencia d'esta industria manifestou-se desde que as fabricas de Gouveia e Covilhã se utilizaram dos novos aparelhos e das modernas invenções, que

vieram, com vantagem reconhecida, substituir o duro trabalho braçal, sempre moroso e caro, habilitando estas fabricas a produzirem melhor e mais barato.

«Com as conquistas do progresso vieram os modernos processos e as machinas a vapor, e no seu carro de triumpho trouxeram a inevitavel decadencia de todas as industrias que, como estas, eram só mantidas e sustentadas pelo trabalho manual.

«Em presença d'esta natural decadencia, os fabricantes do Redondo, não podendo então seguir os modernos processos que a sciencia indicava, duro é dizel-o, succumbiram.

«Mas a necessidade da vida obrigou-os a ir tirar da terra o sustento que a industria já lhes não proporcionava, arroteando-a e plantando-a de vides.

«Foram felizes n'esta sua empreza, porque não só tornaram o Redondo um grande centro vinicola, tendo actualmênte uma producção annual de 100:000 almu-des (litros 2.000:000), mas tambem o fizeram conhecido dentro e fóra do paiz, pelos seus bons vinhos.

«Infelizmente, porém, deixaram ao mesmo tempo perder uma industria que, apesar de humilde por sua natureza, lhes devia ser sympathica e proveitosa, que muito bem podia existir e concorrer para maior engrandecimento do Redondo, sem quebra do importante augmento vinicola.

«Eis a historia, mal escripta é certo, mas verdadeira, dos lanificios d'esta localidade, que bem mereciam a protecção dos governos, para o resurgimento d'essa antiga industria, porque ella, aperfeiçoada, bem podia affrontar a concorrência das suas congeneres estrangeiras, que, com fazendas mais vistosas, mas menos duraveis, têm feito um prejuizo enorme á manufactura nacional.»

N.º 332. — Manuel José Moreira Monteiro
(Porto, rua da Alegria, n.ºs 242 a 252.)
Lanificios.

N.º 333. — Museu Colonial (Lisboa).
Collecção de lanificios de lãs animaes e vegetaes, provenientes de diversas provincias ultramarinas.

N.º 334. — Peig Planas & C.^a (Coimbra).
Lanificios.

CLASSE 13.^a

Seda em fio e tecidos, comprehendendo os mixtos

N.º 335.— Antonio Carlos da Silva (Porto, rua do Almada n.º 167).

Sedas cruas em fio (Wangui e Taysaam).

Retrozes e torçoes para coser á machina e á mão, tintos de preto e de côres variadas, em meadas, com peso determinado ou indeterminado.

As materias primas são da China, importadas por Londres e Marselha.

Emprega na dobragem da seda, torcedura e tinturaria, cerca de 100 pessoas.

O consumo dos seus productos faz-se no continente do reino e nas ilhas adjacentes.

N.º 336.— Antonio Pedro Simões (Porto, rua do Bomjardim, n.º 1126).

Tecidos de seda.

N.º 337.— David José da Silva & Filho (Porto, Ramalde, rua do Pinheiro Manso, n.º 19.)

Damasco branco, requife, a 3\$000 réis o metro.

Lustrina, a 4\$000 réis o metro.

Damasco matizado, a 3\$000 réis o metro.

Damasco raso, granada, para estofadores, a 2\$400 réis o metro.

Damasco raso, azul, para estofadores, a 1\$800 réis o metro.

Damasco verde, para paramentos, a 1\$650 réis o metro.

Damasco branco, para paramentos, a 1\$650 réis o metro.

É esta firma successora de Joaquim José da Silva e fabrica damascos de seda e oiro, brocateis, lha-

ma de prata e oiro, fazendas matizadas, estofos, nobrezas, setins, sedinhas, riscados lavrados e lisos, etc.

N.º 338.—Francisco Cabral Paes & Filho (Villa da Rua, concelho de Moimenta da Beira).

Meadas de seda em rama.

Preço no local da producção por kilogramma 95000 réis.

Produz annualmente de 300 a 400 kilogrammas.

Occupa 2 homens e 18 a 20 mulheres, sendo os jornaes dos homens de 240 réis e 300 réis e os das mulheres de 120 réis a 160 réis.

Emprega 15 bacias com o respectivo machinismo, systema italiano aperfeiçoado.

A materia prima é de producção nacional e o seu valor regula de 500 réis a 600 réis por kilogramma.

O expositor diz que, com direitos protectores na exportação dos casulos, podia elevar-se a producção até 2:000 kilogrammas.

Mercado de consumo, Lyon.

Obteve distincções nas exposições a que concorreu, que foram a de Londres (1862), Paris (1878 e 1889), Philadelphia (1876) e as portuguezas de 1865, 1866, 1869, 1872, 1884 e 1888.

Na guia que acompanhou os productos diz o expositor:

«Esta industria de fição de seda, a que, n'estes ultimos tempos, fomos os primeiros a dar impulso, acha-se actualmente em lamentavel decadencia.

«A epidemia, que primeiro em Italia e França devastou as sirgueiras invadiu tambem o nosso paiz, diminuindo muito consideravelmente a producção da materia prima (casulos). O baixo preço que a industria nacional de tecidos de seda offerece pelas ramas, obriga estas a emigrarem para França, ahi são transformadas em bellos artefactos de seda e assim regressam ao seu paiz, onde são vendidos ao luxo, por elevadissimos preços. Os casulos de seda, materia prima d'esta industria, têm quasi uma livre exportação! São estas as principaes causas da sua decadencia.

«Se a industria de fição e torção de sedas vivesse, como é natural e como acontece nos outros paizes, ligada á industria de tecidos nacional, auxiliando-se

mutuamente, viria ainda a ser uma industria florescente e ambas ellas prosperariam.

«Não sendo assim, e não se lançando sobre ella vistas protectoras, morrerá como enfermo abandonado.»

N.º 339. — Francisco José Nogueira & Filhos (Porto, rua da Alegria, n.º 265).

Velludos de pura seda, com 55 centímetros de largo, de 4\$500 a 6\$000 réis o metro.

Failles em pura seda, com 55 centímetros de largo, de 1\$200 a 2\$200 réis o metro.

Setins de Lyon, em pura seda, com 55 centímetros de largo, de 1\$800 a 2\$500 réis o metro.

Glacés em pura seda, com 55 centímetros de largo, de 700 a 1\$200 réis o metro.

Sarjas e setins, em pura seda, com 45, 55 e 60 centímetros, para umbellas e chapéus de chuva, de 700 a 1\$200 réis o metro.

Nobrezas, para paramentos, em pura seda, de 1\$300 a 1\$500 réis o metro.

Meias nobrezas, para estofadores, em pura seda, de 800 a 1\$200 réis o metro.

Tafetás, para armadores, em pura seda, de 400 a 500 réis o metro.

Sarjas e setins, para alfaiates e confecções, de 70 centímetros de largo, de 1\$000 a 2\$000 réis o metro.

Tecidos mixtos:

Setins para chapellaria e confecções, com 60 centímetros de largo, de 600 a 900 réis o metro.

Ditos, de 1\$200 a 1\$500 réis o metro.

Gorgorões, com 60 centímetros de largo, para chapellaria, de 1\$000 a 1\$800 réis o metro.

Sarjas, de 60 centímetros de largo, para chapellaria e confecções, de 500 a 850 réis o metro.

Fitas para chapellaria, em pura seda e mixtas, de 15 a 200 réis o metro.

Este estabelecimento fabrica tambem forros para chapéus e tem officina para marcar a oiro, a prata e a preto.

N.º 340. — Francisco Paschoal da Paz (Porto, travessa das Almas, n.º 70).

Pello e trama de seda torcida de rama nacional.

N.º 341. — Joaquim Baptista da Silva Guerra (Porto, rua Nova do Carvalhido, n.º 57):

Tecidos de seda.

Fitas de seda.

Foi premiado na exposição de sericicultura do Porto com premio distincto, e nomeado pelo governo para estudar a exposição universal de Paris em 1867, sendo tambem agraciado pelo aperfeiçoamento da sua industria. Inventou um systema de redes para dormir, com punhos inteiriços, a que foi concedido privilegio por dez annos.

Este estabelecimento fabrica todas as qualidades de sedas para opas, estofos, damascos, setins, lenços, cobertas, toalhas, redes para dormir, seda para cobrir guarda-chuvas, etc.

N.º 342. — Manuel da Motta Fonseca (Porto, rua do Principe Real, n.º 157).

Lenços de seda lavrados, com froco.

Lenços de seda lavrados, sem froco.

Occupa na fabrica 25 homens, 12 mulheres e 3 menores, com os salarios de 300 a 600 réis aos primeiros, de 150 a 300 réis ás segundas e de 50 a 160 réis aos terceiros.

Emprega uma machina systema de Jacquard, machinetas, etc.

O trabalho é todo manual.

O consumo dos seus productos faz-se no reino.

O expositor, supposto só exponha lenços, fabrica todas as qualidades de tecidos de seda.

Foi premiado na exposição de Paris.

N.º 343. — Museu Colonial (Lisboa).

Amostras de seda em fio e retroz de Macau.

N.º 344. — Pimentel & Queiroz, successores de João M. Pimentel (Porto, rua de Santa Catharina, n.ºs 125 e 127).

Velludos.

Foi premiado nas exposições portuguezas a que correu e nas de Londres, Paris e Rio Janeiro.

N.º 345. — Sebastião de Almeida Guerra
(Freixo de Espada á Cinta).

Meadas de seda de 5 casulos.

Meadas de seda, de 8, 10 e 15 casulos.

Faixas de seda para homem.

Differentes córtes de seda.

Seda macho, fiada pelo systema primitivo.

Seda femea, fiada pelo systema primitivo.

Córte de seda limpo, fabrico primitivo.

Fitas de seda.

Fachas de seda para recém-nascidos.

N.º 346. — Viuva de Delfim Pereira da Costa
& C.^a (Porto, rua do Principe Real, n.º 200; deposito
na rua do Loureiro n.º 24).

Fitas de seda e mixtos.

CLASSE 14.^a

Tapetes, tapeçarias, rendas, bordados, passemanaria, flores artificiaes, obras de cabello, pennas, etc.

N.º 347.—A. P. Silva de Araujo (Porto, travessa do Campo Lindo, n.º 16.)

Pinceis.

Trinchas.

Escovas.

Brochas.

Vassouras, de cabello.

Espanadores.

A sua fabrica trabalha a vapor e n'ella occupa 12 homens e 10 mulheres, sendo os salarios para os homens de 240 a 1\$500 réis, e para as mulheres de 120 a 240 réis.

O motor é da força de 10 cavallos.

As materias primas provêm de França, Inglaterra e Allemanha.

O consumo dos seus productos faz-se todo em Portugal.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 348.—Antonio Gomes de Sousa (Porto, rua de S. Jeronymo, n.º 229).

Passemanarias, etc.

N.º 349.—Antonio Soares (Porto, rua do Mouzinho da Silveira, n.º 209).

Pennas de aves.

Abanos de pennas de aves.

N.º 350.—Arnaldo Martins Torres (Porto, rua de S. Victor, n.º 127).

Galões para paramentos.

Galões para o exercito.
Galões para a guarda fiscal, marinha e policia.
Guarnições para trens.

N.º 351. — Arthur de Vasconcellos (Porto, rua de Santo Antonio, n.º 193).

Flores artificiaes:

Escudo nacional, preço 45\$000 réis.
Cesta de flores ao natural, preço 35\$000 réis.
Estrella de myosotis, preço 10\$000 réis.
Corôa de amores perfeitos em seda, preço réis 14\$000.
Dita de glycinias, preço 4\$000 réis.
Dita de heliotropios, preço 4\$500 réis.
Dita de lilazes, preço 4\$500 réis.
Dita de jasmins, preço 3\$800 réis.
Dita de botões de rosa, preço 4\$500 réis.
Dita de flores de macieira, preço 4\$800 réis.
Bouquet de flores de laranjeira, preço 4\$500 réis.
Dito de lilazes, preço 4\$000 réis.
Guarnição para baile, em margaridas, preço réis 4\$800.
Cruz de myosotis, preço 5\$000 réis.

Occupa na sua fabrica 5 homens, 18 mulheres e 10 creanças.

Os homens ganham de 290 a 600 réis, as mulheres de 220 a 500 réis e as creanças de 110 a 240 réis.

As materias primas vêm-lhe de França e o seu custo regula por 18:000\$000 réis annuaes.

O valor da sua producção annual é de cerca de 50:000\$000 réis.

Os mercados de consumo para estes productos são o reino e as ilhas adjacentes.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa (1888), primeiro premio na das rosas em Guimarães, diploma de 1.ª classe na de Valença e diploma de 2.ª classe na do atheneu commercial do Porto.

N.º 352. — Augusta de Passos Barreiros (D.)
(Vianna do Castello, rua da Bandeira, n.º 168).

Roupa de cama com letras bordadas a branco.

N.º 353. — Companhia Portugueza de Escovas e Pinceis (Lisboa, bairro Andrade).

	Por duzia
Escovas para calçado, n.º 2.....	\$440
Escovas para calçado, n.º 10.....	1\$080
Escovas para calçado, n.º 16.....	2\$160
Escovas para fato, n.º 4.....	4\$320
Escovas para fato, á portugueza, n.º 20....	4\$320
Escovas para fato, francezas, F. B.....	1\$900
Escovas para fato, francezas, F. D.....	2\$400
Escovas para fato, francezas, F. Q.....	13\$500
Escovas para fato, systema allemão, n.º 2..	3\$360
Escovas para fato, systema allemão, n.º 4..	4\$320
Escovas para fato, brazileiras, n.º 4.....	1\$800
Escovas para fato, brazileiras, n.º 1-0....	3\$400
Escovas para fato, palha grama, n.º 1....	1\$920
Escovas para cabeça, C. F.....	4\$500
Escovas para cabeça, C. H.....	5\$500
Escovas para cabeça, xarão, C. K.....	8\$000
Escovas para chapéus.....	2\$160
Escovas para chapéus, n.º 4.....	2\$400
Escovas para limpar lama, L. A.....	1\$600
Estoijos de escovas para collegiaes.....	12\$000
Brussas para typographia.....	6\$000
Brussas para animaes.....	10\$000
Espanadores para balcão.....	7\$800
Luyas de crina.....	1\$320
Capachos de crina, n.º 90.....	2\$200
Capachos de crina, n.º 100.....	2\$440
Escovas de piassaba.....	1\$450
Cardoas da piassaba.....	1\$440
Brochas francezas com fio.....	1\$800
Brochas francezas com fio, n.º 12.....	6\$000
Brochas francezas, virola de cobre, n.ºs 1 a 12	960
	a
Brochas hollandezas.....	2\$000
Pinceis para traço.....	\$400

Occupa 45 homens e 30 mulheres; o jornal dos homens varia de 400 a 1\$000 réis e os das mulheres de 120 a 400 réis.

Emprega dois motores a gaz com 10 cavallos de força.

Esta companhia é moderna e tem montadas as suas officinas por fórma a que os seus productos rivalisem com os importados de França e Allemanha.

N.º 354.—Deolinda Gomes da Silva Rocha (D.)
(Porto, rua do Bomjardim, n.º 152).

Um quadro bordado sobre espelho, representando S. Francisco.

N.º 355.—Domingos do Espirito Santo Guimarães (Porto, largo do Correio, n.º 8).

Obras de palheta.

Galões para exportação.

Passamaneria.

Rendas, blondes e vidrilhos.

Bordados.

Galões para consumo do paiz.

O expositor dá os seguintes curiosos esclarecimentos, ácerca da sua industria:

«*Obras de palheta.* — Sob esta designação se comprehendem todos os artigos manufacturados com palheta, fabricando-se galões, rendas, passamanaria, bordados a palheta e a retalho, achando-se a minha casa em condições de satisfazer qualquer encommenda sobre desenhos nacionaes ou estrangeiros, garantindo-se a perfeição do trabalho, principalmente em tudo o que diz respeito a armações de igrejas e funeraes.

«*Galões para exportação.* — Exportamos para a nossa Africa, para todo o Brazil, fabricação propria para aquelles dois mercados, e, comquanto tenhâmos lutado com difficuldades para que o estrangeiro não nos possa fazer concorrência, temos esperanças de que a nova pauta da alfandega nos virá beneficiar um pouco, principalmente em palheta e fieira, que são as unicas materias primas que importamos da Allemanha, pois que as restantes são todas nacionaes.

«*Passamanaria.* — Este artigo é feito por menores de oito a quinze annos.

«*Rendas, blondes e vidrilhos.* — São manufacturados por mulheres que, dispondo de algum tempo das suas

occupações domesticas o aproveitam na fabricação d'estes artigos.

«*Bordados.* — São executados por senhoras, que, pela precisão, se vêem obrigados a lançar mão d'este trabalho.

«*Galões.* — Este artigo, não só o de consumo no nosso paiz, como tambem o de fabricação propria para exportação, é feito por lavradores que, nas horas de descanso, nas madrugadas, aos serões e mesmo quando as inverniás lhes não permitem ir para o campo, applicam todo esse tempo na fabricação d'este artigo, que é admiravel, pela perfeição e limpeza com que sae de suas mãos.

«*Fabrica.* — É considerada a minha casa como tal, pois que as teias vão para a mão do fabricante já urdidadas, trabalhando cada um em sua casa, podendo portanto chamar-se *industria caseira*.

«O fabrico é feito pela maior parte no Porto e cercanias e o resto dentro do districto, occupando-se n'este trabalho 100 a 120 operarios, podendo-se calcular as ferias semanaes em 1\$000 réis o minimo para cada operario e em 2\$500 réis o maximo.»

N.º 356. — Felix Delpont (Porto, rua do Sá da Bandeira, n.ºs 247 a 251).

Flores artificiaes.

N.º 357. — Ferreiras Madrugas (Senhoras) (Ilha do Fayal).

Um quadro com um ramo de flores artificiaes feitas de medulla de figueira.

Foi exposto pelo sr. José Francisco da Terra Brun.

N.º 358. — Irinia Augusta da Nobrega Gerizard (D.) (Porto, rua do Almada, n.º 192).

Uma corôa trabalhada em escama de peixe.

Um quadro trabalhado em escama de peixe.

Um quadro trabalhado em cortiça.

Diz-nos a expositora que inventou em Lisboa as flores de escama de peixe, e que n'esse tempo havia sómente bordados na mesma escama. Conseguiu ape-

nas que uma sua discipula, no Porto, fizesse d'estas flores, mas sómente as flores pequenas.

Offerece-se para ensinar qualquer senhora em trabalhos de flores artificiaes de toda a especie, comprehendendo as de escama de peixe e cortiça, á rasão de 400 réis por cada duas horas de leccionação.

N.º 359. — Joaquim da Silva Mello (Porto, rua do Corpo da Guarda, n.º 21).

Paramentos de igreja.

N.º 360. — Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.^a (Guimarães).

Bordados em linho.

N.º 361. — José Pereira de Sousa (Porto, rua de Miragaya, n.º 116).

Um quadro de cabello bordado em vidro, representando um ramo.

N.º 362. — José Rodrigues Machado (Porto, rua do Corpo da Guarda, n.º 30, 3.º).

Paramentos de igreja.

N.º 363. — Julio Rodrigues Machado (Porto, rua do Loureiro, n.º 32).

Canutilhos, fios, palhetas e lantejoulas de oiro fino.

Estola bordada a oiro.

Dita em lhama.

Artigos de passamanaria.

N.º 364. — Leonor Alves Correia (D.) (Porto, Campanhã, largo do Azevedo).

Fio para bordar em trabalhos de palheta, a 1\$000 réis e a 2\$250 réis a meada.

Grades de palheta com os n.ºs 1 a 14, de 10 réis a 200 réis o metro.

Franjas de palheta com os n.ºs 1 a 4, de 240 réis a 600 réis o metro.

Calcula a sua produção annual em 4:000 metros de grades e em 1:000 metros de franjas.

N.º 365.—Manuel Luiz Dias (Porto, Miragaya)‘
Um quadro bordado a cabello, em vidro, representando as armas reaes portuguezas e italianas. Preço 20\$000 réis.

Um quadro de cabello com o retrato de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Carlos, bordado em vidro. Preço 12\$000 réis.

N.º 366.—Maria Augusta Bordallo Pinheiro (D.) (Lisboa, pateo do Martel).

Rendas:

Uma almofada, medindo $1^m \times 0^m,90$.

Um cabeção e punhos, medindo $0^m,60 \times 0^m,45$.

Um cabeção, medindo $0^m,35 \times 0^m,35$.

Um lenço, medindo $0^m,40 \times 0^m,40$.

Um lenço, medindo $0^m,35 \times 0^m,35$.

Um lenço, medindo $0^m,32 \times 0^m,32$.

Uma barra (amostra), medindo $1^m,20 \times 0^m,15$.

Um fichu, medindo $0^m,70 \times 0^m,40$.

N.º 367.—Maria Cazimiro (D.) (Porto).

Quadro bordado a oiro com dois retratos.

N.º 368.—Maria da Conceição Roquero (D.) (Porto, rua de Santa Catharina).

Um travesseiro bordado.

Um lenço bordado.

Uma camisa de senhora, bordada.

N.º 369.—Maria da Luz Rocha (D.) (Porto, rua do Bicalho, n.º 49).

Bordados de seda, representando costumes hespanhoes.

Ditos, feitos com productos naturaes.

N.º 370.—Maria da Penha da Silva Cunha Magalhães (D.) (Porto).

Bordados a oiro.

N.º 371.—Maria de Jesus Pereira Barbosa (D.) (Porto, rua de S. Lazaro, n.º 425).

Um quadro bordado a cadornilho, sobre espelho.

A expositora é uma creança apenas com treze annos de idade, que se destina ao professorado.

Julga esta menina, que é da maior conveniencia a organização de exposições permanentes, onde possam semanalmente ser expostos diversos trabalhos, que todos os dias se vêem em exposição nas vitrines dos estabelecimentos, por falta de outro local mais apropriado.

Reservar-se-ia n'ellas uma parte para trabalhos de prendas e domesticos, constituindo-se assim uma escola para o professorado e familias, graças aos beneficios que resultam d'estes certamens.

N.º 372.— Maria Possis Garcia Pinto (D.)
(Porto, Campo da Regeneração.)

Um quadro com flores de escama de peixe e cortiça.
Preço 50,5000 réis.

N.º 373.— Museu Colonial (Lisboa).
Capachos, etc.

N.º 374.— Museu Industrial e Commercial do
Porto.

Rendas de Peniche, Villa do Conde e Vianna do
Castello.

N.º 375.— Santos & C.^a (Porto, rua de Fernan-
des Thomás, n.º 288).

Lençoes de linho com letras bordadas.

N.º 376.— Zelia Chaves de Oliveira (D.) (Mon-
corvo).

Entremeios bordados em linho.

CLASSE 15.^a

Couros e pelles preparadas, obras de correeiro e selleiro

N.º 377.—Almeida & Irmão (Guimarães. Escrip-
torio na rua Caldeirôa).

Bezerros em cortume de casca.

Bezerros em cortume de sumagre.

Atanados seccos (apparelho em branco).

Ditos verdes (apparelho em branco).

Vitellas de Guimarães (bezerros verdes em branco).

Vitellas de Guimarães (bezerros verdes em preto).

Couros pretos para tamancos.

Ditos roxos para tamancos.

Ditos seccos para loros.

Ditos verdes para loros.

N.º 378.—Antonio José Correia & C.^a (Fabrica
no concelho de Bouças; escriptorio no Porto, rua do Mi-
rante, n.º 2, á Boa Vista).

Bezerros tintos, a 2\$600 réis o kilogramma.

Bezerros brancos, a 2\$650 réis o kilogramma.

Couros graneados tintos, a 1\$500 réis o kilogramma.

Atanados brancos, a 2\$900 réis o kilogramma.

Occupa na sua fabrica 7 homens e 1 mulher; esta
ganha 200 réis diarios, e aquelles de 360 a 600 réis.

Emprega uma machina raladora da casca de car-
valho, movida por um cavallo.

As materias primas são: a casca de carvalho na-
cional, os couros de bois e vaccas nacionaes; vitellas
nacionaes, pelles de França e Allemanha, sumagre
nacional (Douro).

O valor da sua producção annual regula por réis
8:000\$000.

O expositor diz:

«Os bezerros pintados (ou tintos) não podem ser produzidos vantajosamente no paiz, em consequencia dos importados de França, Hespanha e Allemanha serem aqui vendidos por preços muitissimo baixos, convindo que o direito aduaneiro seja elevado a 600 réis por cada kilogramma.

«As pelles importadas em bruto, applicadas para bezerros tintos, deveriam pagar apenas metade do direito aduaneiro actual.»

N.º 379. — Benitez, Loureiro, Centeno & Coelho, fabrica de cortumes Esperança (Lisboa, ribeira de Alcantara; escriptorio, na rua dos Douradores, n.º 39, 2.º andar).

Couro branco batido a vapor, a 6\$400 réis o kilogramma.

Couro preto (atanado Lores), a 1\$500 réis o kilogramma.

Couro preto, a 1\$400 réis o kilogramma.

Couro liso, a 1\$200 réis o kilogramma.

Couro para correias, a 1\$200 réis o kilogramma.

Vitellas brancas, a 2\$800 réis o kilogramma.

Vitellas brancas gordura, a 2\$000 réis o kilogramma.

Vitellas pretas gordura, a 2\$400 réis o kilogramma.

Vitellas pretas pela flor, a 1\$600 réis o kilogramma.

Vitellas pretas gordura, a 1\$500 réis o kilogramma.

Vitellas pretas, de primeira, a 2\$400 réis o kilogramma.

Vitellas pretas, mixtas, a 2\$300 réis o kilogramma.

Vitellas pretas, de segunda, a 2\$200 réis o kilogramma.

Capados brancos, a 2\$600 réis o kilogramma.

Capados cordovão gordura, a 12\$000 réis a duzia.

Correias de transmissão, a 1\$500 réis o kilogramma.

Atilhos brancos, a 1\$500 réis o kilogramma.

Atilhos escuros, a 1\$200 réis o kilogramma.

São unicos socios d'esta fabrica os srs. Firmino Benitez Lopez, Ricardo Loureiro, Domingos B. Centeno e Ernesto Coelho.

Occupa 29 homens e 2 menores; estes ganham a 200 réis e aquelles de 360 a 1\$400 réis.

Emprega uma machina a vapor da força de 26 cavallos.

Usa o processo electrico. Tem machinas apropriadas para curtidor e correaria.

As materias primas são portuguezas, brazileiras, francezas e allemãs, preferindo as estrangeiras por causa da fórma de pagamento, que é a seis e a dez mezes, emquanto que as nacionaes são sempre a dinheiro.

O seu mercado de consumo é o paiz.

É esta a primeira exposição a que concorre, por ser tambem a primeira que ha depois da fundação da fabrica.

É seu representante no Porto o sr. Joaquim Lourenço Alves Junior.

N.º 380. — Cerqueira Lima & C.^a (Vianna do Castello, rua da Bandeira, n.º 410).

Couros da terra em preto, para correeiro e tamanqueiro, a 1\$050 réis o kilogramma.

Couros da terra em branco, para correeiro e tamanqueiro, preparados a sumagre, a 960 réis o kilogramma.

Couros da terra, em branco, para sapateiro, preparados a sumagre, a 1\$150 réis o kilogramma.

Couros de bezerros, finos ou tenros, preparados a sumagre, a 1\$450 réis o kilogramma.

Couros de bezerros em preto, preparados a sumagre, a 1\$450 réis o kilogramma.

Pelles de vitella em branco, preparadas a sumagre, a 1\$700 réis o kilogramma.

O valor da sua producção annual regula por 8:000\$000 réis.

Occupá 6 homens, que ganham de 280 a 400 réis diarios.

Os mercados de consumo são: Vianna do Castello, Monção, Melgaço, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Ponte do Lima, Arcos de Valle de Vez e Barcellos.

Obteve medalha de prata na exposição do Porto em 1861.

As pelles são unicamente da terra preparadas especialmente a sumagre.

O preço é o actual e varia segundo as circumstancia dos mercados.

N.º 381. — Evaristo José Cerveira (Coimbra, rua da Sophia, n.ºs 63 e 65).

Tres sellins, de 7\$000, 7\$500 e 9\$000 réis.

N.º 382. — Fabrica de Cortumes no Bomfim (Administrador, Victorino Ferreira Ribeiro, Porto, fabrica, na rua do Bomfim, n.º 343; escriptorio, rua do Almada, n.º 253, 1.º).

Sola da terra.

Sola salgada de Pernambuco.

Sola espichada do Maranhão.

Sola de Africa.

N.º 383. — Francisco José da Silva Rocha (Porto, rua do Bomjardim, n.º 152).

Malas cobertas de couro com pello, de ferragens fortes (antigos bahus, melhorados).

Malas de sola, systema americano.

Malas cobertas de lona.

Malas de oleado estampado.

Malas de chapa crystallisada.

Malas guarneçadas a couro, metal e chapa de ferro.

Malas de mão cobertas de: sola, *chagrin*, carneira, lona, e pelle de vitella curtida com pello.

Porte-viagens fortes, de verniz ou vitella, proprias para cobrança.

Malas de encaixar, para mostruario de fazendas.

Estojos com garrafas, para mostruario de vinhos, licores e outros liquidos.

Ditos para ourivesaria e industrias similares.

Saccos de verniz, vitella e tapete.

Cintos de gymnastica.

Carteiras para papeis.

Malas-leitos, systema novo, proprias para militares, exploradores, etc. Estas malas que comportam cama e a roupa conveniente, são pelo seu tamanho de muito facil transporte e podem armar-se em menos de cinco minutos.

Malas *Silva Rocha* (com privilegio). «Esta mala, diz o expositor, tem por base do seu privilegio o esqueleto entrançado de fasquias de madeira (vime ou junco) em diversos tamanhos e feitios. A mala *Silva Rocha* tem sobre todas as malas a vantagem da muita leveza e solidez, por se tornar inteiriça em todos os seus angulos. Em leveza offerece uma vantagem de 40 a 50 por cento menos que as outras malas já conhecidas. A mala *Silva Rocha*, pela flexibilidade do seu todo, bem cheia de roupa, ou mesmo vazia, póde ser arremessada de grande al-

tura sem que da sua quéda resulte o seu aniquilamento».

Esta casa foi fundada em 1869 e tem obtido dez premios em exposições nacionaes e estrangeiras. Na de Paris (1889) teve medalha de cobre.

Estê estabelecimento foi o primeiro que em Portugal fabricou malas metallicas, innovação russa, e malas de sola com molas de aço, systema americano.

N.º 384. — Francisco Ovidio de Senna Antunes (Porto, avenida da Boa Vista).

Sola de couro de boi, a 650 réis.

O valor da sua producção annual orça por 30:000\$000 réis.

Occupu um numero variavel de homens, cujos jornaes regulam de 300 réis a 440 réis.

Emprega um motor hydraulico da força minima de dois cavallos e motor braçal para tiragem da agua.

As materias primas são portuguezas e brazileiras.

Os mercados do consumo: Lisboa e Porto.

O expositor diz:

«A producção hoje não póde calcular-se, pelos effeitos conhecidos geralmente, da crise. Em epochas regulares o valor annual da producção n'esta fabrica (fabrica de cortumes em Fonte Arcada, á avenida da Boa Vista) nunca era inferior a 30:000\$000 réis.»

Remetteu-nos, tambem, o seguinte relatorio ácerca da sua industria:

«Vegeta entre nós, os portuenses, uma industria atrazadissima, em que trabalham centenas de pessoas que custosamente percebem um salario mediocre, cujos productos são vendidos por preços que não mereceriam; é a industria do curtimento de sola e pelles.

«Os estabelecimentos industriaes de sola, no Porto, são:

«Fabrica de cortumes no Bomfim, «parceria»;

«Fabrica de Antonio de Bessa Leite & C.^a;

«Fabrica de Francisco Ovidio de Senna Antunes;

«Fabrica de Julião de Freitas Guimarães;

«Fabrica de João Soares do Couto;

«Fabrica de pelles de João Luiz Smith;

«Fabrica de pelles de Antonio José Correia & C.^a

«A «fabrica de cortumes no Bomfim» produzia cerca

de 18:000 couros em sola; a de Antonio de Bessa Leite & C.^a cerca de 17:000; a de Francisco Ovidio de Senna Antunes, cerca de 8:000; a de Julião de Freitas Guimarães, cerca de 8:000; a de João Soares do Couto, cerca de 6:000; a de João Luiz Smith, cerca de 100:000 pelles, e a de Antonio José Correia & C.^a, cerca de 3:500.

«Os productos da «fabrica de cortumes no Bomfim» montavam a cerca de 100:000\$000 réis; os da de Antonio de Bessa Leite & C.^a, a cerca de 100:000\$000 réis; os da de Francisco Ovidio de Senna Antunes, a cerca de 30:000\$000 réis; os da de Julião de Freitas Guimarães, a cerca de 30:000\$000 réis; os da de João Soares do Couto, a cerca de 28:000\$000 réis; os da de João Luiz Smith, a cerca de 260:000\$000 réis; e os da de Antonio José Correia & C.^a, a cerca de 8:000\$000 réis.

«As fabricas mais bem situadas e montadas, são: a de cortumes no Bomfim, a de Francisco Ovidio de Senna Antunes e a de Antonio de Bessa Leite & C.^a

«Esta industria permanece atrazadissima.

«Os industriaes compram couros que armazenam nas fabricas (dos cortidores de pelles fallaremos opportunamente). Preparam tanques, em que deitam agua potavel com cal virgem para que, por meio de aquecimento, o cabello dos couros saia, e a parte gordurosa que trazem entumeça. Seguidamente a esta preparação (caleamento) levam-os para a officina que chamam de *descabellar*, *descarnar* e *lavar*.

«Ali, sobre cavalletes de madeira, a que chamam *taboas*, *descabellam*, *descarnam* e *lavam* os couros com ferros grosseiros de corte fino. Isto realisado passam-os para tanques com agua muito pouco tannizada, dos quaes vão passando para outros e assim successivamente, sendo as tannisações cada vez mais fortes, até que saem dos ultimos que denominam *cabeças*. Estas mudanças dos couros, de tanques para tanques, são feitas por homens munidos de paus compridos com ganchos de ferro nas pontas.

«Extrahem o tannino da casca de sobre e da de carvalho, ralando-as em trituradores, movidos a vapor, excepto na fabrica que possui, onde são trituradas a agua, por uma roda ferrea. Trituradas, são collocadas dentro de tanques que aceitam as aguas já mais ou

menos tannisadas, e d'estes tanques transitam para aquelles que possuem os couros em cortimenta. Os trituradores, que são perfeitos, foram construidos na generalidade, pela companhia Alliança de Fundição de Massarellas, do Porto.

«Estes trabalhos de cortimenta duram cerca de seis mezes.

«D'ali são levados para salões, que nomeiam *enchugos*, nos quaes seccam, pendidos de varas de pinheiro. Quando seccos, são collocados em lotes, a que denominam *pilhas*.

«Tiram-os d'ali para os apertarem e alisarem sobre mesas de marmore, com martellêtes de pau a que chamam *maços*. As mesas de marmore denominam *pedras*; ao apertar e alisar *bater*. Cada homem *bate* durante o tempo util de um dia, até sete couros consocante o seu tamanho.

«*Batidos*, são levados para as mesmas varas em que seccam definitivamente. É n'este estado, que são pesados e vendidos nas fabricas ou depositos, por 440 a 540 réis cada kilogramma, na actualidade.

«Os industriaes cortidores de pelles praticam o mesmo que os de sola, excepto no seu *acabamento*.

«As pelles curtidas estendem-se sobre mesas de pau, que denominam de *puxar*, de *desleitar*, de *granear*, e de *estilar*. Nas de *puxar*, com ferros que denominam *ferros de puxar*, apertam e puxam pelas pelles, nas de *desleitar*, obrigam-as a largar o que tinham de *gommaceo* e *galhico*; nas de *granear*, tornam-as maciosas, e nas de *estilar*, com ferramenta de cobre ou com vidro, crestam e cortam o pello finissimo que conservavam no lado a que chamam *carnaz*, que é o opposto ao que nomeiam *flor*.

«N'esta ultima preparação costumam deitar no *carnaz*, pós de branquear. Alguns deitam-lhes pó de jaspe.

«Nas pelles tintas ou pintadas, é feito o mesmo trabalho, excepto quando estão para o *acabamento*, oportunidade da tintura ou pintura. Esta ou aquella, é geralmente feita pelo systema vulgarisado em França e na Allemanha, de onde o Porto importa centenaes de pacotes de pelles tintas ou pintadas e em branco. O seu custo é actualmente, de 1,5500 a 2,5900 réis cada kilogramma.

«A industria curtidora tem atravessado uma crise

enorme e seria eficazmente obliterada esta anormalidade já repetida por vezes, pela fórma seguinte :

«Fabricas reunidas funcionando por conta e risco especialmente de cada proprietario ;

«Deposito geral por conta dos proprietarios das fabricas ;

«Compras feitas pela administração do deposito geral ;

«Vendas feitas pela mesma administração, por conta e risco das fabricas reunidas ;

«Pagamentos feitos na administração do deposito geral de compras e vendas ;

«Obtenção de uma lei reguladora do preço dos couros, para evitar baixas em casos excepcionaes.

«As fabricas de cortumes existentes no Porto, seriam avaliadas por peritos, e a sua importancia constituiria fundo de garantia para perdas e lucros. Os proprietarios das fabricas seriam ou não possuidores de titulos, representativos do capital empregado em fazendas. Os lucros annuaes seriam divididos proporcionalmente. O deposito geral das fabricas teria um administrador, que seria um dos maiores possuidores de titulos, e o indispensavel pessoal.

«As compras seriam feitas pelos proprietarios das fabricas ou por um delegado das mesmas, se n'elle se reconhecesse mais competência de apreciação. As vendas feitas no deposito geral por conta e risco das fabricas reunidas e possuidores de titulos, seriam pagas a dinheiro contado ou a noventa dias da data de cada venda.

«Os pagamentos far-se-iam no deposito geral, quer de compras quer de vendas das fazendas, como disse, quer dos salarios aos operarios.

«A lei reguladora do preço dos couros e pelles para evitar prejuizos em crises, como tem havido, seria a seguinte :

«A camara municipal (ou as camaras municipaes?) auctorisada pelo governo, nomearia um jury classificador do preço dos couros e pelles attenta a sua qualidade por procedencia e estado, e isto assente estabeleceria um direito que, pago pelos compradores, quando aquellas fazendas baixassem do custo, o regularisaria, fixando-o. A cotação dos couros e pelles actualmente, na praça do Porto, é a seguinte :

«Couros de bois, abatidos no matadouro publico, cada um, de 4\$000 a 4\$500 réis.

«Pelles de vaccas e vitellas, abatidas no mesmo, cada uma; 1,5800 a 4,5000 réis.

«Couros importados do Rio Grande do Sul, Montevideu, Maranhão, Bahia e Pernambuco :

«Seccos (envenenados para não se deteriorarem até que sejam vendidos), do Rio Grande do Sul, custo 340 réis cada kilogramma.

«Seccos de Montevideu, envenenados, cada kilogramma 350 réis.

«Seccos do Maranhão, envenenados, 330 réis cada kilogramma.

«Seccos da Bahia, envenenados, faltam, porém o seu custo regula por 300 réis cada kilogramma, considerando o merecimento que lhes é dado e o preço corrente.

«De cobrir carne, assim chamados, por serem couros que serviram para cobrir carne em navios, (tambem nomeados *forro de navios*), não tem preço fixo, por estarem umas vezes mais e outras menos apodrentados, pôdem calcular-se, pouco mais ou menos, por differença que têm dos do Rio Grande do Sul, em 200 réis cada kilogramma.

«Seccos, salgados, da Bahia, faltam ; o seu preço mais recente foi de 280 réis por kilogramma.

«Seccos, salgados, de Pernambuco, faltam ; o custo mais recente foi de 290 réis por kilogramma.

«Pelles importadas, não têm preço fixo, por serem as casas exportadoras d'ellas que o marcam, sem deducção alguma, ainda mesmo reclamada.

«A casca de sobro custa de 440 a 480 réis cada 15 kilogrammas. Vem das proximidades do Douro, em barcos.

«Alguna vem em carros, das cercanias do Porto, porém em pequena quantidade. A maior parte é a vinda em barcos, vendida nas linguetas junto ao rio Douro, pesada em balanças suspensas de paus. A casca de carvalho custa de 240 a 260 réis cada 15 kilogrammas. Vem das mesmas localidades, é pesada nos mesmos logares e pela mesma fórma.

«A casca de sobro, importada de Africa, mas não das nossas colonias, custa de 700 a 720 réis cada 15 kilogrammas e é pesada nos navios que a trazem. Costuma ser paga a praso de seis mezes, por letras aceites pelos compradores. Estes generos, os nacionaes, casca de sobro e de carvalho, não deveriam ser com-

prados como na actualidade, não só para economia, como para bem publico.

«As fabricas reunidas e os possuidores dos titulos das mesmas, por fazendas, ou uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, creada expressamente para esse fim, seria o meio mais conveniente e economico de realisar estas compras. Effectuar-se-ia esta economia e conseguinte vantagem, organisando, quando não fosse por conta dos proprietarios das fabricas e possuidores dos titulos, essa empreza, cujo capital não deveria ser inferior a 150:000\$000 réis, que poderia ser dividido em acções de 50\$000 réis, até á somma de 125:000\$000 réis, creando-se opportunamente obrigações da mesma empreza de 25\$000 réis cada uma, tantas quantas fossem necessarias para completar os 150:000\$000 réis indispensaveis para o seu desenvolvimento.

«O seu fim seria a extracção, pelo processo mais aperfeiçoado, da parte tannica da casca de sobro e da dos carvalhos nacionaes. Para o exercicio d'esta importante industria seria conveniente que se montasse uma fabrica, junto de uma estação do caminho de ferro, sita perto do rio Douro, no centro regional mais abundante d'aquelle effeito industrial. Com esta empreza lucraria immenso não só a industria de cortumes, como tudo quanto de perto lhe diz respeito.

«O trabalho nas fabricas de cortumes deveria ser aperfeiçoado, visto actualmente achar-se atrazadissimo e mal feito.

«Principio pelo *caleamento*, visto o *demolhar* (amolentar os couros e pelles para serem passados para tanques com cal virgem e agua potavel) não carecer tanto de aperfeiçoamento, comquanto d'isso resultasse vantagem para as fazendas. O *caleamento* deveria ser feito como segue:

«Os tanques teriam 240 kilogrammas de cal virgem cada um; sobre esta deitar-se-ia agua potavel, tanta quanta necessaria, para ficarem submersos os couros que recebessem, que seriam 50. Juntar-se-lhes-ia 15 kilogrammas de potassio. Cada tanque serviria para caleamento de cada lote de couros; chamam-se aos lotes *partidas*. A cal e potassio vender-se-iam para empregar em paredes e tectos de casas economicas, assim como a agua saída d'aquelles tanques, que se usaria para branqueamentos.

«Os couros caleados transitariam para a officina de preparação dos couros para obra, entrando cada um d'estes para tanques de madeira ou pedra. D'aqui iriam para uma machina (a mais vantajosa seria a de Huxham & Brown) de 2^m,5 de diametro, chamada *amolentador*, cujo funcionamento faria amolentar os couros, tirando-lhes a maior quantidade possivel de cabello e grande quantidade de cal. O cabelo e a cal seriam applicados para fazer paredes economicas em madeira. Sairiam depois os couros para mesas de marmore, sobre as quaes, perfeitamente abertos, lhes tirariam o resto do cabelo que permancesse, com ferros que seriam, não como os que servem actualmente, mas de aço, direitos, com punhos curtos e redondos. Limpou os couros do cabelo, passariam para uma machina que lhes tiraria toda a parte gordurosa que tivessem do lado que chamam *carnaz*. Esta gordura, que nomeiam *raspa*, dá boa colla. Seria passada para uma prensa, dentro da qual ficaria livre de toda a humidade. Seccar-se-ia por uma fórma adequada e economica qualquer, isto por ser facil de uma ou de outra, consoante o estabelecimento da fabrica. Depois de secca, e em tempo invernos, poderia ser fundida e preparada em colla, não como é feita entre nós, porém, transparente, com diferentes feitios, que tornal-a-iam de mais facil venda e superior em valor.

«Da machina de tirar a gordura, a que se chamaria *limpador*, passariam os couros para um cylindro que os compelliria a soltar toda a cal que ainda tivessem; de ali transitariam para mesas de marmore, sobre que seriam lavados com ferros de aço, semelhantes aos que já mencionei. Findaria aqui o trabalho preparador do couro para obra.

«Seguir-se-ia o de cortimenta. O extracto tannico seria dissolvido na agua dos tanques, desde 5 a 65 graus. A cortimenta duraria um anno. Os tanques da fabrica seriam contados. Nunca passaria lote de couros, em obra, de tanque para tanque, senão para melhoria de collocação. Cada lote de couros permaneceria em cada tanque, vinte, trinta e quarenta dias, até oito mezes de cortimenta.

«Depois, dentro em vinte dias, invariavelmente, far-se-ia a saída da cortimenta para a officina de cylindragem ou prensagem.

«Levados para a officina de cylindrar ou prensar

por um elevador, seriam suspensos a ganchos de aço, até deixarem soltar todo o liquido tannico que levassem exteriormente.

«Conduzil-os-iam então para mesas de marmore, sobre as quaes abertos, tirar-lhes-iam a gomma e materia galhica que tivessem, com ferros de aço ou cobre, de onde os reconduziriam aos mencionados ganchos, permanecendo ali até quasi seccarem. Obtido este estado, seriam lotados, durante o tempo necessario, para poderem ser cylindrados ou prensados. Feitas estas operações, transitariam para a machina de os cortar; depois de cortados seriam classificados e empacotada a obra em primeira, segunda, terceira e quarta classe, preparando-a decentemente para ser vendida.

«Resta-me fallar sobre a preparação, cortimenta e acabamento das pelles.

«As pelles de vacca não completamente creadas, as de vitellas, de carneiros, de cabritos e de cães, calear-se-iam em cubas que conteriam cal virgem sem potassio e agua potavel seguidamente. Cada cuba levaria 150 pelles de vaccas não completamente creadas, ou 200 de vitellas, ou 300 de cabritos, ou 400 de cães, e 180 kilogrammas de cal virgem. Poderiam ser, antes de entrarem para as cubas de caleamento, amolentadas em agua potavel, ou em lotes. Caleadas, passariam á officina de preparação para a cortimenta.

«N'esta officina tirar-lhes-iam o cabello dentro de uma machina, a que se chamaria *limpadeira*, e que seria semelhante á que se empregaria, como já disse, para tirar o cabello e cal dos couros a preparar para obra.

«Depois passariam para machinas de as destender e seriam inteiramente isentas de cabello, cal e qualquer immundicie, sobre mesas de marmore, com ferros de aço, semelhantes aos que já citei para a preparação dos couros. D'aqui iriam para a cortimenta. A cal e as aguas das cubas e o cabello das pelles seriam vendidos, aquellas para o que já expliquei sobre as mesmas materias procedentes dos couros, e este para depois de secco fazer paredes em madeira, ou acondicionamento de manufacturas em caixotes.

«A cortimenta seria em cubas, com aguas tanninadas, de 3 a 25 graus, e duraria de tres a quatro mezes. Cortidas, passariam as pelles para a officina de seccar e acabamento de preparação. Suspensas em

ganchos de aço seccariam e seriam acabadas em machinas, que não se podem melhorar, taes como são as da casa de Huxham & Brown.

«Seguidamente, seriam classificadas e empacotadas para venda.

«Finalmente, sobre esta industria, que quasi não conheço, só olvidei dizer que as machinas que julgo melhores são as fabricadas por Huxham & Brown, que são constructores de machinas para fabricas de cortumes e fornecedores dos governos britannico, hespanhol, austriaco, allemão, egypcio, indiano e das colonias inglezas.»

N.º 385. — Henrique Gonçalves da Costa Lima (Porto, largo da Povia de Cima, n.º 9).

Chapeleiras de couro; de 2\$000 réis, 3\$500 réis, 4\$500 e 5\$000 réis.

Ditas de lona de 1\$500 réis e 3\$000 réis.

O expositor diz o seguinte, ácerca da sua industria :

«1.º O fabrico de chapeleiras de couro e lona, foi iniciado por mim ha apenas dezoito mezes; antes d'isso, este artigo, que todavia é de pequeno consumo, era importado de França e Inglaterra. Hoje, porém, tenho a certeza de que já não entra no reino uma só chapeleira, devido isso não só ao augmento dos direitos que reclamei, e que já se acham consignados na nova pauta aduaneira, como tambem á solidez e perfeição dos meus artefactos, o que me tem sido affirmado pelos proprios consumidores.

«Não posso ainda precisar bem o consumo annual d'este artigo no paiz, em consequencia das existencias que ainda não estão de todo esgotadas; todavia, calculo que não deve ultrapassar o numero de quatrocentas cada anno.

«O consumo é tão sómente no paiz e os mercados são: Lisboa, Porto e Coimbra.

«2.º Alem do fabrico mencionado tambem tenho o de cartonagem, tanto para chapelaria como para camisaria, obras de malha, corôas funebres, sabonetes, etc., achando-me habilitado para satisfazer, n'este genero, todas e quaesquer incumbencias que me sejam feitas.

«O maior consumo d'este genero de fabrico é n'esta

cidade, sendo os principaes consumidores os estabelecimentos e fabricas de chapellaria.»

N.º 386. — João David (Porto, rua de Santo Antonio, n.º 44).

Malas de carneira para mão, de 50, 55 e 65 centímetros, a 3\$000 réis, 3\$500 e 4\$500 réis respectivamente.

Caixas para amostras de vinho, de 6, 10 e 12 garrafas, a 2\$000 réis, 2\$500 e 3\$000 réis respectivamente.

Saccos de tapete, a 2\$500 réis.

Saccos de couro, a 4\$000 réis.

Saccos de verniz, a 4\$000 réis.

Saccos de verniz para tiracollo, a 6\$000 réis.

Saccos de livros, a 800 réis.

Cintos para cobranças, a 1\$500 réis.

Cintos para gymnastica, a 500 réis.

Correias manta, com aza de metal, a 1\$000 réis e a 1\$200 réis cada uma.

Cintos de couro, a 500 réis.

Caixas forradas de pelucia, para joias, de 20 e 30 centímetros, a 3\$000 e 3\$500 réis respectivamente.

Caixas de mão, em couro de boi, de 55 e 60 centímetros, 6\$500 e 10\$000 réis respectivamente.

Caixas de mão, em sola, de 60 e 70 centímetros, a 11\$000 e 13\$500 réis respectivamente.

Caixas de mão, com paus oleados, de 50 centímetros, a 7\$000 réis.

Caixas de mão, com paus oleados e cintos, de 60 centímetros, a 4\$500 réis.

Caixas de mão, em pelle, imitação de corcodillo, a 10\$000 réis.

Malas de mão, imitação de pelle de porco, de 60 a 65 centímetros, a 7\$000 e 10\$000 réis.

Malas de mão, em *chagrin* preto, de 60 centímetros, a 10\$000 réis.

Malas para carga, imitação de pelle de porco, de 85 centímetros, a 12\$000 réis:

Malas para carga, cobrança, de 80 centímetros, a 12\$000 réis.

Malas para carga, em carneira, de 70 centímetros, a 5\$000 réis.

Malas para carga, em *chagrin* preto, de 75 centímetros, a 8\$000 réis.

- Malas para carga, systema americano, de 85 centímetros, a 22\$500 réis.
- Malas para carga, em couro de boi, de 95 a 100 centímetros, a 15\$000, 18\$000 e 20\$000 réis.
- Malas para carga, cobertas de folha de ferro, de 95 centímetros, a 15\$000; 18\$000 e 20\$000 réis.
- Malas para carga, cobertas de folha de ferro, de 95 centímetros, a 8\$000 réis.
- Capachos para os pés, com esquentador, a 4\$500 réis.

Occupa 2 rapazes e 2 officiaes, que ganham respectivamente a 400 e 500 réis.

As materias primas provêm de França, Inglaterra, Allemanha e America.

O paiz é o seu mercado do consumo.

É esta a antiga casa David, que foi premiada nas exposições do Porto em 1861 e 1865, na de Philadelphia em 1876, na do Rio de Janeiro em 1879, na de Paris em 1878 e na de Lisboa em 1884. Foi tambem agraciada em 1882 com a carta regia de fornecedor da casa real. As duas ultimas d'essas exposições já concorreu o expositor.

N.º 387. — Joaquim José Ribeiro (Porto, rua de D. Pedro, n.º 174).

- Malas de lona escura, de 1 metro de comprido, a 12\$000 réis.
- Malas de chapa branca, de 95 centímetros de comprido, a 8\$500 réis.
- Malas de couro, de 90 centímetros de comprido, a 10\$500 réis.
- Malas de chapa amarella, de 85 centímetros de comprido, a 5\$500 réis.
- Malas de lona amarella, com couro nas beiras, de 85 centímetros de comprido, a 7\$000 réis.
- Malas de lona cinzenta, de 80 centímetros de comprido, a 3\$000 réis.
- Malas de mão, em couro branco, com 55, 65 e 70 centímetros de comprido, a 4\$500 e 7\$000 réis.
- Malas de mão, em couro preto, de 65 centímetros, a 6\$500 réis.
- Malas de mão, com folha ou lona, de 60 centímetros, a 5\$000 réis.

- Malas de mão, em lona, com cantoneiras, de 50 e 60 centímetros de comprido, a 3\$500 e 4\$500 réis.
- Malas de mão, em couro, com cantoneiras, de 60 centímetros de comprido, a 4\$000 réis.
- Malas de mão, de couro e ferro, de 50, 55, e 60 centímetros de comprido, a 2\$500, 3\$000 e 3\$500 réis respectivamente.
- Malas pretas para creança, a 3\$000 réis.
- Malas de chapa verde, a 2\$000 réis.
- Malas de chapa azul, a 1\$800 réis.
- Melas de chapa vermelha, a 1\$500 réis.
- Malas de couro ou lona, para livros, a 600 réis.
- Cabeçadas amarellas, a 2\$000 réis.
- Cabeçadas pretas, a 3\$000 réis.
- Cintos brancos, a 500 réis.
- Cintos escuros, a 400 réis.

N.º 388.— José Bernardo Martins (Porto, rua Formosa, n.º 321.)

Um biombo *au paravent*, estylo antigo, ornamentado com talha, couros e ferragens douradas.

Um medalhão em couro lavrado, concluído pelo expositor no dia 21 de novembro de 1891.

N.º 389.— José Maria Leite (Guimarães).

Vitellas.

Touras.

Lóros verdes.

Atanados seccos.

N.º 390.— Julião de Freitas Guimarães (Porto, rua Formosa, n.º 215).

Sola verde, salgada e espichada, de 460 a 560 réis o kilogramma.

Couros para correias de machinas, a 750 réis o kilogramma.

Correias e atacas para machinas, a 1\$500 réis o kilogramma.

Couros diversos para correaria, de 700 a 900 réis o kilogramma.

Bezerros diversos para sapaçaria, de 850 a 2\$000 réis o kilogramma.

Cordovões de *chagrin* diversos, a 10\$000 a duzia.

Carneiras diversas, a 5\$500 réis a duzia.

Bezerros pretos para sapataria, a 2\$000 réis o kilogramma.

Bezerros curtidos em sumagre, a 1\$700 réis o kilogramma.

Couros para tamancos, a 4\$800 réis o kilogramma.

Pellicas brancas, a 4\$500 réis a duzia.

Bezerros em côr, a 2\$000 réis o kilogramma.

Chagrins em cores, a 10\$000 réis a duzia.

Pelles de cores em pellica, a 3\$200 réis a duzia.

Pelles em lâ, tintas, a 1\$500 réis.

Couro verde do paiz, a 190 réis o kilogramma.

Couro do Maranhão, espichado, a 360 réis o kilogramma.

Bezerro verde em cabelo, a 220 réis o kilogramma.

Amostras de sumagre e farinha para cortumes.

Occupa na sua fabrica 35 homens, 2 mulheres e 4 creanças, vencendo aquelles de 320 a 500 réis diarios, aquellas a 200 réis e estas a 100 réis.

Emprega uma machina a vapor da força de 15 cavallos.

O valor das materias primas que annualmente consome regula por 10:000\$000 réis, comprando a casca de carvalho por 260 réis cada 15 kilogrammas e a de sobro por 460 réis a mesma unidade.

O valor da sua producção annual regula* por 50:000\$000 réis.

O consumo é todo feito no paiz.

Foi premiado com medalhas de prata nas exposições de Lisboa (1888) e Paris (1889).

N.º 391. — Mendes Ribeiro & Sobrinho (Guimarães).

Selleiro da terra, a 800 réis o kilogramma.

Selleiro do Brazil ou secco, a 700 réis o kilogramma.

Couros do Brazil ou seccos, a 800 réis o kilogramma.

Toura, a 1\$300 réis o kilogramma.

Vitella, a 1\$600 réis o kilogramma.

Occupa na sua fabrica 9 homens e 2 creanças, aquelles ganham de 350 réis a 1\$000 réis por dia e estas de 100 réis a 200 réis.

As materias primas são portuguezas e brazileiras. O valor da sua producção annual regula por 20:000\$000 réis.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Braga em 1863.

N.º 392. — Museu Colonial (Lisboa).

Um selim, de couro, de Angola (Duque de Bragança).

N.º 393. — Oliveira e Silva (Porto).

Um quadro em couro lavrado, representando uma scena de Falstaff.

Um medalhão em couro lavrado, representando as armas da cidade do Porto, cercadas do colar da Torre e Espada e encimadas por dois anjos sustentando a corôa portugueza.

CLASSE 16.^a

Artigos de vestuario e moda comprehendendo chapéus, luvas, etc.

N.º 394.— Abel Simões de Mattos (Villa Nova de Gaia, rua Direita, n.ºs 92 a 94).

Tamancos para senhora.

Ditos para homem.

N.º 395.— Adão de Almeida Pinto Ribeiro (Gestaço, concelho de Baião).

Bengalas de madeira.

Punhos para guarda-chuvas e marquesinhas.

N.º 396.— Agostinho Ferreira da Cruz (Triana, Gondomar).

Botões a 30 réis a duzia.

Valor da sua producção annual, 700\$000 réis.

Emprega na sua industria 2 homens, 2 mulheres e 2 creanças, sendo os jornaes dos homens de 740 réis, os das mulheres de 400 réis e os das creanças de 200 réis.

N.º 397.— Antonio Dias Pinto & C.^a (Porto, praça de Carlos Alberto, n.º 122).

Camisas bordadas para senhora.

Casacos para senhora.

Saias bordadas para senhora.

Calças bordadas para senhora.

Corpetes bordados para senhora.

Toucas de renda para creança.

Enxovaes para creança.

Camisas brancas para homem.

Camisas brancas de flanela.

Camisas de Oxford.
 Camisollas de lã para homem.
 Ceroulas.
 Gravatas.

Occupa na sua officina 20 mulheres e 3 creanças.
 Os mercados em que vende os seus productos são
 os de Portugal e Brazil.

N.º 398. — Antonio Martinho Coimbra (Figueira da Foz, rua Onze de Setembro, n.º 5).

Sapatos abotinados de vitella, para homem, sem costura, a 3\$500 réis.

Esta sapataria foi fundada em Coimbra em 1871 e na Figueira da Foz em 1885.

O valor da sua producção annual regula por 600\$000 réis.

Occupa 4 homens e 1 mulher; esta ganha de 300 réis a 400 réis diarios e aquelles de 300 réis a 600 réis.

Tem duas machinas de pontear obra, uma systema de braço de Bradebur e outra Ove.

As materias primas provém das fabricas nacionaes e francezas, empregando-se vitellas do Porto, Guimarães e França, e sola de Lisboa e Alcanena.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Coimbra (1884) e menção honrosa na de Lisboa (1888).

O expositor faz as seguintes considerações ácerca da sua industria:

«A industria de calçado nacional está muito adiantada, rivalizando com a estrangeira, no fabrico manual.

«Em todas as cidades do reino, na maioria das villas, e até em muitas aldeias, se fabrica calçado muito aprimorado, com muita solidez, por parte do mestre cortador, pela ajustadeira e pelo official que põe os pés. Dão-lhe tambem elegancia de fórma.

«Temos muitos artistas de merito na nossa industria de sapataria, já bem conhecida pelo estrangeiro.

«De Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Vizeu, Penafiel, Vianna do Castello, Figueira da Foz, Guarda, Covilhã, Castello Branco, Guimarães e outras povoações, tem apparecido calçado nos mercados, que é um primor de solidez e bom fabrico.

«É pena que hajam faltado protectores da industria nacional, para attender nas pautas ultramarinas, quão affrontada tem sido esta industria com a concurrencia estrangeira.

«Estou convencido que o governo attenderá nas novas pautas as reclamações d'esta industria.»

N.º 399. — Armazens Herminios (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 4).
Confecções.

N.º 400. — Azevedo Meirelles & Irmão (Porto, rua de D. Pedro V, n.º 5).
Barreteç de lã.
Veja-se para este expositor a classe 12.^a

N.º 401. — Barbosa & Freitas (Camisaria Portuense, Porto, praça de Carlos Alberto, n.ºs 112 e 113.)
Camisas para homem.
Camisas para senhora.
Ceroulas.
Saias brancas.
Penteadores.
Gravatas.

Occupá 1 homem e 16 mulheres.

O expositor presta os seguintes esclarecimentos acerca do seu estabelecimento:

«A abertura d'esta camisaria foi em 29 de julho de 1890.

«Principiou por occupar diferentes costureiras em diminuta quantidade, conforme a extracção dos seus productos.

«Passados poucos mezes, como os seus artefactos já tinham muito consumo, montou esta camisaria um *atelier* de costura na rua da Restauração, sob a direcção do sr. Antonio Luiz Monteiro, empregando-se este no córte da costura, do que tem uma longa pratica, pois que já exerce esse mister ha vinte e tantos annos.

«No *atelier* empregam actualmente só 17 pessoas por ainda não terem montado uma officina como o desenvolvimento da sua industria exige, mas contam em breve realisar esse melhoramento. Entretanto em-

pregam vinte e tantas costureiras que trábham nos seus domicilios, alem das 16 já mencionadas:

A casa-fabrica, para homem:

«Camisas brancas desde 400 a 5\$000 réis.

«Ditas de flanela, percal e Oxford, desde 600 a 3\$000 réis.

«Ceroulas desde 240 a 3\$000 réis.

«Camisolas de lã desde 750 a 2\$000 réis.

«Collarinhos desde 700 a 2\$000 réis a duzia.

«Punhos desde 1\$400 a 2\$400 réis a duzia.

«Gravatas de seda desde 100 a 1\$200 réis.

«Para senhora:

«Camisas desde 240 a 6\$000 réis.

«Saias desde 600 a 5\$000 réis.

«Penteadores desde 300 a 6\$000 réis.

«Calças desde 400 a 4\$000 réis.

«Para creança:

«Todas as roupas brancas, como: camisas, ceroulas, camisolas, saias, babadores, etc., etc.

«Tambem fabrica toda a qualidade de enxovaes, desde o mais modesto ao melhor possivel.»

N.º 402. — Bohme Maia & C.^a (Porto).

Artefactos de malha.

N.º 403. — Cadette & Irmãos (Vizeu, rua do Principe Real).

Botas impermeaveis á portugueza a 6\$000 réis.

Botas de visita a 5\$000 réis.

O valor da sua producção annual regula por 12:000\$000 réis.

Occupa 12 homens, 4 mulheres e 6 creanças; os salarios dos homens regulam entre 400 e 800 réis, os das mulheres de 100 a 240 réis e os das creanças de 40 e 200 réis.

Emprega uma machina Black e tres machinas de costura Singer.

Foi premiado com medalha de oiro na exposiçáo de Napoles (1891).

N.º 404. — Camisaria Confiança (Porto, rua de Santa Catharina).

Roupa branca.

O expositor presta os seguintes esclarecimentos:

«Esta fabrica foi fundada em 1884 com 4 costureiras.

«Actualmente tem um motor a gaz, systema Otto, com a força de 2 cavallos, que põe em movimento 25 machinas de costura, 1 de enxugo e 1 de cóрте.

«O pessoal interno nas officinas é de 14 homens e 122 mulheres; o externo de 180 mulheres.

«A producção actual por mez, orça de 550 a 600 duzias de camisas e ceroulas, afóra a roupa de senhora e creança.

«A exportação absorve, em tempos normaes, todo o fabrico que cresce do consumo no paiz.

«Juntamente sustenta este estabelecimento uma fabrica de cartonagem, com todas as machinas apropriadas, em que se empregam 3 homens e 12 mulheres, a qual fornece não só toda a cartonagem para a fabrica, como ainda alguma para diversos outros estabelecimentos.

«N'um futuro proximo, com as obras que já tem em construcção e com o machinismo já comprado, terá este estabelecimento uma caldeira para a força de 30 cavallos, systema Pantin, 1 motor, systema Compound, da força de 15 cavallos, para luz electrica, 1 outro motor da força de 10 cavallos, para machinas, 1 dynamo de 160 lampadas, estufas, prensas, machinas para lavagem e todas as proporções para augmentar o fabrico de 800 a 1:000 duzias de camisas mensalmente.

«O augmento progressivo do estabelecimento é clara demonstração do acolhimento que tem no publico os nossos productos e muito alem contamos ir, se a nova pauta aduaneira nos não vier tolher.

«A estreiteza do praso e da vitrine nos impede de expor maior numero de specimens.»

Foi premiada na exposição industrial do palacio de crystal em 1887 e na exposição industrial de Lisboa em 1888, unicas a que tem concorrido.

N.º 405.— Companhia da Real e Imperial Chapelaria a vapor (Successora de Costa Braga & Filhos. Porto, fabrica na rua da Firmeza, n.º 49; deposito na rua de Santo Antonio).

Chapéus rijos e molles de diferentes formatos.

Chapéus de seda.

Capacetes para o exercito.

Bonets de uniformes militares, de bandas marciaes, de bombeiros, etc.

Bonets para creança.
Outros productos de chapelaria.

Foi premiada em muitas exposições a que tem corrido.

N.º 406. — Companhia Manufactora de artefactos de malha (Porto, rua da Boa Vista, n.ºs 315 a 335.)

Camisolas para homem, em algodão branco, malha lisa, em 33 numeros, de 1\$100 a 11\$000 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão cru, malha lisa, em 30 numeros, de 1\$600 a 11\$400 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão cru especial, malha elastica lisa, muito superior, a 9\$600 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, em algodão cru especial, malha elastica cordão, muito superior, a 8\$000 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, em algodão amarello, côr natural, malha lisa fina superior, a 4\$800 e 6\$800 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, em algodão amarello, côr natural, malha lisa fina superior, afitadas a seda, a 5\$800 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, em algodão de cores differentes, malha lisa, em 5 marcas, de 4\$800 a 7\$800 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão mescla, côr bege, em 3 numeros, de 7\$200 a 10\$800 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, malha em relevo, algodão branco, ponto cordão, em 5 numeros, de 2\$700 a 5\$800 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão cru, ponto cordão, em 6 marcas, de 2\$400 a 5\$400 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão cru, ponto *piqué*, a 3\$200 e 3\$600 réis a duzia.

Camisolas para homem, em algodão de cores, ponto cordão, a 2\$800 e 3\$200 réis a duzia.

Camisolas para homem, em merino cru, ponto liso, a 12\$000 e 15\$600 réis a caixa de duzia.

Camisolas para homem, em merino cru, ponto cordão, a 12\$000 e 16\$000 réis a caixa de duzia.

- Camisolas para homem, de lã branca, lisas, em 4 marcas, de 14\$400 a 20\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para homem, em lã branca, ponto elastico, a 16\$800 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para homem, em lã branca, ponto cordão, a 15\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para homem, em lãs de cores mescladas, lisas, em 3 marcas, de 12\$000 a 18\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para homem, em lãs de cores mescladas, cordão, a 18\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para homem, de seda de diferentes cores, em diferentes marcas, de 33\$000 a 39\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para senhora, em algodão branco, cru e amarello, côr natural, em 13 marcas, de 4\$800 a 10\$200 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para senhora, de lã branca, malha lisa, em 6 marcas, de 15\$600 a 22\$000 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para creança, em algodão branco, malha lisa, em 10 numeros, de 1\$400 a 4\$000 réis a duzia.
- Camisolas para creança, em algodão cru, malha lisa, em 15 marcas, de 1\$200 a 6\$600 réis a duzia.
- Camisolas para creança, em algodão amarello, malha em ponto *piqué*, em 5 numeros, de 2\$200 a 4\$600 réis a caixa de duzia.
- Camisolas para creança, em algodão de diferentes cores, 5 numeros, de 2\$500 a 4\$500 réis a duzia.
- Camisolas para creança, em lã branca, malha lisa, em 5 numeros, de 5\$600 a 11\$400 réis a caixa de duzia.
- Ceroulas para homem, em algodão branco, malha lisa, em 4 numeros, de 6\$500 a 14\$400 réis a duzia.
- Ceroulas para homem, de algodão cru, malha lisa, em 6 numeros, de 3\$600 a 14\$400 réis a duzia.
- Ceroulas para homem, em algodão de cores, malha em relevo, ponto de cordão ou liso, em 7 marcas, de 3\$200 a 9\$000 réis a duzia.
- Ceroulas para homem, de merino, ponto de cordão, em 3 marcas, de 14\$400 a 18\$000 réis a caixa de duzia.
- Ceroulas para homem, em ponto liso, a 14\$400 réis a caixa de duzia.

- Meias para senhora, de algodão branco, malha lisa, em 4 marcas, de 960 a 1\$300 réis a duzia.
- Meias para senhora, de algodão amarello, côr natural e assedado, em 3 marcas, de 1\$800 a 2\$700 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em algodão de cores lisas, malha de ponto elastico, a 1\$800 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em algodão, malha lisa, cores lisas e sortidas, em 4 numeros, de 1\$200 a 2\$400 réis a duzia.
- Meias para senhora, em algodão de cores riscadas, a 1\$800 e 2\$100 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em algodão de cores estampadas, a 1\$800 e 2\$100 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em algodão preto, em 3 marcas, de 1\$320 a 1\$900 réis a duzia.
- Meias para senhora, em algodão de cores, malha em relevo, a 1\$320 e 2\$300 réis a duzia.
- Meias para senhora, em algodão a fio de Escocia, sem costura (de proporção), brancas, cruas, bege, cores lisas e riscadas, em 12 marcas, de 3\$600 a 9\$000 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, de lã branca, sem costura (de proporção) a 9\$600 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em lãs de cores, sem costura (de proporção) cores lisas, a 9\$600 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, em lãs de cores sortidas, ponto cordão, sem costura, a 6\$000 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, com costuras, ponto cordão, a 4\$200 réis a caixa de duzia.
- Meias para senhora, de seda, superiores, sem costura, em cores lisas e 7 numeros, de 12\$600 a 25\$000 réis a caixa de duzia.
- Meias para creança, em algodão branco, malha lisa e fina, em 12 numeros, de 480 a 1\$650 réis a duzia.
- Meias para creança, em algodão branco, malha lisa e meio forte, ponto elastico, em 6 numeros, de 650 a 1\$500 réis a duzia.
- Meias para creança, em algodão de cores lisas, sortidas, em 6 numeros, de 700 a 1\$560 réis a duzia.
- Meias para creança, em algodão de cores, lisas e ponto

- elastico, em 6 marcas, de 800 a 1\$560 réis a duzia.
- Meias para creança, ponto cordão, em 6 numeros, de 600 a 1\$440 réis a duzia.
- Meias para creança, em algodão, ponto cordão, cores sortidas, sem costura, em 5 numeros, de 1\$440 a 2\$100 réis a duzia.
- Meias para creança, em algodão preto, malha lisa, em 12 marcas, de 700 a 2\$040 réis a duzia.
- Meias para creança, de lã de cores sortidas, riscadas lisas, malha meio forte, ponto cordão, em 6 marcas, a 1\$200 réis a duzia.
- Meias para creança, de lã, em cores sortidas, riscadas e lisas, malha meio forte, ponto cordão, sem costura, em 5 marcas, de 2\$200 a 4\$600 réis a duzia.
- Meias para creança, de algodão, fio de Escossia e lã, superiores, sem costura (de proporção), em 12 numeros, de 4\$200 a 8\$400 réis a caixa de duzia.
- Meias para homem, de algodão, brancas, a 3\$200 réis a caixa de duzia.
- Meias para homem, de algodão preto, a 2\$700 e 3\$600 réis a caixa de duzia.
- Meias para homem, de merino, pretas, a 4\$800 réis a caixa de duzia.
- Meias para homem, de fio de Escossia, malha fina, pretas, sem costura, (de proporção), a 8\$400 réis a caixa de duzia.
- Meias para homem, de seda, sem costura (de proporção) pretas ou carmezins, a 24\$000 e 25\$000 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, em algodão branco, malha lisa, sem elasticos, em 5 marcas, de 800 a 1\$400 réis a duzia.
- Cothurnos para homem, com elasticos, a 1\$000 e 1\$100 réis a duzia.
- Cothurnos para homem, de algodão cru, com ou sem elasticos, em 6 marcas, de 800 a 2\$000 réis a duzia.
- Cothurnos para homem, de algodão amarello, com elasticos, a 1\$600 e 1\$700 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, de algodão de cores lisas, em 5 numeros, com ou sem elasticos, de 960 a 2\$000 réis a duzia.
- Cothurnos para homem, de algodão de cores riscadas, em 3 marcas, de 1\$320 a 1\$700 réis a caixa de duzia.

- Cothurnos para homem, superiores, sem costura, (de proporção), com elasticos, em 18 marcas, de 2\$600 a 3\$800 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, em fio de Escossia, superiores, sem costura, com elasticos, em 8 numeros, de 4\$200 a 5\$900 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, de merino cru ou mescla, a 2\$500 e 3\$000 réis a respectiva caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, de lã branca ou mescla, a 3\$600 e 3\$800 réis a respectiva caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, de lã, superiores, sem costura e com elasticos (de proporção), em 6 marcas, de 4\$400 a 5\$700 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para homem, de seda, superiores, sem costura e com elasticos (de proporção), em 6 numeros, de 8\$000 a 10\$000 réis a duzia.
- Cothurnos para creança, em algodão branco, malha lisa, com elasticos, de 700 a 1\$200 réis a duzia.
- Cothurnos para creança, em algodão de cores lisas ou riscadas, com elasticos, em 12 marcas, de 800 a 1\$600 réis a duzia.
- Cothurnos para creança, em ponto de cordão, sem costura, em 3 marcas, de 1\$200 a 1\$400 réis a duzia.
- Cothurnos para creança, em algodão preto, com elasticos, em 6 numeros, de 800 a 1\$600 réis a duzia.
- Cothurnos para creança, em algodão assedado cru, sem costura (de proporção), a 2\$600 réis a caixa de duzia.
- Cothurnos para creança, de fio de Escossia, sem costura (de proporção) em cores lisas, sortidos, a réis 3\$800 a caixa de duzia.
- Cothurnos para creança, de lã, de cores mescladas, ponto cordão, sem costura, em 3 numeros, de 2\$100 a 3\$000 réis a duzia.
- Fatos para rapaz, em algodão branco, malha em relevo, ponto *piqué*, em 4 numeros, de 4\$800 a 7\$200 réis a duzia.
- Fatos para rapaz, em algodão amarello, côr natural, ponto *piqué*, em 4 marcas, de 5\$600 a 8\$000 réis a duzia.
- Fatos para menina, em algodão amarello, malha em relevo, ponto *piqué*, em 4 numeros, de 4\$800 a 7\$800 réis a duzia.
- Barretes para homem, em algodão branco, malha lisa, em 4 numeros, de 720 a 1\$500 réis a duzia.

Barretes para homem, em algodão, de cores diferentes, malha lisa e em relevo, em 6 marcas, de 600 a 1\$200 réis a duzia.

Barretes para homem, em lã, de cores diferentes, em 4 marcas, de 1\$080 a 1\$560 réis a duzia.

Barretes para homem, em fio de Escocia, a 3\$000 réis a duzia.

Barretes para homem, em seda preta, sem forro, a 6\$000 réis a duzia.

Barretes para homem, em seda preta, com forro, em 3 marcas, de 6\$600 a 8\$400 réis a duzia.

Barretes para rapaz, em lã de cores diferentes, 4 marcas, de 1\$000 a 1\$200 réis a duzia.

Corpetes para banho, em algodão de cores riscadas, malha lisa, em cinco numeros, de 3\$400 a 9\$600 réis a duzia.

Calças para banho, em algodão de cores riscadas, malha lisa, em tres numeros, de 2\$400 a 3\$500 réis a duzia.

Saiotes para senhora e creança, malha em relevo, ponto favo, brancos, em seis numeros, de 180 a 950 réis cada um.

Joelheiras, em lã branca, malha lisa, ponto elastico, a 6\$000 réis a duzia.

Jaquetões para homem, em algodão de cores, malha em relevo, a 1\$000 e 1\$200 réis cada um.

Jaquetões, em lã de cores, a 2\$000 e 2\$400 réis cada um.

Jaquetas para senhora, em lã de cores sortidas, malha especial em relevo, a 1\$000 e 1\$500 réis cada uma.

Tem sido premiada em muitas exposições.

N.º 407.— Domingos da Silva Ramalho (Areosa, Rio Tinto, Gondomar).

Botões, a 35 réis a duzia.

Valor da sua producção annual 750\$000 réis.

Occupa 4 homens e 3 mulheres; o jornal d'aquelles é de 420 réis e o d'estas de 300 réis.

N.º 408.— F. Mello & Amador (Porto, rua do Sá da Bandeira, n.ºs 50 a 54).

Camisas brancas.

Camisolas de flanela.

Lenços de seda.
 Gravatas de côr em seda.
 Ceroulas.
 Almofadas-rol.
 Penteadores.
 Camisas de senhora.

Occupa 35 mulheres, cujos jornaes variam de 140 a 500 réis.

N.º 409. — Grandella & C.^a (Lisboa).
 Luvas.

N.º 410. — Jacinto Adrião de Sousa (Porto, rua de Santa Catharina, n.ºs 904 a 906).
 Calçado de liga, carneira e ourello.

Esta fabrica occupa 3 mulheres, 1 jornaleiro e 2 empregados.

Alem d'estes, dá que fazer a 40 mulheres e 11 homens nos seus domicilios.

Tem 12 teares francezes, comprados por intervenção da casa Mary & Fils Ainé, de Paris. Tecem diariamente 10 kilogrammas de trança, correspondendo a de 90 a 100 pares de sapatos.

Estas machinas são movidas a pulso, por meio de um volante.

O pessoal exclusivo da fabrica vence o jornal de 160 a 340 réis; o restante do outro pessoal não tem jornal certo, dependendo unicamente da quantidade do trabalho que se lhe dá.

Fornece os seus productos para o Porto e provincias.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 411. — Joaquim A. Velludo & C.^a (Porto, rua de Fernandes Thomás, n.º 296.)

Calçado de liga, superior.

Calçado de liga, ordinario.

Occupa na sua fabrica 300 homens, 50 mulheres e 50 menores.

Os salarios dos homens regulam de 500 a 700 réis, os das mulheres de 100 a 200 réis e os dos menores de 60 a 200 réis.

Emprega 56 machinas de entrançar.

O valor da sua produção annual regula por 30:000\$000 réis.

Foi premiado na exposição do Rio de Janeiro em 1879.

N.º 412. — Joaquim Ferreira da Silva (Porto rua de Cedofeita, n.ºs 77 a 79).

Tamancos para senhora.

Tambem fabrica chinellas de verniz, cordovão, marroquim e liga, para homens, senhoras e creanças.

Exporta o seu calçado para a provincia e para os portos do Brazil.

É membro titular da «sociedade scientifica europêa artes e industria», e foi premiado nas exposições do Porto (1887), Lisboa (1888) e Paris (1889).

N.º 413. — Joaquim Maria Correia Cardoso (Coimbra, praça do Commercio, n.º 14, 1.º).

Cothurnos de côr, n.º 1, a 750 réis a duzia.

Cothurnos azues e brancos, n.º 2, a 750 réis a duzia.

Cothurnos brancos, n.º 3, a 720 réis a duzia.

Meias de côr, n.º 1, a 1\$250 réis a duzia.

Meias azues e brancas, n.º 2, a 1\$250 réis a duzia.

Meias brancas, n.º 3, a 1\$100 réis a duzia.

Meias de côr, cordão, n.º 1, a 900 réis a duzia.

Meias de côr, cordão, n.º 2, a 1\$050 réis a duzia.

Satisfaz qualquer encommenda.

Os preços indicados não soffrem desconto, e o pagamento será effectuado no escriptorio do expositor em Coimbra, no praso de trinta dias.

Tem 12 machinas e algumas dezenas de braços a trabalhar diariamente.

N.º 414. — Joaquim Rodrigues da Silva (Porto, rua de Entreparedes, n.º 72).

Calçado de feltro.

Calçado de trança.

Calçado de cabedal.

Occupa n'este fabrico 45 homens, 77 mulheres e 12 menores, ganhando os primeiros de 400 a 700

réis, os ultimos de 100 a 160 réis e as mulheres de 180 a 240 réis.

Foi premiado nas exposições do Porto (1887), Lisboa (1888) e Paris (1889).

N.º 415.—José da Motta Campos (Porto, rua de Cedofeita, n.º 224).

Guarda-soes de seda e panninho.

Occupa n'este fabrico 20 homens, 5 mulheres e uma creança, ganhando os homens de 360 a 800 réis, as mulheres de 360 a 500 réis e a creança 160 réis.

N.º 416.—José Ferreira da Cruz (Triana, Gondomar).

Botões, a 40 réis a duzia.

Valor da producção annual 600\$000 réis.

Occupa 2 homens e 5 mulheres.

Os salarios dos homens são de 540 réis e os das mulheres de 500 réis.

N.º 417.—José Pereira & Filho (Porto, rua dos Caldeireiros, n.ºs 180 a 184).

Botas para homem.

Sapatos para senhora.

N.º 418.—Lopes & Leite (Porto, rua do Sá da Bandeira, n.º 170).

Uma casaca.

Um collete.

Uma calça.

Fato de amazona.

N.º 419.—Luiz Valverde (Porto, rua de Santa Catharina, n.ºs 70 e 72).

Luvras de pellica, *suède*, e camurça.

N.º 420.—Maia e Silva & Filho (Porto, rua de Santo Antonio, n.ºs 69 a 73).

Chapéus de feltro, de diversos formatos.

Chapéus de seda.

Chapéus de phantasia.

Bonets, etc.

Tem sido premiado em muitas exposições a que tem concorrido.

N.º 421. — Manuel Antonio Diogo (Porto, rua das Flores, n.ºs 220 e 222; officina na rua do Souto, n.ºs 56 a 58.)

Guarda-soes de seda e panninho, em muitas marcas, desde 500 até 7\$000 réis.

Bengalas.

Foi premiado na exposição de Philadelphia em 1876.

N.º 422. — Manuel Dias Machado (Porto, rua de Fernandes Thomás, n.ºs 251 e 253).

Um jaquetão de trespasse.

N.º 423. — Manuel Gonçalves de Oliveira (Villa do Conde).

Calçado de homem:

Botas de atacar com botões, de uma sola, a 3\$500 réis.

Ditas, de duas solas, a 4\$000 réis.

Botas de atacar com cordões, de uma sola, a 3\$000 réis.

Ditas, de duas solas, a 3\$500 réis.

Botas de elastico, de uma sola, a 3\$000 réis.

Ditas, de duas solas, a 3\$500 réis.

Sapatos de vitella franceza, de uma sola, a réis 2\$600.

Ditos, de duas solas, a 3\$000 réis.

Calçado de senhora:

Botas de elastico, de uma sola, a 1\$600 réis.

Botas de pellica com elasticos, a 2\$500 réis.

Botas de atacar com botões, a 2\$800 réis.

Botas de atacar com cordões, a 2\$500 réis.

Botas de *chevreau*, 1.ª qualidade, a 3\$500 réis.

Botas de *chevreau*, 2.ª qualidade, a 3\$000 réis.

Botas de *chevreau*, Luiz XV, a 4\$000 réis.

Sapatos de 1.ª qualidade, a 3\$000 réis.

Sapatos de 2.ª qualidade, a 2\$500 réis.

Sapatos de 3.ª qualidade, a 2\$000 réis.

Occupa na sua officina 6 homens, 2 mulheres e uma creança, ganhando aquelles de 400 a 500 réis diarios e estas de 100 a 200 réis.

Emprega 3 machinas do systema Singer.

A sua producção annual, regulã por 10:000\$000 réis.

N.º 424.—Manuel Teixeira (Coimbra, largo do Castello, n.ºs 64 e 66).

Botas de atacar com botões, a 4\$500 réis o par.

Botas de atacar com cordões, de 3\$500 a 4\$500 réis o par.

Botas de elastico, a 4\$000 réis o par.

Sapatos de pelle franceza, a 3\$200 réis o par.

Occupa 6 homens, 1 mulher e 2 creanças; ganhando aquelles de 400 a 700 réis diarios e estas de 120 a 200 réis.

N.º 425.—Mathias José Pereira (Porto, rua de Sá da Bandeira, n.ºs 113 e 115).

Calçado para homem.

Calçado para senhora.

Sapatos para baile.

Sapatos para casamento.

N.º 426.—Museu Colonial (Lisboa).

Uma collecção de chapéus de palha, de Cabo Verde, Guiné, Angola e Moçambique.

Chapéus de palha para chuva, da India.

Capacetes de bambú, da Guiné.

Capacetes de soba, da Guiné.

Calotes (bonnets) tecidas de palha, da Guiné, Congo e India.

Uma calote bordada a oiro, da India.

Uma collecção de bonnets de seda, da India.

Um chapéu de mandarim, de Macau.

Dois toucados de soba, de Loanda.

Sapatos de palha (sandalias), da India.

Sapatos de cairo, do Congo.

Sapatos bordados a oiro e a matiz, de Bardez, Goa (India) e Macau.

Tamancos (samatas), da Guiné.

Botas de cairo, para homem, de Loanda.

Tangas de palha, de Moçambique, Guiné e Angola.

Anilhas de vidro e massa, pulseiras de marfim e de tartaruga, toucados tecidos com sementes.

Pentes de tartaruga, para mulher, de S. Thomé.

Pentes de bambú, da Guiné.

Ventarolas e leques em sandalo e outras madeiras, com bordados a matiz, da India e Macau.

Bengalas, de Loanda, Congo e India.

N.º 427.—Oliveira Costa & Sousa (Porto, rua do Sá da Bandeira, n.º 213).

Camisas para homem, a 600, 1\$000, 1\$200 e 1\$400 réis.

Camisas de dia, para senhora, a 400, 500, 1\$000, 1\$500, 1\$800, 3\$300, 3\$500 e 3\$800 réis.

Camisas de noite, para senhora, a 900, 2\$500, 3\$000 e 4\$500 réis.

Camisas de dia, para creança, a 500 réis.

Calças para senhora, a 360, 1\$200 e 2\$000 réis.

Chambres para senhora, a 600 réis.

Saias, a 4\$000, 4\$800, 5\$500 e 7\$000 réis.

Corpetes, a 1\$200 e 3\$200 réis.

Matinéés, a 8\$000 réis.

Ceroulas para homem, a 600, 800 e 1\$000 réis.

N.º 428.—Pedro Pereira da Silva Guimarães (Guimarães, rua Nova de Santo Antonio, n.ºs 11 a 13, e rua do Valle de Donas, n.ºs 1, 3, 5, 7, 9 e 11).

Camisolas lisas azues em diversas marcas, de 100 a 250 réis.

Camisolas lisas vermelhas, em tres marcas, de 150 a 250 réis.

Camisolas lisas vermelhas e brancas, a 400 réis.

Camisolas lisas pretas, a 400 réis.

Camisolas canninha crua, a 220 e 240 réis.

Camisolas canninha côr de café e branca, a 280 réis.

Camisolas canninha vermelhas e brancas, a 280 e 900 réis.

Camisolas concha, cruas, a 260 réis.

Camisolas *piqué*, a 260 réis.

Camisolas *piqué*, cruas, a 400 réis.

Camisolas *piqué*, cruas, com fitas de côr, a 420 réis.

Camisolas *piqué*, cruas, para senhora, a 400 e 450 réis.

Camisolas lisas finas, a 300, 600 e 700 réis.

Camisolas lisas finas para senhora, a 400, 600 e 650 réis.

Ceroulas lisas cruas, a 300 réis.

Ceroulas canninha cruas, a 300 réis.

Meias de canninha, em côr, a 800 réis.

Cothurnos lisos de côr, a 700 réis.

Camisolas de algodão lisas, cruas e de côr, de canninha; conchas cruas e *piqués*.

Ceroulas de algodão lisas e de canninhas.

Meias de algodão de canninhas e de côr.
Cothurnos de algodão lisos.

N.º 429. — Pinho & Lima (Porto, praça de D. Pedro, n.º 22).
Artefactos de alfaiate.

N.º 430. — Real Officina de S. José do Porto (Porto, rua Alexandre Herculano).

Batina de merino, a 9\$000 réis (fazenda e feitió).

Cabeção de seda, a 2\$500 réis (fazenda e feitió).

Barrete, a 2\$500 réis (fazenda e feitió).

Calça, a 1\$000 réis (feitió e forros).

Collete, a 1\$000 réis (feitió e forros).

Botas para homem, a 4\$000 réis o par.

Botas para senhora, a 3\$500 réis o par.

Botas para menino, a 3\$000 réis o par.

Emprega quatro machinas de White na officina de alfaiate, e quatro machinas do mesmo auctor na de sapataria.

Esta officina foi fundada pelo rev.^{do} padre Sebastião Leite de Vasconcellos em 1882, abrindo-se a 4 de outubro d'esse anno. O seu destino é regenerar pelo trabalho os rapazes menores vadios, os quaes pela maior parte são recrutados nas enxovias das cadeias. A officina tem dado resultados admiraveis, e hoje conta mais de 60 internados, tendo por unicos recursos a caridade publica.

Vejam-se tambem as classes 17.^a e 19.^a

N.º 431. — Rocha & C.^a (Lisboa, rua dos Capelistas, n.º 99, 1.º).

Gravatas de seda nacional e estrangeira, confecção nacional.

N.º 432. — Rodrigo José da Silva (Porto, rua dos Martyres da Liberdade, n.ºs 48 a 50).

Botas chancadas de pau, a 4\$500 réis.

Ditas, de verniz, a 5\$000 réis.

Occupa na sua officina 4 homens e 3 menores, ganhando aquelles a 800 réis diarios, e estes a 160 réis.

Acerca d'este calçado diz o expositor:

«As chancas que tenho a honra de expor no actual

certamen da industria nacional, e que desejo submeter ao exame rigoroso do illustrado jury, são fabricadas segundo um processo especial que não é ainda conhecido.

«A chanca apresenta á vista a fórma perfeita de uma bota ordinaria.

«É completamente impermeavel á humidade e póde ser mergulhada em agua, sem que esta a penetre.

«Tem uma unica sola e póde ter sola e meia quando se queira maior espessura.

«Ha uma parte invisivel de madeira, cuja preparacão fórma a parte mais importante do trabalho; é absolutamente silenciosa, muito leve, e póde receber qualquer concerto sem perder a impermeabilidade.

«Designam-n'as pelos nomes de chancas impermeaveis e silenciosas, e são feitas por mim como expositor e inventor.»

N.º 433. — Thiago Ferreira de Albuquerque
(Coimbra, rua de Borges Carneiro, n.ºs 48 a 50).

N.º 1. Bengalas, a 1\$800 réis a duzia.

N.º 2. Bengalas de veado, a 6\$600 réis a duzia.

N.º 3. Bengalas com castão de metal, a 3\$000 réis a duzia.

N.º 4. Punhos para guarda-soes, a 1\$560 réis a duzia.

Paus em verde, sem casca.

Paus em verde, com casca.

Punhos em verde, sem casca.

Punhos em verde, com casca.

Valor annual da producção 300\$000 réis.

Mercados de consumo: Lisboa, Porto, Vizeu, Guarda, Castello Branco, Portalegre, Figueira da Foz, Leiria, Ovar, Aveiro e Cannas de Senhorim.

Obteve medalha de cobre na exposição de Lisboa em 1888.

CLASSE 17.^a

Papel, objectos de escriptorio, cartonagem, prelos, encadernações material e especimens typographicos e lithographicos

N.º 434. — Alcino Aranha & C.^a (Porto, rua do Bomjardim, n.ºs 91 a 95).
Trabalhos typographicos.

N.º 435. — Alfredo Guedes da Costa Cabral (Lisboa, travessa do Convento dos Bernardos, n.º 7, 2.º).
Provas typographicas de trabalhos de phantasia, executados pelo expositor em algumas officinas de Lisboa, em que tem sido compositor typographico.
Um busto de Dante, impresso a seis cores, por um processo do expositor, denominado de *carto-typographia*.

«Para se tirar uma prova a cores, em chromo, por este processo, diz o expositor, imprimem-se tantas provas em cartão quantas as cores a empregar, recortando-as em alças e collocando-as, á semilhança de *mise-en-train*, na platina de uma machina, dando-se o resultado pela compressão do relevo de encontro a uma chapa lisa tintada.» (Vide jornal a *Imprensa*, onde veiu publicado desenvolvidamente este processo.)

O expositor tambem nos dá as seguintes informações a seu respeito:

«O quadro exposto contém provas de trabalhos typographicos em phantasia, tendo algumas d'ellas sido expostas em 1888, na exposição industrial portugueza, pela extincta casa David Corazzi, obtendo este senhor por todas as suas installações de tres officinas, a medalha de oiro d'esse certamen.

«As provas expostas pelo sr. Corazzi, como feitas nas suas officinas, foram: a que contém um busto de

Dante, gravura impressa a seis cores, por um novo processo de impressão, por mim descoberto, e a que contém uma poesia *O progresso*, cuja impressão levou 22 tiragens, e cujas chapas ou fôrmas de composição foram por mim executadas como artista d'esta casa.

«A minha qualidade de expositor, não é como industrial proprietario de officina, mas como compositor typographico ou artista executor d'esses trabalhos; na especialidade typographica a que me dedico é a parte relativa ao trabalho de composição.

«No quadro que exhibo n'esse concurso de trabalho, vão expostas provas typographicas de phantasia, desde os simples bilhetes vulgares de visita, cabeças de facturas, sobrescriptos, guarnições de vinhetas, circulares, recibos, etc., até aos trabalhos de combinação em côres, como são a prova do *Egypto*, do *Orlando furioso*, do *Progresso*, e a de um canto feito com vinhetas moveis allemãs da casa Schelter V. Giesecke, para uma capa de livro, bem como a capa da *Hygiene militar colonial*, feita em filetes nacionaes de cobre, em curvas e contra-curvas por mim executadas.

«Modesta é de certo a minha installação e vulgares serão os trabalhos que tenho o arrojo de expor á opinião publica, porém todos elles representam a boa vontade de acompanhar os progressos do trabalho estrangeiro, e não se ignora quão difficil isso é no nosso paiz, onde é absolutamente negada a educação methodica e consciante das artes, pela ausencia quasi completa de escolas industriaes, pela falta grandissima de tratados que no nosso idioma exprimam e ensinem os melhores meios praticos, de nos approximarmos d'essas magnificas concepções artisticas que admirâmos lá fóra, e só a muito custo, e mercê de uma vontade decidida, se consegue alguns trabalhos um pouco mais fóra do trivial.

«Typographo desde 1878, começando o aprendizado nas officinas typographicas do sr. Corazzi, ali mercê de alguns conhecimentos de desenho de ornato, conseguí obter o logar de typographo na especialidade de phantasia, logar que exerci até ao trespassse d'essas officinas para a companhia nacional editora, sendo d'ella empregado um anno, d'onde sai voluntariamente. Todos esses trabalhos são, pois,

executados por mim com os recursos da arte portugueza, e é portanto na qualidade de artista, que os apresento, sem de fórma alguma querer tirar o direito, que de certo cabe, aos industriaes proprietarios das officinas em que elles se fizeram.»

N.º 436.—Antonio Henriques Morgado (Porto, praça dos Voluntarios da Rainha, n.ºs 8 e 10.)

Carimbos de borracha.

Tarjas para luto em papel, enveloppes e cartões.

Cada operario póde tarjar mil bilhetes, termo medio, por dia.

Occupa n'este serviço 1 homem e 2 mulheres.

N.º 437.—Antonio Maria Pereira (Séde em Lisboa, rua Augusta, n.ºs 50 a 54; filial no Porto, rua do Sá da Bandeira, n.º 217, 1.º).

Expõe, entre outros livros que tem editado, os seguintes:

«Discursos ineditos e dispersos» do dr. Alves Mendes.

«Madeira, Cabo Verde e Guiné» por J. A. Martins.

«O doutor Rameau» de George Ohnet.

«Revista illustrada».

«Raphael» de Lamartine.

«Romance de um rapaz pobre» por George Ohnet.

«Os meus amores» por Trindade Coelho.

«Obras do visconde de Almeida Garrett».

«Contos» de Trueba.

«As colonias portuguezas no seculo XIX».

«Methodo inglez» de Ollendorf.

«Methodo inglez» por H. Milner, systema Ollendorf.

«Algebra» de A. J. da Cunha.

«Arithmetica» de A. J. da Cunha.

«A morte de D. João» por Guerra Junqueiro.

«Grand dictionnaire contemporain, portugais-français», publié sous les auspices de Victor Hugo, composé par Domingos de Azevedo, revu par Luiz Philippe Leite.

«Herculano» por Alves Mendes.

«Viagens de Coelho de Carvalho — Madrid, Barcelona, Nice e Monaco».

«Preceitos do coração» por Camillo Castello Branco.

«Elogios academicos» de Latino Coelho.

- «Tradições e phantasias» por José Maria de Andrade Pereira.
- «Lisboa antiga» por Julio de Castilho.
- «A flor secca» romance de Pinheiro Chagas.
- «Feira dos annexins» (faz parte da bibliotheca dos livros uteis).
- «Verdades economicas» (da mesma bibliotheca).
- «Portugal e os estrangeiros» de Manuel Bernardes Branco.
- «Guia de mechanica pratica» por Carlos Augusto Pinto Ferreira.
- «Camões e os Lusíadas» de Francisco Evaristo Leoni.
- «O Minho pittoresco» de J. Augusto Vieira.
- «Collecção Antonio Maria Pereira»—bibliotheca de livros dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, a 200 réis o volume brochado e a 300 réis cartonado.

Occupa na sua officina uma media de 15 a 20 homens, ganhando de 400 a 1\$200 réis.

O trabalho é todo manual, empregando, alem das machinas de impressão, aparelhos completos de stereotypia.

Usa de papel portuguez, francez, belga e allemão, sendo a maior parte do primeiro e do ultimo. A media da sua producção annual regula de 15:000\$000 a 18:000\$000 réis.

O consumo dos seus livros faz-se em Portugal e no Brazil.

Foi premiado com medalha de prata na exposição de Lisboa em 1888, sendo-lhe conferida em nome da officina typographica.

N.º 438.—Antonio Miguel de Oliveira (Alco-baça).

Quadro com provas typographicas.

N.º 439.—Apolino da Costa Reis (Real Lithographia Lusitana, Porto, rua de D. Fernando).

Tres quadros com rotulos para conservas de fructas e legumes.

Tres quadros com rotulos para vinhos.

Um quadro com annuncios transparentes.

Um quadro com rotulos para barris de vinho.

Sete quadros com diplomas diversos.

Cinco quadros com cartazes para negociantes de vinhos.

Um quadro com duas cartas da produção vinicola do norte de Portugal, por José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes.

Todos estes trabalhos foram executados por encomendas.

Occupa na sua officina 18 homens, 10 mulheres e 8 menores, e emprega um motor a agua da força de dois cavallos.

O consumo é todo feito no paiz.

N.º 440.—Augusto de Almeida (Porto, rua do Almada, n.ºs 234 a 238)

Especimens de encadernações.

Os seus preços são muito variaveis consoante o formato dos livros e a qualidade das encadernações, que vão desde o mais simples até ao mais luxuoso.

Emprega na sua officina 6 homens, 4 mulheres e 3 menores, vencendo aquelles de 340 a 700 réis diarios, as mulheres de 180 a 240 réis e os menores de 90 a 200 réis.

A maior parte das materias primas de que usa são estrangeiras, dependendo com ellas annualmente cerca de 1:000\$000 réis.

Os seus productos são consumidos no paiz e uma pequena parte no Brazil.

Possue um machinismo dos mais aperfeiçoados para trabalhos de encadernação, a saber:

Uma machina para coser a arame, que emprega sómente para brochuras e cartonagens ordinarias.

Uma dita para voltar lombos sem o auxilio de martello, empregando ainda este em obras de maior importancia.

Uma dita para encaixes, tambem nas mesmas condições. Esta machina e as precedentes servem só para quantidades grandes e do mesmo formato.

Uma machina para cortar papelão, cortando desde 1 millimetro até 1 metro quadrado.

Uma dita para aparar papel, brochuras e encadernações.

Uma dita de maior formato.

Duas prensas para aparar os livros que encaderna.

Uma prensa de madeira, de pancada, para apertar livros antes e depois de encadernados.

Uma prensa de ferro nas mesmas condições.

Um laminador de ferro, para apertar livros antes de encadernados, construído n'esta cidade, segundo desenho e direcção do constructor mechanico sr. Antonio Bazilio de Brito.

Um balancé para dourar pastas em percalina, carneira, marroquim, seda, velludo, etc. Esta machina é aquecida por tubos de gaz e possui uma grande variedade de chapas para composições a oiro, preto e côres.

Duas prensas de madeira, para dourar livros pelas folhas.

Uma grande variedade de typos e ferros para dourar á mão e uma grande collecção de chapas, ornatos e typos para dourar á machina.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 441. — Companhia Alliança de Fundição de Massarellos (Porto, Massarellos).

Prelos manuaes, de typos n.ºs 1 e 2.

N.º 442. — Companhia do Papel do Prado (Sociedade anonyma de responsabilidade limitada. Capital 717:480\$000 réis. Séde em Lisboa, largo de S. Julião, n.º 12, 2.º)

Papeis de machina e de fôrma.

Cartões.

Enveloppes.

Papeis para impressão e para embrulho.

Papeis para escripta.

Fabricação especial para papeis pintados.

Esta companhia é proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia, Sobreirinho (Thomar), Penedo, Casal do Ermo (Louzã) e Valle Maior (Albergaria a Velha).

Occupa 198 homens, 245 mulheres e 31 menores, sendo os jornaes dos primeiros de 280 a 550 réis, os das mulheres de 130 a 320 réis e os dos menores de 50 a 110 réis.

Emprega uma machina a vapor da força de 60 cavallos, uma turbina de 108, outra de 85, duas de 25, uma de 12, diversas rodas hydraulicas, machinas con-

tínuas, machinas de fôrma e 26 tinas para a fabrica-
ção manual.

As materias primas de que usa são o trapo nacional e a massa de madeira.

O valor da producção annual regula por 320:000\$000 réis.

Os seus mercados de consumo são : Portugal, Africa e tambem o Brazil, mas este é pouco importante.

Foi premiada com medalhas de oiro e prata nas exposições do Porto (1865), Philadelphia (1876), Rio de Janeiro (1879), Lisboa (1888) e Paris (1889).

O seu deposito no Porto é na rua de Passos Manuel, n.º 49.

N.º 443. — Companhia Fabril do Cavado (Porto, rua de Passos Manuel, n.º 24).

Papel em rollos.

Papel em resmas.

N.º 444. — Companhia Nacional Editora (Lisboa, largo do Conde Barão).

Expõe entre outras obras que editou, as seguintes :
Obras completas de Julio Verne, edição de luxo, a
1\$300, 1\$400 e 1\$500 réis o vol. encadernado.

Ditas, edição popular, a 300 réis o vol. encadernado e a 200 réis brochado.

«Bibliotheca do povo e das escolas» a 50 réis o fasciculo.

«Egypto» de J. Ebers, traduzido por J. P. de Oliveira Martins, a 200 réis o fasciculo.

«Diccionario de geographia universal», 4 volumes encadernados, 33\$000 réis.

«Astronomia popular» de Flammarion, 1 vol. 7\$000 réis, encadernado.

«A terra illustrada» de O. Reclus, a 100 réis o fasciculo.

«Africa occidental» (album de costumes), quatro volumes, 20\$000 réis, encadernados.

«A musica sem mestre» de L. Girard, 5\$000 réis, brochada.

Diccionarios em diferentes linguas, a 800 réis o volume, cartonado.

«As terras do céu» por C. Flammarion, a 80 réis o fasciculo.

Quatro quadros com provas typographicas e lithographicas.

Um quadro com specimens de pastas e lombadas para livros de edições de luxo.

Todas as encadernações dos livros expostos são feitas nas officinas da companhia.

N.º 445.—Duarte de Brito Vidal (Porto, rua do Commercio do Porto, n.º 122).

Frascos de colla liquida para escriptorio.

N.º 446.—Eduardo da Fonseca (Porto, praça de Carlos Alberto, n.ºs 2 a 8.)

Alguns exemplares das musicas que tem editado.

N.º 447.—Empreza Editora da Biblia Sagrada Illustrada (Porto, rua do Mousinho da Silveira, n.º 191, 1.º).

Specimens typographicos d'esta obra e amostras da brochura e encadernação do 1.º volume.

Preço do 1.º volume :

Brochado	2\$500
Meia encadernação em cartão ou panno	3\$000
Encadernação em capas de percalina	3\$500
Idem, idem, folhas douradas	4\$000

Por assignatura: fasciculo de 8 paginas 20 réis; caderneta de 10 fasciculos 180 réis.

N.º 448.—Fabrica de Papel da Abelheira (Tojal; deposito no Porto, rua de Mousinho da Silveira, n.º 40).

Amostras de papel.

A sua producção annual regula por 150:000\$000 réis.

N.º 449.—Faustino Antonio Martins (Lisboa).
Albums para sellos do correio, a 140 réis.

Valor da producção annual 500\$000 réis.

N.º 450.—Fundição Typographica Portuense (Porto, rua de Fradellos, n.º 84; escriptorio, rua das Flores, n.º 152).

Caracteres typographicos.

Differentes emblemas.

Occupa 6 homens, 4 mulheres e 1 menor; os salarios dos primeiros regulam de 340 a 800 réis, os das mulheres de 260 a 300 réis e o do menor é de 120 réis.

As materias primas provêm de Inglaterra e Allemanha, no valor approximado de 2:000\$000 réis.

O valor da producção annual regula por 5:000\$000 réis.

O seu mercado de consumo é o paiz.

Obteve diploma na exposição do Porto em 1887.

N.º 451. Henrique Zeferino de Albuquerque
(Lisboa, rua dos Fanqueiros, n.ºs 85 e 87).

Expõe as seguintes obras que editou:

«Abecedario de educação popular», a 500 réis.

«O artigo Banco da Encyclopédia», a 500 réis.

«A casa de Bragança», a 500 réis.

«Contos ao lar», a 500 réis.

«Manual da cozinheira», a 300 réis.

«Manual da conserveira», a 300 réis.

«Manual da jardineira», a 400 réis.

«Os encarcerados», a 400 réis.

«Fabulas de La Fontaine», a 400 réis.

«Guia homeopathica», a 200 réis.

«Historia universal», de Levy Alvarez, em tres volumes, 4\$000 réis.

«Jurisprudencia judicial», a 700 réis.

«Maximas dos Lusíadas», a 100 réis.

«Maximas», edição reservada, a 1\$000 réis.

«Margarida», drama, a 400 réis.

«Medicina familiar», a 400 réis.

«Memorias de Casanova», em 12 volumes, 4\$000 réis.

«Portugal de relance», a 700 réis.

«Revista de nevralgia», 4 numeros, 2\$000 réis.

«Manual de missa», a 200 réis.

«Diccionario universal portuguez illustrado, encyclopédia das encyclopedias», 4 volumes. Preço, réis 40\$000, encadernado.

Esta ultima obra foi premiada com medalha de prata de merito scientifico, na exposição industrial de Lisboa em 1888, e por merito material na exposição de Paris de 1889, com a medalha de bronze.

Os mercados onde vende as suas publicações são os do paiz, Brazil e Africa.

O expositor é representado no Porto pelo sr. Henrique Marques, agente da «Revista illustrada».

N.º 452.—Imprensa Nacional de Lisboa (Lisboa).

Trabalhos typographicos diversos.

Trabalhos lithographicos diversos.

Clichés estereotypicos.

Material typographico, etc.

N.º 453.—João Serio Veiga (Coimbra, rua da Sophia, n.º 66).

Um quadro com modelos de carimbos.

N.º 454.—Joaquim Caetano Cerveira (Porto, travessa da Fabrica, n.º 26).

Especimens de encadernações.

Os seus preços são muito variaveis com o formato dos livros e com a qualidade das encadernações, que vão desde o mais usual até aos trabalhos de grande luxo.

N'este ultimo caso estão, das expostas, as duas seguintes encadernações:

«Sons que passam», de Thomás Ribeiro, encadernação inteira, vitella, mosaico, a 18\$000 réis.

«A Hollanda», de Ramalho Ortigão, encadernação inteira em marroquim, labyrintho, a 16\$000 réis.

N.º 455.—Joaquim da Costa Carregal (Porto, rua da Fabrica).

Expõe as seguintes obras, executadas nas suas officinas typographica e estereotypica:

«Historia do cerco do Porto», por Simão José da Luz Soriano.

«Os-sonetos completos de Anthero do Quental», prefaciados e colligidos por J. P. de Oliveira Martins.

«Estancias ao infante D. Henrique», por Manuel Duarte de Almeida.

«Os heroes do trabalho», por Gaston Tissandier, traducção do dr. Ricardo de Almeida Jorge.

«Cancioneiro de Leão XIII», pelo padre Joaquim José de Abreu Campo Santo.

«As salpingites», dissertação inaugural do dr. Antonio Caetano Ferreira de Castro.

Differentes provas de impressão de gravuras do «D. Quichote de la Mancha», de Cervantes, e da «Atala», de Chateaubriand, desenhos de Gustavo Doré.

Differentes chapas de estereotypia e de galvanoplastia e seus clichés-mães.

Ensaio sobre florotypia; reprodução em côres, de flores e folhas de plantas, copiadas do natural; impressão feita com um só cliché stereotypico e um fundo em cartão.

Um quadro impresso, representando a caixa de composição de musica typographica, sendo inglezes os punções e portuguezas as matrizes e a fundição, executadas sob a direcção dos srs. Giovanni Franchini e Cesar das Neves.

O sr. Theodoro Goebel, de Stuttgart, o conhecido critico e eminente typographo, alludindo aos trabalhos que Costa Carregal enviou á exposição de Paris em 1889, exprime-se assim na importante folha professional allemã *Journal für Buchdruckerkunst*:

«Costa Carregal in Porto erwies sich als sehr tüchtiger Holzschnittdrücker.»

«Costa Carregal, do Porto, mostrou-se um optimo impressor de gravura em madeira.»

A *Revista typographica*, excellente publicação hespanhola, transcreve a auctorizada opinião do illustre critico allemão, traduzindo-a da seguinte fórma:

«Costa Carregal, demuestra ser un grand impresor de grabados.»

Foi premiado com medalha de prata na exposição industrial portugueza (1888), e com menção honrosa na exposição universal de Paris (1889).

N.º 456. — Leopoldo Cyrne & C.^a, Lithographia Moderna, (Porto, rua de Cima de Villa, n.º 25 B).

Dois quadros com provas lithographicas (rotulos e facturas).

N.º 457. — Lopes & C.^a Successores de Clavel & C.^a (Porto, rua do Almada, n.º 123).

Especimens de encadernações.

Veja-se a classe seguinte.

N.º 458. — M. Gomes, encadernador da casa real (Lisboa, rua Garrett, n.º 70).

Expoz, encadernados, os seguintes livros que editou :
« Vasco da Gama e a Vidigueira », por Teixeira de Aragão.

« Camões », de Almeida Garrett.

« Les paroles sincères », por F. Copée.

« Annaes de D. João III » por Fr. Luiz de Sousa.

« Os filhos de D. João I » por J. P. de Oliveira Martins.

« Heurs de Simon Vostre ».

« Macarronea ».

Expõe tambem 7 livros, numerados, mostrando do n.º 1 ao n.º 7 as differentes fórmas por que passa a encadernação desde o seu começo até que conclue.

N.º 459. — Manuel José Alves de Azevedo (Porto, largo dos Loyos, n.º 39).

Dois quadros com especimens typographicos.

Occupa na sua officina 6 homens que diariamente ganham de 300 a 800 réis. Emprega 3 *minervas* e uma machina ingleza Standart.

A sua producção annual regula por 1:200,000 réis.

Foi premiado com medalha de bronze na exposição de Lisboa em 1888.

N.º 460. — Marinho & C.^a (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 108).

Cartonagens para pharmacia, ourivesaria, camisaria, chapelaria, etc.

N.º 461. — Museu Agricola e Florestal de Lisboa (Lisboa).

Imitações de fructas em cartão.

São os modelos dos principaes fructos que figuraram na exposição pomologica do Palacio de Crystal em 1890. Este trabalho, completamente novo em Portugal, deve-se á iniciativa do conservador do museu, sr. Carlos Borges e foram executados pelo sr. Julio de Menezes, desenhador do quadro do ministerio das obras publicas. Na ultima reforma dos serviços agricolas, foi creada, junto do museu, uma officina, onde se executam estes modelos, assim como os de machinas e de alfaias agricolas.

N.º 462. — Nova Companhia de Fundição do Oiro (Porto).

Um prelo lithographico para movimento manual e a vapor.

(Vejam-se as classes 6.^a e 20.^a).

N.º 463. — Real Officina de S. José, do Porto (Porto, rua Alexandre Herculano).

Encadernações.

Emprega oito machinas diversas na sua officina de encadernação.

Veja-se a classe precedente.

N.º 464. — Sanhudo & Irmão, Lithographia Portugueza (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 146).

Lithographias.

Todos os trabalhos d'esta casa são executados por artistas portuguezes.

Foi premiado com medalha de cobre na exposição de Lisboa em 1884, com diploma de 1.^a classe na do Porto em 1887, e com medalhas de prata na do Porto em 1880 e na de Lisboa em 1888.

CLASSE 18.^a

Livros sobre educação e para ensino, material para este fim,
jogos e brinquedos

N.º 465.—Alfredo da Cunha Saraiva & Irmão
(Gouveia).

Balões venezianos.

Occupa n'este fabrico 6 homens, 12 mulheres e 12 creanças; os jornaes dos homens variam de 360 a 400 réis, os das mulheres de 140 a 160 réis e os das creanças de 80 a 100 réis.

O valor da producção annual regula por 6:000\$000 réis e o custo das materias primas por 2:000\$000 réis.

Mercados de consumo: os portuguezes e estrangeiros.

A fabrica está montada ha pouco mais de um anno, e é esta a primeira exposição a que concorre.

Os preços das lanternas em 8 marcas, vão de 9 a 27 réis, os dos globos, em 9 marcas, de 24 a 60 réis, e os dos soes, em 5 marcas, de 25 a 100 réis.

N.º 466.—Augusto Moraes (Villa Nova de Gaia, freguezia de Crestuma; deposito no Porto, rua de Santa Catharina, 772.)

Balões de illuminação (typo veneziano) de diversas côres, tamanhos e feitios, desde o preço de 9 réis a 600 réis cada um.

O pessoal operario empregado no fabrico, consta de 7 mulheres e 4 creanças, sendo respectivamente os salarios maximos 160 e 100 réis, e os minimos 130 e 60 réis.

Nos lucros liquidos da fabrica são interessados os operarios com uma percentagem, a titulo de gratificação, de 5 por cento, que lhes é distribuida no fim do anno.

O machinismo da fabrica, o qual, na maior parte, foi feito e adaptado sob a direcção do proprietario, compõe-se de:

Uma machina de estampar papel ás riscas ou listas.

Uma dita de estampar flores, escudos, etc.

Tres machinas de dobrar e encaracolar o papel.

Tres ditas de cortar papel.

Quatro balancetes para cortar papelão e folha de Flandres.

Uma tesoura circular, e outros apparatus para collagem, dobragem do arame e de outros diversos misteres.

Emprega na fabricação: papelão, arame, folha de Flandres e tintas, tudo importado do estrangeiro, e papel das fabricas nacionaes e estrangeiras, segundo as necessidades do fabrico e a qualidade ou typo a produzir.

Esta fabrica, a primeira do genero estabelecida no paiz, trabalha desde 1883, tendo por si só fornecido o mercado nacional e exportado para Angola, durante sete annos.

Tentou a exportação para o Brazil e Hespanha, mas sem resultado, tendo por isso de limitar-se ao mercado do paiz. Para outros paizes não procurou ainda exportar os seus productos, porque julga completamente impossivel a exportação sem se obter o *drawback* ou o reembolso dos direitos de importação das materias primas empregadas na fabricação dos balões, e tambem julga não ser facil obtel-o para uma industria tão pequena.

A producção tem augmentado progressivamente, attingindo no ultimo anno a importancia de 2:600\$000 réis.

O proprietario faz vantajosos descontos aos revendedores, de harmonia com a importancia das compras, e satisfaz qualquer encommenda, logo que seja feita com alguma antecipaçaõ, especialmente se lhe for exigido fabrico de typos que não figurem nas tabellas.

N.º 467.—Ernesto Benedicto (Porto, rua do Ameal, n.º 52).

Um quadro calligraphico.

Um quadro, desenho á penna.

Foi premiado na exposiçaõ de Coimbra (1884).

N.º 468. — Joaquim José Devezas (Porto, rua do Visconde de Setubal, n.º 162).

Fogos de artificio para sala e jardim.

Occupa 3 homens e 1 mulher; aquelles ganham de 300 a 600 réis diarios, esta de 180 a 300 réis.

O valor annual da producção regula por 1:000\$000 réis.

O unico mercado de consumo é o Porto, segundo o expositor, devido ás elevadas tarifas dos caminhos de ferro, referentes aos transportes d'estes productos, o que acarreta um grave prejuizo sobre o industrial.

N.º 469. — José da Silva Faria Junior (Porto, rua dos Lavadouros, n.º 4, 1.º)

Um quadro calligraphico de phantasia, executado á penna pelo expositor. Tanto a phantasia como o processo é original, e o seu valor artistico é reputado pelo auctor em 500\$000 réis.

Dez quadros executados pela sua discipula a sr.^a D. Maria da Conceição, sendo: um de phantasia, original, cujo valor artistico é reputado pelo professor em 200\$000 réis; um de letra ingleza e gothica, com ornamentos (nove estrofes dos *Lusiadas*); e oito de letra ingleza, desde o cursivo menor ao bastardo maior. (A letra d'esta discipula está reconhecida por tabellião).

Seis quadros executados pelos seus discipulos os srs. José Ferreira Pinto Junior, José da Silva Coelho Junior e Antonio Augusto Falcão Graça, sendo tres executados antes do aperfeiçoamento, e tres depois de se aperfeiçoarem.

O aperfeiçoamento de letra faz-se em doze lições, e custa 4\$800 réis. Esta quantia dá direito á frequencia de um mez, caso o alumno não possa obter nas doze lições os resultados que deseja.

Os estabelecimentos dirigidos pelo expositor denominam-se: «Curso commercial e calligraphico portuense» e «Instituto calligraphico do Porto». No primeiro têm sido habilitados desde 1875 (data da sua fundação) até hoje, quinhentos sessenta e dois guardalivros, e no segundo, que foi fundado em maio de 1890, já conta perto de duzentos individuos de ambos os sexos, que têm aperfeiçoado a sua letra,

d'entre os quaes alguns já são calligraphos de reconhecido merito.

Foi premiado na exposição de Paris em 1889 e na pedagogico-escolar, do Porto, em 1890, com o primeiro premio.

N.º 470. — Lopes & C.^a Successores de Clavel & C.^a (Porto, rua do Almada, n.º 123).

Livros editados por esta casa, sobre educação, litteratura e sciencias.

Mappas.

Material diverso para ensino.

Predominam nas edições d'esta casa as de ensino e educação.

Acham-se expostos exemplares de cento sessenta e nove obras litterarias diversas, todas edições realisadas por ella. Á excepção de uma ou outra obra impressa em papel estrangeiro, tudo é producto do trabalho nacional, realisado na cidade do Porto.

Tambem expõe material escolar: armarios do systema metrico, tinteiros, compassos de madeira, contadores mechanicos, etc., tudo construcção nacional effectuada por iniciativa e direcção immediatados proprietarios d'esta casa.

Vendem estes artigos a retalho no Porto e por grosso para as provincias.

Estes expositores expõem, igualmente, uma importante secção de trabalhos de encadernação das officinas da sua casa, como consta da classe precedente.

N'esta secção acham-se expostos exemplares de todos os generos de trabalhos de encadernador, desde a folha do livro dobrada, alciada, colleccionada, cosida, proseguindo todas as phases do trabalho de encadernação de um livro, que são numerosas, até aos trabalhos mais delicados sobre setim e velludo.

N'este grupo de trabalhos expostos, ha uma grande collecção de cartonagens feitas á machina.

Tambem se acham expostos outros artigos de fabricação das mesmas officinas, como: carteiras e bilheteiras de vitella forradas de setim, indices, copiadores, livros em branco e pastas de oleado com ornamentação.

Todos estes productos são fabricados depois que se

evidenciou a crise monetaria, e obtêm-se em condições economicas que podem concorrer vantajosamente com os productos similares de origem estrangeira, que têm sido importados na totalidade do consumo. Estes productos têm-se vendido no Porto e para diferentes pontos do paiz, incluindo Lisboa.

Nas officinas de encadernação e de trabalhos correlativos ha, quatorze machinas diversas, para os variados serviços d'aquella arte. Estas machinas foram todas importadas de França e de Allemanha, e os seus valores oscillam entre 500\$000 e 50\$000 réis cada uma.

Alem das machinas, o numero de operarios diariamente empregado é de 16, entre homens, mulheres e rapazes. Os salarios dos operarios estão comprehendidos entre 500 e 800 réis por dez horas de trabalho; os serões são pagos proporcionalmente. Os das mulheres comprehendem-se entre 250 e 300 réis, e serões pagos á parte. Os dos rapazes (aprendizes) entre 120 e 240 réis, e os serões tambem pagos proporcionalmente.

Esta casa exporta de todos os seus productos para o Brazil, e vende-os em todo o paiz.

N.º 471. — Luiz Adelino Lopes da Cruz (Porto, rua do Almada n.º 280).

Quadros calligraphicos, sendo dois feitos pelo expositor, e os restantes pelos seus discipulos, com doze lições.

Recebemos do expositor as seguintes informações:

«Os meus trabalhos calligraphicos e os dos meus alumnos, leccionados em doze lições, têm sido louvados e foram premiados nas exposições do Porto em 1857, de Coimbra em 1869 e 1884, de Lisboa em 1888, e ultimamente com o primeiro premio na exposição pedagogica-escolar no Palacio de Crystal d'esta cidade, em cujo edificio iniciei e dirigi em janeiro do corrente anno uma exposição calligraphica.

«Os referidos trabalhos mereceram a attenção do fallecido monarcha El-Rei D. Luiz I, em virtude do que o mesmo Augusto Senhor, me conferiu em julho de 1865 o titulo de calligrapho honorario da sua real casa, e em fevereiro de 1870 me condecorou com o habito de Christo.»

N.º 472.—Miguel Maria Monteiro de Magalhães (Porto; Campo do Rou, 8, Massarellos).

Um quadro calligraphico, com o soneto de Camões, *Alma minha...*, ornamentado com uma tarja desenhada á penna, representando aves e flores.

Um dito, com o soneto de Camões, *Sete annos de pastor...*, ornamentado com um grupo de anjos, aves e flores, desenhado á penna.

Um dito, com a poesia de Almeida Garrett, *Rosa sem espinhos...*

Foi premiado com o premio de honra «D. Luiz I» na exposição calligraphica do Palacio de Crystal Portuense em 1891.

CLASSE 19.^a

Mobilia e armação, papeis pintados para forrar casas, objectos de xarão obras de esteireiro, cesteiro, etc.

N.º 473.—Alberto Themudo Rangel (Porto, rua de Cedofeita).

Uma *corbeille* com flores artificiaes, feita á serra mechanica. Preço 30\$000 réis.

N.º 474.—Alvaro Coelho & C.^a (Porto, rua de Cedofeita n.º 210).

Mobilia para quarto de casados, em platano da Hungria e mogno, composta de — cama, 2 mesas de cabeceira, 1 commoda-toucador, 1 lavatorio, 2 guarda-vestidos e 6 cadeiras. Preço 385\$000 réis.

Mobilia para sala de jantar, em carvalho do norte, composta das seguintes peças — mesa elastica para 24 pessoas, aparador-copa, 2 trinchantes e 24 cadeiras. Preço 415\$000 réis.

Mobilia para quarto (modelo executado para o grande hotel das Pedras Salgadas) em mogno, composta de: cama, velador, toucador, mesa-escrevaninha, guarda-roupa-commoda, 6 cadeiras e 1 lavatorio. Preço 155\$000 réis.

Mobilia para gabinete de trabalho, em nogueira americana, composta de — estante para livros, banca de ministro, cadeira para a dita banca, 6 cadeiras e 1 canapé, tudo de sola. Custo 260\$000 réis.

Mesas de jogo, a 9\$000 réis.

Mobílias de luxo:

Sophá a 95\$000 réis.

Cadeiras, a 9\$000, 10\$000, 11\$000, 11\$500, 13\$500 réis, etc.

Mobilia para sala de bilhar, composta de — um bilhar de nogueira e platano, com tabellas francezas,

um taqueiro com 12 tacos, 1 quadro para marcação, uma mesa de mogno para jogo de vaza (novo modelo), 6 cadeiras estofadas a velludo. Preço 250\$000 réis.

Um bengaleiro com azulejos e espelho, preço 36\$000 réis.

Étagères com espelho e azulejos, a 16\$000 réis e 41\$500 réis.

N.º 475. — Antonio Cardoso da Rocha (Porto, rua de Santo Antonio).

Papeis pintados, de luxo, para forrar aposentos: dourados, prateados, lavrados, avelludados, etc.

Ditos communs.

Ditos imitando mosaicos, oleados, etc.

Tem sido premiado em differentes exposições.

N.º 476. — Antonio Pereira Pinto (Porto, rua de Miragaia, n.ºs 64 a 66).

Vassouras de fio, com leque e cabo, a 560 réis.

Vassouras de piassaba, de primeira a terceira qualidade, de 550 a 520 réis.

Vassouras de piassaba, de trança e leque, a 400 réis.

Vassouras pequenas, de 200 a 220 réis.

Vassouras pequenas compridas, a 100 réis.

Vassouras toquinhas, a 80 réis.

Toco de esfrega, de piassaba, a 300 réis.

Vassouras de junco, a 400 réis.

Vassouras de fio para limpeza, a 140 réis.

Vassouras de piassaba, de primeira a quinta qualidade, de 340 a 120 réis.

Vassouras pequenas para banca, a 40 réis.

Vassouras curtas, a 30 réis.

Occupa 3 homens, 2 mulheres e 1 creança, sendo os jornaes dos homens de 360 a 400 réis, os das mulheres de 200 a 240 réis e os das creanças de 80 a 120 réis.

N.º 477. — Antonio Pimenta Duarte (Porto, rua do Correio, n.ºs 84 a 86).

Commoda-bufete de pau preto.

N.º 478. — Augusto José Pinto de Queiroz (Porto, rua do Rosario, n.ºs 97 a 99).

Uma banca de ministro. Preço, 95\$000 réis.

N.º 479. — Bernardo Placido (Porto, travessa da Picaria, n.º 15).

Bancos de encosto para piano, em pau preto. Preço 13\$500 réis.

Bancos para piano, em pau preto, de estofa, a 7\$500 réis.

Bancos para piano, de pau preto e palhinha, a 5\$000 réis.

N.º 480. — Costa & Bessa (Porto, rua do Mousinho da Silveira, n.º 125).

Trabalhos feitos com serra mechanica, a saber :

Uma azenha. Preço 8\$000 réis.

Um quadro para 5 retratos. Custo 5\$000 réis.

Quadros (Amor á espreita). Preço 9\$000 réis.

Quadros guerreiros, a 9\$000 réis e 11\$000 réis.

Um quadro com danças. Custo 9\$000 réis.

Dito de caça. Preço 4\$500 réis.

Dito galleria. Preço 7\$000 réis.

Bilheteira, a 8\$000 réis.

Album (leque), a 9\$000 réis.

Indispensavel, por 2\$000 réis.

Porte-montre, a 1\$500 réis.

Étagères, em oito formatos, de 160 a 800 réis.

Caixilho harpa, a 5\$000 réis.

N.º 481. — Correia de Abreu & C.^a (Porto, rua de Santo Antonio, n.º 89).

Mobilia de sala de jantar, em carvalho, composta de — uma mesa para 24 talheres, 2 trinchantes, 1 aparador e 18 cadeiras com assento e costas de couro. Preço 900\$000 réis.

Mobilia de quarto de dormir, em nogueira americana, composta de — uma cama para duas pessoas, um guarda-vestidos, uma toilette, um lavatorio-toilette, uma toalheira e 6 cadeiras com palha no assento e costas. Preço 350\$000 réis.

N.º 482. — Domingos da Rocha (Praça do Bolhão, n.º 72).

Canastras de madeira, a 1\$200 réis.

N.º 483.—Fabrica Economica, marcenaria a vapor (Porto, rua do Freixo).

Mobilia para sala de jantar, em faia, composta de— uma mesa, aparador, *étagère* e 6 cadeiras. Preço 35\$000 réis.

Mobilia para sala de visitas, em faia envernizada a preto, composta de—sophá, 2 cadeiras de braços, 12 cadeiras communs e 2 mesas. Preço 31\$900 réis.

Mobilia para quarto, em *pitch-pine*, composta de— cama, commoda, lavatorio, velador, toucador, cabide, toalheiro e duas cadeiras. Custo 32\$330 réis.

Mobilia de quarto de dormir, em platano da Hungria e mogno, composta de—cama, velador, commoda-toucador, lavatorio, guarda-vestidos e 6 cadeiras. Preço 260\$000 réis.

Mobilia de sala de jantar, para praia ou campo (novo modelo), composta de—mesa, guarda-louça, aparador e 6 cadeiras. Preço 47\$000 réis.

Mobilia de sala de visitas, para praia ou campo (novo modelo), composta de—mesa-jardineira, cantoneira, sophá, 2 cadeiras de braços e 12 cadeiras communs. Preço 54\$000 réis.

Bengaleiros, a 9\$000 réis.

Camas para creança, a 8\$000 réis e 10\$000 réis.

Cadeiras de viagem, a 5\$400 e 6\$000 réis.

Cadeiras de girar, a 6\$500 réis.

Columnas, cabides, paus e argolas para reposteiros, etc.

Caixas para charutos, stearina, etc.

Madeira em folha para o mesmo fim.

N.º 484.—Fernando Evangelino Gomes Guimarães (Porto, quartel do Carmo).

Trabalhos originaes e de imitação feitos á serra mechanica:

Um carro á Carlos X (guarda joias).

Um colleccionador de cartas.

Uma moldura para retrato.

Dois pares de *étagères*.

Uma cruz embutida.

Um moinho americano.

Seis cadeiras á Luiz XIV (alfineteiras).

Um porta charutos.

Um porta-relogio.

Um par de *étagères* de canto.
Seis facas de cortar papel.

N.º 485. — João de Oliveira Margarido (Porto, rua do Ferraz, n.ºs 9 a 11).

Esteiras de palha de diferentes qualidades para salas.

Amostras de esteiras de quatro qualidades diferentes.

Preços: de 1\$400 a 2\$000 réis.

Occupa 4 homens, 1 mulher e 1 creança.

Emprega 2 teares a parafuzos.

A materia prima, palha, é nacional, o fio, estrangeiro.

Mercados de consumo: os do paiz e do estrangeiro.

Foi premiado nas exposições de Vienna de Austria (1873), Philadelphia (1876) e Paris (1878).

N.º 486. — Joaquim Pereira Cardoso (Porto, rua de Cedofeita, n.ºs 65 a 69).

Cadeiras com pallinha á *Portuguesa*.

O preço da pallinha para cada cadeira d'estas, é de 600 réis e o custo da duzia de cadeiras de pallinha, de 22\$800 réis.

A pallinha é deitada em qualquer feitio, á vista do comprador.

Occupa 2 officiaes, que vencem 300 réis diarios.

A materia prima que emprega é a pallinha da India, de que gasta 200\$000 réis annualmente.

O valor da sua producção annual regula por 1:000\$000 réis.

Os seus preços, por lançar pallinha, são: de 200 a 1\$000 réis n'uma cadeira commum, de 400 a 1\$800 réis n'uma cadeira de braços, e de 2\$000 a 6\$000 réis n'um sophá.

É esta a primeira exposição a que concorre.

N.º 487. — José Antonio Delgado (Lisboa, rua dos Fanqueiros, n.ºs 203 a 205).

Meios enxergões em panno de linho adamascado.

Preço 9\$000 réis.

Colchão de palha, de igual panno. Preço 8\$500 réis.

Um travesseiro em panno de linho branco, cheio de sumaúma e debruado a seda azul. Preço 2\$900 réis.

Almofadão de igual panno e enchimento, debruado a seda azul. Preço 2\$300 réis.

Occupa na sua fabrica 3 homens, 1 mulher, e 1 creança, ganhando aquelles de 800 a 900 réis e estas 240 e 120 réis, respectivamente.

Usa de uma pequena machina para cardar lã, rede e utensilios para preparo da sumaúma.

N.º 488.— José Augusto Ferreira da Cunha, successor de Augusto Mendes da Cunha (Guimarães, rua Nova de Santo Antonio, n.ºs 27 a 31).

Pentes de chifre, em 14 marcas, de 120 a 380 réis a duzia.

Ditos, em 7 marcas, de 80 a 120 réis.

Calçadeiras, a 50 réis.

(Veja-se para este expositor e installação a classe seguinte.)

N.º 489.— Manuel Gomes Pacheco (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 421).

Um espelho com moldura de madeira dourada. Preço 28\$000 réis.

N.º 490.— Manuel Lopes Julio (Armazens no Porto, rua de S. Lazaro, n.º 425, e rua do Heroismo, n.º 189. Tambem tem armazens nas Caldas da Rainha).

Estatua figurando o commercio.

Dois vasos com flores.

Um vapor.

Uma cobra.

Tres corôas.

Uma dorna.

Um cacho com uma folha.

Todos estes objectos são em crystaes de tartaro.

Veja-se ácerca dos outros productos expostos por este expositor e da sua industria a classe 5.^a

N.º 491.— Manuel Matta (Porto, rua do Mousinho da Silveira).

Vassouras de piassaba.

Vassouras de junco.

Escovas de piassaba.

N.º 492. — Museu Colonial (Lisboa).

- Uma cadeira de sissó, em talha, de Goa (India).
 Uma cadeira de madeira branca, em talha, de Pondá (India).
 Bancos, cadeiras, etc., em bambú, de Angola e India.
 Tres caixas de sandalo, para costura, em baixo relevo, de Goa (India).
 Uma caixa de sandalo, para costura, oitavada, de Goa (India).
 Tres caixas de sandalo, com incrustações de prata e marfim, de Goa (India).
 Uma caixa de marfim, com incrustações de prata e ebano, de Goa (India).
 Caixas de bambú, lavradas, de Goa (India).
 Uma caixa de xarão, para chá, de Macau.
 Um estojo de xarão, para tabaco, de Macau.
 Uma moldura de sandalo.
 Bandejas de xarão, de Goa (India).
 Caixas, chavenas, pires, assucareiros, castiças, jogos, etc., em madeira lacreada, de Bardez, Goa e Pondá (India) e Macau.
 Chavenas e pires de bufalo, de Timor.
 Um copo de madeira, em verniz da China, de Macau.
 Amostras de esteiras de varias cores e desenhos, de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique e India.
 Balaios (cestos), de Pungo Andongo, Golungo Alto (Angola) e Moçambique.
 Uma variada collecção de balaios em palha e mis-sanga, do Congo, Moçambique e India.
 Jogos de gongos (cestos), do Congo.
 Quindas (cestos), para costura, do Congo.
 Capés (cestos), para tabaco, de Macau.
 Cestos de raizes de vetiver, bordados, de Goa (India).
 Vassouras de bambú, de Angola.
 Uma collecção de mabellas (tecidos finos de palha), em relevo e cores, da Guiné, Angola e Moçambique.

N.º 493. — Real Officina de S. José, do Porto
(Porto, rua de Alexandre Herculano).

- Guarda roupa de mogno. Preço 36,500 réis.
 Mesas de cabeceira. Preço 3,500 réis.

Vejam-se tambem as classes 16.^a e 17.^a

N.º 494. — Sebastião José Leal (Porto, rua do Almada, n.ºs 195 a 197).

Uma mobilia de quarto, em nogueira americana, composta de:

Guarda vestidos com porta de espelho e portas falsas.

Cama de casados.

Tremó.

Lavatorio de gavetas.

Duas caixas de cabeceira, em columnas.

Preço, 240\$000 réis.

N.º 495. — Seraphim Gomes Pimenta (Porto, rua do Almada, n.º 219).

Mobilia de quarto, composta de — guarda-vestidos em tres corpos, cama de duas pessoas, duas mesinhas de cabeceira, lavatorio, toilette e 6 cadeiras.

Mobilia para sala de jantar, composta de — uma mesa elastica, dois aparadores, dois trinchantes e cadeiras.

N.º 496. — Vaz & Rocha (Porto, rua de Santa Catharina, n.º 21).

Tres cestos com flores naturaes.

N.º 497. — Venancio do Nascimento & Filho (Porto, rua do Bomjardim, n.ºs 341 e 424).

Mobilia de quarto, em pau preto e thuya, composta de 14 peças. Custo 900\$000 réis.

Dita em freixo da Hungria, composta de 14 peças.

Preço 750\$000 réis.

Dita de nogueira americana a mosaico, composta de 14 peças. Preço 800\$000 réis.

Uma cama para creança, por 36\$000 réis.

Um bilhar de nogueira, com todos os seus aprestes, por 150\$000 réis.

Um schiffonnier-secretaria, com cofre á prova de fogo, em pau preto e thuya. Preço 150\$000 réis.

Foi premiado com menção honrosa na exposição do Porto (1865), com medalhas de bronze nas de Paris (1878 e 1889), com diploma de 1.ª classe na do Porto (1887) e com medalha de prata na de Lisboa (1888).

N.º 498.—Viuva de José Bernardino Fontes
(Porto, rua de D. Pedro, n.ºs 106 a 110.)

Mobilia de quarto, em freixo da Hungria, composta de—uma cama, dois guarda-vestidos com portas de espelho em crystal lapidado, duas caixas de cabeceira, estante para livros, toilette com espelho lapidado, lavatorio com espelho tambem lapidado e 6 cadeiras. Preço 800\$000 réis.

Mobilia de quarto, em nogueira americana, composta de—uma cama de casados, um guarda-vestidos com porta de espelho, uma toilette com espelho, um lavatorio com espelho, duas caixas de cabeceira e 6 cadeiras. Preço 450\$000 réis.

Occupa na sua officina 14 homens e 2 menores, ganhando aquelles de 600 a 1\$000 réis diarios.

Emprega 14 bancos de marceneiro. As materias primas são estrangeiras e o valor da sua producção annual regula por 15:000\$000 réis.

É a primeira exposição a que concorre.

CLASSE 20.^a

Obras em metaes não preciosos, serralheria, quinquilheria, cutelaria, obras de espingardeiro, latoeiro, funileiro, picheleiro, arameiro, etc.

N.º 499. — Abrahão Kimpel (Porto, rua da Alegria, n.º 307-A).

Accessorios para guarda-chuvas.

Occupa na sua officina 7 homens, 2 mulheres e 2 creanças.

Os salarios dos homens são de 300 a 550 réis, os das mulheres de 160 e 280 réis e os das creanças de 80 a 100 réis.

Foi premiado com diploma de 1.^a classe na exposição do Porto (1887) e menção honrosa na de Paris (1889).

N.º 500. — Albino de Sousa (Porto, rua da Boa Vista, n.º 211).

Uma cama de ferro, preço, 35\$000 réis.

Um aquario, preço, 18\$000

Cadeiras de engonços, a 1\$200 réis as simples, e a 2\$250 réis as de braços.

Occupa na sua officina 4 homens e 2 menores, ganhando aquelles de 400 a 540 réis diarios e estes de 120 a 200 réis.

N.º 501. — Almeida & C.^a (Lisboa, travessa do Athayde, n.ºs 2 a 6).

Botões para porta de rua, nickelados, a 1\$500 réis.

Botões para porta de rua, corados, a 1\$500 réis.

Veja-se a classe 8.^a

N.º 502.— Antonio Francisco da Silva Lopes (fabrica de fundição de Crestuma, Villa Nova de Gaya, freguezia de Crestuma).

Panellas á portugueza com testos.

Panellas á hespanhola com testos.

Panellas á ingleza com testos.

Tachos á ingleza com testos.

Estufas com grelhas.

Fogareiros com grelhas.

Tubos de ferro.

Columnas de ferro.

Pesos de ferro.

Maços de ferro.

Algravises de ferro, para forjas.

Morteiros de ferro.

Caixas de ferro para fornalhas de fogões de cozinha.

Prensas de copiar cartas.

Grades para janellas, escadas, etc.

Differentes peças de ferro pequenas e grandes.

Occupa na sua fabrica 13 homens e 13 menores, ganhando aquelles de 220 a 540 réis, e estes de 50 a 220 réis.

As materias primas que emprega são: ferro de fundição, carvão, coke, ferro forjado, carvão miudo, cobre, estanho, zinco e chumbo.

N.º 503.— Antonio Pinto de Magalhães (Porto, rua de S. Victor, n.ºs 235 a 239).

Ferramentas de cutelaria.

Veja-se a classe 6.^a

N.º 504.— Arthur da Silva (Porto, rua do Costa Cabral, n.º 1174).

Uma cesta de arame em espiral, propria para flores (centro de mesa), preço 800 réis.

N.º 505.— Augusto José da Cunha (Porto, rua Escura, n.ºs 70 a 74).

Diversos artigos de folha, a saber:

Uma columna com quatro açucenas e uma camelia, por 60\$000 réis.

Lanternas douradas, a 8\$000 réis.

Lanternas prateadas, a 7\$000 réis.

Lanternas pintadas, a 3\$500 e 5\$000 réis.

- Gallos, a 2\$500 réis.
 Aparadeiras douradas, de 1\$000 a 3\$000 réis.
 Aparadeiras em branco, a 240 réis.
 Bules, a 1\$200 réis.
 Cafeteiras polidas, a 1\$000 réis.
 Lamparinas oitavadas, a 800 réis.
 Lampiões, a 500 réis.
 Gaiolas redondas, a 1\$500 réis.
 Gaiolas quadradas, a 2\$500 réis.
 Fôrmas de corôa de rei, a 1\$200 réis.
 Fôrmas para pudings francezes, a 1\$000 réis.
 Fôrmas em diferentes gostos, a 200, 300, 500 e 800 réis.
 Pharoes para postos medicos, a 14\$000 réis.
 Baldes, a 1\$000 réis.

Foi premiado em diversas exposições, entre as quaes se contam a do Rio de Janeiro de 1889 e a de Lisboa de 1888.

N.º 506.—Augusto José Pinto de Queiroz (Porto, rua do Rosario, n.º 99).

Ferragens de metal proprias para embutidos.

N.º 507.—Companhia Alliança de Fundição de Massarellos (Porto).

Camas para creanças.

Cadeiras, bancos e mesas de ferro.

Descanços para guarda-chuvas e chapéus, typos n.ºs 1, 2 e 3.

Pratos de ferro fundido.

Fontenario encimado por uma estatua de bronze.

Fontenario simples.

Fontenario com dois candelabros.

Fontenario com tres candelabros.

Taça para pequeno lago de jardim.

Lustre com quatro braços.

Tubos de ferro fundido, desde 0^m,040 até 0^m,300 de diametro.

Vazos e plintos.

Vejam-se ácerca d'esta companhia as classes 6.^a, 7.^a e 17.^a

N.º 508.—Companhia Previdente (Lisboa, rua do Instituto Industrial, n.ºs 41 a 45).

Specimens de pregaria e tubagem de chumbo:

Prego de arame quadrado n.^{os} 1 a 15 segundo o numero do arame. Preço por kilogramma, de 80 a 130 réis para o prego commum, e de 105 a 330 réis para o de meia cabeça.

Prego de cobre quadrado. Preço por kilogramma 1\$050 réis.

Prego de arame redondo, n.^{os} 1 a 20, segundo o numero do arame. Preço do prego commum e atarracado, de 80 a 320 réis, e do de cabeça larga e oval, de 100 a 340 réis o kilogramma.

Prego redondo zincado, por kilogramma 260 réis.

Cravo de ferro, cabeça chata e oval n.^{os} 1 a 11, em diversos comprimentos, de 160 a 400 réis o kilogramma:

Cravo de cobre, preço por kilogramma 1\$050 réis.

Carda fina (branca ou azulada) de $\frac{2}{8}$ a $\frac{10}{8}$, desde 70 réis o milheiro até 240 réis, e sendo de cabeça oval, mais 5 réis.

Carda ordinaria, em 14 numeros, de 150 a 300 réis o kilogramma.

Brochas para calçado, em 9 marcas, de 45 a 200 réis o milheiro.

Brochas de cobre, a 1\$050 réis o kilogramma.

Grampos zincados, em 9 numeros, de 140 a 600 réis o kilogramma.

Cravinho de cobre, zinco ou ferro, a 750, 260 e 95 réis respectivamente o kilogramma.

Belmazes de latão, ferro, ou pretos, a 1\$000, 300 e 350 réis o respectivo kilogramma.

Tacha de cobre, ou zinco, a 1\$050 réis e 320 réis o kilogramma respectivamente.

Anilhas de cobre, conicas e chatas, de 1\$000 a 1\$500 réis.

Tubos de chumbo n.^{os} 2 a 45, a 110 réis o kilogramma.

Fio de chumbo (para flores e teares), a 200 réis por kilogramma.

Estes preços estão sujeitos a importantes descontos para revender.

Occupa a fabrica 156 homens, cujos jornaes oscilam de 500 a 2\$250 réis.

Tem esta fabrica aparelhos para serrar, aplinar, recortar e moldurar madeira.

O valor da sua produção annual regula de 130:000\$000 a 140:000\$000 réis.

Tem sido premiada com medalhas de oiro, prata, bronze e menções honrosas, nas exposições de Lisboa (1884 e 1888) e Paris (1889).

N.º 509.—**F. L. da Silva Almeida** (fabrica Portugal, Lisboa, praça dos Restauradores, n.ºs 33 a 37).

Camas de ferro e latão, de 8\$500 a 30\$000 réis.

Cofres de ferro á prova de fogo.

Occupa 110 operarios, cujos jornaes oscillam entre 400 e 1\$500 réis.

Usa de uma machina motora Farcot, da força de 15 cavallo.

Os mercados principaes são: Portugal, ilhas adjacentes, Africa e Brazil.

Obteve distincções nas exposições do Porto (1865) e Lisboa (1870, 1884 e 1888).

Os seus representantes no Porto, são os srs. Venancio do Nascimento & Filho, rua do Bomjardim, 424.

N.º 510.—**Firmino Ferreira Barbosa** (Porto, rua do Bomjardim, n.º 558).

Floreira de ferro com 13 vasos.

N.º 511.—**Fundição da Arrabida** (Viuva Guimarães & Sobrinho, Porto).

Grades de ferro.

Portões de ferro.

Vasos.

Centros de mesas.

E outros artigos de ferro fundido.

N.º 512.—**H. Schalck**, successores (Lisboa).

Botões metallicos de muitas qualidades.

Capsulas para garrafas.

Colchetes.

Fivellas.

Pregos de cabeça amarella.

Pregos para papeis, etc..

N.º 513.—**Henrique José de Oliveira** (Villa Nova de Gaya).

Um cofre de ferro á prova de fogo.

N.º 514. — Henrique Manuel de Carvalho
(Porto, rua do Bomjardim, n.º 252).

Um centro de sala, em ferro, representando um chariz automatico. Preço 22\$000 réis.

N.º 515. — Jeronymo Pinto Paiva Freixo (Villa Nova de Gaia, freguezia de Crestuma).

Bandeiras para portões.

Ferros fundidos para alfaiate.

Taxos e testos á ingleza.

Panellas e testos á ingleza.

Panellas portuguezas (dê pernas) e testos.

Fogareiros e grelhas.

Almofarises e pisões.

Chãos.

Pesos decimaes.

Peitorís fundidos.

Bancos para jardins.

Estufas para sala.

Grades para sacadas.

Occupa na sua fabrica 31 homens e 11 menores.

N.º 516. — João Caetano de Lemos (Porto, largo dos Loyos, n.º 85).

Artefactos de folha de Flandres, zinco e outros metaes, a saber:

Pharoes para cauda de comboios.

Pharoes-disco, de caminhos de ferro.

Pharoes das estações de caminhos de ferro.

Pharoes para as agulhas dos caminhos de ferro.

Lanternas de machinas e de locomotivas de caminhos de ferro.

Lanternas das carruagens de caminhos de ferro.

Lanternas de signaes, para guardas de vias ferreas.

Candieiros de mesa, para estações de caminhos de ferro.

Ventiladores.

Banheiras.

Bidets.

Baldes.

Jarros.

Bacias.

Regadores.

Aquarios.

Cornetas de réclame, para signaes dos guardas de vias ferreas.

Depositos para carvão de fogões de sala.

Chaleiras, cafeteiras, etc., etc.

O expositor tem um variado deposito de artefactos de folha de Flandres, zinco e outros metaes, como: banheiras de toda a especie para diferentes usos de banhos, ventiladores para telhados, serviços para lavatorio, chaleiras, terrinas, cafeteiras, fôrmas para massas e pudings, aparelhos para lavar roupa, etc.

Grava e abre em aço e metal: sellos, brazões de armas, sinetes e carimbos.

Vende prensas e machinetas.

N.º 517. — João Marcolino Pimentel (Porto, travessa da Senhora da Lapa, n.º 102).

Gaiolas para passaros.

N.º 518. — Joaquim Liberato Correia (Lisboa, rua de D. Estephania, n.º 61 B).

Fechaduras de alavanca, a 800 réis.

Fechaduras de armilhar, a 500 réis.

Fechaduras de embeber de trinco, a 480 réis.

Fechaduras femeas de duas entradas, a 440 réis.

Fechaduras femeas de duas entradas, com fecho, a 490 réis.

Fechaduras machas, a 320 réis.

Trincos de armilhar, a 280 réis.

Trincos de embeber, simples, a 220 réis.

Trincos de embeber, com fecho, a 260 réis.

Fechos de caixa para face ou junta, a 80 réis.

Fechos de botão de embeber, a 60 réis.

Fechos de botão á face, a 60 réis.

Fechos de botão reforçado, a 130 réis.

Fechos de armilhar, em preto, de 650 a 1,500 réis.

Fechos de armilhar, em branco, de 800 a 1,700 réis.

Fechos de armilhar, em branco, de nó cravado, de 60 a 180 réis.

Fechos de balanço, de 90 a 190 réis.

Machas femeas, tres nós, fiel movel, a 90 réis.

Machas femeas, seis nós, fiel movel, a 80 réis.

Dobradiça de nó de fixa, a 55 réis.

Fixas de balanço francez, a 95 réis.

Occupa na sua industria 6 homens, com os jornaes de 700 réis diarios a cada um.

Emprega uma machina de gaz, da força de 6 cavallos.

A sua producção annual regula por 3:000,5000 réis e toda se consome em Lisboa.

N.º 519.—**John Minchin Junior** (Porto, rua do Bomjardim, n.º 236).

Torneiras de diferentes numeros, em metal e metal nickelado.

Pateis.

Valvulas em metal e em metal nickelado.

Ditas para poços.

Juncções.

Torneiras para toneis, em metal e em metal nickelado.

Valvulas para toneis, em metal e em metal nickelado.

Torneiras para latrinas.

Torneiras para prova de vinhos, em metal e em metal nickelado.

Cruzetas para candieiros.

Torneiras para gaz.

Peças para lustres.

Juncções para mangueiras.

Joelhos para gaz.

Porte-bicos, de diferentes numeros.

Valvulas de passagem.

Ligadores.

Valvulas para agua, em metal nickelado.

Syphões de chumbo.

Ventiladores.

Reguladores para gaz.

A sua industria é toda manual e occupa n'ella 8 homens e 3 menores, sendo os jornaes dos primeiros entre 300 e 800 réis, e os dos segundos de 120 a 240 réis.

Emprega 4 tornos.

Na sua officina fabrica o seguinte:

Torneiras, valvulas, retretes, bombas de alta e baixa pressão para irrigações e elevação de agua a qualquer altura.

Apparelhos para aquecer agua pelo systema de circulação, applicavel a qualquer fogão de cozinha, podendo-a elevar a qualquer altura.

Apparelhos para aquecer agua com gaz.

Caldeiras para aquecer agua para banhos publicos e particulares.

Apparelhos de todos os systemas para estabelecimentos hydrotherapicos.

Repuxos e jogos de agua para jardins.

Juncções, bôcas e columnas para réga e incendio.

Depositos automaticos para retretes e ourinoes.

Idem para applicar ás bancas, a fim de extrahir as gorduras.

Apparelhos e todos os accessorios para ventilação.

Torneiras e valvulas para tonneis de vinho.

Reguladores automaticos para gaz.

Toda a qualidade de accessorios miudos para gaz.

Lustres, braços, columnas, lampeões, lanternas para gaz e luz electrica.

O expositor encarrega se :

De installações completas de gaz e agua.

De installações para o fabrico de gaz com oleo mineral.

De extinguir os maus cheiros motivados pelos canos de despejo.

N.º 520. — José Antonio de Sousa Dias (Porto, travessa da Fabrica, n.º 22).

Fechaduras de trinco, systema inglez, a 1\$500 réis.

Fechaduras de caixão, a 2\$500 réis.

Fechaduras de trinco (2.ª classe), a 300 réis.

Fechaduras de trinco brancas (1.ª classe), a 360 réis.

Trincos de salto completo, a 300 réis.

Trincos de caixa, a 50 réis.

Trincos de primeira, a 60 réis.

Trincos de entrada contraria, a 240 réis.

Trincos de caixeta branca, primeira, a 200 réis.

Trincos de caixeta branca, segunda, a 170 réis.

Trincos de mola, systema francez, a 130 réis.

Lisa n.º 1, a 130 réis.

Fechos de correr com botão, de ferro, pretos, a 800 réis a duzia.

Fechos de correr com botão, de ferro brando, a 320 réis a duzia.

Fechos de correr com botão amarello, a 560 réis a duzia.

Fechos de dobradiça, de embutir, polidos, a 1\$200 réis a duzia.

- Fechos de embutir, brancos, com botões amarellos, a 1\$920 réis a duzia.
- Fechos caramone branco e botão amarello, a 120 réis cada um.
- Fechos de unha, metal amarello, a 1\$300 réis a duzia.
- Fechos de embutir, brancos, botão amarello, envernizados, a 1\$920 réis.
- Fechos de unha, brancos, a 1\$300 réis.
- Fechos de unha, pretos, a 380 réis.
- Fechos de correr, de argola, a 480 réis.
- Fechos pedrez, de gancho forte, a 840 réis.
- Dobradiças de ferro de $\frac{3}{4}$, $\frac{7}{8}$, 1, $1\frac{1}{4}$, $1\frac{1}{2}$, $1\frac{3}{4}$, 2, $2\frac{1}{4}$, $2\frac{1}{2}$, $2\frac{3}{4}$, 3 e $3\frac{1}{2}$ pollegadas, de 240 a 2\$500 réis cada 12 pares.
- Dobradiças de ferro de 1, $1\frac{1}{4}$, $1\frac{1}{2}$, $1\frac{3}{4}$, 2, $2\frac{1}{4}$, $2\frac{1}{2}$, $2\frac{3}{4}$, 3, $3\frac{1}{4}$, $3\frac{1}{2}$ e 4 pollegadas, de 240 a 1\$000 réis por cada 12 pares.
- Dobradiças de pyramide em latão, de $2\frac{1}{2}$ e 3 pollegadas, a 1\$500 e 1\$800 réis a duzia, respectivamente.
- Dobradiças de junta em latão de $2\frac{1}{2}$ e 3 pollegadas, a 1\$000 e 1\$500 réis a duzia, respectivamente.
- Em todas estas dobradiças se abate 35 por cento para revender.
- Dobradiças de junta de 1, $1\frac{1}{4}$, $1\frac{1}{2}$, $1\frac{3}{4}$, 2, $2\frac{1}{4}$, $2\frac{1}{2}$, 3, $3\frac{1}{4}$, $3\frac{1}{2}$, $3\frac{3}{4}$ e 4 pollegadas de 210 a 840 réis os 12 pares.
- Dobradiças de junta, pyramide, fiche e leme:
- De Golf, 4 pollegadas, a 1\$350 réis os 12 pares.
- De pyramide branca, $4\frac{1}{2}$ pollegadas, a 1\$800 réis os 12 pares.
- Fiche de leme, $3\frac{1}{2}$ pollegadas, a 960 réis a duzia.
- Fiche polida, de $3\frac{1}{2}$ pollegadas, a 850 e 1\$150 réis a duzia.
- Fiche branca, de $3\frac{1}{2}$ pollegadas, a 580 réis a duzia.
- Fiche de marco, $2\frac{1}{2}$ pollegadas, a 550 réis a duzia.
- Fiche de joelho, $1\frac{1}{2}$ pollegadas, a 850 réis a duzia.
- Cravinho para calçado, de cobre, a 600 réis o kilogramma.
- Cravinho para calçado, de zinco, a 215 réis o kilogramma.
- Cravinho para calçado, de ferro, a 80 réis o kilogramma.

Os preços são variaveis, por serem feitos em relação

á quantidade e qualidade da materia prima que gastam os productos, e á quantidade da mão de obra que haja a executar, servindo de base os preços mencionados.

Emprega uma machina de bico, dois balancés e uma machina de dobradiças.

As materias primas vem-lhe de Inglaterra.

Occupá n'este fabrico 8 homens e 2 creanças, sendo o salario diario d'aquelles, de 300 a 600 réis e os d'estas, de 100 e 140 réis.

N.º 521.—José Augusto Ferreira da Cunha, successor de Augusto Mendes da Cunha (Guimarães, rua Nova de Santo Antonio, n.ºs 27 a 29).

Garfos de ferro polidos, n.ºs 1, 2, 3 e 5, de 1\$320 a 1\$620 réis cada grossa.

Ditos estanhados, n.ºs 1 a 4, de 1\$320 a 1\$560 réis a grossa.

Ditos diversos, n.ºs 7, 8, 8 1/2, 9, 14, 15 e 16, de 200 a 600 réis a duzia.

Tesouras, em 63 numeros, de 30 a 2\$000 réis cada uma.

Ferros para hostias, a 1\$300 réis cada um.

Facas, em 24 numeros, de 40 a 800 réis.

Cutellos, em 4 numeros, de 220 a 1\$200 réis.

Talheres, em 18 numeros, de 75 a 500 réis.

Pares de trinchantes, em 2 numeros, a 300 e 1\$500 réis.

Navalhas, em 31 numeros, de 80 a 2\$500 réis.

Fechaduras, em 14 numeros, de 70 a 5\$500 réis.

Trincos, em 3 numeros, de 180 e 300 réis.

Fechos, em 2 numeros, a 45 réis.

Caravelhos, em 2 numeros, a 45 e 65 réis.

Trinquetes, a 100 réis.

Argolas para portaes, a 260 réis.

Martellos, a 270 réis.

Escrochadeiras, a 360 réis.

Podões, em 10 numeros, de 500 a 650 réis.

Enxós, a 600 réis.

Fouces com bayoneta, a 1\$200 réis.

Tesouras de prata, em 6 numeros, de 3\$500 a 10\$000 réis.

Tesouras de metal branco, a 2\$500 réis.

Tesouras de ferro, para papel, em 8 numeros, de 1\$000 a 3\$000 réis.

Tesouras para alfaiate, a 8\$000 réis.

Tesouras para decotar arvores, a 6\$500 réis.

Tesouras de cortar murta, a 3\$000 e 4\$500 réis.

Tesouras de bordar, a 900 réis.

Punhaes, a 1\$500 réis.

Facas para mato, a 2\$500 e 3\$000 réis.

Machados, em 5 numeros, de 360 a 800 réis.

O expositor offerece-nos ácerca d'esta industria em Guimarães, o seguinte curioso relatorio:

«*Cutelaria.*—Esta industria, comprehendendo muitas secções, exige que a dividâmos e estudemos cada uma em separado.

«Montada em diminutas e singellas officinas, tanto dentro da cidade como nas freguezias ruraes, as obras são todas forjadas e batidas. A installação de cada uma é extremamente simples: bigornas, forjas pelo systema do tempo remoto, martellos, tornos fixados em toscos tabolleiros, limas, mós de amolar e rodas de polir movidas manualmente, são os principaes e meramente os unicosapparelhos de trabalho.

«Os patrões, ou mestres, trabalham familiarmente com os seus officiaes; o nivel moral e a educação de uns e outros é parallelamente igual.

«A unica distincção d'aquelles para alguns d'estes é a maior habilidade manual.

«As officinas são todas lojas terreas. Os mestres ora trabalham por conta dos negociantes da cidade, ora por sua conta, tendo quasi a certeza de n'este caso lhes venderem a obra que produzirem. Estas vendas fazem-se geralmente aos sabbados e aos domingos pela manhã. Não têm recursos capazes de empatar os productos alem de uma semana, de fôrma que, por este modo liquidam semanalmente os seus negocios; vendem a producção, pagam as materias primas aos negociantes que lh'as fiaram e os salarios aos seus officiaes. Na semana seguinte repetem a mesma operação e assim successivamente. Esta cutelaria comprehende-se das maneiras seguintes:

«*Facas para mesa, ordinarias, medias e finas.*—São fabricadas especialmente na cidade. Os cuteleiros que se empregam n'este mister, dividem-se d'esta fôrma: uns só unicamente forjam, outros só limam e amolam, e outros só acabam, caxeando as facas (cravar-lhes nos cabos o osso ou chifre) e polindo-as.

«Empregam-se n'esta secção 50 pessoas, mestres e

officiaes, divididas por muitas officinas pequenas; a ferramenta de todas póde valer, approximadamente, 450\$000 réis, variando para cada uma desde 10\$000 a 85\$000 réis. As lojas aonde estão installadas, segundo as rendas que pagam, póde-se-lhes dar um valor de 4:000\$000 réis.

«As ferias dos operarios regulam, termo medio, por 320 réis diarios, e aos mestres póde-se-lhes calcular, uns por outros, o salario de 500 a 600 réis diarios.

«Produzem-se por semana, approximadamente 200 duzias, cujos preços variam desde 500 a 2\$800 réis cada duzia, consoante a qualidade; importará, pois, esta producção em 190\$000 réis, e por anno ou 50 semanas, em 10:000 duzias, na importancia de 9:500\$000 réis.

«As materias primas que empregam, ferro, aço, carvão, esbo e outras miudezas, devem regular por 3:000\$000 réis.

«Os negociantes de ferragens, a quem elles fazem as vendas, é que as aparelham com os garfos do mesmo padrão, para formarem os faqueiros, que exportam depois.

«Apenas uma quarta parte d'estes operarios, sabe ler e escrever mal, os restantes, são analphabetos.

«Todos os mestres têm a sua marca especial, que adoptam quando se estabelecem, com o seu nome e numero.

«Resumo :

«O trabalho é manual.

«Operarios do sexo masculino: 38 maiores e 12 menores.

«Materias primas, 3:000\$000 réis.

«Producção, 9:500\$000 réis.

«Capital, 4:450\$000 réis.

«*Cutellos, facas de mato, facas para cozinha, etc.*— Esta secção tem-se progressivamente desenvolvido em relação ao que era anteriormente. Póde-se-lhe dar 12 operarios, dos quaes 4 menores, que se occupam exclusivamente d'esta especie. Faço esta approximação, porque estes artigos, produzem-se em officinas em que se não empregam só no seu fabrico; juntamente com elle produzem facas de mesa e de todos os outros modelos.

«Avaliamos a producção annual d'estes artigos em

1:800\$000 réis, custando as materias primas 500\$000 réis.

«Os salarios regulam pelos anteriores.

«Resumo :

«O trabalho é manual.

«Operarios do sexo masculino: 8 maiores e 4 menores.

«Materias primas, 500\$000 réis.

«Produção, 1:800\$000 réis.

«*Tesouras*. — Os operarios que se occupam n'esta secção devem regular por 50, mestres e officiaes, divididos por muitas officinas, em algumas das quaes apenas trabalha uma só pessoa, a obra que produzem contém uma immensa variedade de qualidades, pois o preço varia entre 25 réis e 27\$000 réis para cada tesoura. É certo, pois, que o preço medio será de 1\$000 réis a duzia; a produção regula semanalmente por 225 duzias ou 11:250 duzias por anno, no valor total de 11:250\$000 réis, approximadamente.

«O consumo de ferro, aço, carvão e outras materias primas, póde regular por 3:000\$000 réis annuaes.

«As suas officinas são installadas nas mesmas condições das anteriores; póde-se calcular o seu valor em 400\$000 réis, e as lojas aonde estão estabelecidas, segundo as rendas que pagam, em 5:400\$000 réis. As suas vendas fazem-n'as aos commerciantes de cutelarias.

«O local das officinas é em Guimarães mas algumas estão localizadas nos seus arredores.

«Os salarios regulam entre 200 e 700 réis.

«Resumo :

«O serviço é manual.

«Operarios do sexo masculino: 40 maiores e 10 menores.

«Materias primas, 3:000\$000 réis.

«Produção, 11:250\$000 réis.

«Capital, 5:800\$000 réis.

«*Machados, podões, etc.* — Fabricam-se em algumas officinas; póde dizer-se todavia que ha tambem uma especial d'este fabrico. Tem esta 6 operarios, dos quaes 2 menores. Poderá produzir, ordinariamente, 1:500 peças por anno, ou 30 por semana, admittindo metade para os outros (que são tres maiores), teremos ao todo uma produção de 2:250 peças, no valor de 1:462\$500 réis.

«As materias primas podem orçar-se em 357\$000 réis, as ferramentas em 18\$000 réis e o predio em 300\$000 réis.

«Os salarios regulam entre 250 a 600 réis.

«Resumo :

«O serviço é manual.

«Operarios do sexo masculino: 7 maiores e 2 menores.

«Materias primas, 357\$000 réis.

«Produção, 1:462\$500 réis.

«Capital, 318\$000 réis.

«*Navalhas*.—As officinas d'este artigo estão installadas, em edificios de aspecto igual ao das precedentes, na cidade e n'algumas freguezias ruraes; são ao todo 12. O pessoal de cada uma não attinge acima de duas pessoas.

«Fabricam regular e approximadamente, 36 duzias de navalhas por semana, e annualmente 1:800 duzias. São fabricadas em grande variedade de feitios e tamanhos, contando-se estes por polegadas.

«O seu preço medio é de 1\$500 réis a duzia, sendo o valor annual de 2:700\$000 réis.

«Os salarios regulam por 400 réis para os mestres, e 260 réis para os officiaes. O valor das ferramentas póde regular por 60\$000 réis e o das lojas das suas officinas por 1:500\$000 réis.

«O ferro, aço, carvão e cabos importam em réis 1:100\$000.

«Resumo :

«O serviço é manual.

«Operarios do sexo masculino: 10 maiores e 2 menores.

«Materias primas, 1:100\$000 réis.

«Produção, 2:700\$000 réis.

«Capital, 1:560\$000 réis.

«*Garfos ordinarios*.—A fabricação principal d'este artigo está situada em cinco freguezias ruraes do concelho: S. Martinho, S. Clemente, S. Lourenço de Sande, Caldellas e Santa Christina de Longos.

«Ha n'ellas 250 pessoas empregadas n'este trabalho, distribuidas por pequenas officinas.

«A ferramenta de todas póde valer approximadamente 1:323\$000 réis. Calculando pela renda que pagam, póde o valor das lojas ser de 6:300\$000 réis.

«O seu trabalho constante é de doze horas diarias.

«Só metade approximadamente sabem ler e escrever alguma cousa. O numero dos casados tambem regula por metade.

«Os mestres forjam e racham os garfos e os officiaes limam e brunem, e em parte estancam.

«O mestre, forja ordinariamente obra para 3 acabadores, que terminam 4 duzias por dia cada um; a quantidade produzida, exceptuando os dias santificados, de doença ou abstenção por qualquer outro motivo, deve approximar-se a uma quantidade da 200:000 duzias annuaes, no valor de 20:000\$000 réis, sendo os preços variaveis entre 90 e 120 réis por duzia.

«O salario dos mestres regula por 300 réis diarios, deduzido: azeite, deterioração de ferramentas e uma tigella de caldo por dia a cada official.

«O valor do ferro e carvão que empregam annualmente regulará por 5.800\$000 réis.

«A producção d'esta industria tem diminuido sensivelmente nos ultimos annos. Com um jornal tão diminuto, vê-se que os operarios difficilmente podem adquirir meios de subsistencia. Actualmente procuram outros empregos, pelas difficuldades que experimentam n'aquelle.

«Todos estes garfos, excepto uma diminuta quantidade que vae para Braga, são vendidos pelos proprios fabricantes aos commerciantes de Guimarães, que os exportam para todo o paiz e para algumas provincias hespanholas.

«Resumo:

«O serviço é manual.

«Operarios do sexo masculino: 210 maiores e 40 menores.

«Materias primas, 5:800\$000 réis.

«Producção, 20:000\$000 réis.

«Capital, 7:623\$000 réis.

«*Garfos medios e finos.*— Trabalham n'esta secção 36 pessoas, mestres e officiaes, divididas em pequenas officinas. O fabrico está localizado na cidade de Guimarães, nas Pedras Alveiras, Souto e S. João da Ponte.

«O salario dos mestres regula entre 360 e 600 réis diarios, e o dos officiaes por 220 réis.

«A ferramenta de todos póde valer 100\$000 réis, as lojas onde trabalham devem regular por 1:800\$000 réis, segundo as rendas que pagam.

«Fabricam por semana, approximadamente 240 duzias de garfos, cujos preços variam desde 240 a 400 réis a duzia, deverão pois valer 90\$000 réis. A producção annual regula por 12:000 duzias, na importancia total de 4:140\$000 réis. As materias primas podem orçar por 1:100\$000 réis. Fazem as suas vendas aos commerciantes de ferragens de Guimarães, que os colleccionam e exportam.

«Resumo :

«O serviço é manual.

«Operarios do sexo masculino: 30 maiores e 6 menores.

«Materias primas, 1:100\$000 réis.

«Producção, 4:140\$000 réis.

«Capital, 2:800\$000 réis.

«*Pentes de chifre.* — São produzidos meramente de ponta de boi, e são fabricados de varias fórmas e tamanhos. Da mesma materia tambem se fabricam calçadeiras e outros trabalhos miudos, sendo todavia, aquelle o principal fabrico.

«O chifre é cortado transversalmente em argolas, que racham por um lado e, depois de aquecidas ao fogo e imprensadas, formam as placas dos pentes. Em seguida são estes moldados, grosados, rachados e polidos.

«O numero de pessoas occupadas n'este officio regula por 40, das quaes 13 menores.

«A ferramenta de cada officina constante de grossas, limas, serras, bancos, etc., valerá 10\$000 réis cada uma, e as lojas aonde ellas estão installadas podem valer, segundo a sua renda, 1:640\$000 réis. Dando-se, pois, 130\$000 réis para ferramentas, teremos ao todo um capital de 1:770\$000 réis.

«Esta industria tem diminuido sensivelmente.

«A concorrência dos pentes estrangeiros, de massa ou chifre, fabricados mechanicamente, vae-a destruindo a passos agigantados. Têm tentado affrontal-a, baixando aos preços, e para compensar a differença trabalham 16 e 18 horas por dia! O salario que fica a cada operario, varia segundo as idades e aptidões, desde 80 a 280 réis.

«Empregam por anno, approximadamente 55:000 pontas de boi, que, ao preço medio de 11\$500 réis o cento, importa em 6:325\$000 réis. Cada official póde produzir por dia 4 duzias de pentes, cujo preço varia entre 80 e 380 réis a duzia. Deduzindo os dias santos

e os de abstenção de trabalho por qualquer outro motivo, a producção não excederá a 45:000 duzias, com um valor approximado de 10:000\$000 réis. A raspa de chifre é vendida, como especial adubo agricola e, valerá 600\$000 réis. Os fabricantes vendem directamente os seus productos aos negociantes de ferragens de Guimarães, que os exportam para todo o paiz e para o Brazil.

«Resumo :

«O serviço é todo manual.

«Operarios do sexo masculino : 27 maiores e 13 menores.

«Materias primas, 6:325\$000 réis.

«Producção, 10:600\$000 réis.

«Capital, 1:770\$000 réis.»

Foi premiado com medalha de prata na exposiçào de Lisboa em 1884 e com diploma de 1.^a classe na de Guimarães do mesmo anno.

N.º 522. — José da Costa Freitas de Araujo (Villa do Conde, rua Nova, n.º 102).

Um estojo com agulhas de meia e *crochet*.

N.º 523. — José Pereira Cardoso (Porto, rua Nova da Alfandega, n.º 22.)

Chumbo munição ou de caça ,em 14 numeros.

O preço d'este artigo é bastante variavel com o da materia prima e hoje tambem com os cambios. Na actualidade o custo de cada 30 kilogrammas, é de 2\$900 réis.

Occupu n'esta industria 6 homens, cujos jornaes oscillam entre 360 e 500 réis.

Emprega caldeiras, crivos, colheres, correntes, lustreadores, plumbagina e outros objectos miudos.

Importa a materia prima de Londres, e regula por 8:000\$000 réis o seu consumo annual.

O valor da producção é annualmente, de cerca de 10:000\$000 réis sendo o Porto e as provincias os seus principaes mercados.

Tem sido premiado em muitas exposições.

N.º 524. — José Rodrigues da Silva Junior, (Porto, rua do Almada, n.º 490).

Ferragens para commodas e contadores.

N.º 525. — Luiz Antonio Diniz de Carvalho (Coimbra, rua da Galla, n.º 1).

Uma cama de ferro; preço 45\$000 réis.

Um moitão de quatro gornes; preço 13\$000 réis.

Uma patesca; preço 3\$000 réis.

Uma fechadura de segredo; preço 13\$500 réis.

O expositor pede que se desarme a fechadura para se poder tomar conhecimento do seu trabalho.

Foi premiado com medalha de prata nas exposições de Coimbra (1869 e 1884) e com medalha de prata e duas menções honrosas na de Lisboa (1888).

N.º 526. — Manuel José de Oliveira, (Villa Nova de Gaya, rua do Marquez de Sá da Bandeira).

Um cofre de ferro á prova de fogo, preço 300\$000 réis.

Na sua fabrica occupa 22 homens e 18 menores, regulando os jornaes d'aquelles de 240 a 1\$200 réis e os d'estes de 120 a 200 réis.

Emprega um torno mechanico, machina de aplai-nar e machina de furar.

O valor da sua producção annual regula por 5:000\$000 réis, sendo os seus mercados de consumo o paiz, Brazil e Africa.

Na sua fabrica tambem se fazem fogões para cosi-nhar com lenha, de fogo circular e de estufa, fogões para carvão, portões de ferro, grades para sacadas, clara boias para telhados, marcas para marcar a fogo cascos ou caixas, marcas para marcar de raspa, fe-chaduras, etc., etc.

N.º 527. — Museu colonial (Lisboa).

Uma collecção de armas: machados, punhaes, facas, etc., productos da cutellaria das nossas colonias.

N.º 528. — Nova Companhia de Fundição do Oiro (Porto, Trem do Oiro).

Objectos de ferro.

Vejam-se tambem as classes 6.^a, 7.^a e 17.^a

Esta fabrica encarrega-se de todas as construcções em ferro, bronze e madeiras.

Tem na actualidade 177 operarios, mas está a pre-parar-se para elevar o seu numero a 200.

Esta fundição tem-se entregado muito a todas as construcções mechanicas, tornando-se recommendavel pela construcção das suas machinas de vapor e caldeiras, chegam já estas ao numero de oitenta e duas, contando as que tem feito e está fazendo.

As mais notaveis são: a que construiu para os srs. Magalhães & Filho, de Vianna do Castello, que é da força de 50 cavallos, systema Compound, de alta e baixa pressão, e a de 70 cavallos de força util, que está na fabrica de ceramica das Devezas, tambem de alta e baixa pressão

Para Pelotas, no Rio Grande do Sul, forneceu uma machina de vapor e todos os machinismos precisos para uma chapellaria, e do mesmo modo expediu uma collecção identica de machinas para uma chapellaria em Pernambuco. Para a nossa Africa occidental está mandando constantemente machinas de vapor, bombas centrifugas, estanca-rios e muitas outras obras.

Foi premiada com as primeiras medalhas nas exposições: do Porto em 1861, de Braga em 1863, de Lisboa em 1864, com diploma de merito na de Vienna de Austria em 1873, e com medalha de 3.^a classe na associação nacional agricola manufactureira e commercial de Paris em 1879.

N.º 529. — Valentim Ferreira Nunes (Porto, rua da Picaria, n.ºs 27 a 33).

Um cofre de ferro á prova de fogo, com duas portas, pé e cupula, 100\$000 réis.

Dois cofres de ferro á prova de fogo, com uma porta, pé e cupula, 48\$000 réis.

Duas mesas de ferro (jardineiras), a 2\$000 e 5\$000 réis.

Duas cadeiras de ferro com molas de aço, a 2\$500 réis.

Uma cadeira de ferro, 1\$200 réis.

Uma cama de ferro e lona (de campanha), 6\$000 réis.

Estantes de ferro para musica, a 1\$200 réis.

Occupa 5 operarios, cujos jornaes oscillam de 80 a 500 réis.

Foi premiado com medalha de cobre na exposição do Porto em 1865 e com medalha de ouro na do Rio de Janeiro em 1879.

CLASSE 21.^a

Obras em metaes preciosos e sua imitação, ourivesaria e joalheria

N.º 530. — Antonio Alves dos Reis & Filhos
(Porto, rua de Santo Antonio, n.ºs 237 a 241).

Artigos de ourivesaria com brilhantes e outras pedras preciosas, a saber: adereços, anneis, alfinetes para gravata, pulseiras, broches, brincos, etc., etc.

N.º 531. — Antonio Joaquim de Sousa Moreira
(Porto, rua de Sá da Bandeira, n.º 148).

Uma lampada de prata pesando 36 kilogrammas. Preço 2:100\$000 réis.

N.º 532. — Cazimiro Pinto de Abreu (Porto, rua do Bomjardim, n.ºs 395 e 397).

Centro de mesa, de prata, 60\$000 réis.

Molheiro de quatro vidros, em prata, 27\$000 réis.

Lamparinas de prata, a 12\$000, 14\$000 e 19\$000 réis.

Saleiro de tres vidros, em prata, 12\$500 réis.

Paliteiros de prata, a 7\$000 e 16\$600 réis.

Porte-charutos de prata, 10\$000 réis.

Um par de jarrinhas de prata, 7\$000 réis.

Palmatorias de prata, a 8\$500 réis.

Uma jarra de prata, 5\$000 réis.

Uma taça de prata, 4\$500 réis.

Um par de castiças de prata, 36\$000 réis.

Doze colheres de sopa, de prata, com caixa, 31\$500 réis.

Doze colheres de chá e uma de assucar, de prata, com caixa, 11\$500 e 12\$000 réis.

Colheres de copo de agua, de prata, a 1\$500 réis.

Colheres de pasteis, de prata, com caixa, 5\$000 réis.

Dois garfos de conservas, de prata, com caixa, 4\$000 réis.

- Ditos, sem caixa, a 1\$500 e 1\$800 réis.
 Ais de oiro torcidos, com perolas, a 1\$000 réis.
 Ais de oiro torcidos, com rosas, a 1\$500 réis.
 Ais de Paulo e Virginia, a 800 réis.
 Anneis de oiro largos, córados, a 2\$700 réis.
 Anneis de topazios e perolas, a 3\$500 réis.
 Anneis de uma perola, a 2\$800 réis.
 Anneis de perolas pequenas, a 2\$500 réis.
 Anneis modernos, a 1\$000, 1\$300 e 2\$700 réis.
 Anneis de pedras brancas, a 2\$000 réis.
 Alfinetes de manta, em oiro, de 2\$000 a 17\$000 réis.
 Alfinetes quadrados, em oiro, a 1\$600 réis.
 Alfinetes torcidos, em oiro, a 2\$300 réis.
 Alfinetes de coral, a 2\$000 réis.
 Alfinetes de tres perolas, a 2\$000 réis.
 Travessões, de 5\$000 a 70\$000 réis.
 Travessões de folha córada, a 5\$000 réis.
 Travessões Camões, a 6\$000 e 7\$500 réis.
 Um par de cabeças camapheus, 5\$000 réis.
 Um par de cabeças de luas, 5\$000 réis.
 Um par de cabeças, topazios, 5\$000 réis.
 Tres pares de cabeças, folhinha, a 3\$000, 3\$800 e 4\$500 réis.
 Boquilhas de charutos, a 3\$000 e 3\$500 réis.
 Boquilhas de cigarros, a 1\$700 e 2\$800 réis.
 Par de cabeças coraes, 10\$000 réis.
 Par de cabeças onix, com brilhante, 27\$000 réis.
 Pares de cabeças, com brilhantes grandes, a 140\$000 e 250\$000 réis.
 Pares de cabeças, com brilhantes, a 13\$500 e 18\$500 réis.
 Par de cabeças com brilhantes, a bulir, 60\$000 réis.
 Par de cabeças, rosas e perolas, 31\$500 réis.
 Par de cabeças com perolas, 35\$000 réis.
 Anneis de sete rosas, a 7\$000 réis.
 Anel para homem, 24\$500 réis.
 Anneis para senhora, de 6\$500 a 30\$000 réis.
 Anel córado, 29\$000 réis.
 Anel de aço, de tres brilhantes, 24\$500 réis.
 Anel de aço, de um brilhante, 9\$000 réis.
 Anneis, a 12\$500 e 25\$000 réis.
 Anneis chaveiro, a 20\$000 e 65\$000 réis.
 Anneis de aço, a 13\$500 réis.
 Alfinetes de ferradura, a 9\$000 réis.
 Alfinetes de quadrinhos, a 10\$000 réis.

Alfinetes diversos, a 10\$000 e 11\$500 réis.
 Botões de punhos, a 27\$000, 30\$000 e 50\$000 réis.
 Meios adereços, de 13\$500 a 85\$000 réis.
 Broches de lua, a 45\$000 e 170\$000 réis.
 Par de cabeças de lua, a 60\$000 réis.
 Botões de peito, a 7\$500 réis.
 Pulseiras, de 12\$500 a 120\$000 réis.
 Um broche, 110\$000 réis.
 Salva de prata, a 67\$500 réis.
 Salvas de prata lavradas, a 3\$800 réis.
 Cestas de filigrana de prata, a 2\$000 e 4\$500 réis.

N.º 533. — Cazimiro Pinto de Abreu Junior (Porto, rua do Bomjardim, n.º 447 e rua de Fernandes Thomás, n.º 475).

Objectos de ouro e prata com joias.

Foi premiado com diploma de 1.ª classe na exposição industrial portuguesa de 1887.

N.º 534. — Domingos Venancio (Lisboa, rua do Cabo, n.º 60, correspondencia para a imprensa nacional).

Reprodução galvanoplastica representando o monumento d'El-Rei D. Pedro V, no Porto.

Dita, representando o monumento de D. Pedro IV, em Lisboa.

Dita, representando o monumento de D. José I, em Lisboa.

Dita, representando o monumento de Luiz de Camões, em Lisboa.

Dita, de um emblema de musica.

Dita, de um prato.

N.º 535. — Gualdemiro Cardoso Successor de Cardoso & Filho (Porto, rua de Traz, n.ºs 204 e 206; escriptorio, Campo dos Martyres da Patria).

Ouro em folha:

Ouro amarello, para dourar por folha.

Ouro adhesivo, para dentistas.

Ouro verde, para dourar por folha.

Ouro liso, para dentistas.

Ouro de duas faces, amarello e branco.

Ouro verde, para livreiros.

Ouro fosco, para dentistas.

- Oiro de duas faces, amarello e verde.
 Oiro verde n.º 2.
 Oiro amarello.
 Oiro da fabrica.
 Oiro de duas faces, verde e branco.
 Oiro fino, de 23 quilates.
 Oiro fino, de 24 quilates.
 Oiro branco.
 Oiro citrino fino.
 Oiro citrino claro.
 Oiro citrino escuro.
 Oiro córado.
 Oiro verde limão.
 Oiro vermelho.
 Oiro branco para dourar por folha.
 Oiro em pó:
 Oiro concha.
 Oiro amarello.
 Oiro verde.
 Oiro para ouvidos.
 Prata em folha:
 Prata para dentistas, em quatro qualidades.
 Prata fina n.º 3.
 Prata em pó.
 Prata para ourives.

Platina.

Alluminium.

Estanho para dentistas, em tres qualidades.

Foi fundada esta fabrica em 1778, tem sido premiada com medalhas de oiro nas ultimas exposições portuguezas e com medalha de prata na de Paris em 1889.

N.º 536. — José Maria Lacerda Junior (Coimbra).

Photographia de um prato ornamentado a prata e cobre pelo expositor, que é alumno da escola industrial Brotero.

N.º 537. — José Rodrigues da Silva Junior (Porto, rua do Almada, n.º 490).

Um quadro com 37 cores de bronzeados e galvanismo a prata e oiro.

Locomotiva a vapor, 45\$000 réis.

Urna para chá galvanisada a prata, 13\$500 réis.

N.º 538. — José Rosas (Porto, rua das Flores, n.º 245).

Objectos de prata

Preparados por José Gomes de Oliveira e cinzelados por Joaquim Pereira Bitetes :

Uma salva de 0,^m60 de diametro, estylo antigo, cinzelada, com delphins, conchas e ramiagens, preço 500\$000 réis.

Duas lanternas pertencentes á banquetta da igreja de Cedofeita.

Fabricados e cinzelados por Augusto Cesar Trindade Machado, sob modelos fornecidos pelo expositor :

Jarro e bacia, estylo Luiz XV, preço 220\$000 réis.

Um faqueiro completo, com o peso de 6 kilogrammas, estylo Luiz XV, preço 300\$000 réis.

Um serviço para chá, com salva, estylo Luiz XV, preço 220\$000 réis.

Differentes salvas cinzeladas, copia de estylo antigo, desde 45\$000 a 60\$000 réis.

Differentes taças e cestas de crystal, guarnecidas a prata, desde 13\$500 a 20\$000 réis.

Tinteiros representando a justiça e outros symbolos, desde 20\$000 a 60\$000 réis.

Uma lampada, estylo moderno, pertencente á igreja do Bomfim.

Differentes palmatorias, de 9\$000 a 18\$000 réis.

Castiças de diversos estylos, de 27\$000 réis a 45\$000 réis.

Uma banquetta composta de oito lanternas, dois castiças, uma custodia, oito varas para palio e uma umbella, estylo composito, preço réis 3:500\$000.

Um calix para missa, estylo portuguez, preço 100\$000 réis.

Fabricados por José Anastacio Pereira de Abreu :

Um par de serpentinas, preço 200\$000 réis.

Um centro de mesa e duas fructeiras, preço 200\$000 réis.

Dois calices antigos, verdadeiro estylo Luiz XIV, preço 270\$000 réis.

Uma palmatoria, um porte-retrato, etc., em filigrana, de 5\$000 a 7\$000 réis.

Objectos de oiro

Do fabricante de joalheria Manuel da Silva Brandão:

Um colar, gosto moderno, garras com brilhantes, servindo para diadema, preço 3:000\$000 réis.

Um dito, cravação á antiga, com a mesma applicação, preço 1:800\$000 réis.

Um dito, moderno, com pingentes, preço, réis 2:000\$000,

Um adereço com esmeraldas e brilhantes, preço 1:000\$000 réis.

Um dito, com rubis e brilhantes, preço réis 500\$000.

Differentes adereços a brilhantes, de 200\$000 a 450\$000 réis.

Do fabricante de joalheria e ourivesaria Ottero de Magalhães:

Meios adereços com esmalte, montagem em perolas e diamantes, preço 90\$000 réis.

Differentes meios adereços, desde 20\$000 a 60\$000 réis.

Abotoaduras, de 10\$000 a 90\$000 réis.

Anéis com brilhantes, perolas, rubis, saphiras e esmeraldas, desde 10\$000 a 200\$000 réis.

Brincos com as ditas pedras, de 13\$500 a réis 500\$000.

Broches-pinturas, applicados com diamantes e perolas, desde 10\$000 a 30\$000 réis.

Broches com esmaltes, applicados com diamantes e perolas, de 13\$500 a 30\$000 réis.

Pulseiras (obra montada), desde 6\$000 a 20\$000 réis.

Pulseiras-joalheria, com brilhantes, rubis, saphiras e esmeraldas, de 13\$500 a 300\$000 réis.

Do fabricante de joalheria e ourivesaria, Miguel Osorio da Silva Cardoso:

Alfinetes de manta, com esmaltes, brilhantes, rubis e saphiras, desde 8\$000 a 300\$000 réis.

Anéis com pedras finas, desde 18\$000 a 100\$000 réis.

Broches phantasia, desde 8\$000 a 15\$000 réis.

Do fabricante de ourivesaria Joaquim Martinho do Couto:

Broches simples, e alguns com pedras finas, desde 7\$000 a 18\$000 réis.

Anéis, de 3\$000 a 20\$000 réis.

Pulseiras, de 10\$000 a 30\$000 réis.

Do fabricante de ourivesaria Vasco Bernardo da Silva:
Cadeias para senhora, de 10\$000 a 18\$000 réis.

Do fabricante de bolsas José Correia Casal:

Bolsas com fechos modernos, malha finissima, de
30\$000 a 40\$000 réis.

Do fabricante de filigrana José de Castro Nogueira:
Broches com esmaltes, guarnecidos a filigrana
em ouro, imitação de diferentes epochas, desde
15\$000 a 50\$000 réis.

Ditos, em filigrana de ouro, representando folhas,
copia do natural, de 5\$000 a 20\$000 réis.

N.º 539.— Manuel Martins Marques (Porto, rua
de Santa Catharina, n.º 131).

Ourivesaria.

Objectos de prata

Centro para mesa, estylo Renascença, com duas taças
e uma tulipa, preço 112\$000 réis.

Dito, com figura de anjo, com duas taças e uma tu-
lipa, preço 235\$000 réis.

Azeitoneira, com taça de crystal lapidado, preço réis
26\$000.

Estojo com tres escovas, tendo estas ao centro das
costas um escudo lavrado para monogramma, preço,
20\$000 réis.

Dito, com escova de cabeça e pente, preço 11\$000
réis.

Caneca para agua, de crystal lapidado, guarnecido a
prata, 25\$000 réis.

Copo de crystal, guarnecido a prata, 13\$500 réis.

Paliteiros: de folha de hera, de folha de palmeira, de
gallo, com figura de creança, com o symbolo da
abundancia, com figura de bailarina, com um preto
tendo nas mãos dois baldes e um cesto ás costas, a
5\$000, 6\$200, 8\$000, 8\$600, 11\$000, 16\$200, e
16\$700 réis respectivamente.

Porte-montre simples e um dito de tinteiro, a 9\$000
e 9\$500 réis, respectivamente.

Taças para alfinetes, a 3\$500 réis.

Pares de jarras, a 7\$400, 10\$000 e 21\$000 réis.

Campainhas de pistão, lavradas, para mesa, a 12\$500
réis.

Talheres de meia canna, para mesa, a 7\$000 réis.

Estojo com um talher guilhocado, para creança, e um dito com um talher liso, para sobremesa, a réis 4\$000.

Um estojo com um talher guilhocado, para sobremesa, a 4\$800 réis.

Estojos com treze colheres guilhocadas, para café; com treze colheres lisas, para chá; com treze colheres de meia canna, para chá; e com treze colheres, para doce, a 8\$500, 10\$000, 10\$500 e 14\$000 réis, respectivamente.

Uma lamparina, 13\$000 réis.

Par de castiças, com figuras de guerreiros, 33\$000 réis.

Porte-joias, de crystal e prata, 11\$000 réis.

Dois estojos de faqueiro, estylo Luiz XV, contendo cada um doze talheres de mesa, doze colheres para chá, uma para assucar, uma para terrina, uma para arroz, uma para mólho, uma saladeira, um par de trinchantes e talher para peixe, a 203\$000 e 210\$000 réis.

Estojo com duas garrafas de crystal lapidado, com tampas de prata gravadas, para vinho fino, 25\$000 réis.

Duas taças ovaes para bijouterias, a 8\$500 e 11\$000 réis.

Bilheteira em crystal rosa e pé de prata lavrado, 30\$000 réis.

Salva lavrada, estylo antigo, 46\$000 réis.

Dita de grade, 37\$200 réis.

Dita com beira lavrada e estrella gravada ao centro, 43\$600 réis.

Dita de grade, 130\$000 réis.

Salvas recortadas, de grade, a 14\$200, 15\$900, 20\$000 e 27\$300 réis.

Ditas de grade, redondas, a 6\$500 e 12\$000 réis.

Ditas com beira lavrada, a 8\$300, 12\$800 réis, etc.

Ditas em estylô antigo, a 35\$500 réis.

Ditas em engaras, 54\$000 réis.

Serviço em engaras, para almoço, 232\$000 réis.

Taboleiro para o dito serviço, 147\$000 réis.

Serviço de lavrado e caramujos, para almoço, réis 276\$000.

Taboleiro para o mesmo serviço, 150\$000 réis.

Serviço para lavatorio, estylo Luiz XVI, 210\$000 réis.

- Dois taboleiros de grade, a 105\$000 e 172\$000 réis.
 Espelhos de mão, a 12\$000 réis.
 Tinteiros com emblema de gallinhas e ovos, a 25\$000 e 28\$000 réis.
 Tinteiros com duas cegonhas, de concha e campainha, com o busto de Camões, quadrado com campainha, com o symbolo do *commercio*, e quadrado com caixa para sellos, a 23\$000, 25\$000, 35\$000, 48\$000, 50\$000, e 56\$000 réis, respectivamente.
 Palmatoria de escudo, com caixa para phosphoros e apagador, 13\$000 réis.
 Dita estylo Luiz XV, 14\$500 réis.
 Dita em recortes, gravada e fosca, 9\$700 réis.
 Dita de bicos, gravada e fosca, 9\$800 réis.
 Dita de concha lavrada, 8\$600 réis.
 Dita quadrangular, guilhochada, 8\$300 réis.
 Dita guilhochada, com caixa de phosphoros e apagador, 9\$700 réis.
 Talheres para *puding* e para peixe, a 11\$000 e 11\$500 réis.
 Colheres para pasteis, a 4\$000 e 5\$000 réis.
 Ditas para ovos, a 4\$500 réis.
 Ditas para mólho, a 3\$500 réis.
 Ditas para copo de agua, a 1\$800 e 2\$500 réis.
 Centro para mesa, com cegonha e taça de crystal, 76\$700 réis.
 Dito com figura de creança, taça e tulipa de crystal, 60\$000 réis.
 Dito com figura de mulher, e taça de crystal, réis 97\$000.
 Dito em fórma de balança, taça de prata e tulipa de crystal, 102\$000 réis.
 Centro pequeno, taça e tulipa de crystal, pé em prata lavrada, a 24\$000 réis.
 Paliteiro-centro, 17\$000 réis.
 Bilheteiras com taça de crystal e pé lavrado, estylo Renascença, a 18\$000 e 42\$000 réis.
 Dita com taça de crystal rosa, estylo Renascença, 70\$000 réis.
 Fructeiro de taça de crystal, oval, pé Luiz XV, réis 72\$000.
 Galheteiro de duas garrafas, 20\$000 réis.
 Par de castiçaes oitavados, 28\$000 réis.
 Saladeira de crystal lapidado e beira de prata, réis 23\$000.

- Paliteiro com figura de Jupiter, 22\$000 réis.
 Caneca de crystal lapidado e tampa de prata, réis
 22\$000.
 Estojo de escovas para fato, cabello, chapéu, unhas e
 dentes, com pente e espelho, 40\$000 réis.
 Caixa para pós de arroz, 9\$000 réis.
 Cestas em filigrana, a 1\$700, 2\$800 e 4\$500 réis..
 Meios adereços de prata, a 1\$500 réis.
 Broches, a 1\$000, 1\$100 e 1\$200 réis.
 Ditos em filigrana, a 2\$500 réis.
 Coador em filigrana, 1\$800 réis.
 Pequena salva em filigrana, 2\$500 réis.
 Guarda-joias em filigrana, 4\$500 réis.
 Carteira para notas, com malha de bolsa e bocal, réis
 7\$500.
 Dita forrada de setim, 8\$000 réis.
 Bolsa de malha finissima, para homem, 9\$000 réis.
 Dita de malha finissima, para senhora, 7\$500 réis.

Objectos de oiro

- Aigrette* em fórma de meia lua, cravejada a brilhantes e rosas, com pluma, podendo servir de broche, 205\$000 réis.
Tremulos em fórma de estrella, cravejados a rosas e brilhantes, podendo servir de broche e medalha, a 171\$000, 202\$000 e 235\$000 réis.
 Meio adereço de cometa, servindo o broche tambem de prego de cabello, 212\$500 réis.
 Dito com brilhantes e rosas, 142\$000 réis.
 Meios adereços com brilhantes, rosas e perolas, a 160\$000, 186\$000 e 255\$000 réis.
 Dito redondo com brilhante, 40\$000 réis.
 Dito de coral rosa e rosas, 32\$000 réis.
 Dito com perolas e rosas, 33\$000 réis.
 Broche redondo com um brilhante no centro e seis aos lados, dispostos em fórma de estrella, 25\$000 réis.
 Dito redondo, com brilhantes, cravados em estrella, 20\$000 réis.
 Dito com tres saphiras e doze brilhantes, 36\$000 réis.
 Dito com um brilhante, 17\$000 réis.
 Dito com tres brilhantes, 26\$000 réis.
 Dito com cinco brilhantes e dez rosas, 33\$000 réis.
 Dito em fórma de laço, de rosas e brilhantes, 52\$000 réis.

- Adereço canovão, com doze brilhantes, 86,500 réis.
 Adereço canovão, com dez brilhantes, 100,500 réis.
 Adereço com rosas e brilhantes, 400,500 réis.
 Adereço chuveiro, com brilhantes, 395,500 réis.
 Adereço á Rouvier, 305,500 réis.
 Adereço com rosas e rubis, 150,500 réis.
 Adereço de meia lua, de rosas e brilhantes, 66,500 réis.
 Pulseira canovão torcido, brilhantes, rosas e perolas, 107,500 réis.
 Dita de SS com rosas e brilhantes, 94,500 réis.
 Dita de chapa, com rosas, 22,500 réis.
 Pares de cabeças com dois brilhantes, a 33,500, 170,500 e 480,500 réis.
 Dito com quatro brilhantes, 45,500 réis.
 Dito de chuveiro, com rubis e brilhantes, 107,500 réis.
 Dito em fórmula de estrella, de perolas e brilhantes, 61,500 réis.
 Dito de chuveiro, de saphiras e rosas, 31,500 réis.
 Par de botões, em fórmula de estrella, de brilhantes e rosas, 55,500 réis.
 Par de botões quadrados, com brilhantes, 25,500 réis.
 Par de botões concavos, 30,500 réis.
 Anéis lavrados, com brilhantes, a 51,500 e 100,500 réis.
 Anel picado, meias cannas, 78,500 réis.
 Anéis lisos (á ingleza), meia canna, a 44,500 e 70,500 réis.
 Ditos picados, com tres brilhantes, a 37,500 réis e 86,500 réis.
 Anel com um brilhante e dois rubis, 62,500 réis.
 Dito com um rubi e dois brilhantes, 30,500 réis.
 Dito com uma esmeralda e dois brilhantes, 38,500 réis.
 Dito com uma saphira e dois brilhantes, 29,500 réis.
 Anéis picados, em meias cannas, com um brilhante, a 50,500, 55,500, 65,500 e 106,500 réis.
 Anel com uma esmeralda e dois brilhantes, 25,500 réis.
 Dito com um brilhante e duas esmeraldas, 22,500 réis.
 Anéis com cinco brilhantes, a 20,500, 25,500, 30,500 e 39,500 réis.

- Annel com tres brilhantes e duas esmeraldas, 35\$000 réis.
- Dito com dois brilhantes e um rubí, 16\$500 réis.
- Dito com cinco rubís, 5\$500 réis.
- Dito com brilhantes, esmeraldas e rosas, 19\$000 réis.
- Dito picado, com brilhante, 26\$000 réis.
- Anneis de meia cana, com brilhante, a 27\$000 réis e 40\$000 réis.
- Annel com chuveiro de brilhantes, 50\$000 réis.
- Dito com brilhantes, 42\$000 réis.
- Dito com brilhantes e rubí, 40\$000 réis.
- Dito com rubí e rosas, 21\$000 réis.
- Anneis com esmeraldas e rosas, a 14\$000 e 18\$000 réis.
- Ditos com rosas e um rubí, a 6\$000 e 6\$500 réis.
- Annel com rubí, brilhante e esmeraldas, 20\$000 réis.
- Dito de cobra, com rubí e brilhante, 30\$000 réis.
- Dito com seis brilhantes, 140\$000 réis.
- Dito em grega, com um brilhante, 112\$000 réis.
- Dito de aço, meias cannas, com tres brilhantes, 65\$000 réis.
- Anneis de aço, meias cannas com um brilhante, a 25\$000 30\$000 e 39\$000 réis.
- Cadeias de oiro, a 19\$600 e 21\$600 réis.
- Cadeias cinzeladas, estylo antigo, e berloque de corça, 70\$000 réis.
- Bolsas de oiro para homem, a 43\$000 e 44\$000 réis.
- Ditas para senhora, 32\$500 réis.
- Alfinete de ferradura, para gravata, com brilhante e rubís, 19\$000 réis.
- Alfinetes com um brilhante a 32\$500, 60\$000 e 102\$000 réis.
- Alfinete com uma esmeralda e brilhante, 55\$000 réis.
- Dito com coral e rosas, 20\$000 réis.
- Dito meia lua, com brilhantes, 34\$000 réis.
- Dito de ferradura, com brilhantes e saphiras, 17\$000 réis.
- Dito de rubís e brilhantes, 30\$000 réis.
- Dito, cravação antiga, com um brilhante e rosas, réis 35\$000.
- Dito meia lua, com rubís e rosas, 6\$500 réis.
- Berloque com ametista, 8\$000 réis.
- Dito com topazio, 7\$000 réis.
- Medalha, com brilhantes cravados em estrella, 32\$000 réis.

- Medalha com um brilhante, 22\$000 réis.
 Dita, com uma rosa, 18\$000 réis.
 Dita, com sete rosas, 20\$000 réis.
 Dita, com oito rosas e um rubí, 16\$000 réis.
 Dita, com dez rosas, 18\$000 réis.
 Alem d'estes muitos mais objectos similhantes, em prata
 e oiro, de differentes fórmas e para differentes pre-
 ços.

N.º 540.—Museu Colonial (Lisboa).

- Um cordão de prata, (Moçambique).
 Um cinto de prata (India).
 Um cinto de prata (Moçambique).
 Pulseiras de prata (Moçambique).
 Paliteiro de prata (Moçambique).
 Bilheteira de filigranna de prata (Macau).
 Copo antigo, de prata lavrada (Macau).
 Calice antigo de prata lavrada (Macau).
 Pavão de prata (India, Goa).
 Garrafa de prata (India, Goa).
 Corôa de oiro (India, Goa).
 Broche de oiro (Moçambique).

N.º 541.—Viuva Innocencio Alves de Azevedo (Porto, rua de Cedofeita, n.º 39).

Ourivesaria.

Objectos de prata

- Um par de serpentinas com as figuras de Camões e
 Vasco da Gama, 220\$000 réis.
 Centro para *toilette*, 20\$000 réis.
 Uma salva grande, 65\$000 réis.
 Galheteiros, a 32\$000 e 35\$000 réis.
 Pares de castiças, a 19\$000 e 25\$000 réis.
 Pares de jarras, a 10\$000 réis.
 Paliteiro de esphera, 8\$000 réis.
 Dito de gallo, 9\$000 réis.
 Colhér para pasteis, em meias cannas, 5\$500 réis.
 Tinteiro, 15\$000 réis.
 Paliteiro de velho corcunda, 13\$500 réis.
 Palmatoria de amor perfeito, 9\$000 réis.
 Alfineteira, 5\$800 réis.
 Cestinha de filigrana, 4\$000 réis.
 Estojo com colheres para café, gravadas, 9\$500 réis.
 Garfos para conserva, gravados, a 3\$400 réis.
 Colheres para agua, a 3\$500 réis.

- Colheres para azeitonas, a 4,5000 réis.
 Placa fosca e gravada, 10,5000 réis.
 Estojo de escovas á Luiz XV, 44,5000 réis.
 Dito de escovas, gravadas em xadrez, 38,5000 réis.
 Bule liso, assucareiro e leiteira, em meias cannas.
 Salva em meias cannas na beira.
 Salvas pequenas.
 Estojo para *toilette*, 15,5000 réis.
 Lamparinas, a 14,5000 réis.
 Manteigueiras, a 18,5000 réis.
 Paliteiro de lança, 13,5500 réis.
 Caixa para pós de arroz, 6,5500 réis.
 Garrafa para agua, 20,5000 réis.
 Par de jarras.
 Caneca para agua, 26,5000 réis.

Objectos de oiro

- Folha de trevo cravejada a brilhantes e saphiras,
 140,5000 réis.
 Broche de chuveiro de rosas e um topazio, 36,5000
 réis.
 Flor cravejada a brilhantes, 260,5000 réis.
 Broche chuveiro de rosas e uma opala, 28,5000 réis.
 Anel com tres rosas, 8,5500 réis.
 Dito de chuveiro de rubís e rosas, 14,5000 réis.
 Dito gravado a pelle de tigre, 38,5000 réis.
 Dito de duas perolas e um rubí, 3,5800 réis.
 Dito de meias cannas, com dois rubís e um brilhante,
 36,5000 réis.
 Dito de galeria, com dois brilhantes e uma saphira,
 39,5000 réis.
 Dito de tres brilhantes e tres rubís, 24,5000 réis.
 Dito de galeria, com dois brilhantes e um rubí, 38,5000
 réis.
 Dito de galeria, com tres brilhantes e dois rubís, réis
 17,5000.
 Dito de chuveiro de brilhantes e saphira, 38,5000
 réis.
 Dito de tres brilhantes, 13,5000 réis.
 Dito de seis brilhantes, 30,5000 réis.
 Dito de quatro brilhantes e duas saphiras, 16,5000
 réis.
 Dito de duas perolas e uma esmeralda, 3,5800 réis.
 Dito de galeria, com tres saphiras e dois brilhantes,
 34,5000 réis.

- Anel de quatro rosas, 9\$000 réis.
 Dito de cinco brilhantes, 20\$000 réis.
 Dito de galeria, com tres brilhantes, 66\$000 réis.
 Dito de galeria, com tres brilhantes, em meias cannas, 65\$000 réis.
 Dito de chuveiro de brilhantes e rubi oriental, réis 65\$000.
 Dito de chuveiro de rosas e topazio, 12\$000 réis.
 Dito de brilhante grande, em meias cannas, 58\$000 réis.
 Dito de quatro brilhantes, duas esmeraldas e quatro rosas, 20\$000 réis.
 Dito em meias cannas, de um brilhante, um rubi e uma saphira, 50\$000 réis.
 Dito em meias cannas lisas e gravadas, com um brilhante grande, 85\$000 réis.
 Dito de quatro brilhantes e uma esmeralda, 19\$000 réis.
 Anéis com perola, a 800 réis.
 Ditos de Paulo e Virginia, a 900 e 1\$000 réis.

Objectos de oiro, com applicação das pedras do Gerez
 (especialidade d'esta casa)

- Alfinetes para gravata, a 2\$800, 3\$500, 4\$000, 4\$800, 5\$000, 5\$500, 6\$000, 6\$500 e 7\$000 réis.
 Broches, desde 3\$800 a 55\$000 réis.
 Anéis, desde 1\$800 a 40\$000 réis.
 Pulseiras, desde 9\$000 a 64\$000 réis.
 Abotoaduras, desde 7\$500 a 22\$500 réis.
 Medalhas, desde 13\$500 a 36\$000 réis.
 Cabeças, desde 2\$800 a 28\$000 réis.
 Meios adereços, desde 6\$800 a 80\$000 réis.

N.º 542. — Viuva Moreira & Filho (Porto, rua das Flores, n.º 161).

Objectos de prata e crystal.

Salvas, taboleiros, cestos, fructeiras, espelhos, garrafas para quarto, centros para mesa, castiças, candelabros, serviço de lavatorio, canecas para agua, bules, assucareiros, manteigueiras, palmatorias, licoreiros, tinteiros, molheiros, lamparinas, etc.

CLASSE 22.^a

Vidraria

N.º 543. — Companhia da Fabrica de Vidros na Amora (Escriptorio em Lisboa, praça do Municipio, n.º 12; fabrica na Amora, ao sul do Tejo).

Garrafas ordinarias de varios formatos, em vidro verde ou preto, para vinhos, cervejas, gazosas, aguas mineraes, etc.

Foi inaugurada esta importante fabrica em 7 de agosto de 1889.

O capital social é de 100:000\$000 réis.

Os seus representantes no Porto são os srs. William & Geo Tait, rua do Infante D. Henrique, n.º 23.

N.º 544. — Consultorio de Engenharia Civil e Architectura (Lisboa, rua dos Capellistas, n.º 99, 2.º).

Trabalhos de pintura em vidro, no genero dos vitraes antigos e modernos.

Tres quadros grandes, a 40\$000 réis o metro quadrado.

Vinte quadros pequenos, de 4\$000 a 9\$000 réis.

Um escudo, 12\$000 réis.

Os jornaes dos homens que emprega oscillam de 400 a 800 réis e os das mulheres de 300 a 500 réis.

Usa de laminador para fazer os chumbos de ligação.

Não se póde ainda calcular o valor da sua producção, por ser uma industria nascente.

N.º 545. — Delfina Chasse Pereira (D.) (Porto, rua dos Lavadouros, n.º 33).

Dois quadros em vidro fiado; preço 70\$000 réis.

Teve o primeiro premio na exposição pedagogica do Palacio de Crystal em 1890.

N.º 546. — Empreza da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande (Séde em Lisboa, escriptorio no Porto, rua de Sá da Bandeira, n.ºs 19 e 21).

Copos de vidro, garrafas, calices, centros de mesa, frascos, compoteiras, serpentinas, castiças, candieiros, etc., etc.

CLASSE 23.^a

Artefactos ceramicos

N.º 547.—Antonio Almeida da Costa & C.^a

(Fabrica ceramica das Devezas, Villa Nova de Gaia).

Tubos, cruzetas, syphões e joelhos de grés, em diferentes dimensões.

Chaminés de barro com figuras.

Telhas, systema de Marselha.

Botijas.

Cantaros de grés

Caleiras de grés.

Estatuas.

Urnas e corôas funerarias.

Repuxos com taças e figuras.

Bustos de Herculano, Garrett, D. Pedro V, D. Luiz I, etc.

Cabeças de carneiro e de touro.

Figuras diversas.

Vasos em muitos tamanhos e feitios.

Azulejos com desenhos e cores variadissimas.

Garrafas para agua, lisas ou com flores em relevo.

Copos.

Aquarios.

Grupos de costumes nacionaes e composições diversas.

Jarrões.

Escarradeiras.

Estatuetas e bustos em *biscuit*, etc., etc.

Parte d'estes artigos acham-se na cor natural do barro (vermelho ou abrançado), outros são pintados, bronzeados, vidrados, etc.

N.º 548.— Benjamim Ventura (Nova fabrica de louça Vandelli, porque na mesma fabrica se estabeleceu no seculo passado o conhecido naturalista Dr. Vandelli. Coimbra, rocio de Santa Clara).

Diversas peças de louça commum.

Pratos pintados para paredes.

Pratos com figuras em barro fosco.

Estatuetas diversas.

N.º 549.— Carlos da Silva Mello Guimarães (Aveiro).

Louça.

Azulejos.

N.º 550.— Clementina Vieira da Costa Lima de Arnaud (D.) Successora de João da Rocha e Sousa Lima (Fabrica de louça de Massarelllos; Porto, rua da Restauração, n.º 294 e caes da Alfandega, n.º 56).

Productos ceramicos diversos.

Vasos de differentes tamanhos e preços.

Çanecas de diversas fórmãs.

Étagères.

Bilhas.

Garrafas.

Figuras e diversas peças para ornamentação.

Pratos para parede.

Bules.

Chaleiras.

Boiões.

Columnas.

Lavatorios de parede.

Medalhões.

Caixilhos para retratos.

Estatuetas.

Palmatorias e muitos outros objectos de uso caseiro.

Azulejos.

São estes objectos em barro : liso ou com relevo, nas cores naturaes ou fosco, vidrado, branco, pintado, etc.

A expositora presta a seguinte informação ácerca da sua fabrica :

«Esta fabrica foi premiada na primeira exposição de ceramica portugueza, no palacio de crystal portuense, em 26 de novembro de 1882, com o premio do go-

verno, pela excellente faiança de 2.^a classe, e com diploma de merito pelos bons azulejos lisos que expoz; e na exposição industrial portugueza em 19 de junho de 1887, foi premiada com o diploma de 1.^a classe.

«Alem dos objectos que expõe, fabrica louça commum de variados feitios, fórnas e pinturas, tanto em barro de faiança, pó de pedra, como barro vermelho, e por preços muito diminutos, como se vê do seu catalogo impresso. Alem d'aquelles e d'esta, satisfaz de prompto qualquer encomenda que lhe seja pedida, por modelos ou desenhos.

«Os mercados de consumo, alem d'esta cidade para a qual fornece principalmente grande quantidade de azulejos, tanto lisos como de relevo, são: a maior parte das cidades e villas do reino e tambem em pequena escala, as nossas ilhas dos Açores. Sente-se este anno diminuição no consumo, notando-se um abaixamento superior a 6:000\$000 réis, devido por certo ás circumstancias actuaes, por todos bem conhecidas.

«Emprega esta fabrica: para coar os barros, um philtrador mechanico; oito moinhos para moer não só o vidro, como as tintas, sendo todos movidos por um motor da força de dez cavallos; dois balancés para bater azulejos; rodas e formas movidas a braço.

«Às materias primas de que usa, são umas nacionaes, taes como os barros, cujas explorações pouco abundantes são desconhecidas na sua maior parte, outras são estrangeiras e principalmente inglezas, taes como as tintas, os esmaltes e o estanho que bem careciam de melhor protecção pautal.

«A produção annual attinge a 20:000\$000 réis, regulando o numero de operarios por 60, incluindo 20 rapazes. Os seus salarios variam entre 750 a 320 réis para os primeiros e de 160 a 100 réis para os segundos, notando-se um augmento nos jornaes, que não corresponde a melhora de habilitações.

«Sente-se o nosso operario da falta de ensino theorico, não porque o não tenha excellente, mas sim por desmazello proprio, porquanto, se nos objectos expostos se encontram defeitos devidos á falta d'esse ensino, seriam correctos se o tivessem; comtudo, e seja-me licito dizel-o, attendendo á falta d'elle e notando ali apenas a pratica rude, o operario merece elogio.

«Porém, devido a esta exposição e ao exame minucioso e comparativo feito pelos meus operarios na

sua visita a ella, obteve um resultado que ha muito desejava: «o pedido, que com interesse alguns d'elles me fizeram, para se matricularem na escola industrial».

«As commissões promotora e executiva da exposição industrial e á direcção do palacio de crystal portuense pertence em parte esse bom resultado, e a mim o agradecimento reconhecido, attestando mais uma vez o quanto são proficuas as exposições, não só por estimularem o artista e tornarem bem conhecidas as nossas industrias, como por patentearem ao paiz o seu adiantamento.»

N.º 551. — Eduardo Augusto Pinto Magalhães (Lisboa, fabrica de Alcantara).
Mosaicos.

Industria estabelecida em Portugal em 1874.

Possue doze prensas e fabrica por dia 5:000 ladrilhos.

Executa o seu trabalho nas cores e desenhos que o comprador pretenda.

O deposito no Porto é em casa dos srs. Street & C.^a, rua de Ferreira Borges, n.º 12.

Tem sido premiado em muitas exposições.

N.º 552. — Gouarmon & C.^a (Lisboa, escriptorio, travessa do Corpo Santo, n.º 21; fabrica, na rua das Fontainhas, n.º 14).

Ladrilhos em mosaico.

Valor da produção annual 16:000\$000 réis.

Occupa 20 homens e 8 mulheres, sendo os jornaes d'aquelles de 400 a 750 réis e os d'estas de 200 a 400 réis.

Emprega prensas hydraulicas e manuaes.

Mercados de consumo: Portugal, colonias portuguezas e Brazil.

Foi premiado com medalha de cobre nas exposições de Lisboa (1888) e de Paris (1889).

N.º 553. — Guimarães Maia & C.^a (Barcellos).

Louças de barro:

Talhas para agua, em barro vermelho, de 700 a 2\$000 réis.

Talhas em barro branco, a 1\$000 réis.

Balões para agua, a 700 réis.

- Jarrões para agua, a 800 réis.
- Bilhas para agua ou vinho, a 600 réis.
- Bilhas, feitiço inglez, a 240 réis.
- Moringas brancas, a 180 e 220 réis.
- Pipos para pós, a 60 réis.
- Moringas pequenas, a 70 réis.
- Pipos para filtro, a 500 réis.

Occupa 8 homens n'este fabrico, oscillando os seus jornaes de 280 a 700 réis.

Foi premiado com medalha de oiro na exposição de Barcellos (1888).

Agente no Porto, Germano Courrège Junior, rua de Santo Antonio, n.º 52.

N.º 554.—João Amaro (Viso, Figueira da Foz).

- Tubos de barro, de 0^m,03 de diametro, a 60 réis.
 - Tubos de barro, de 0^m,05 de diametro, a 100 réis.
 - Tubos de barro, de 0^m,08 de diametro, a 160 réis.
 - Tubos de barro, de 0^m,08 de diametro, a 220 réis.
 - Curva de barro, de 0^m,08 de diametro, a 120 réis.
 - Telhão, de 0^m,15 de diametro, a 100 réis.
 - Pinha para ornato de platibanda, a 15000 réis.
 - Florão para ornato de pilastras de platibanda, a 200 réis.
 - Forquilha de 0^m,05 de diametro, a 160 réis.
 - Placas para revestimento de paredes salgadas, a fim de evitar os effeitos do salitrimento, a 30 réis.
- Estes preços são no local da producção.

Occupa 4 operarios com os salarios de 300 a 400 réis.

Tambem emprega mulheres e creanças, mas não permanentemente.

A maior parte da argilla é extrahida na quinta em que se acha a fabrica.

O valor da producção annual regula por 1:200,5000 réis.

Foi premiado na exposição de ceramica do Porto em 1882, e na de Coimbra em 1884.

N.º 555.—Joaquim Antonio Machado & C.ª

(Porto, rua do Principe, n.º 77).

Mosaicos.

N.º 556.— José Pereira Valente (Villa Nova de Gaia, rua de D. Leonor).

Vasos.

Pedestaes ou columnas para vasos.

Figuras.

Jarrões.

Louça commum.

Azulejos em relevo e lisos.

Balaustres.

N.º 557.— Museu Colonial (Lisboa).

Productos da olaria indigena, como: telha, tijolos, barros, manilhas, moringues, potes, pratos, garrafas, cabaças, tijellas, panellas com tampas de madeira ornamentada, etc., do Congo, Loanda e India.

Uma collecção de cachimbos de barro, do Congo, Angola e India.

N.º 558.— Real Fabrica da Vista Alegre (Aveiro, Vista Alegre. Deposito em Lisboa, rua Garrett, n.ºs 144 e 146.)

Louças de porcellana.

Serviços de mesa, compostos de 99 peças, a saber:

1 terrina.

1 prato para a dita.

1 terrina pequena.

1 prato para a dita.

2 pratos cobertos.

1 salladeira.

1 molheira.

1 conserveira.

1 mostardeira.

Travessas n.ºs 2, 3, 4, 5 e 2 do n.º 6.

36 pratos chatos.

12 pratos covos.

12 meios pratos.

12 pratinhos.

Preços desde 13\$500 a 40\$000 réis.

Serviços de chá, compostos de 19 peças, a saber:

1 bule.

1 assucareiro.

1 manteigueira.

1 leiteira.

1 tigella.

2 pratos para fatias.

12 chavenas e pires.

Preços desde 3,5000 a 22,5000 réis.

Serviços de lavatorio, compostos de 5 peças, a saber :

1 jarro.

1 bacia.

1 caixa para sabão.

1 caixa para escovas.

1 bacia de cama.

Preços desde 3,5000 a 18,5000 réis.

Os consumidores têm a vantagem de poder substituir qualquer peça que se lhes quebre e assim conservarão sempre os serviços completos.

Esta fabrica foi fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto.

Tem sido premiada em todas as exposições a que tem concorrido.

N.º 559.— Real Fabrica de Louça de Sacavem (Deposito geral, Lisboa, rua da Prata, n.ºs 126 a 132).

Serviços de louça para mesa.

Serviços de louça para chá.

Serviços de louça para lavatorio.

Bidets de louça.

Siphões para retrete.

Bacias para fixar á parede.

Muitas peças de louça avulsa, taes como : pratos, chavenas, terrinas, bacias, travessas, azeitoneiras, saladeiras, mostardeiras, saleiros, cangirões, bulles, assucareiros, manteigueiras, leiteiras, fructeiras, urinoes, canecas, caixas para sabão, molheiras, etc.

N.º 560.— Viuva Soares Rego (Villa Nova de Gaia, rua do General Torres).

Louça de pó de pedra.

Vasos de diferentes tamanhos e feitios.

Potes para boticas, de diversos tamanhos.

Terrinas.

Serviços completos de lavatorio, brancos e pretos.

Pratos cobertos.

Travessas.

Canecas de varios feitios.

Centros de mesa, pretos.

- Jarras para flores.
Bules pretos, de diversos tamanhos.
Cafeteiras pretas.
Talheres pretos.
Escarradeiras pretas e diversas.
Assucareiros pretos de diversos tamanhos.
Manteigueiras pretas.
Chicaras e pires pretos.
Tinteiros.
Bules brancos pintados.
Tigellas brancas pintadas.
Pratos brancos pintados.
Assucareiros brancos pintados.
Tijellas brancas e esponjadas.
Fôrmas para doce.
Bules brancos esponjados.
Canecas brancas esponjadas.
Potes para doce.
Bules amarellados.
Cozinheiras amelladas
Sopeiras diversas.
Occupa na sua fabrica 20 homens, ganhando de 160
a 320 réis diarios.
Emprega um motor de agua.
Foi premiada com menção honrosa na exposição de
ceramica no Porto.

CLASSE 24.^a

Bellas-artes. Provas photographicas

N.º 561.— Adalberto da Costa Moraes (Lamego).

Dois quadros á penna.

O preço do quadro n.º 1 é de 13\$000 réis e o do n.º 2 de 8\$000 réis.

N.º 562.— Adriano da Silva e Sousa (Coimbra).

Photographia, ampliando em tamanho natural, um retrato do sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, decano dos jornalistas portuguezes.

N.º 563.— Adolpho Nunes (Pintor historico do grupo do *Salon* no Palacio de Crystal).

Pinturas a oleo:

Marinha, «Margem do Tejo». Preço 10\$000 réis.

«Quinta de Fernando Palha no Dáfundo». Preço 13\$500 réis.

«Rio Jamôr, Linda a Pastora». Preço 15\$000 réis.

Foi premiado com medalha de oiro no *Salon* do Palacio de Crystal, em 1887.

N.º 564.— Alberto Nunes (Pintor historico do grupo do *Salon* no Palacio de Crystal. Porto, rua do Almada, n.º 610).

Retrato a oleo, de uma creança.

Foi premiado com medalha de prata (1.º premio), no *Salon* de 1890.

N.º 565. — Antonio Alexandrino (Porto, rua de Oliveira Monteiro, n.º 257).

Quadro a pastel: *Onde estão as libras?*

Preço 22\$500 réis.

Quadro a oleo: *Cozinha de lareira.*

Preço 18\$000 réis.

Quadro a oleo: *Fragmento do porto de Leixões.*

Preço 15\$000 réis.

Quadro a oleo: *No rio Douro — o Tritão.*

Preço 18\$000 réis.

Quadro a oleo: *Na quinta do Priorado de Cedofeita.*

Preço 18\$000 réis.

Quadro a oleo: *No campo.*

Preço 13\$500 réis.

Quadro a oleo: *Copo.*

Preço 13\$500 réis.

N.º 566. — Antonio de Almeida Estrella (Porto, rua do Bomjardim, n.º 85).

Oratorio de madeira preta, com ornatos. Preço, réis 30\$000.

Nossa Senhora da Conceição, em tamanho natural.

Preço 350\$000 réis.

Menino Jesus, n'um berço de talha doirada. Preço

60\$000 réis.

Senhor dos Passos, em uma urna de pau preto. Preço

50\$000 réis.

Nossa Senhora de Lourdes, com a gruta. Preço, réis

40\$000, com a redoma.

Santo Antonio. Preço 30\$000 réis com a redoma.

S. João. Preço 30\$000 réis com a redoma.

Archanjo S. Miguel. Preço 35\$000 réis.

S. José. Preço 30\$000 réis.

S. Sebastião. Preço 30\$000 réis com a redoma.

Todas estas imagens são em madeira, e as corôas assim como todos os aprestes são de prata.

Occupa na sua officina 20 homens e 3 menores, ganhando aquelles de 400 a 1\$200 réis diarios e estes de 100 a 200 réis.

Foi premiado com menção honrosa na exposição do Porto, em 1887.

N.º 567. — Antonio Pereira de Abreu (Porto, rua da Fabrica, n.ºs 47 a 49).

Sanctuario de pau preto com imagem n'uma cruz da

mesma madeira. Tem engastes e resplendor de prata, e duas jarras de pau preto com cyprestes. Preço 350\$000 réis.

Imagem de S. João, em pau de buxo. Preço 10\$000 réis.

O expositor executa imagens de todas as dimensões, sanctuarios, banquetas, peanhas, Christos de marfim, e todos os outros trabalhos concernentes a escultura.

Emprega na sua officina 13 homens, com jornaes variaveis desde 200 a 1\$000 réis.

A sua producção annual regula de 5:000\$000 réis a 6:000\$000 réis.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 568.— Arnaldo Nunes (Desenhador-retratista do grupo do *Salon* do Palacio de Crystal, Porto, rua do Almada, n.º 610).

Um retrato de homem, a crayon, de tamanho natural, copia de photographia.

Um retrato de senhora, a crayon, tamanho natural, copia de photographia.

N.º 569.— Carlos Ribeiro (Villa Nova da Cerveira).

Retrato de senhora, a crayon.

N.º 570.— Celestino José de Queiroz (Porto, rua do Sol, n.ºs 130 a 138).

Uma imagem de Christo no esquife, em tamanho natural, esculpida em madeira. Preço 150\$000 réis.

Uma imagem do Coração de Jesus, de 1 metro de altura, esculpida em madeira. Preço 60\$000 réis.

O expositor forneceu-nos os seguintes esclarecimentos a seu respeito e ácerca da industria que exerce:

«Desejava poder dispor de mais recursos de intelligencia e de tempo para fazer a historia da escultura religiosa desde os meus dias até á data presente; porém, não me sendo possivel, e talvez porque me alongue demasiadamente para a fórma de um catalogo, occupar-me-hei ligeiramente de mim e dos meus collegas, e, visto que elle servirá de base para observação dos progressos e dos males que affligem

algumas industrias, indicarei dois, que muito prejudicam a esculptura religiosa, para o primeiro dos quaes chamo a attenção do governo e para o segundo a dos meus collegas.

«A minha officina de esculptura foi fundada em 1881, e, desde essa data, reformei na sua parte artistica interna, em trabalhos de esculptura e ornato, os templos da Victoria e S. João Novo e uma parte de os dos Clerigos e Congregados. Fóra da cidade, o de Perosinho (Ramalde) e o seminario de sua eminencia o cardeal sr. D. Americo, nos Carvalhos, em trabalhos de ornato, e o templo da Marinha Grande, em esculptura e ornato.

«Segue a lista da maior parte dos meus restantes trabalhos em esculptura de imagens, desde a fundação da minha officina, os quaes têm sido expostos em differentes vitrines, casas de modas, templos e officinas, tendo o publico por jury:

Maiores que o natural

- 1 Imagem do Coração de Jesus, de 3 metros de altura, para Mondim de Basto.
- 1 Imagem do Coração de Jesus, para o mosteiro de Tarouca.
- 1 Dita, para Penascoso (Abrantes).

De tamanho natural

- 1 Imagem de Christo crucificado, para os Açores.
- 1 Dita, para Sanfins.
- 1 Imagem de Christo morto, na cruz, para Valdigem (Lamego).
- 1 Imagem de Christo morto, no esquife, para a igreja da Victoria (Porto).
- 1 Dita, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 2 Imagens do Coração de Jesus, para Villa Pouca de Tarouca.
- 1 Dita, para S. Paio de Olleiros (Villa da Feira).
- 1 Dita, para S. Martinho de Anta (Villa da Feira).
- 1 Dita, para Candoso (Villa Flor).
- 1 Dita, para Minhocal (Celorico da Beira).
- 1 Dita, para Gandra (Paredes).
- 1 Imagem do Senhor dos Passos, para a Marinha Grande.

- 1 Imagem da Virgem das Dores, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 1 Dita, para a igreja da Victoria (Porto).
- 1 Imagem da Senhora da Conceição, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 1 Imagem da Senhora da Piedade, para Torres Novas.
- 1 Imagem da Senhora do Rosario, para Castello Rodrigo.
- 1 Imagem da Senhora do Carmo, para a igreja do Carmo (Porto).
- 1 Imagem da Virgem da Soledade, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 1 Dita, para a igreja dos Congregados (Porto).
- 1 Imagem da Senhora de Lourdes, para Lisboa.
- 1 Imagem da Senhora da Boa Morte, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 1 Imagem do Coração de Maria, para Celorico de Basto.
- 1 Imagem da Senhora da Saude, para S. Paio de Olleiros (Villa da Feira).
- 1 Imagem de S. José, para o asylo da mendicidade (Porto).
- 1 Dita (estylo antigo), para a igreja da Victoria (Porto).
- 1 Imagem de S. Francisco de Paula, para S. Paulo (Brazil).
- 1 Imagem do Anjo S. Miguel, para Estarreja.
- 3 Passos de Santa Quiteria, para Felgueiras.
- 3 Imagens: Jesus, Maria e José, para o asylo da mendicidade (Porto).

De mais que 1 metro mas menores que o natural

- 1 Imagem de Christo crucificado, para a Covilhã.
- 1 Imagem da Senhora da Conceição, para Fervença (Celorico de Basto).
- 1 Dita, para Lavra (Bouças).
- 1 Imagem da Senhora do Carmo, para a capella do cemiterio da ordem do Carmo (Porto).
- 1 Imagem da Senhora das Afflicções, para Arnelas.
- 1 Imagem da Virgem das Dores, para a Marinha Grande.
- 1 Imagem da Senhora de Lourdes, para Grijó.

- 1 Imagem da Senhora do Guadalupe, para Abrantes.
- 1 Imagem de Sant'Anna, para a Covilhã.
- 1 Imagem de Santa Luzia, para Arnellas.
- 1 Imagem de Santa Cecilia, para a igreja da Victoria (Porto).
- 1 Imagem de Santo Antonio de Padua, para Gervide.
- 1 Dita, para Abrantes.
- 1 Imagem de S. Benedicto, para S. Paulo (Brazil).
- 1 Imagem de S. Bento, para a capella do Senhor de Alem (Villa Nova de Gaia).
- 2 Imagens: S. Francisco e Santa Clara, para Sanguêdo.
- 1 Imagem de S. Vicente, para Arnellas.
- 1 Presepe de Jesus na adoração dos tres reis: grupo de dez figuras e um grupo de vinte anjos, para a igreja do Carmo (Porto).

De 1 metro

- 2 Imagens do Coração de Jesus, para Bragança.
- 2 Ditas, para o Fundão.
- 8 Ditas, para a Covilhã.
- 2 Ditas, para Linhares (Celorico da Beira).
- 4 Ditas, para a Guarda.
- 1 Imagem de S. José, para a Marinha Grande.

«Alem d'estes que acabo de citar, tenho executado muitos outros trabalhos de ornato, como imitação de moveis antigos, de diversos estylos e fórmãs, alguns dos quaes tenho exportado para Inglaterra, de onde indirectamente me têm sido encommendados.

«É esta a primeira exposição de concurso em que me faço representar, e n'ella como em todas as que acima indico, exponho trabalhos de origem *exclusivamente minha*, com o auxilio de discipulos que tenho creado para esse fim e sem elemento algum estranho.

«São humildes os trabalhos que ora apresentei, mas relevaveis, se se tiver em vista que não pude, pela exiguidade do tempo, preparar-me para esse fim, e que elles são os que executava ao receber o convite que pela commissão promotora me foi dirigido.

«Representa um: *Christo no esquife*, de tamanho natural, no acto de ser retirado da cruz, composto e collocado ali, antes de lavado e unguido, por José de

Animathéa e Nicodemus; destina-se a uma capella particular d'esta cidade; o outro : *Christo fallando na sua apparição a Margarida Alacoque*, dizendo-lhe : «Revella aos homens que o meu coração está ardendo em fogo por elles, e vós, em troca do meu, dae-me o vosso coração»; destina-se á cidade da Guarda.

«Tacs são os assumptos das duas esculpturas religiosas, que humildemente apresentei, querendo acceder ao convite da dignissima commissão promotora da exposição industrial portugueza, e ás instancias do sr. Francisco Arthur de Brito, encarregado do expediente da exposição. Ao interesse d'este senhor, que eu não conhecia e que me não conhecia mais que pelos meus trabalhos, devo o meu concurso humilde a tão brilhante certamen.

«Deveras lamentavel é, porém, não terem concorrido com as suas esculpturas, os nossos primeiros artistas, com o que todos muito lucrariam. Eu, pela minha parte, sinto com mágua essa quasi desistencia absoluta, que tirou, sem duvida, o animo e o attractivo a esta secção.

«Tratando dos interesses da classe, direi que, secundando o protesto do sr. Lapa, acho justissimo que se faça ver ao governo quanto nos prejudica a introdução de productos de esculptura religiosa fabricados de diversas materias, que, feitos por processos rapidos e quiçá mechanicos, entram no nosso mercado como quinquilherias, graças ao favor das pautas, não podendo por isso nós competir, em preço, com esse fabrico, mais industrial que artistico.

«Appello tambem para os meus collegas que, junto ás officinas, têm installações de negocio de imagens, na maxima parte feitas por amadores aldeãos, para que dêem a preferencia aos nossos artistas, creados na theoria das academias e na pratica das officinas, e para que não dêem protecção e animo a estranhos que, aos cardumes, invadem semanalmente as barreiras do Porto com esculpturas pequenas, de merecimento nullo, desfalcando assim as nove officinas que actualmente funcionam na cidade, e os vinte-officiaes que ahi procuram diariamente ganhar o seu sustento.

«É raro procurar-se ou encommendar-se nas nossas officinas uma d'essas pequenas esculpturas, porque existem, mais baratas, nos depositos, essas de procedencia duvidosa a que me refiro.

«O pouco conhecimento dos consumidores do genero e o maior interesse que estes trabalhos dão, são a causa da sua preferencia.

«Agora que parece querer conduzir-se a arte a uma phase de prosperidade e engrandecimento, bom seria que todos nós, esculptores, de commum accordo, preferissemos aquelles os trabalhos dos nossos discipulos.

«Poderei laborar em erro, mas julgo serem estas as causas que mais affectam os interesses da nossa classe.

«Creio que estas minhas opiniões de solidariedade concorrerão para o nosso bem geral.

«Esforcemo-nos todos, mutuamente, por banir esses momos importados de paizes estrangeiros e os de curiosos aldeãos sem escola, a que alludo, que nos prejudicam, e acreditaremos e engrandeceremos a nossa arte, conquistada a custo de enormes sacrificios.

«Aqui deixo estas ligeiras notas em que procurei, não defender singularmente os meus interesses, mas concorrer para fomentar os interesses e o nome da classe da esculptura religiosa no nosso paiz.»

N.º 571.—Diogo José Coimbra Sampaio (Porto, rua do Poço das Patas).

Pinturas em esculpturas de madeira.

Pintou as esculpturas expostas pelo sr. José Soares de Oliveira e a de *Christo no esquiife*, do sr. Celestino José de Queiroz.

N.º 572.—Eduardo Moura (Pintor historico, do grupo do *Salon* do Palacio de Crystal. Porto, rua de Gonçalo Christovão).

Um quadro a oleo, original, representando uma scena domestica : *A lição*.

Este quadro é destinado a brindar por sorte as pessoas que subscreverem com qualquer quantia para a sustentação do expositor, em Paris, durante dois annos que destina ao estudo da pintura historica.

Obteve distincção nos cursos de desenho e pintura, quando alumno da academia de bellas artes, e o premio pecuniario n'um concurso de desenho historico.

N.º 573.— **Elvira Guimarães (D.)** (Porto, praça de Carlos Alberto, n.º 15).

Desenhos a crayon. Preço 4\$000 réis cada um.

N.º 574.— **Emilia Brilhante (D.)** (Porto, rua da Arca d'Agua, n.º 27).

Desenho a crayon de um algodoeiro.

N.º 575.— **Emilio Biel & C.^a** (Porto, palacio do Bolhão, rua Formosa, n.º 342).

Photographias:

Vista do Porto e da serra do Pilar.

Vista do rio Douro. «Barco rebello conduzindo pipas».

Grupos.

Ampliações em tamanho natural.

Retratos.

Retratos e grupos tirados com luz electrica.

Retratos e grupos coloridos sobre porcelana.

Phototypias:

Vista geral do convento dos Jeronymos.

Porta principal do dito convento.

Tumulo de Alexandre Herculano, no dito convento.

Costumes populares portuguezes.

Preços dos seus trabalhos photographicos:

Cartões de visita:

Duzia..... 3\$500

Meia duzia..... 2\$000

Tres..... 1\$500

Uma copia..... 1\$000

Repetições de cartões de visita:

Duzia..... 2\$500

Meia duzia..... 1\$500

Gabinete:

Duzia..... 6\$000

Meia duzia..... 3\$500

Tres..... 2\$000

Uma copia..... 1\$500

Repetições de gabinete:

Duzia..... 5\$000

Meia duzia..... 3\$000

Promenade:

Duzia..... 8\$000

Meia duzia..... 4\$500

Tres.....	3\$000
Uma copia.....	3\$000
<i>Repetições de promenade:</i>	
Duzia.....	5\$000
Meia duzia.....	3\$500
<i>Boudoir:</i>	
Duzia.....	9\$000
Meia duzia.....	5\$000
Tres.....	3\$500
Uma copia.....	3\$500
<i>Repetições de boudoir:</i>	
Duzia.....	6\$000
Meia duzia.....	4\$000
<i>Salon:</i>	
Duzia.....	12\$000
Meia duzia.....	8\$000
Tres.....	6\$000
Uma copia.....	4\$000
<i>Repetições de salon:</i>	
Duzia.....	9\$000
Uma copia.....	1\$000
<i>Imperial:</i>	
Uma copia.....	5\$000
Tres copias.....	9\$000
Seis copias.....	12\$000
Duzia.....	18\$000
<i>Painel directo:</i>	
Um.....	6\$000
Uma copia.....	2\$000

Preços para as photographias de ampliações por processos inalteraveis:

Em tamanho natural, busto $0^m,43 \times 0^m,58$	18\$000
Em meio tamanho natural, busto $0^m,33 \times 0^m,47$	10\$000
Em quarto de tamanho natural, busto $0^m,22 \times 0^m,28$	6\$000
Em $0^m,30 \times 0^m,40$	7\$000
Tamanho natural $0^m,52 \times 0^m,71$	27\$000
Tamanho natural (meio corpo de inteiro) $0^m,72 \times 1^m,10$	45\$000
Tamanho natural, grupos até cinco pessoas $0^m,52 \times 0^m,71$	30\$000

Tamanho natural, grupos até cinco pessoas $0^m,72 \times 1^m,10$	54\$000
Por cada pessoa alem das cinco.....	4\$500

Ampliações de retratos antigos, mais 25 por cento que os preços precedentes.

Preços das phototypias, por milheiro, impressas a tinta preta sobre cartolina:

De $0^m,09$ a $0^m,12$	15\$000
De $0^m,13 \times 0^m,18$	20\$000
De $0^m,18 \times 0^m,24$	25\$000
De $0^m,24 \times 0^m,30$	30\$000
De $0^m,30 \times 0^m,40$	50\$000

As phototypias impressas em papel *mat* envernizado, para colar, custam o mesmo preço.

Este estabelecimento tem uma grande e variada collecção de vistas e costumes de todo o paiz e encarega-se de qualquer trabalho fóra de casa.

Foi premiado nas exposições do Porto em 1858 e 1867, na de Philadelphia em 1876, na de Paris em 1878, na do Rio de Janeiro em 1879, na de Vienna de Austria em 1888 e na de Berlim em 1888.

N.º 576.—Ennio José Machado (Porto, rua do Rosario, n.º 21, 3.º)

Quadro a aguarella representando as ruinas do Forum de Nerva, em Roma.

N.º 577.—Ernesto Meirelles (Foz do Douro, rua Central).

5 paizagens a oleo, sendo 3 grandes e 2 pequenas, as primeiras a 30\$000 réis cada uma, e as ultimas a 10\$000 réis.

N.º 578.—Fanny Munró (D.) (Lisboa, rua do Jardim do Regedor, n.º 31).

Pintura a oleo, *Forte de S. Bruno*, $1^m,06 \times 0^m,74$, preço, 90\$000 réis.

Pintura a oleo, *Rio Jamor*, $0^m,67 \times 0^m,49$, preço, 70\$000 réis.

Pintura a oleo, *Flores*, $0^m,85 \times 0^m,41$, preço, 25\$000 réis.

N.º 579.—João Avelino Manuel dos Reis (Porto, rua das Oliveiras, n.º 20).

Pintou e encarnou a imagem do *Coração de Jesus*, exposta pelo esculptor Celestino José de Queiroz.

N.º 580.—João de Affonseca Lapa (Villa Nova de Gaia, rua Direita, n.º 240).

Dois quadros com quinze provas photographicas de esculpturas religiosas originaes, esculpidas pelo expositor.

Este declara:

«Esta arte está luctando com a concorrência d'esses trabalhos de *carton pierre* e outras massas, imitando madeira, pedra e marfim, enviadas do estrangeiro, e muitas das quaes são introduzidas no reino entre as quinquilherias, concorrência esta que muito a prejudica, pois que, sendo formados e não esculpidos, se obtêm por um preço incomparavelmente menor.»

N.º 581.—João Rodrigues Vieira (Coimbra, rua da Mathematica, n.º 6).

Pinturas a oleo, sendo:

Um quadro intitulado: «Varanda mourisca», medindo 1^m,9 de alto por 1^m,2 de largo; vende-se por 120\$000 réis, incluindo a moldura.

Um quadro intitulado «Cesto caído», medindo 90 centímetros de alto por 80 de largo; vende-se por 90\$000 réis, incluindo a moldura.

Um quadro decorativo, medindo 9 centímetros de alto por 2^m,40 de largo; vende-se por 90\$000 réis.

Um dito intitulado: «Quinta de Santa Cruz de Coimbra», medindo 0^m,85 de alto por 0^m,75. Vende-se por 45\$000 réis.

N.º 582.—Joaquim do Lago Pinto (Porto, rua do Moinho de Vento, n.º 46).

Um quadro a crayon, representando uma copia do «Desterrado», do fallecido esculptor Soares dos Reis.

Um dito, retrato do sr. Joaquim da Costa Carregal.

Um dito, retrato do sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento.

Executa retratos a crayon, em formato menor que

o natural, de 3\$000 a 13\$500 réis; de tamanho natural, de 9\$000 a 27\$000 réis

Foi premiado com diploma de 2.^a classe na exposição do Porto (1887).

N.º 583.—Joaquim Marinho (Desenhador-retratasta do grupo do *Salon* no Palacio de Crystal. Porto, rua da Torrinha, n.º 127.)

Pintura a oleo, *Caça morta*, preço, 22\$000 réis.

Desenho a pastel, *Cabeça de negro*, preço 22\$500 réis.

Suas Magestades o sr. D. Fernando e D. Luiz I compraram-lhe pinturas nas exposições de 1884 e 1887.

Foi premiado com medalha de oiro, conferida pela imprensa periodica do Porto, no *Salon* em 1889; com medalha de prata, do *Salon* (1.º premio) em 1890; 1.º premio em pintura na exposição de Guimarães (1890) e com diploma na exposição no Porto em 1887.

N.º 584.—Joaquina Maria Pinto Tavares de Magalhães (D.) (Porto, rua do Rosario, n.º 21, 1.º)
Dois desenhos a crayon.

N.º 585.—José Augusto de Almeida (Porto, rua de S. João, n.ºs 110 a 112).

Retrato de Raphael Bordallo Pinheiro.

O convento da Batalha.

O convento dos Jeronymos.

A torre de Belem.

Todos estes quadros são a esfuminho e crayon.

N.º 586.—José Caetano de Lima Mattos (Amarante).

Um retrato a oleo.

Um quadro a oleo «Pecegos». Preço 13\$500 réis.

Um dito a oleo «Melancia». Preço 13\$500 réis.

Um dito a oleo «Maçãs». Preço 10\$000 réis.

Um dito a oleo «Uma lebre». Preço 22\$500 réis.

Um dito a oleo «Uma perdiz». Preço 10\$000 réis.

N.º 587.—José de Carvalho (Photographia Central, Porto, rua do Sá da Bandeira, n.º 181, 1.º)

Provas photographicas.

A sua tabella de preços, é a seguinte, por duzia :

- Visita, 3,500 réis.
 Victoria, 3,550 réis.
 Album, 4,500 réis.
 Promenade, 5,500 réis.
 Boudoir, 8,500 réis.
 Salon, 10,500 réis.
 Exposição, 13,500 réis.

Executa: ampliações directas ou reproducções, miniaturas e todos os demais trabalhos concernentes á sua arte.

É a primeira exposição a que concorre.

N.º 588.— José Soares de Oliveira (Porto, rua de Santo Ildefonso, n.ºs 1-B, 1-C).

Esculptura representando a appareição de Christo á beata Margarida Maria Alacoque.

Encarrega-se de todas as imagens em qualquer tamanho, altares, santuarios, tocheiros, castiçaes, jarras e sacras, estantes para missaes, vasos para sacarios, bem como figuras allegoricas, tudo pertencente ás ditas artes.

Tambem se encarrega de pinturas e pratas para imagens.

Encontra-se no seu estabelecimento um variado sortimento de imagens.

N.º 589.— Josepha Garcia Greno (Lisboa, travessa de S. Mamede, n.º 38, 1.º, ao Rato).

Pinturas a oleo.

Designação dos quadros:

N.º 1. «Amores perfeitos», medindo 0^m,61 × 0^m,50; preço 80,500 réis.

N.º 2. «Rosas e lilazes», medindo 1^m,0 × 0^m,60; preço 90,500 réis.

N.º 3. «Malvaiscos», medindo 0^m,60 × 1^m,00; preço 90,500 réis.

N.º 4. «Rosas e papoulas», medindo 0^m,44 × 0^m,52; preço 75,500 réis.

N.º 5. «Uvas e camarões», medindo 0^m,52 × 0^m,40; preço 45,500 réis.

N.º 6. «Pensamentos sagrados», medindo 0^m,40 × 0^m,52; preço 70,500 réis.

Foi premiada com medalhas nas exposições de 1884, 1887 e 1888.

N.º 590. — Leopoldo Cyrne & C.^a (Photographia Moderna; Porto, rua da Picaria, n.º 1).

Provas photographicas sobre porcelana, em diferentes formatos.

N.º 591. — Manuel Ferreira Apolonia (Aguas Santas, Maia, Logar da Granja).

Uma cruz com um Christo e peanha, e dois mausoléus, tudo de pedra marmore. Preço 70\$000 réis.

Um pecego em marmore. Preço 1\$000 réis.

Um tamanco em marmore. Preço 1\$500 réis.

N.º 592. — Manuel Joaquim Correia da Gama (Porto, rua de Traz da Sé, n.º 23).

Quatro ferros, tendo gravadas as armas reaes portuguezas.

Dois ferros, tendo gravadas as armas da republica brazileira.

Vinhetas gravadas em metal amarello.

Vinte e tres diversos cunhos em aço.

Ferros de argola de mola (preço 9\$000 réis).

Vinte e cinco reproducções em cartão.

Cinco provas a tinta.

N.º 593. — Manuel José dos Santos (Porto, rua das Taipas, n.º 48).

Uma estatueta de barro representando a *Esperança*.

N.º 594. — Manuel Pinto Pereira (Porto, rua dos Martyres da Liberdade, n.º 79).

Tres aguarellas.

N.º 595. — Maria Casimira Pinto da Silva Oliveira e Abreu (D.)

Uma aguarella representando *rosas*.

N.º 596. — Maria da Penha da Silva Cunha Magalhães (D.) (Porto, rua do Rosario, n.º 294).

Desenhos a crayon.

N.º 597.—Marianno Trucco (Desenhador-retrata-
tista do grupo do *Salon* no Palacio de Crystal).

Um quadro ampliado a crayon, copia de E. Bayard,
representando um «duello feminino». Preço 100\$000
réis.

Foi distincto em anatomia artistica, quando alu-
mno da academia de bellas artes.

Premiado com medalha de prata no *Salon* em 1889
(primeiro premio), primeiro premio na exposiçãõ de
Guimarães (1890), medalha de oiro no *Salon* em 1890
(primeiro premio) conferida pela imprensa periodica.

N.º 598.—Museu Colonial (Lisboa).

Pontas de marfim trabalhadas em alto relevo por um
cabinda chamado Miguel Buange.

Um copo de marfim em relevõ, India.

Bandejas, chavenas e pires em cobre esmaltado de
azul, Macau.

Raizes trabalhadas, India (Goa).

Uma collecção de esculpturas (ídolos) em madeira,
marfim, etc., da Guiné, Angola, Moçambique e In-
dia.

Quadros a oleo, representando a vista geral de Ma-
cau, hospital S. Januario, quartel, palacio do go-
verno e a marinha indigena, Macau.

Quadros pintados em vidro, Macau.

Uma importante collecção de photographias de S.
Thomé, Angola, Congo, etc.

N.º 599.—Olinda Rosa Alves Coelho (D.) (Por-
to, rua do Costa Cabral, n.º 60).

Retrato de homem.

Cigana.

A desterrada.

Canto do rouxinol.

Todos estes desenhos são a crayon,

N.º 600.—Pedro Maria da Fonseca (Porto, rua
Formosa n.º 359).

Duas aguarellas.

N.º 601.—Photographia União (Fonseca & C.^ª;
Porto, praça de Santa Thereza).

Retratos photographicos.

Foi este estabelecimento fundado em 1872.

Opera-se n'elle com todo o tempo e fazem-se retratos nos seguintes formatos: *visite*, album, *promenade*, *boudoir*, *salon*, *annel*, *exposição*, *table*, e ampliações até ao tamanho natural.

O socio gerente d'esta casa, sr. Miguel Fernandes Ferrer, recebeu pelos seus trabalhos os habitos de Christo, S. Thiago, e Izabel a Catholica.

Tem esta photographia o titulo de real, desde 1876, em que foi visitada pela familia real. Os seus proprietarios são socios da sociedade franceza de photographia desde 1876, e da scientifica europêa desde 1891.

Tem obtido as seguintes distincções: menção honrosa, pela academia nacional de Paris (1878); medalhas de bronze, na exposição de Philadelphia (1876) e Rio de Janeiro (1879); medalhas de prata, nas exposições de Madrid (1884), de Antuerpia (1885) e Porto (1886); diploma de 1.^a classe, na exposição de Cadiz (1880); e finalmente, medalhas de oiro, nas exposições do Porto (1882 e 1886), na da sociedade nacional de sciencias e artes de França (1886), na de Barcellona (1888) e na de Bruxellas (1891).

N.º 602. — Severiano João de Abreu (Lisboa, calçada do Combro, n.ºs 88 a 92).

Uma corôa de pedra-marmore nacional com almofada e peanha da mesma pedra.

N.º 603. — Sophia da Silva Oliveira e Abreu (D.) (Porto).

Um desenho.

N.º 604. — Zeferino José Pinto & Filho (Entalhador da casa real; Porto, rua do Commercio do Porto, n.ºs 99 a 103).

Dois pedestaes de madeira de castanho guarnecidos de ornatos no estylo da renascença, tendo em cada angulo figuras decorativas.

Credencia de madeira de castanho, guarnecida de ornatos no estylo da renascença, dourados a oiro fino brunido e fosco.

Um grande caixilho tendo quatro guarnições de pau de castanho, ornamentadas no estylo da renascença, para as galerias de um salão nobre.

Uma cruz de pau preto, com pé triangular.

Occupa na sua officina 12 homens cujos jornaes oscillam entre 500 e 1\$000 réis.

Foi premiado com medalha de bronze e menção honrosa na exposição portugueza de 1857, com medalha de prata na de 1861, de bronze na de 1863, menção honrosa na de 1865, diploma de 1.^a classe na de 1887, medalha de prata e menção honrosa na de Paris em 1868, diploma de merito na de Vienna de Austria em 1873, medalha de prata e menção honrosa na de Paris em 1878 e medalha de honra na do Rio de Janeiro em 1879.

INDICE ALPHABETICO

DOS

EXPOSITORES

Nomes	Pagina	Numero
A. Cupertino Castello Branco.....	60	32
A. de La Roque	143	216
A. J. de Brito e Cunha.....	100	153
A. P. Silva de Araujo.....	214	347
A. Queiroz & Urrêa.....	169	267
Abel Simões de Mattos.....	240	394
Abrahão Kimpel.....	287	499
Adalberto da Costa Moraes.....	332	561
Adão de Almeida Pinto Ribeiro.....	240	395
Adelino Pinto.....	73	81
Adolpho Nunes.....	332	563
Adriano Candido Moreira.....	102	154
Adriano da Silva e Sousa.....	332	562
Adrião Ferreira.....	169	268
Idem.....	195	297
Idem.....	202	316
Agostinho Ferreira da Cruz.....	240	396
Alberto Nunes.....	332	564
Alberto Themudo Rangel.....	278	473
Albino de Sousa.....	287	560
Albino Pinheiro Xavier.....	159	255
Alçada & Mousaco.....	202	317
Aleino Aranha & C. ^a	259	434
Alexandre G. Ribas.....	74	82
Alexandrino & C. ^a	103	155
Alfredo da Cunha Saraiva & Irmão.....	272	465
Alfredo Guedes da Costa Cabral.....	259	435
Almeida & C. ^a	161	256
Idem.....	287	501
Almeida & Irmão.....	222	377
Alvaro Coelho & C. ^a	278	474
Andrades Villares.....	74	83
André Pontvianne.....	23	1
Anjos & Sergio.....	24	2

Nomes	Pagina	Numero
Anna Augusta Ribeiro de Portugal (D.)	74	84
Antonio Alexandrino	333	565
Antonio Almeida da Costa & C. ^a	324	547
Antonio Alves dos Reis & Filhos	307	530
Antonio Augusto Cesar da Cunha Portugal	103	156
Idem	162	257
Antonio Augusto Soares de Sousa Cirne	74	85
Antonio Cardoso da Rocha	279	475
Antonio Carlos da Silva	209	335
Antonio da Costa Guimarães, Filho & C. ^a	169	269
Idem	195	298
Antonio da Luz Chambel	60	33
Antonio da Silva Sequeira	104	157
Antonio de Almeida Estrella	333	566
Antonio de Azevedo Alves Ribeiro	104	158
Antonio de Bessa Pinto	25	3
Antonio de Oliveira	60	34
Antonio Dias Pinto & C. ^a	240	397
Antonio Dias Themido	74	86
Antonio do Carmo Ferreira de Simas	162	258
Antonio Francisco da Silva Lopes	288	502
Antonio Gomes da Silva Barroza	55	26
Antonio Gomes de Sousa	214	348
Antonio Henriques Morgado	261	436
Antonio Joaquim de Freitas	143	217
Antonio Joaquim de Sousa Moreira	307	531
Antonio José Correia & C. ^a	222	378
Antonio José Gomes Samagaio	170	270
Antonio Lopes Coelho	61	35
Antonio Manuel de Sequeira	75	87
Antonio Maria Pereira	261	437
Antonio Marinho, Filho	170	271
Antonio Martinho Coimbra	241	398
Antonio Mendes Cabral	104	159
Antonio Miguel de Oliveira	262	438
Antonio Moreira da Silva Couto	156	247
Antonio Pedro Simões	209	336
Antonio Pereira de Abreu	333	567
Antonio Pereira de Sousa	105	160
Antonio Pereira Pinto	279	476
Antonio Pimenta Duarte	279	477
Antonio Pinto de Magalhães	143	218
Idem	288	503
Antonio Simões Lopes	105	161
Antonio Soares	214	349
Antonio Tavares & Filho	170	272
Antonio Trindade de Mattos Rosa	61	36
Apolino da Costa Reis	262	439
Armazens Herminios	242	399
Arnaldo Martins Torres	214	350
Arnaldo Nunes	334	568
Arriaga & Lane	106	162

Nomes	Pagina	Numero
Arthur da Silva.....	288	504
Arthur de Vasconcellos.....	215	351
Augusta de Passos Barreiros (D.).....	215	352
Augusto Cesar da Cunha Moraes.....	170	273
Augusto Cesar de Moraes Campilho.....	106	163
Augusto de Almeida.....	263	410
Augusto dos Santos Moraes.....	106	164
Augusto Ferreira Mendes de Abreu.....	108	166
Augusto Gama & C. ^a	108	165
Augusto José da Cunha.....	288	505
Augusto José Pinto de Queiroz.....	280	478
Idem.....	289	506
Augusto Leal de Gouveia Pinto.....	61	37
Idem.....	75	88
Augusto Moraes.....	272	466
Aureliano José dos Santos Viegas.....	108	167
Azevedo Meirelles & Irmãos.....	203	318
Idem.....	242	400
Bahia & Genro.....	180	274
Idem.....	195	299
Barão de Gafete.....	61	38
Barbosa & Freitas.....	242	401
Barreto, Filho & Genro.....	61	39
Idem.....	110	169
Belmiro B. de Mattos e Sá.....	109	168
Benitez, Loureiro, Centeno & Coelho.....	223	379
Benjamin Ventura.....	325	548
Bento de Moura e Silva.....	144	219
Bento Joaquim Ladeira.....	75	89
Bento Joaquim Pereira Veiga.....	110	170
Bento Rodrigues de Oliveira.....	25	4
Bernardo de Castro Portugal.....	76	90
Bernardo Placido.....	280	479
Birra & Irmão.....	111	171
Bohme, Maia & C. ^a	243	402
Cadette & Irmãos.....	243	403
Camisaria confiança.....	243	404
Campos Mello & Irmão.....	203	319
Cardoso & Costa.....	76	91
Carlos da Silva Mello Guimarães.....	325	549
Carlos de Pezerat.....	156	248
Carlos Ribeiro.....	334	569
Cazimiro Pinto de Abreu.....	307	532
Cazimiro Pinto de Abreu Junior.....	309	533
Celestino José de Queiroz.....	334	570
Cerqueira Lima & C. ^a	224	380
Cesar A. Paiva.....	162	259
Christiano Van-Zeller.....	77	92
Clemente Meneres & Filhos.....	55	27
Idem.....	77	93
Clementina Vieira da Costa Lima de Arnaud (D.).....	325	550
Commissão geral da cultura do tabaco no Douro... ..	79	94

Nomes	Pagina	Numero
Companhia alliança de fundição de Massarellos....	146	220
Idem	157	249
Idem	264	441
Idem	289	507
Companhia aurifícia.....	157	250
Companhia carbonifera e industrial do Pejão.....	25	5
Companhia carris de ferro do Porto.....	146	221
Companhia da fabrica de vidros na Amora.....	322	543
Companhia da real e imperial chapelaria a vapor..	244	405
Companhia da real fabrica de fição de Thomar...	180	275
Companhia das aguas das Pedras Salgadas.....	111	172
Companhia das aguas thermaes da Amieira.....	111	173
Companhia das Caldas do Gerez.....	112	174
Companhia das minas da Tapada.....	28	6
Companhia das minas de carvão de Azeitão.....	31	10
Companhia das minas de Montalto.....	30	7
Companhia de fição e tecidos de Fafe.....	181	276
Companhia de fição e tecidos do Porto.....	182	277
Companhia de fição e tecidos Lisbonense.....	182	278
Companhia de lanificios da Chimina.....	204	320
Companhia de lanificios de Arroyos.....	204	321
Companhia de lanificios de Lordello.....	204	322
Companhia de lanificios de Padornello.....	205	323
Companhia de lanificios de Portalegre.....	205	324
Companhia do Caíma.....	56	28
Companhia do caminho de ferro da Povoá.....	147	222
Companhia do fabrico de algodões de Xabregas...	186	279
Companhia do papel do Prado.....	264	442
Companhia fabricadora de azeite nacional, suces- sora de A. Gil.....	79	95
Companhia fabril de Salgueiros.....	187	280
Companhia fabril do Cávado.....	265	443
Companhia fabril do Douro.....	113	175
Companhia fabril lisbonense.....	188	281
Companhia fição de Crestuma.....	189	282
Companhia fição portuense.....	190	283
Companhia geral de phosphoros.....	114	176
Companhia lisbonense de estamparia e tinturaria de algodões.....	190	284
Companhia manufactora de artefactos de malha....	245	406
Companhia mineira de Valverde.....	30	8
Companhia mineira e metallurgica do Braçal.....	30	9
Companhia nacional de estamparia e tinturaria...	192	285
Companhia nacional de fição e tecidos de Torres Novas.....	192	286
Idem.....	195	300
Companhia nacional editora.....	265	444
Companhia portugueza de escovas e pinccis.....	216	353
Companhia portugueza de fição e tecidos de lã de Alemquer.....	205	325
Companhia portugueza hygiene.....	115	177
Companhia previdente.....	289	508

Nomes	Pagina	Numero
Companhia real promotora de agricultura portu- gueza	117	178
Companhia Rio Ave.....	192	287
Companhia união fabril portuense.....	80	96
Companhia união industrial lisbonense.....	81	97
Companhia utilidade domestica.....	62	41
Conde de Alpendurada.....	82	98
Conde de Caria.....	82	99
Conde de Thomar	82	100
Conde do Refugio, successor de José Mendes Veiga	205	326
Consultorio de engenharia civil e architectura.....	322	544
Correia de Abreu & C. ^a	280	481
Costa & Bessa.....	280	480
Costa & Carvalho.....	82	101
Costa & Irmãos.....	61	40
Couto Vianna & Irmãos	196	301
Custodio Cardoso Pereira.....	164	262
David José da Silva & Filho.....	192	288
Idem.....	209	337
Delfina Chasse Pereira (D.).....	322	545
Deolinda Gomes da Silva Rocha (D.).....	217	354
Diogo José Coimbra Sampaio	339	571
Domingos Alves de Azevedo & C. ^a	197	302
Domingos Antonio de Abreu	198	303
Domingos da Rocha.....	280	482
Domingos da Silva Ramalho	250	407
Domingos do Espirito Santo Guimarães.....	217	355
Domingos Venancio.....	309	534
Duarte de Brito Vidal.....	266	445
Eduardo Augusto Pinto Magalhães.....	327	551
Eduardo Candido Serra.....	149	223
Eduardo da Fonseca.....	266	446
Eduardo de Almeida.....	149	224
Eduardo Moura.....	339	572
Eduardo Pereira de Oliveira Castro.....	149	225
Idem.....	163	260
Eduardo Pereira Pinto	150	226
Elvira Guimarães (D.)	340	573
Emilia Brilhante (D.)	340	574
Emilio Biel & C. ^a	340	575
Empreza da agua mineral alcalina de Cabeço de Vide	118	179
Empreza da real fabrica de vidros da Marinha Grande.....	323	546
Empreza das aguas da Revoreda.....	118	180
Empreza das aguas de Vidago	119	181
Empreza dos saes das aguas mineraes de Portu- gal.....	119	182
Empreza editora da biblia sagrada illustrada.....	226	447
Empreza exploradora das minas e industrias do Cabo Mondego.....	31	11
Empreza louzifera ao norte de Portugal.....	35	12

Nomes	Pagina	Numero
Empreza mechanica de cantaria e marmores portu- guezes.....	38	13
Ennio José Machado.....	342	576
Ernesto A. V. Maia.....	120	183
Ernesto Benedicto.....	273	467
Ernesto da Silva.....	40	14
Ernesto Meirelles.....	342	577
Escola elementar de agricultura pratica (Santarem)	62	42
Idem.....	83	102
Escola pratica central de agricultura.....	62	43
Idem.....	83	103
Escola pratica de agricultura de Faro.....	62	44
Escola pratica de agricultura em Vizeu.....	62	45
Idem.....	83	104
Espirito Santo, Areosa & C. ^a	83	105
Evaristo José Cerveira.....	224	381
F. L. da Silva Almeida.....	291	509
F. Mello & Amador.....	250	408
Fabrica de cortumes no Bomfim.....	225	382
Fabrica de fiação da Balsa.....	192	289
Fabrica de fiação e tecidos do Jacinto.....	193	290
Fabrica de papel da Abelheira.....	266	448
Fabrica economica.....	281	483
Fabrica nacional de chocolate a vapor, de José An- tonio Monteiro.....	81	106
Fanny Muró (D.).....	342	578
Faustino Antonio Martins.....	266	449
Felix Delport.....	218	356
Ferdinand Claus e F. Schweder.....	120	184
Fernando Evangelino Gomes Guimarães.....	281	484
Fernando Ferreira Dias & C. ^a	120	185
Ferreiras Madrugas (Senhoras).....	218	357
Firmino Ferreira Barbosa.....	150	227
Idem.....	291	510
Fortunato Vieira das Neves (Dr.).....	63	46
Idem.....	198	304
Francisco Antonio Cabrera.....	84	107
Francisco Antonio Marques.....	157	251
Francisco Barros Coelho e Campos.....	84	108
Francisco Cabral Paes & Filho.....	210	338
Francisco Caetano Ribeiro (Dr.).....	63	47
Idem.....	84	109
Francisco da Paz Mendes.....	84	110
Francisco de Almeida Moraes.....	63	48
Francisco de Campos Pereira.....	151	228
Francisco Ferreira da Silva.....	120	186
Francisco Freire de Andrade Salazar de Eça.....	122	187
Francisco José.....	85	111
Francisco José da Silva Rocha.....	225	383
Francisco José de Amorim.....	124	188
Francisco José Nogueira & Filhos.....	211	339
Francisco Julio Cascaes.....	85	112

Nomes	Pagina	Numero
Francisco Julio Tavares de Magalhães	124	189
Francisco Luiz de Almeida.....	205	327
Francisco Maria Nogueira	125	190
Francisco Oyidio de Senna Antunes.....	226	384
Francisco Paschoal da Paz	211	340
Francisco Pereira Lessa.....	151	229
Francisco Pinto Teixeira.....	85	113
Francisco Saraiva da Costa Ribeiro.....	63	49
Idem.....	85	114
Idem.....	125	191
Francisco Simões Baião.....	85	115
Franco, Filhos	126	192
Fundição da Arrabida.....	152	230
Idem.....	291	511
Fundição typographica portuense.....	266	450
Germano Valeins	152	231
Goarmon & C. ^a	327	552
Gomes & Cunha.....	131	193
Grandella & C. ^a	131	194
Idem.....	251	409
Gualdemiro Cardoso	309	535
Guilherme Adriano da Silveira.....	63	50
Guilherme Gomes Fernandes & C. ^a	157	252
Guimarães, Maia & C. ^a	327	553
H. Schalek, successores.....	291	512
Henrique Gonçalves da Costa Lima.....	234	385
Henrique José de Oliveira	291	513
Henrique Manuel de Carvalho.....	292	514
Henrique Marques Perdigão	63	51
Henrique Zeferino de Albuquerque.....	267	451
Imprensa nacional de Lisboa.....	268	452
Irinia Augusta da Nobrega Gerizard (D.)	218	358
Isabel M. de Armada & Filhos (D.).....	152	232
J. F Campos & Cortez.....	131	195
Jacinto Adrião de Sousa.....	251	410
Jeronymo Pinto de Almeida Brandão	132	196
Jeronymo Pinto Paiva Freixo.....	152	233
Idem.....	292	515
João Alves Bebiano & C. ^a	205	328
João Amaro.....	328	554
João Antonio Franco Frazão (Dr.).....	85	116
João Augusto Gonçalves	132	197
João Avelino Manuel dos Reis	343	579
João Baptista Vassallo	198	305
João Caetano de Lemos	292	516
João David.....	235	386
João de Affonseca Lapa	343	580
João de Almeida e Sousa Junior	132	198
João de Oliveira Margarido.....	282	485
João de Sousa Pinto.....	199	306
João Esteves Pereira.....	152	234
João Ferreira.....	85	117

Nomes	Pagina	Numero
João Ferreira Anthero.....	64	52
João Henriques Teixeira Guedes.....	40	15
Idem	205	329
João Lopes da Costa Rego (Dr.).....	64	53
Idem	86	118
João Manuel Fernandes.....	64	55
Idem	87	120
Idem	133	200
Idem	206	331
João Marcolino Pimentel.....	293	517
João Rodrigues Vieira.....	343	581
João Serio Veiga.....	268	453
Joaquim A. Velludo & C. ^a	251	411
Joaquim Antonio Lagóa.....	64	54
Joaquim Antonio Machado & C. ^a	328	555
Joaquim Antonio Vaz Leirinha.....	132	199
Joaquim Augusto da Silva.....	41	16
Joaquim Augusto Ferraz de Menezes.....	86	119
Joaquim Baptista da Silva Guerra.....	193	291
Idem	199	307
Idem	206	330
Idem	212	341
Joaquim Caetano Cerveira.....	268	454
Joaquim da Costa Carregal.....	268	455
Joaquim da Silva Mello.....	219	359
Joaquim do Lago Pinto.....	343	582
Joaquim Ferreira.....	57	29
Joaquim Ferreira da Silva.....	252	412
Joaquim Philippe Pitta.....	64	55
Idem	87	120
Idem	133	200
Idem	206	331
Joaquim Francisco da Silva.....	153	235
Joaquim José de Miranda Sarmento.....	133	201
Joaquim José Devezas.....	274	468
Joaquim José Ribeiro.....	236	387
Joaquim Liberato Correia.....	293	518
Joaquim Maria Correia Cardoso.....	252	413
Joaquim Marinho.....	344	583
Joaquim Marques dos Santos.....	64	56
Joaquim Martins de Oliveira Costa & C. ^a	193	292
Idem	199	308
Idem	219	360
Joaquim Pedro de Freitas Castel Branco.....	64	57
Joaquim Pereira Cardoso.....	282	486
Joaquim Ribeiro e Silva.....	87	121
Joaquim Rodrigues da Silva.....	252	414
Joaquina Maria Pinto Tavares de Magalhães (D.).....	344	584
John Minchin Junior.....	153	236
Idem	294	519
José Antonio de Sousa Dias.....	295	520
José Antonio Delgado.....	282	487

Nomes	Pagina	Numero
José Antonio Dias.....	153	237
José Antonio Penafiel.....	199	309
José Augusto Bello.....	64	58
Idem.....	87	122
José Augusto Cardoso de Castro.....	41	17
José Augusto de Almeida.....	344	585
José Augusto Ferreira da Cunha.....	153	238
Idem.....	283	488
Idem.....	297	521
José Baptista.....	64	59
José Barata de Vasconcellos e Silva (Dr.).....	64	60
Idem.....	87	123
José Bernardo Martins.....	237	388
José Caetano da Cruz Abrantes.....	167	263
José Caetano de Lima Mattos.....	344	586
José Candido da Silva.....	88	124
José Coelho Dias & C. ^a	88	125
José Coelho Durães.....	65	61
José Correia Borges.....	133	202
José da Costa Freitas de Araujo.....	304	522
José da Fonseca Miguel.....	57	30
José da Motta Campos.....	253	415
José da Silva Faria Junior.....	274	469
José da Silva Monteiro & C. ^a	65	62
José de Carvalho.....	344	587
José Diniz Cabello Vermelho.....	65	63
José dos Santos Gamellas & Filho.....	88	126
José Ferreira da Cruz.....	253	416
José Gonçalves Ribas.....	65	64
José Luciano Alves Quintella (Dr.).....	133	203
José Maria Lacerda Junior.....	310	536
José Maria Leite.....	237	389
José Pedro Cardoso.....	65	65
José Pereira Cardoso.....	304	523
José Pereira de Sousa.....	41	18
José Pereira de Sousa.....	219	361
José Pereira & Filho.....	253	417
José Pereira Prista.....	89	127
José Pereira Valente.....	329	556
José Rodrigues da Silva Junior.....	153	239
Idem.....	304	524
Idem.....	310	537
José Rodrigues Machado.....	219	362
José Rodrigues Moreira Gomes.....	154	240
José Rosas.....	311	538
José Soares de Oliveira.....	345	588
José Tiberio de Reboredo Sampaio e Mello (con- selleiro).....	89	128
Joseph Delerue.....	167	264
Josepha Garcia Greno (D.).....	345	589
Julião de Freitas Guimarães.....	237	390
Julio Rodrigues Machado.....	219	363

Nomes	Pagina	Numero
L. de Mendonça e Costa.....	158	253
Leandro José da Silva.....	89	129
Lemos & Filhos.....	136	201
Leonor Alves Correia (D.).....	219	364
Leopoldo Cirne & C. ^a	269	456
Idem.....	346	590
Lopes & C. ^a , successores de Clavel.....	269	457
Idem.....	275	470
Lopes & Leite.....	253	418
Luiz Adelino Lopes da Cruz.....	276	471
Luiz Antonio Diniz de Carvalho.....	305	525
Luiz Antonio Fernandes.....	138	205
Luiz Fortunato de Assumpção Nunes.....	89	130
Luiz Valverde.....	253	419
Luiz Vasques.....	65	66
M. Gomes.....	270	458
Madeira & Sobrinho.....	90	131
Maia e Silva & Filho.....	253	420
Manuel Antonio Diogo.....	254	421
Mannel Bagarro.....	66	67
Manuel Barriga.....	66	68
Manuel Correia.....	66	69
Manuel da Motta Fonseca.....	212	342
Manuel da Rosa Pereira Barquilha.....	66	70
Manuel da Silva.....	66	71
Manuel da Silva Freitas.....	154	241
Manuel Dias Machado.....	254	422
Manuel Fernandes Pessoa.....	138	206
Manuel Ferreira Apolonia.....	346	591
Manuel Gomes Pacheco.....	283	489
Manuel Gonçalves de Oliveira.....	254	423
Manuel Gonçalves dos Santos.....	41	19
Manuel Ignacio de Sousa Freire Pimentel.....	66	72
Manuel Joaquim Correia da Gama.....	154	242
Idem.....	346	592
Manuel José Alves de Azevedo.....	270	459
Manuel José de Oliveira.....	305	526
Manuel José dos Santos.....	346	593
Manuel José Moreira Monteiro.....	193	293
Idem.....	200	310
Idem.....	208	332
Manuel Lopes dos Santos.....	42	20
Manuel Lopes Julio.....	138	207
Idem.....	283	490
Mannel Luiz Dias.....	220	365
Manuel Martins Marques.....	313	539
Manuel Matta.....	283	491
Manuel Ortiz de Montellano.....	193	294
Idem.....	200	311
Manuel Patricio do Couto Maia.....	154	243
Manuel Pereira dos Santos.....	167	265
Mannel Pereira Gomes.....	90	132

Nomes	Pagina	Numero
Manuel Peres Santos.....	67	73
Manuel Pinto Pereira.....	346	594
Manuel Rodrigues de Oliveira e Sá.....	200	312
Manuel Teixeira.....	255	424
Marcellino dos Reis Guimarães e Vasconcellos (Pa- dre).....	90	133
Maria Augusta Bordallo Pinheiro (D.).....	220	366
Maria Cazimira Pinto da Silva Oliveira e Abreu (D.)	346	595
Maria Cazimiro (D.).....	220	367
Maria da Conceição Roquero (D.).....	220	368
Maria da Luz Rocha (D.).....	220	369
Maria da Penha da Silva Cunha Magalhães (D.)..	220	370
Idem.....	346	596
Maria de Jesus Pereira Barbosa (D.).....	220	371
Maria do Livramento Gomes de Mattos (D.).....	91	134
Maria do Rosario Pereira Barquillo (D.).....	67	74
Maria Possis Garcia Pinto (D.).....	221	372
Marianno Truceo.....	347	597
Marinho & C. ^a	270	460
Marinho & Irmão.....	194	295
Mathias José Pereira.....	255	425
Mathieu Lugan.....	140	208
Mendes Ribeiro & Sobrinho.....	238	391
Miguel Dantas Gonçalves Pereira.....	91	135
Miguel Maria Monteiro de Magalhães.....	277	472
Moreira & C. ^a	92	137
Museu agrícola e florestal de Lisboa.....	270	461
Museu colonial.....	42	21
Idem.....	57	31
Idem.....	67	75
Idem.....	91	136
Idem.....	140	209
Idem.....	154	244
Idem.....	168	266
Idem.....	194	296
Idem.....	201	313
Idem.....	208	333
Idem.....	212	343
Idem.....	221	373
Idem.....	239	392
Idem.....	255	426
Idem.....	284	492
Idem.....	305	527
Idem.....	319	540
Idem.....	329	557
Idem.....	347	598
Museu industrial e commercial do Porto.....	221	374
Narciso Pinto Ferreira.....	141	210
Natividade & C. ^a	92	138
Nobre & C. ^a	93	139
Nova companhia de fundição do Oiro.....	155	245
Idem.....	271	462

Nomes	Pagina	Numero
Nova companhia de fundição do Oiro.....	305	528
Officinas do corpo de salvação publica.....	158	254
Olinda Rosa Alves Coelho (D.).....	347	599
Oliveira Braga & C. ^a	93	140
Oliveira Costa & Sousa.....	256	427
Oliveira & Moreira.....	141	211
Oliveira e Silva.....	239	393
Parceria de fundição de antimonio.....	46	22
Parceria de marmores e alabastros do Vimioso....	46	23
Pedro Cambournac.....	141	212
Pedro Maria da Fonseca.....	347	600
Pedro Pereira da Silva Guimarães.....	256	428
Peig Planas & C. ^a	208	334
Peres, Berhard & C. ^a	71	76
Photographia União.....	347	601
Pimentel & Queiroz.....	212	344
Pinho & Lima.....	257	429
Pratviel & Rocha.....	49	24
Quinta districtal do Porto.....	72	77
Idem.....	93	141
Raphael Cardona Faz-Frio Junior.....	155	246
Real companhia vinicola do norte de Portugal....	93	142
Real fabrica da Vista Alegre.....	329	558
Real fabrica de louça de Sacavem.....	330	559
Real officina de S. José do Porto.....	257	430
Idem.....	271	463
Idem.....	284	493
Repartição de minas.....	49	25
Rita de Jesus da Silva Freire (D.).....	95	143
Rocha & C. ^a	257	431
Rodrigo José da Silva.....	142	213
Idem.....	257	432
Rufino Caldeira.....	72	78
Rufino Correia da Silva Lima.....	96	144
Sanhudo & Irmão.....	271	464
Santos, Cyrne & Macedo.....	96	145
Santos & C. ^a	201	314
Idem.....	221	375
Sebastião de Almeida Guerra.....	72	79
Idem.....	213	345
Sebastião José Leal.....	285	494
Seraphim Gomes Pimenta.....	285	495
Severiano João de Abreu.....	348	602
Severino Teixeira.....	96	146
Silvestre Correia Belem.....	96	147
Sophia da Silva Oliveira e Abreu (D.).....	348	603
Thiago Ferreira de Albuquerque.....	258	433
Thomás Francisco de Almeida & Irmão.....	163	261
Valentim Ferreira Nunes.....	306	529
Vaz & Rocha.....	98	148
Idem.....	285	496
Venancio do Nascimento & Filho.....	285	497

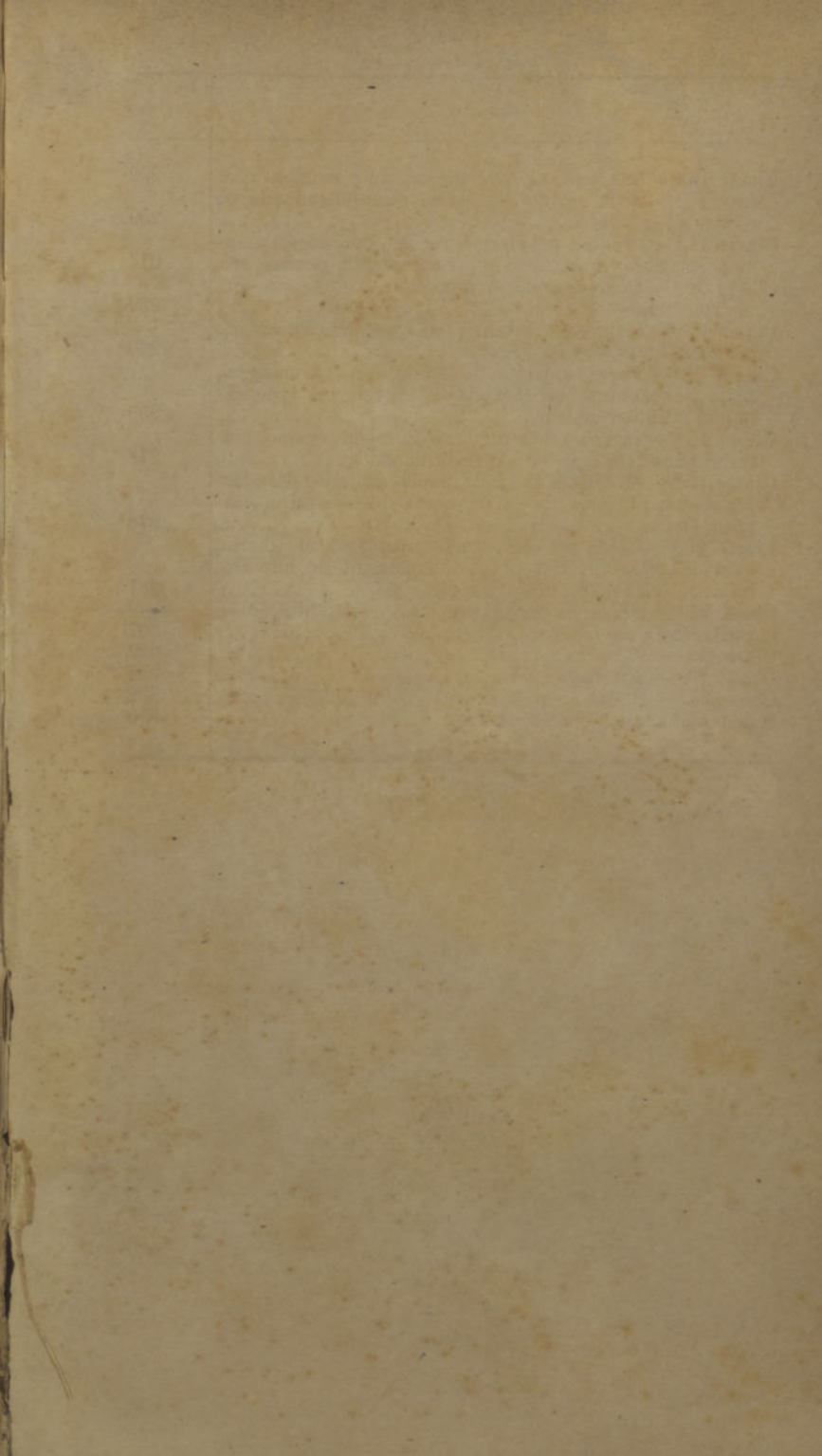
Nomes	Página	Numero
Victor Maria Martins.....	142	214
Visconde de Alter.....	72	80
Idem.....	98	149
Visconde de Proença.....	98	150
Visconde de Val Flôr.....	98	151
Visconde de Villarinho de S. Romão.....	98	152
Viuva de Delfim Pereira da Costa & C. ^a	213	346
Viuva de João da Cunha Assucar.....	142	215
Viuva de José Bernardino Fontes.....	286	498
Viuva Innocencio Alves de Azevedo.....	319	541
Viuva Moreira & Filho.....	321	542
Viuva Rodrigues & Filhos.....	201	315
Viuva Soares Rego.....	330	560
Zeferino José Pinto & Filho.....	348	604
Zelia Chaves de Oliveira (D.).....	221	376

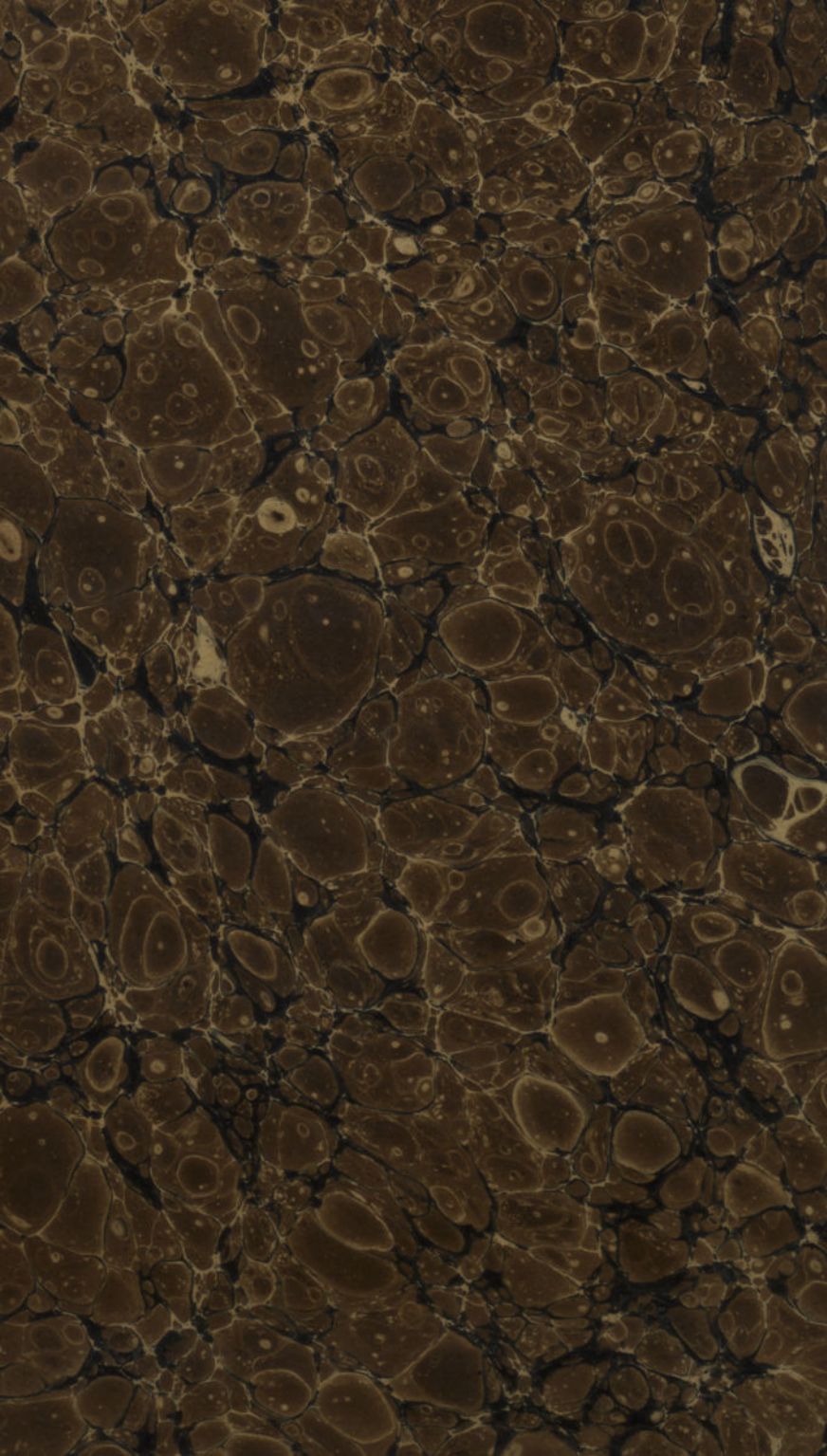
INDICE GERAL

Designações	Pagina
Introducção	3
Regulamento e programma da exposição industrial portu- gueza em 1891.....	7
Programma—Systema de classificação	11
Direcção do palacio de crystal portuense	15
Commissão promotora da exposição industrial portugueza em 1891.....	17
Commissão executiva da exposição industrial portugueza em 1891.....	19
Commissario regio junto á exposição	19
Relatores	21
Classe 1. ^a —Productos de minas, pedreiras e mineraes di- versos, devidamente preparados para serem entregues á industria.....	23
Classe 2. ^a —Productos da industria florestal	55
Classe 3. ^a —Substancias de origem vegetal ou animal em- pregadas nas industrias, nos seus differentes graus de preparação.....	60
Classe 4. ^a —Alimentos preparados para longa conservação	73
Classe 5. ^a —Productos chimicos e pharmaceuticos. — Per- fumaria. — Saboaria. — Adubos. — Aguas mineraes. — Especimens de processos de lavagem, de tinturaria, etc.	100
Classe 6. ^a —Machinas. — Machinismos em geral, ferramen- tas, utensilios de manufacturas e officinas industriaes. — Instrumentos agricolas e hortícolas. — Vehiculos.—Peças diversas que entram na composição das machinas e ve- hiculos.....	143
Classe 7. ^a —Material diverso relativo á engenharia em todos os seus ramos, á architectura civil e naval, marinha, apparelhos de salvação e de incendios; projectos, dese- nhos e modelos correlativos.....	156
Classe 8. ^a —Relojoaria. — Instrumentos de mathematica. — Apparelhos de physica. — Material de photographia e de laboratorio chimico. — Instrumentos e aparelhos cirur- gicos, pharmacopolicos e de hygiene	159
Classe 9. ^a —Instrumentos de musica	164
Classe 10. ^a —Algodão em fio e tecidos	169
Classe 11. ^a —Linho, canhamo e outros filamentos analagos em fio e tecidos.....	195

Designações	Página
Classe 12. ^a — Lãs, pellos e analogos em fio e tecidos	202
Classe 13. ^a — Seda em fio e tecidos, comprehendendo os mixtos	209
Classe 14. ^a — Tapetes, tapeçarias, rendas, bordados, passamaneria, flores artificiaes, obras de cabello, pennas, etc.	214
Classe 15. ^a — Couros e pelles preparadas, obras de correiro e selleiro	222
Classe 16. ^a — Artigos de vestuario e moda, comprehendendo chapéus, luvas, etc.	240
Classe 17. ^a — Papel, objectos de escriptorio, cartonagem, prelos, encadernações, material e especimens typographicos e lithographicos	259
Classe 18. ^a — Livros sobre a educação e para ensino, material para este fim. — Jogos e brinquedos	272
Classe 19. ^a — Mobilia e armação, papeis pintados para forrar casas, objectos de xarão, obras de esteireiro, cesteiro, etc.	278
Classe 20. ^a — Obras em metaes não preciosos, serralheria, quinquilheria, cutelaria, obras de espingardeiro, latoeiro, funileiro, picheleiro, arameiro, etc.	287
Classe 21. ^a — Obras em metaes preciosos e sua imitação. — Ourivesaria e joalheria	307
Classe 22. ^a — Vidraria	322
Classe 23. ^a — Artefactos ceramicos	324
Classe 24. ^a — Bellas artes. — Provas photographicas	332
Indice alphabetico dos expositores	350









RÓMULO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329692008

